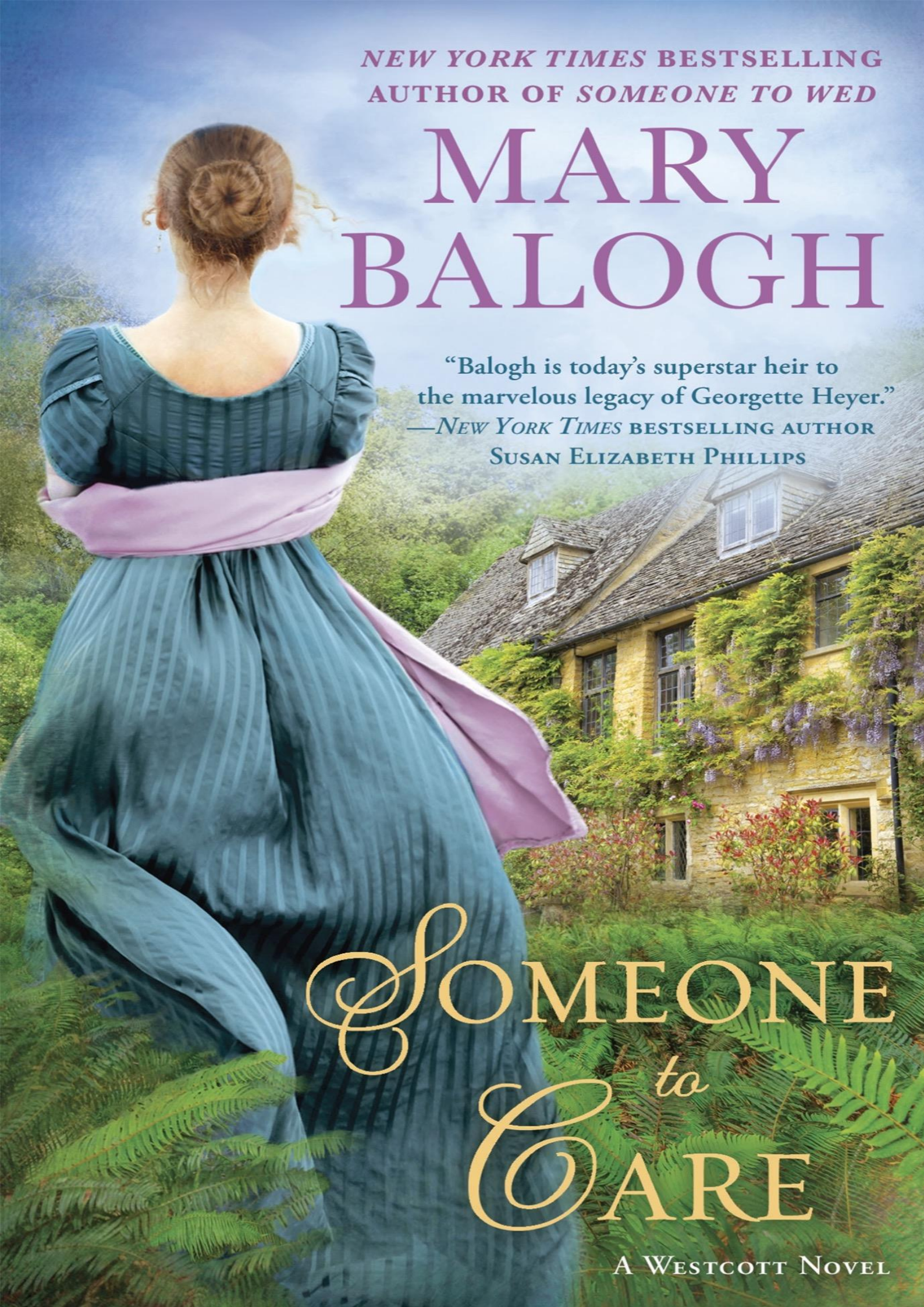

NEW YORK TIMES BESTSELLING
AUTHOR OF SOMEONE TO WED
MARY
BALOGH
"Balogh is today's superstar heir to
the marvelous legacy of Georgette Heyer."
—NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
SUSAN ELIZABETH PHILLIPS
SOMEONE
to
CARE
A WESTCOTT NOVEL

Alguém para cuidar

Mary Balogh

(Série Westcott 04)



Andy, Kethu, Lu



Sinopse

Uma vez que a Condessa de Riverdale, Viola Kingsley joga toda a cautela ao vento quando a aventura chama na forma de um aristocrata bonito…

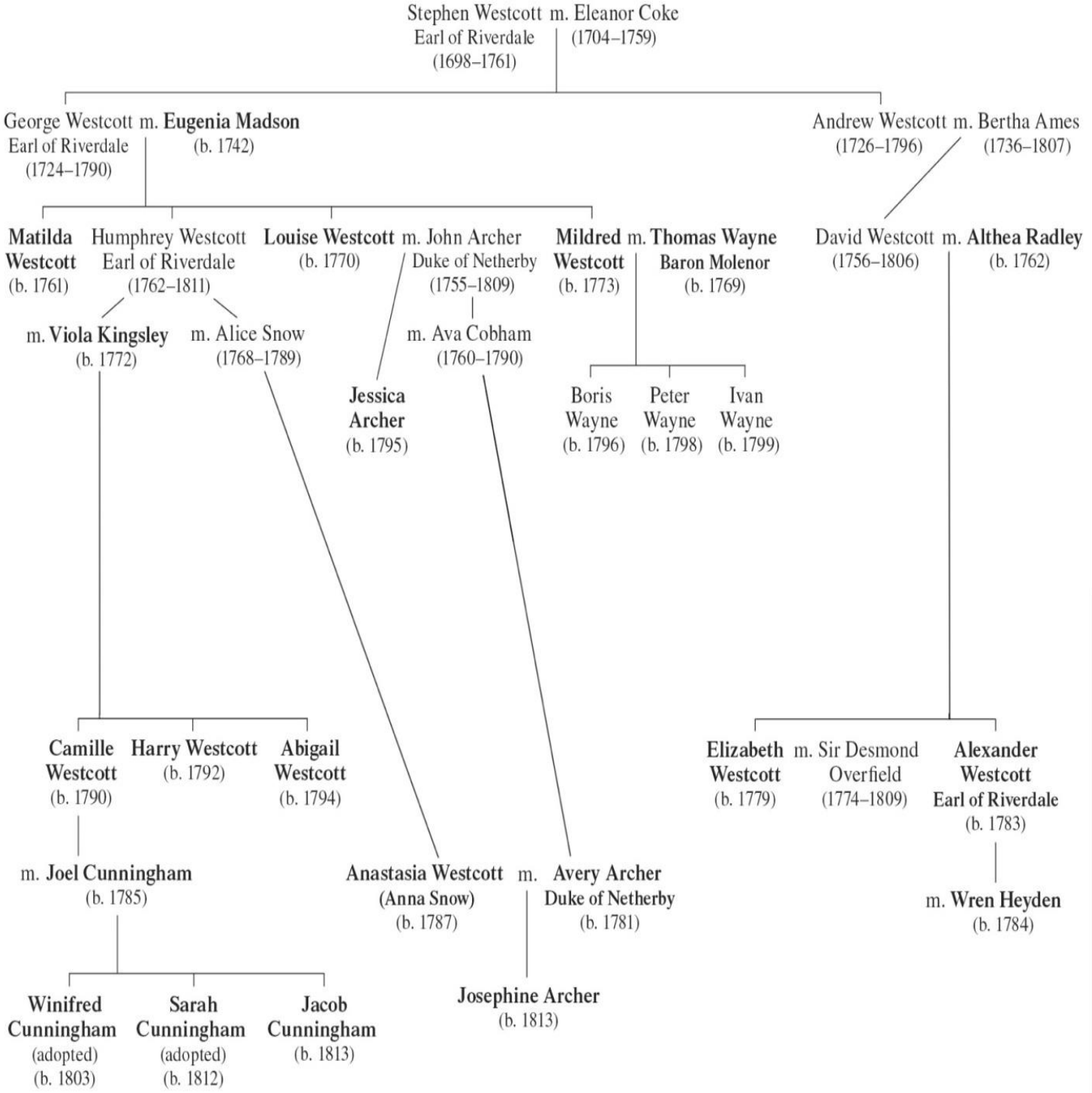
Dois anos após a morte do Conde de Riverdale, sua família superou a vergonha de ser despojada de seus títulos e fortuna – exceto por sua antiga condessa, Viola. Com seus filhos crescidos e ela mesma não faz mais parte do turbilhão social da cidade, ela não sabe onde buscar a felicidade – até que, quase por acidente, seu caminho se cruza novamente com o do Marquês de Dorchester, Marcel Lamarr.

Marcel Lamarr tem sido um notório mulherengo desde a morte de sua esposa, quase vinte anos antes. Viola chamou sua atenção quando ela mesma era uma jovem mãe, mas que evitou sua sedução na época.

Um prêmio que lhe escapou antes, ela é ainda mais irresistível para ele agora, embora ele fique surpreso ao descobrir que ela está tão ansiosa agora pela excitação que ele oferece quanto ele próprio. Quando os dois desafiam a convenção e fogem juntos, descobrem que os laços de respeitabilidade não são tão facilmente cortados, e o prazer pode enredá-lo quando menos se espera.

The Westcott Family

(Characters from the family tree who appear in *Someone to Care* are shown in bold print.)



UM

Marcel Lamarr, marquês de Dorchester, não ficou nada satisfeito quando sua carruagem voltou-se abruptamente para o pátio de uma pousada campestre vulgar, à beira de uma aldeia rural vulgar, e parou. Ele deixou evidente seu desgosto, não com palavras, mas sim através de um olhar frio e duro, com o monóculo[1] parcialmente sobre um olho, quando o cocheiro abriu a porta e espreitou para dentro, em tom de desculpa.

— Um dos líderes está com uma ferradura solta, meu senhor. — explicou ele.

— Você não verificou se tudo estava em ordem quando paramos para uma troca de cavalos uma hora atrás? — perguntou sua senhoria. Mas ele não esperou por uma resposta. — Quanto tempo?

Seu cocheiro olhou inseguro a estalagem e os estábulos, dos quais nenhum cavalariço ou ajudante de estrebaria ainda emergira ansiosamente correndo em seu auxílio.

— Não muito, meu senhor. — Assegurou ao seu empregador.

— Uma resposta firme e precisa. — Disse sua senhoria secamente, abaixando o monóculo. — Vamos dizer uma hora? E nem um momento mais? Enquanto esperamos vamos entrar e provar a qualidade da cerveja servida aqui, André. — Seu tom sugeriu que não se esperava impressionar.

— Um copo ou dois não cairão mal — respondeu seu irmão André, alegremente. — Faz um bom tempo desde o café da manhã. Eu nunca entendi por que você sempre tem que partir cedo e depois permanecer obstinadamente dentro da carruagem quando os cavalos estão sendo trocados.

A qualidade da cerveja de fato não impressionava, mas a quantidade não podia ser discutida. Era servida em grandes canecas que transbordavam, deixando

[1]Quizzingglass: monóculo

anéis molhados sobre à mesa. Quantidade talvez fizesse a fama da pousada. O proprietário, espontaneamente, trouxe-lhes pastéis de carne fresca que enchiam os dois pratos e até pendiam das bordas. Tinham sido assados pela esposa, informou ele, curvando-se e sorrindo ao fazê-lo, embora sua senhoria não lhe desse nenhum encorajamento além de um frio e indiferente aceno de cabeça. A boa mulher aparentemente fazia os melhores pastéis de carne e, de fato, as melhores tortas de todos e quaisquer tipos, por vinte milhas ao redor, provavelmente mais, embora o orgulhoso marido não quisesse dar a impressão de ser arrogante em alardear elogios à esposa. Suas senhorias deveriam julgar por si mesmos, embora não tivesse dúvida de que concordariam com ele e talvez até sugerissem que eram os melhores de toda a Inglaterra — possivelmente até no País de Gales, Escócia e Irlanda também. Ele não ficaria surpreso. Suas senhorias já viajaram para essas regiões remotas? Ele tinha escutado…

Eles foram salvos de terem que ouvir o que quer que o homem tivesse escutado, quando a porta da taverna se abriu e um trio de pessoas, seguido quase imediatamente por um fluxo constante de outras pessoas, entrou na sala. Eles eram presumivelmente aldeões, todos vestidos com suas melhores roupas de domingo, embora não fosse domingo. Todos alegres e barulhentos em suas saudações ao senhorio e um ao outro. Todos estavam tão secos quanto o deserto e tão vazios quanto a tigela de um mendigo faminto — de acordo com o mais barulhento deles — e precisavam de sustento na forma de cerveja e pastéis, não estando longe do meio-dia e as festividades do dia começariam dentro de uma hora ou mais ainda. Eles esperavam ficar satisfeitos pelo resto do dia assim que as festividades começassem, é claro, mas no ínterim…

Mas alguém naquele momento — com um coro de apressada concordância de todos os outros — lembrou-se de assegurar ao anfitrião que nada poderia comparar-se com a comida de sua esposa. Era por isso que eles estavam ali.

Cada um dos recém-chegados percebeu rapidamente que havia dois estranhos no meio deles. Alguns desviaram os olhos em alguma confusão e correram para se sentar em mesas tão distantes dos estranhos quanto o tamanho da sala permitia. Outros, um pouco mais ousados, assentiram respeitosamente enquanto tomavam seus lugares. Uma alma corajosa falou com a esperança de que os senhores tivessem chegado para desfrutar dos entretenimentos que sua

humilde aldeia teria em oferta pelo resto do dia. A sala ficou silenciosa quando todas as atenções se voltaram para os senhores, antecipando uma resposta.

O Marquês de Dorchester, que não sabia o nome da aldeia nem se importava, olhou para a taverna escura e surrada com desagrado e ignorou a todos. Era possível que ele nem tivesse ouvido a pergunta ou percebido o silêncio. Seu irmão, social por natureza, e mais disposto a se deliciar com qualquer novidade que se apresentasse, assentiu amavelmente ao grupo e fez a inevitável pergunta.

— E que entretenimentos seriam estes? — Perguntou ele.

Era o encorajamento de que as pessoas ali reunidas precisavam. Eles celebrariam o fim da colheita com todo tipo de competições — canto, violino, dança, queda de braço, tiro com arco, serragem de troncos, isso apenas para citar algumas. Haveria corridas para as crianças e passeios de pônei e concursos de costura e culinária para as mulheres. E exibições de produtos de colheita, era óbvio, e prêmios para os melhores. Haveria algo para todos. E todos os tipos de tendas com tudo o que se poderia desejar para gastar o dinheiro. A maioria dos produtos da colheita e itens femininos deveriam ser vendidos ou leiloados após a apreciação.

Haveria uma grande festa no salão da igreja no fim da tarde, antes da dança à noite. Todos os rendimentos do dia iriam para um fundo para o concerto do telhado da igreja.

O telhado da igreja aparentemente vazava como uma peneira sempre que havia uma boa chuva, e apenas cinco ou seis dos bancos eram seguros para se sentar. Eles ficavam lotados em dias chuvosos.

— Não que alguns dos nossos jovens se queixem muito quanto à aglomeração. — Alguém acrescentou.

— Alguns deles rezam toda a semana pela chuva no domingo. — Esclareceu outro.

André Lamarr juntou-se à gargalhada geral que sucedeu a estes gracejos.

— Talvez nós fiquemos uma ou duas horas para assistirmos a algumas das competições — disse ele. — Serrar troncos, você disse? E queda de braço? Eu posso até participar também.

Todos os olhos se voltaram para seu companheiro, que não falara nem mostrara qualquer centelha de interesse em todas as delícias supostamente irresistíveis que o dia reservava. Os dois irmãos ofereciam um contraste marcante para o observador. Havia uma diferença de quase treze anos em suas idades, mas não era apenas um contraste etário. Marcel Lamarr, marquês de Dorchester, era alto, bem formado, impecavelmente elegante e sobriamente bonito. Seus cabelos escuros estavam prateados nas têmporas. Seu rosto era estreito, com maçãs do rosto salientes, nariz um tanto aquilino e lábios finos. Seus olhos eram escuros e marcantes. Ele olhava o mundo com um desdém cínico, e o mundo o olhava — quando ousava olhar de volta — com algo que beirava o medo.

Ele tinha a reputação de ser um homem duro, alguém que não suportava os tolos de modo algum. Ele também tinha uma reputação de um estilo de vida pesado e jogatina intensa, entre outros vícios. Dizia-se que ele havia abandonado uma série de amantes e cortesãs de coração partido e esperançosas viúvas durante seus quase quarenta anos. Quanto às damas solteiras e suas ambiciosas mães e esperançosos pais, havia tempos que tinham perdido a esperança de apanhá-lo. Um olhar reprovador daqueles olhos escuros poderia congelar até os mais determinados dentre eles. Eles se consolaram, abanando as chamas do boato de que ele não tinha coração ou consciência, e ele não fazia nada para demovê-los de tal ideia.

André Lamarr, em contraste, era um jovem apresentável, mais baixo, ligeiramente mais largo, de tez e cabelos mais claros, e muito mais acessível e simpático do que o irmão. Ele gostava de pessoas e as pessoas geralmente gostavam dele. Ele estava sempre pronto para se divertir, e nem sempre discriminava de onde aquela diversão vinha. No momento, ele estava encantado com essas pessoas alegres do campo e os prazeres simples que eles antecipavam com contentamento tão aberto. Ele ficaria perfeitamente feliz em atrasar sua jornada por uma ou três horas — afinal, eles haviam começado muito cedo. Ele olhou interrogativamente para o irmão e respirou fundo para falar. Ele foi antecipado.

—Não. — Disse sua senhoria suavemente.

A atenção das massas já havia sido tomada por um casal de recém-chegados, que foram recebidos com uma calorosa troca de amabilidades e

comentários sobre a bondade que o clima lhes mostrara e algumas tiradas espirituosas, que provocaram uma explosão exagerada de risos. Marcel não conseguia imaginar nada mais arrepiantemente tedioso do que uma tarde passada no entretenimento insípido de uma feira rural, admirando grandes repolhos e guardanapos de crochê e assistindo tropas de dançarinas com pés de chumbo pisoteando a grama da aldeia.

— Ora, vamos, Marc! — Disse André, com as sobrancelhas franzidas. — Eu pensei que você não estivesse muito ansioso para chegar em casa.

— Não estou. — Assegurou-lhe Marcel. — Redcliffe Court é muito cheio de pessoas por quem sinto muito pouco carinho.

— Com exceção de Bertrand e Estelle, eu espero. — disse André, franzindo a testa.

— Com a exceção dos gêmeos. — Marcel admitiu com um ligeiro encolher de ombros quando o estalajadeiro chegou para encher seus copos. Mais uma vez eles se encheram de espuma, que inundou a mesa em volta deles. O homem não parou para limpar a mesa. Os gêmeos. Teria que lidar com eles quando chegasse em casa.

Eles logo completariam dezoito anos.

No curso natural dos acontecimentos, Estelle faria sua estreia na temporada de Londres no ano que vem e estaria casada com alguém adequadamente elegível dentro de um ano ou mais depois disso, enquanto Bertrand iria para Oxford e passaria três ou quatro anos ociosos por lá, absorvendo o mínimo de conhecimento possível e, em seguida, iniciaria uma carreira como um jovem elegante da cidade.

No curso natural dos acontecimentos… Não havia, de fato, nada de natural em seus filhos. Ambos eram quase morbidamente sérios, beatos talvez, que isso não fosse verdade. Às vezes era difícil acreditar que ele poderia ter gerado eles. Mas então ele não teve muito a ver com a criação deles, e, sem dúvida, era aí que estava o problema.

— Eu vou ter que me esforçar com eles. — Acrescentou.

— Provavelmente eles não lhe darão problema algum. — André assegurou. —Eles são um orgulho para Jane e Charles.

Marcel não respondeu. Pois esse era precisamente o problema. Jane Morrow era a irmã mais velha de sua falecida esposa — puritana, desprovida de

senso de humor e reprimida em seus modos. Adeline, que fora uma garota descuidada e divertida, a detestava. Ele ainda pensava em sua falecida esposa como uma garota, pois ela tinha morrido aos vinte anos, quando os gêmeos tinham apenas um ano de idade. Jane e o marido tiveram o dever de cuidar das crianças enquanto Marcel fugia como se os cães do inferno estivessem em seus calcanhares e como se pudesse superar sua dor, culpa e responsabilidades. Na verdade, ele tivera mais ou menos sucesso em relação a estes últimos.

Seus filhos cresceram com a tia, o tio e os primos mais velhos, embora em sua casa. Ele os via duas vezes por ano desde a morte da mãe, quase sempre por períodos relativamente curtos. Aquela casa trazia muitas lembranças ruins. Uma lembrança, na verdade, mas uma que fora realmente muito ruim. Felizmente, aquela casa em Sussex havia sido abandonada e alugada depois que ele herdara o título. Todos moravam em Redcliffe Court, em Northamptonshire.

— O que eu não sou. — André continuou com um sorriso triste depois de dar um longo gole de seu copo e limpar a espuma do lábio superior com o dorso da mão. — Não que alguém espere que eu seja um orgulho para Jane e Charles, é verdade. Mas eu também não sou um orgulho para você, sou, Marc?

Marcel não respondeu. Não teria sido fácil, mesmo que quisesse. O barulho na taverna era ensurdecedor. Todo mundo estava tentando falar acima de todos os outros, e parecia que cada segundo de discurso era hilário o suficiente para ser merecedor de uma explosão prolongada de alegria. Era hora de seguir caminho. Certamente seu cocheiro tivera tempo suficiente para fixar uma ferradura solta na pata de um cavalo. Ele provavelmente fizera isso em cinco minutos e estava desfrutando de uma caneca de cerveja.

Através da porta aberta da taverna, Marcel pôde ver que alguém havia chegado. Uma mulher. Uma dama, na verdade. Sem dúvida, uma dama, embora surpreendentemente parecesse estar sozinha. Ela estava de pé diante da mesa do corredor, olhando para o registro que o estalajadeiro lhe dera. Ela era bem formada e elegante, embora não fosse jovem, talvez. Seus olhos pousaram nela com indiferença até que ela virou a cabeça como se algo nas portas principais tivesse chamado sua atenção e ele visse seu rosto de perfil. Lindo. Embora definitivamente não fosse jovem. E… familiar? Ele olhou mais atentamente, mas ela se voltou para a mesa para escrever no registro antes de se inclinar para pegar uma bolsa e virar na

direção da escada. Ela logo saiu de seu campo de vista.

— Não que você seja um grande orgulho para si mesmo às vezes. — Disse André, aparentemente alheio à falta de atenção de Marcel em sua conversa.

Marcel fixou seu irmão com um olhar frio.

— Gostaria de lembrá-lo de que meus casos não são de sua conta. — Disse ele.

Seu irmão se juntou ao barulho do lugar, jogando a cabeça para trás e gargalhando.

— Uma ótima escolha de palavras, Marc. — Disse ele.

— Mas ainda assim não são de sua conta. — Marcel disse a ele.

— Oh, mas pode vir a ser, — disse André — caso um certo marido, seus irmãos, cunhados, parentes e vizinhos estiverem nos perseguindo e nos atacarem.

Eles vinham de Somerset, onde tinham passado algumas semanas em uma festa em casa organizada por um conhecido em comum. Marcel tinha amenizado seu tédio ao flertar com uma vizinha de seu anfitrião que era uma visitante frequente da casa, embora ele tivesse passado bem longe de qualquer intimidade sexual com ela. Ele havia beijado o dorso da mão dela uma vez à vista de, pelo menos, vinte outros convidados, e uma vez quando eles estavam sozinhos no terraço além da sala de estar. Ele tinha uma reputação de mulherengo cruel e sem coração, mas fazia questão de não incentivar as mulheres casadas, e ela era casada. Alguém, no entanto — ele suspeitava que fosse a própria dama — havia contado alguma história altamente floreada para o marido, e aquele digníssimo decidiu se ofender. Todos os parentes do sexo masculino até a terceira e quarta gerações, para não falar de seus vizinhos e de vários dignatários locais, também se sentiram ofendidos, e logo havia rumores de que metade do condado estava louco pelo sangue do lascivo Marquês de Dorchester. Um desafio para um duelo não estava fora de questão, ridículo como parecia. De fato, André e três dos outros hóspedes masculinos haviam oferecido seus serviços como seu padrinho.

Marcel escrevera a Redcliffe Court para avisar sua intenção de voltar para casa dentro de uma semana e deixara a festa antes que toda a tolice pudesse se converter em farsa. Ele também não desejava matar um fazendeiro impaciente que negligenciava sua esposa ou se permitia ser morto. E ele não deu a mínima que sua partida fosse interpretada como covardia.

Ele planejava ir para casa de qualquer maneira, embora a casa estivesse cheia de pessoas que nunca tinham sido convidadas para morar lá — ou talvez por causa disso. Ele havia herdado o título de seu tio havia menos de dois anos e com ele Redcliffe Court. Ele também herdara seus residentes — a marquesa, sua tia viúva e sua filha, e o marido da filha com a filha mais nova. Os três mais velhos já haviam se casado e — felizmente — voado no ninho com suas esposas. Como ele tinha pouco interesse em fazer sua casa em Redcliffe, Marcel não considerou importante sugerir que fossem para a casa do dote, que fora construída em algum momento do passado para esse tipo de situação. Agora Jane e Charles Morrow também estavam lá com o filho e a filha, ambos adultos, mas nenhum dos dois mostrara qualquer sinal de se lançar em uma vida independente de seus pais. Os gêmeos também estavam em Redcliffe, é claro, já que agora era a casa deles. Uma família grande e feliz.

— Minhas preocupações. — Marcel disse em uma ligeira calmaria no nível de ruído depois que o senhorio havia distribuído pastéis fumegantes de um prato gigante e todo mundo tinha se servido. — São suas dívidas, André.

— Sim, eu sabia que chegaríamos neste assunto. — Disse seu irmão com um suspiro resignado. — Eu os teria pago muito antes, se não tivesse tido uma falta de sorte nas mesas antes de partirmos pelo país. Eu vou resolver, no entanto, não tenha receio. Eu sempre resolvo. Você sabe disso. Sabe mesmo. Se meus credores tiverem a pura imprudência de vir atrás de você novamente, simplesmente ignore-os. Eu sempre faço.

— Ouvi dizer que a prisão dos devedores não é a mais confortável das residências. — Disse Marcel.

— Oh, digo eu, Marc. Desnecessário dizer isso. — Seu irmão soou ao mesmo tempo chocado e indignado. — Você certamente não espera que eu apareça em público vestido com trapos e usando botas gastas, não é? Eu seria uma vergonha para você se eu frequentasse um alfaiate ou um sapateiro de qualidade inferior. Ou pior, nenhum mesmo. Realmente não posso ser criticado por essas contas. Quanto ao jogo, o que um sujeito deve fazer para se divertir? Ler livros inspiradores junto à lareira toda noite? Além disso, é uma falha recorrente na família, você deve reconhecer. Annemarie vive além de suas posses e deixa um quarto de sua mesada nas mesas de jogos.

— Nossa irmã — disse Marcel, — converteu-se em assunto de William Cornish nos últimos oito ou nove anos.— Embora isso não a impedisse de pedir dinheiro emprestado, ocasionalmente, quando ela era mais extravagante ou azarada que o normal e se intimidava ante a perspectiva de confessar tudo a seu sóbrio marido. — Ele sabia no que estava se metendo quando se casou com ela.

— Ela me disse que ele nunca a repreende e nem a ameaça com a prisão dos devedores — disse André. — Conceda-me um empréstimo, se você for tão bom, Marc. Apenas o suficiente para cobrir as dívidas de jogo e talvez um pouco mais para afastar os mais implacáveis de meus credores de minhas costas, malditos sejam! Eu pagarei cada centavo. Com juros. — Acrescentou ele magnanimamente.

A dama reapareceu. A porta da taverna para a sala de jantar também estava aberta, e Marcel podia vê-la sentada em uma mesa ali, a única ocupante da sala até onde ele podia ver. Ela estava de frente para ele, embora houvesse a distância de dois recintos e muitas pessoas entre eles. E, por Deus, ele realmente a conhecia. A deusa de mármore a quem ele uma vez tentara ao máximo transformar em carne e osso, sem nenhum sucesso. Bem, quase nenhum. Ela estava casada na época, é claro, mas ele tentara flertar com ela mesmo assim. Ele era um paquerador inveterado e raramente falhava quando decidia conquistar alguma mulher. Ele pensara que ela poderia estar interessada, mas então ela dissera a ele para ir embora. Apenas isso, nestas palavras exatas.

Vá embora, Sr. Lamarr, ela dissera.

E ele se afastara, com o orgulho gravemente ferido. Por um tempo ele temeu que seu coração também tivesse estado ferido, mas estava enganado. Seu coração já estava friamente morto.

Agora, anos depois, ela despencara do pedestal de orgulho a partir do qual governara seu mundo naquela época. E ela não era mais jovem. Mas ainda era linda, por Deus. A condessa de Riverdale. Não, não mais. Ela não era mais a condessa nem a condessa-viúva. Ele não sabia como ela se chamava agora. Sra. Westcott? Ela também não era isso. Sra. Alguém? Ele poderia dar uma espiada no registro da pousada. Se ele estivesse suficientemente interessado, claro.

— Você não acredita em mim — disse André, parecendo ofendido. — Eu sei que não lhe paguei da última vez. Nem antes, para ser perfeitamente honesto, mas eu não teria perdido uma soma tão grande nas corridas, se o cavalo no qual apostei

não tivesse fugido do portão de largada. Ele era a melhor opção que jamais apareceu antes, Marc. Você teria apostado alto nele se estivesse lá. Foi apenas uma tremenda má sorte. Mas desta vez eu definitivamente pagarei você. Eu tenho uma dica sobre algo que chegará no próximo mês. Algo real desta vez. — Acrescentou ele quando viu a sobrancelha cética de seu irmão. — Você deveria dar uma olhada no cavalo por si mesmo.

O rosto dela era de alguém que tinha sofrido, pensou Marcel, e que, como resultado, se tornara estranhamente mais bonito. Não que ele estivesse interessado em mulheres sofridas. Ou mulheres que deviam estar perto dos quarenta ou que tivessem passado disso. Ela olhou ao redor, primeiro para a sala de jantar presumivelmente vazia e depois através da porta na multidão barulhenta reunida na taverna. Seus olhos pousaram nele por um momento, seguiram adiante e depois voltaram. Ela olhou diretamente para ele por um segundo, talvez dois, e então se virou bruscamente quando o estalajadeiro apareceu ao seu lado com o bule.

Ela os tinha visto e o reconhecera. Se ele não estivesse enganado, — ele não levantara o monóculo para observar melhor — havia uma onda de cor nas bochechas dela.

— Eu odeio, — disse André — quando você me dá esse tratamento silencioso, Marc. É uma injustiça, sabe? Você, acima de todas as pessoas.

— Eu, de todas as pessoas? — Marcel voltou sua atenção para seu irmão, que se encolheu sob seu olhar.

— Bem, você não é exatamente um santo, não é? — disse ele. — Nunca foi. Durante toda a minha infância, ouvi histórias sobre sua extravagância, suas façanhas com as mulheres e suas aventuras imprudentes. Você foi meu ídolo, Marc. Eu não esperava que você me julgasse porque eu faço apenas o que você sempre fez.

André tinha vinte e sete anos e a irmã deles era dois anos mais velha. Todos eles tinham a mesma mãe, mas havia um período de onze anos durante o qual nenhuma criança viva nascera. E então, quando ela desistiu de acrescentar a sua família, vieram primeiro Annemarie e depois André.

— Alguém foi descuidado ao permitir que fofocas desagradáveis chegassem aos ouvidos de crianças — disse Marcel. — E fazer soar como algo que deveria ser imitado.

— Não tão jovem também — disse André. — Nós costumávamos escutar atrás das portas. Todas as crianças não o fazem? Annemarie adorava você também. Ela ainda adora. Não faço ideia por que ela se casou com Cornish. Toda vez que ele se move, ele é obscurecido por uma nuvem de poeira.

— Meu Deus! — disse Marcel. — Não literalmente, espero.

— Oh, digo eu — disse André, subitamente distraído. — Lá está a senhorita Kingsley. Eu me pergunto o que ela está fazendo aqui.

Marcel seguiu a direção de seu olhar — em direção à sala de jantar. Kingsley. *Senhorita* Kingsley. Mas ela nunca tinha sido casada, a não ser bígama por vinte anos ou mais com o conde de Riverdale. Ele se perguntava se ela sabia. Provavelmente não. Sem dúvida, não, de fato. Seu filho herdara o título e a propriedade do pai após a morte deste e fora deserdado de maneira espetaculosa quando sua ilegitimidade fora exposta. Suas filhas também haviam sido deserdadas e expulsas da sociedade como leprosas. Teria alguma delas sido prometida e dispensada como uma batata quente?

Através das duas salas, ele a viu olhar diretamente para ele dessa vez, antes de desviar o olhar, embora não apressadamente.

Ela estava ciente dele, então. Não apenas como alguém que ela havia reconhecido. Ela estava *ciente* dele. Ele estava quase certo disso, assim como ele estivera, anos atrás, embora suas últimas palavras parecessem desmentir essa impressão. *Vá embora, Sr. Lamarr*.

— Bem — disse André alegremente, pegando sua caneca e enxugando seu conteúdo. — Você pode vir me visitar na prisão dos devedores, Marc. Trazer roupa de cama limpa quando você vier, não? E levar as usadas consigo para serem lavadas e livradas de piolhos. Mas, por hoje, vamos ficar por um tempo e assistir a algumas das competições? Não temos muita pressa, afinal, temos?

— Suas dívidas serão pagas — disse Marcel. — Todas elas. Como você sabe muito bem, André. — Ele não acrescentou que a dívida para com ele também seria perdoada. Isso era óbvio, mas seu irmão precisava manter algum orgulho.

— Eu devo muito a você — disse André. — Eu vou pagar de volta dentro do mês, Marc. Acredite nisso. Pelo menos é improvável que você venha a ter um problema semelhante com Bertrand. Ou Estelle.

Muito bem. Talvez fosse ilógico desejar que acreditasse naquilo.

— Mas então, — acrescentou André com uma risada — eles não foram criados para idolatrá-lo ou imitá-lo, não é mesmo? Se há uma pessoa mais antiquada do que William Cornish, é Jane Morrow. E Charles. Um casal perfeito, esses dois. Vamos ficar aqui?

Marcel não respondeu imediatamente. Ele estava olhando para a antiga condessa de Riverdale, a quem ele não conseguia imaginar como Srta. Kingsley. Ela estava comendo, embora ele não achasse que fosse um dos famosos, porém exagerados, pastéis de carne da estalajadeira. E ela tinha erguido os olhos e encontrara os dele novamente, enquanto segurava um sanduíche a uma curta distância de sua boca. Ela franziu a testa, e ele levantou uma sobrancelha antes de desviar o olhar mais uma vez.

— Vou ficar — disse ele, impulsivamente. — Você não, no entanto. Você pode pegar a carruagem.

— Como? — André disse deselegantemente.

— Eu vou ficar. — Repetiu Marcel. — Você não.

Ela não estava usando a touca e não havia um sobretudo à vista. Ele não conseguira ver a bagagem. Ela havia assinado o registro — ele a vira fazer isso — prova de que ela estava hospedada, embora porque escolhera aquela hospedaria em particular naquela aldeia em particular que ele não conseguia imaginar. Problemas com a carruagem? Nem podia imaginar por que ela estava sozinha. Certamente ela não se encontrava em tempos tão difíceis que não poderia arcar com criados. Era pouco provável que ela tivesse vindo com o expresso propósito de participar das celebrações da colheita. Ele poderia se afastar dali para longe, se ela não estivesse hospedada. Ou se ela repetisse sua famosa repreensão e o mandasse embora.

Mas desde quando ele não tinha confiança em si mesmo, especialmente quando se tratava de mulheres? Não desde Lady Riverdale, certamente, e isso devia fazer quinze anos ou mais.

— Srta. Kingsley — disse André de repente, estalando os dedos, com grande indignação. Ele olhou de seu irmão para ela e de volta novamente. — Marc! Certamente você não…

Marcel dirigiu um olhar frio para o irmão, ergueu as sobrancelhas e a frase não foi completada.

— Você pode pegar a carruagem. — Ele disse novamente. — De fato, você vai aceitar. Quando chegar a Redcliffe Court, você informará a Jane e Charles e a qualquer outra pessoa que possa estar interessada que eu chegarei quando chegar.

— Que tipo de mensagem é essa? — perguntou André. — Charles ficará roxo e Jane vai comprimir os lábios, e um deles, com certeza, dirá que é típico de você. E Bertrand e Estelle ficarão desapontados.

Marcel duvidava disso. Gostaria que André estivesse certo? Por um momento ele hesitou, mas apenas por um momento. Não fizera nada para ganhar a decepção deles, e agora era um pouco tarde se preocupar com isso.

— Você odeia esse tipo de entretenimento campestre — disse André. — Realmente, isso é muito ruim da sua parte, Marc. Eu sou o único que sugeriu ficar por algum tempo. E eu saí daquela festa para acompanhá-lo antes do que pretendia, justamente quando estava fazendo algum progresso com a ruiva.

— Eu pedi a sua companhia? — perguntou Marcel, com seu monóculo na mão.

— Oh, digo eu. Da próxima vez pensarei melhor. — Seu irmão lhe disse. — Eu poderia muito bem seguir meu caminho, então. Sempre sei quando discutir com você é inútil, Marc, o que acontece a maior parte do tempo. Ou o tempo todo. Espero que ela pretenda voltar à estrada dentro de meia hora. Espero que ela não queira nada com você. Espero que ela cuspa em seus olhos.

— Você realmente deseja isso? — Marcel perguntou suavemente.

— Marc — seu irmão disse. — Ela é velha.

Marcel levantou as sobrancelhas.

— Mas eu também sou, irmão — disse ele. — Quarenta anos no próximo aniversário, que está lamentavelmente próximo. Positivamente decrépito.

— É diferente para um homem — disse seu irmão. — E você sabe muito bem disso. Bom Deus, Marc.

Ele saiu alguns minutos depois, caminhando sem olhar para trás e apenas um leve aceno de mão para o aldeão que perguntou, de forma redundante, se estava saindo. Marcel não o acompanhou até a entrada. Ele ouviu sua carruagem sair cinco minutos depois disso. Ele estava preso ali, então. Aquilo fora um pouco tolo de sua parte. A multidão olhou-o insegura e então começou a se dispersar, os pratos de pastéis de carne tinham sido reduzido a algumas migalhas e as

festividades fora da estalagem logo começariam. A antiga condessa tomava café. Logo havia apenas meia dúzia de aldeões na taverna, e nenhum deles ocupava as mesas entre ele e ela. Ele olhou fixamente para ela, e ela olhou para trás uma vez sobre a borda de sua xícara e segurou seu olhar por alguns instantes.

Marcel se levantou, saiu para o corredor, virou o registro para observar que sim, ela de fato o assinara para uma noite como Srta. Kingsley, e então caminhou até a porta para olhar para fora. Ele cruzou a sala de jantar e entrou pela porta do corredor. Ela olhou para cima quando ele fechou a porta atrás de si, em seguida, colocou sua xícara cuidadosamente no pires, seus olhos fixos no que estava fazendo. Seu cabelo, penteado para trás e para cima em um coque elegante, ainda era da cor do mel. A menos que a idade dele tivesse diminuído sua excelente visão, ainda não havia um único fio de cinza ainda. Ou qualquer linha no rosto ou flacidez do queixo. Ou dos seios.

— Você me disse para ir embora — disse ele. — Mas isso foi há quinze anos. Havia um limite de tempo?

DOIS

A carruagem alugada na qual Viola Kingsley estivera viajando pouco antes de o marquês de Dorchester falar com ela na pousada não apenas tinha sido desconfortável com seus assentos duros, amortecedores inexistentes, suas janelas e portas frágeis e seus inúmeros rangidos, ruídos, gemidos e cheiro penetrante de mofo e ferrugem. Também havia desenvolvido uma claudicação severa e estava prosseguindo a menos da metade de sua velocidade anterior e estava pendendo um tanto para um dos lados. Por mais que tentasse sentar-se ereta, ela continuava a encontrar o ombro esquerdo pressionado contra o painel de madeira ao lado do assento. A qualquer momento ela esperava que a carruagem parasse completamente e ela ficaria presa no meio do nada.

E era tudo culpa dela. Ela não teria ninguém para culpar além de si mesma.

Dois anos antes, algo realmente catastrófico havia acontecido com Viola. Ela tinha sido Viola Westcott, condessa de Riverdale, na época, e havia sofrido a perda do conde, seu marido por vinte e três anos. Seu filho, Harry, sucedeu-o no título. Ele tinha apenas vinte anos na época e, portanto, havia sido colocado sob a tutela de Avery Archer, Duque de Netherby e da própria Viola. Sua filha mais velha, Camille, já havia feito sua estreia na sociedade e era respeitosamente prometida ao visconde de Uxbury. Sua filha mais nova, Abigail, estava ansiosa por sua própria temporada na primavera seguinte. Viola estava satisfeita com sua vida, apesar da necessidade de usar luto profundo. Ela não gostava do marido e não sentia grande pesar por sua morte.

Havia apenas uma extremidade solta para ser amarrada e ela tentara amarrá-la. Havia uma garota, uma moça àquela altura, que o marido tinha acolhido e secretamente amparara — ele achava que era segredo, pelo menos — em um orfanato em Bath pelo tempo que Viola o conhecera. Fizera a compreensível suposição de que a moça era sua filha natural com uma amante e fizera o que considerara a coisa certa depois de sua morte enviando seu advogado

a Bath para encontrar a mulher, informá-la da morte do pai e fazer um acordo final sobre ela.

Foi quando a catástrofe atingiu.

Pois descobrira que a jovem em questão, Anna Snow, então com vinte e cinco anos de idade e professora do orfanato, era na verdade a legítima filha do falecido conde de uma esposa anterior. Sua única esposa. Ele havia casado com Viola alguns meses antes de a mãe de Anna Snow morrer de tuberculose. O casamento de Viola tinha sido bígamo. Pior, seu filho e suas filhas eram ilegítimos. Harry foi destituído de seu título e fortuna — o título passou para seu primo em segundo grau, Alexander Westcott, e a fortuna para Anna. Tudo isso. O conde fizera apenas testamento que fora elaborado enquanto ainda estava com a primeira esposa. Tudo iria para sua filha daquele casamento. Camille e Abigail perderam seus títulos e seus quinhões. Camille foi desprezada por Lord Uxbury. Abigail não teria nenhuma temporada ou qualquer perspectiva de fazer o tipo de casamento que ela tinha sido criada para esperar. Eles tinham sido deixados sem recursos, embora Anna tivesse tentado insistir que sua fortuna fosse dividida igualmente entre seus meios irmãos e ela mesma. Mas na época, ela era uma estranha para eles. Em seu orgulho, mágoa e perplexidade, todos se recusaram. Viola retomou seu nome de solteira.

Dizer que sua vida dela tinha chegado ao fundo seria subestimar demais o caso. A enormidade do que havia acontecido com ela e seus filhos tinha sido demais para sua mente suportar. Ela tinha vivido. Como ela não tinha posto a sua própria existência? E, nos dois anos seguintes, sua vida se estabeleceu em uma nova ordem que era realmente mais suportável do que ela poderia esperar. Harry estava servindo como capitão com uma infantaria de armas na Península e sempre se animava dizer que aquela era a vida que ele desejava. Camille estava casada com um homem muito melhor que seu ex-noivo e eles tinham três filhos — dois adotados e um próprio. Abigail morava com Viola em Hinsford Manor, em Hampshire, onde Viola passara a maior parte do casamento. O que realmente havia sido inesperado depois de toda a confusão era que Anna Snow acabaria se casando com o guardião de Harry, Avery, o Duque de Netherby. Mas ela tinha se casado e agora era uma duquesa por si mesma. Ela insistiu que nunca moraria na própria Hinsford Manor e implorara a Viola que não a deixasse ficar vazia. Ela até

escreveu em seu testamento que a casa passaria para Harry e seus descendentes depois de seu tempo, se ele não aceitasse antes disso. O grande dote que o pai de Viola dera quando se casara com Humphrey havia sido devolvido, com todos os juros que teria acumulado desde então. Anna insistiu e cuidou disso antes mesmo que Viola pudesse pensar por si mesma.

Enquanto isso, o resto da família Westcott, longe de afastar Viola e seus filhos depois que a verdade se tornou conhecida, fez todos os esforços para atraí-los de volta ao convívio. Unânimes, eles deixaram claro para Viola e seus filhos que eles não eram menos amados e valorizados do que sempre tinham sido, assim como não menos parte da família. Duas das cunhadas de Viola, as irmãs do conde, ainda gostavam de dizer que queriam que Humphrey ainda estivesse vivo, para que pudessem ter o prazer de matá-lo.

Tudo estava bem, na verdade. Ou ficara depois que alguns ajustes necessários foram feitos. Viola, que vivera toda a sua vida adulta de acordo com os dois princípios orientadores do dever e da dignidade, parecia estar de volta à normalidade, embora com um nome diferente. Ela tinha se convencido de que estava de volta à normalidade, de qualquer maneira.

Até perceber que não estava.

Até que ela explodiu inesperadamente e sem motivo aparente. O trauma que ela havia experimentado se esgueirou furtivamente por trás e depois a atacou. E ela sabia que não estava totalmente curada. Só havia suprimido a dor e a mágoa. E a raiva.

Ela explodira no pior momento possível, quando a família tinha se reunido em Bath para o batizado de Jacob Cunningham, o filho recém-nascido de Camille e Joel. Todos tinham concordado em permanecer para duas semanas de atividades familiares. Mas dois dias depois do evento, Viola, a orgulhosa avó do bebê, fugiu.

Ela havia deixado Bath se sentindo culpada, mal-humorada, com pena de si mesma, magoada, irritada e todo tipo de coisas negativas e desagradáveis que não tinham explicação racional. Ela simplesmente se comportara mal, e isso era algo que ela raramente fazia. Durante todos os seus quarenta e dois anos, ela fora conhecida por seus modos gentis e pela constância de temperamento. No entanto, agora ela havia magoado e desconcertado aqueles a quem ela mais estimava no mundo. E ela fizera isso deliberadamente, quase rancorosamente. Ela insistira em

voltar para casa em Hinsford contra toda a razão e contra as alegações de suas filhas, genro e os protestos de sua mãe, seu irmão e a família Westcott.

Ela anunciara sua intenção de voltar para casa. Sozinha. Em uma carruagem alugada. Ela insistira em deixar sua própria carruagem e criados, até mesmo sua empregada pessoal, para Abigail, quando ela decidisse voltar para casa. Ela havia ignorado os protestos chocados de Camille e Joel de que eles certamente providenciariam o transporte e a escolta para Abby voltar para casa quando chegasse a hora. Ela havia ignorado a gentileza da condessa viúva de Riverdale, sua antiga sogra, que havia percorrido todo o trajeto até Bath, embora estivesse com setenta anos.

Ela havia ignorado o esforço que Wren, a condessa atual, a esposa de Alexandre, tinha feito para ir a Bath, apesar dela se encontrar na expectativa de um evento feliz, como Matilda, a mais velha das antigas cunhadas de Viola, gostava de descrever a gravidez.

Viola havia dito a todos para cuidarem de seus próprios negócios. Sim, ela usara essas palavras exatas. Ela provavelmente nunca em sua vida as usara antes. E ela falara diretamente, sem humor ou consideração pelos sentimentos que estava ferindo. Ela queria ficar sozinha. Ela também lhes dissera isso.

Deixe-me em paz, ela dissera mais de uma vez — como uma criança petulante.

E ela não tinha ideia de o porquê de repente ter estourado.

Ela tinha ido a Bath com Abigail pouco antes do nascimento de Jacob, cheia de ansiedade e excitação com a chegada iminente de um novo neto, e ela ficara mais feliz quando isto aconteceu, como não ficava havia muitos anos. Camille e Joel Cunningham viviam em uma mansão nas colinas acima de Bath com Winifred e Sarah, suas filhas adotivas, e agora também com o filho. Eles usavam a casa para uma variedade de propósitos — para retiros artísticos ou de escrita, para oficinas de música, dança, pintura e outras artes, para peças de teatro e concertos, e para visitas que variavam de um dia a vários dias das crianças do orfanato de Bath, onde Anna e Joel cresceram e onde Camille havia lecionado brevemente antes de seu casamento. A casa e o extenso jardim estavam sempre cheios de vida e

atividade. Mesmo pouco antes e depois do nascimento de Jacob, continuava um lugar ocupado e barulhento.

O incrível era que Camille parecia desabrochar. Ela ainda não havia perdido todo o peso que ganhara quando esperava Jacob, e muitas vezes parecia um pouco desarrumada, com algumas mechas de cabelo soltas, as mangas recolhidas até os cotovelos, os pés frequentemente descalços, mesmo quando saía ao ar livre. Ela parecia ter sempre Jacob agasalhado nos braços enquanto Sarah se agarrava à saia e Winifred junto dela — exceto quando Joel estava por perto para compartilhar a paternidade, como sempre fazia. Ela nunca parecia atormentada.

Às vezes era difícil para Viola reconhecer em sua filha mais velha, a ex-Lady Camille Westcott, severa, rigorosa e sempre rigidamente correta, que nunca dera um passo errado e não tinha nenhum senso de humor discernível. Agora ela parecia vividamente feliz em uma vida que era tão diferente da que ela esperava quanto poderia ser.

Tudo correra bem com o nascimento e os planos para o batismo e o evento em si. Abigail estava em êxtase, pois sua amiga mais querida também veio para a ocasião — sua prima Jessica Archer, filha de uma das irmãs de Humphrey. Viola estava feliz.

Ela desenvolveu uma amizade íntima com Wren, a esposa de Alexander, no ano anterior, e ficara encantada em renová-la este ano. Ela estava feliz que seu irmão e sua esposa tinham vindo de Dorset. Jantares, festas, chás, excursões, caminhadas, concertos, todo tipo de evento familiar havia sido planejado. Viola estava ansiosa por eles.

Até que ela explodiu.

E teve que fugir.

Sozinha.

Ela se comportara mal e sabia disso. Ela saíra de madrugada antes que a família de ambos os lados se reunisse para abraçá-la e se despedir, expressando sua preocupação e acenando para que ela seguisse seu caminho. E ela se mantivera firme sua determinação de viajar de carruagem alugada, embora tivesse tido a oferta de meia dúzia de carruagens e serviçais particulares para acompanhá-los para lhe dar companhia, proteção e respeitabilidade.

Deixe-me em paz, ela dissera para mais de um deles. Mas, de repente, havia algo errado com a carruagem contratada. E finalmente ela estava rangendo e gemendo mais do que nunca, inclinando-se cada vez mais para o lado quando entrou no pátio de uma estalagem, embora certamente não fosse uma grande estalagem. A carruagem parou.

— O que está errado? — perguntou ela ao cocheiro quando ele abriu a porta e baixou os degraus. A carruagem pairara sobre eles em um ângulo alarmante.

— Eixo está prestes a arrebentar, senhora. — Dissera ele.

— Oh. — Ela aceitou a mão dele e desceu até o piso do pátio. — Pode ser consertado rapidamente?

— Não é provável, senhora. — Dissera ele. — Ela vai precisar ser substituída.

— Quanto tempo? — Ela perguntou. Ele levantou o chapéu para coçar a cabeça enquanto se agachava para avaliar o dano. Um cavalariço pertencente à hospedaria se aproximou, colocou-se ao seu lado, franziu os lábios e sacudiu a cabeça.

— Vocês tiveram sorte, — dissera ele. — De não quebrar no meio da estrada a milhas de qualquer lugar e serem apanhados por ladrões de estrada e lobos. Vocês poderiam ter sido mortos se tentassem escapar. Eu digo a vocês que o eixo não irá se manter inteiro com nenhum pedaço de barbante amarrado em volta. Este tem que ser retirado e trocado por um novo.

— O que é exatamente o que eu posso ver por mim mesmo. — O cocheiro disse com irritação.

— Quanto tempo isso vai demorar? — Viola perguntou novamente, percebendo novamente quão tola tinha sido ao contrariar todos os conselhos, aventurando-se em sua jornada, mesmo sem uma empregada para apoiá-la. Oh, ela merecia isso. O cocheiro balançou a cabeça.

— Eu não saberia dizer, senhora. O resto do dia, de qualquer modo. — Dissera ele. — Não voltaremos à estrada até amanhã de manhã, pelo menos, o que é um grande azar para mim. Eu iria direto para Bath esta noite. Tinha outro cliente reservado para amanhã, um cavalheiro de classe, um cliente habitual. Sempre paga muito mais do que a tarifa, se eu consigo levá-lo com tempo de sobra. Agora outra pessoa vai pegá-lo e ele pode nunca mais me chamar.

— Amanhã? — Viola tinha dito em desânimo. — Mas eu preciso estar em casa hoje.

— Bem, eu também, senhora. — O cocheiro dissera. — Mas nenhum de nós conseguira ter nosso desejo atendido, não é? Será melhor pedir um quarto ao estalajadeiro antes que todos sejam ocupados, embora eu duvide que isso aconteça com muita frequência neste lugar. — Ele olhou para a estalagem com alguma reprovação.

Uma carruagem elegante estava parada ao lado da entrada da estalagem. Não devia ser um lugar totalmente decrépito. A ideia de entrar desacompanhada, no entanto, fizera Viola estremecer por dentro. O que pensariam sobre seu estado solitário? Mas ela caiu em si. Bom Deus, ela estava pensando como a condessa de Riverdale, para quem tudo tinha que transparecer respeitabilidade rígida. O que importava o que alguém pensasse sobre a simples Viola Kingsley? Ela entrou na carruagem para tirar a bolsa que trazia consigo e se dirigiu para a estalagem, deixando seu baú para ser transportado mais tarde.

O barulho a alcançou quando ela abriu a porta, assim como os odores de cerveja e comida. As portas duplas da taverna à esquerda estavam escancaradas e ela percebeu que, embora a sala parecesse escura e velha, estava cheia de pessoas, todas parecendo muito animadas. Era algo surpreendente por ser cedo no dia. Mas tudo se esclareceu quando o estalajadeiro a atendeu e explicou que, se tinha de ficar retida por causa de uma quebra do eixo da carruagem, pelo qual ele expressava suas sinceras condolências, pelo menos ela se sentiria feliz por aquilo ter acontecido ali e naquele dia. A aldeia estava prestes a celebrar o fim da colheita, embora não o fizesse todos os anos. Mas o telhado da igreja estava vazando sempre que chovia e isso sempre parecia acontecer nas manhãs de domingo, quando as pessoas estavam sentadas em seus bancos, tentando ouvir o sermão do vigário. Alguém teve a ideia de organizar um evento pós-colheita para arrecadar dinheiro. Havia maneira melhor para conseguir fundos do que dar às pessoas diversões em troca de seu dinheiro bom e arduamente ganho?

Viola não conseguiu oferecer nenhuma sugestão melhor, e o estalajadeiro acenou para ela com satisfação quando ela disse isso. Ela pagou por uma noite e assinou o registro antes de pegar uma chave grande da mão dele. Ela lhe

assegurou que não precisava de ajuda com sua bolsa, mas ficaria grata se alguém trouxesse seu baú. E subiu as escadas para o quarto, sentindo-se desolada.

O que ela faria ali uma tarde inteira e à noite? Assistir a essas celebrações da aldeia e fazer sua contribuição para a reparação do telhado da igreja? A perspectiva era pouco atraente, mas talvez fosse melhor do que permanecer no quarto até amanhã de manhã. Não havia nada ali, a não ser uma cama, uma cômoda grande e velha, um lavabo e uma privada atrás de uma cortina desbotada. Não havia cadeira nem mesa. Mas primeiro vinham as prioridades. Ela estava ficando faminta e deveria descer para verificar se havia algo decente para comer. Algo certamente cheirava bem. Ela só esperava que não tivesse que entrar na taberna para consegui-lo. O barulho era ensurdecedor até ali em seu quarto.

Felizmente, a estalagem também possuía uma sala de jantar e ela ficara aliviada ao descobrir que estava vazia, embora não silenciosa. A sala ficava junto à taverna e a porta entre os dois recintos estava aberta. O estalajadeiro não se ofereceu para fechá-la depois de acomodá-la. Ele lhe sugeriu pastéis de carne, mas, embora ele tivesse passado algum tempo exaltando suas virtudes e as de sua boa esposa, ela se decidiu por um sanduíche de carne fria e uma xícara de café.

Misericórdia, as pessoas na taverna eram barulhentas. Mas era uma algazarra alegre e bem-humorada e não parecia de modo algum alcoolizada. Gargalhadas estrondosas encheram o ar. Ela imaginou o que poderia ser tão engraçado. Devia ser bom não ter preocupações no mundo. Embora talvez todos tivessem preocupações. Certamente era autoindulgência imaginar que só ela tinha preocupações. E quais eram realmente suas preocupações? Ela tinha uma casa e uma renda. Ela tinha filhos e netos que a amavam e a quem ela amava. Ela tinha família e amigos.

Mas não era tão fácil raciocinar estando triste. Ela ainda se sentia culpada por ter magoado a todos e por ter deixado Bath tão abruptamente. Ela se sentia culpada por ter feito Abigail se sentir mal por não a acompanhar — e por ter piorado as coisas, insistindo em deixar a carruagem e sua empregada para trás. A verdade era que ela nem queria que Abigail a acompanhasse. Queria ficar sozinha, mas não sabia por quê.

Sua vida já não era solitária o suficiente sem buscar deliberadamente a solidão?

Ela não sabia o que estava acontecendo. Exceto que ela se sentira…. vazia. Completamente e totalmente vazia. Um buraco negro se abrira dentro dela, mas não era possível enxergar o fundo e ela ficara assustada com o que poderia descobrir ali, se conseguisse enxergar.

O que ela tinha para mostrar para si mesma, após quarenta e dois anos sobre a terra? Absolutamente nada? Ela tivera um marido morto que nem sequer fora seu marido. Ela nunca o havia amado, gostado ou respeitado depois do primeiro mês de casamento. Mas ela permanecera fiel a ele e cultivara dignidade e respeitabilidade como virtudes gêmeas. Ela havia criado seus filhos para compartilhar esses valores. Tudo para quê? O que lhe restara, a não ser uma vida que nem sabia o que fazer com ela? E o que dizer de Harry, seu amado filho, que estivera em casa por alguns meses no início do ano se recuperando de ferimentos e de uma febre recorrente antes de insistir em voltar para mais? Ele estava certamente muito decididamente feliz com a mudança em seu destino. Como ele realmente se sentia sobre tudo isso? E… ele sobreviveria? O medo era uma constante na vida dela desde que Avery, como guardião dele, havia conseguido seu posto. E o que dizer de Abigail, bonita, doce e que de nada reclamava aos vinte anos, mas não tinha perspectivas?

Viola tinha fingido até dois dias que estava feliz com sua nova vida. Ou se não estava tão feliz, ao menos estava satisfeita. A felicidade não era algo do qual ela sentisse falta, afinal, nunca a conhecera, exceto por um breve período de euforia aos dezesseis anos quando se apaixonara pelo filho de dezessete anos de um conhecido de sua mãe. Aquele romance nascente não durara. Quando ela tinha dezessete anos, seu pai tivera a chance de casá-la com o filho e herdeiro do conde de Riverdale, e ele a convencera a fazê-lo. Não tinha sido difícil. Ela sempre fora uma filha obediente.

Viola suspirou após morder o sanduíche e achá-lo inesperadamente saboroso. O pão era recém-assado, a carne úmida e macia.

Quem era ela? A pergunta, que apareceu inesperadamente em sua cabeça, era um pouco assustadora porque não tinha uma resposta óbvia. Por muitos anos pensara que era a Condessa de Riverdale e se identificara com esse título e com tudo o que o acompanhava — a posição social, as obrigações, o respeito. Ela se tornara, na verdade, não uma pessoa, mas… mas o quê?

Um mero rótulo? Um mero título? Ela se tornara algo que não tinha base na verdade.

Ela nunca fora a condessa de Riverdale.

Então ela não era nada na realidade? Ninguém? Como um fantasma?

Quem era ela? E ninguém se importava que ela não soubesse a resposta? Que ela não tinha identidade? Exceto mais rótulos — mãe, sogra, filha, irmã, cunhada, avó?

Quem era ela? No final de tudo, além de tudo, abaixo de tudo, quem era ela? Ela deu outra mordida e mastigou com determinação, embora o sanduíche não tivesse mais sabor delicioso. Ela se sentiu muito próxima da histeria. Ela reconheceu o pânico, embora nunca tivesse experimentado isso antes — mesmo depois da catástrofe. Ela estivera simplesmente entorpecida desde então.

Havia um certo aconchego na pousada, ela notara quando olhou em uma tentativa deliberada de se controlar. Era pequena e pobre, mas parecia limpa e era um lugar feliz, pelo menos no momento. Ela movera o olhar para a porta aberta e a multidão além dela na taverna. Eram aldeões, ela supôs, todos vestindo suas melhores roupas na expectativa de um dia de folia na companhia um do outro. Sentira uma onda de nostalgia inesperada pelos dias em que, como condessa, oferecera piqueniques e dias abertos em Hinsford, e todos vinham de muitos quilômetros. Aqueles tinham sido… Sim, realmente, aqueles tinham sido tempos felizes. Sua vida adulta não fora de melancolia absoluta.

Seus olhos se moveram de pessoa para pessoa dentre os que ela conseguia ver. Do outro lado da sala, de frente para ela, estavam dois senhores, claramente não pertencentes ao resto da multidão, embora ambos tivessem um copo de cerveja na mão e um deles, o mais novo dos dois, estivesse sorrindo e assentindo com a cabeça, resposta a algo que tinha sido dito. Eles provavelmente tinham chegado naquela elegante carruagem de viagem do lado de fora. Seus olhos se moveram sobre eles com nada além de pouca curiosidade até que ela voltou a olhar o outro cavalheiro….

Oh.

Oh, meu Deus.

Fazia muito tempo desde que ela o vira pela última vez. Por muitos anos, ela o evitava sempre que podia e estudadamente se distanciava dele quando se via no mesmo evento social que ele. Mas por que essa coincidência bizarra….

Ele a avistara também. Ele a estava fitando com aqueles olhos marcantes e penetrantes e ela subitamente se sentiu consciente — e aborrecida — de sua idade, seu estado solitário e da relativa aparência descuidada. Ela não vestira suas melhores roupas para a viagem com a carruagem alugada e partira cedo demais para arrumar os cabelos de modo mais elaborado que um simples coque.

Ela desviou o olhar bruscamente quando o estalajadeiro surgiu para completar sua xícara de café e tentou manter os olhos vagando novamente através da porta. Por que ela não se sentara em uma mesa de onde não poderia ver e nem ser vista?

Era injusto que os homens — alguns deles ao menos — envelhecessem melhor que as mulheres e chegassem à casa dos quarenta mais atraentes do que eram quando estavam na casa dos vinte. E ele era muito atraente quando ela se apaixonara por ele. Oh, ela se apaixonara perdidamente. Não tinha sido como a alegria que experimentara com seu primeiro amor aos dezesseis anos, mas ela nunca duvidara que tinha se apaixonado pelo Sr. Lamarr.

Não importara o rumor de que ele tinha sido responsável pela morte da esposa ou que ele se importara tão pouco com a memória dela que abandonara a casa e os filhos quase imediatamente após a morte dela e não perdera tempo em estabelecer uma reputação de vida devassa e de implacável mulherengo, com uma fria e insensível indiferença para as convenções da sociedade ou dos sentimentos dos outros.

Não importara que debaixo de sua bela aparência morena e esguia e de sua superfície charmosa era fácil de perceber nele a falta de sentimento real e de humanidade. Mulheres caíam atrás dele como grama após a foice e Viola não era exceção. Ele a havia escolhido para um flerte e, oh, ela se sentira tentada, embora soubesse perfeitamente bem que tipo de flerte era ou poderia se tornar. Embora ela soubesse que ele iria abandoná-la após ela se entregar a ele.

Ela se sentira tentada.

Embora seu casamento tivesse gerado três crianças, tinha sido árido, monótono. Além do mais, muitas esposas costumavam trair. Isso era considerado aceitável, desde que a esposa em questão já tivesse cumprido seu dever e presenteado o marido com um herdeiro e desde que suas aventuras fossem conduzidas com discrição suficiente para que a sociedade fingisse não notar.

Viola o havia dispensado.

Ah, para sua vergonha, ela não o fizera em razão de uma grande convicção moral, mas porque se apaixonara por um patife libertino e sabia que seu coração se partiria caso permitisse que ele a tomasse e depois a abandonasse. Ela o mandara embora e tivera o coração partido de qualquer maneira. Levara muito tempo para superar isso. Cada nova conquista dele da qual ouvia falar e cada cortesã famosa com a qual ele desfilava no Hyde Park para o escrutínio indignado da sociedade tinha sido como uma lança em seu coração.

Ele havia sido bonito além da crença.

Agora ele era atraente além da razão, mesmo quando parecia austero e indiferente e um pouco intimidante. Ela não conseguiu resistir a roubar outro olhar para ele. Seu cabelo prateava nas têmporas maravilhosamente. Ele ainda estava olhando firmemente para ela.

Ele a fizera se sentir jovem novamente — quando tinha a avançada idade de vinte e oito anos — e linda.

Agora ele a fazia se sentir velha e… cansada. Como se a vida tivesse passado por ela e agora fosse tarde demais para vivê-la. Todos os anos de sua juventude e início de sua feminilidade tinham passado e não poderiam ser trazidos de volta para serem vividos de forma diferente. Não que ela os vivesse de maneira diferente, mesmo que pudesse voltar, supôs. Pois ela ainda obedeceria aos desejos de seu pai, e ela ainda teria se casado com um bígamo e permanecido fiel e infeliz e, no final, teria se tornado nada e ninguém.

Ela pegou o Sr. Lamarr espiando-a novamente acima da borda da xícara de café e se recusou a ser a primeira a desviar o olhar. Por que ela deveria? Ela tinha quarenta e dois anos e provavelmente aparentava ter isso. E daí? Sua idade era algo para se envergonhar?

Talvez Harry tenha sido ferido novamente. Ou talvez estivesse morto. Ah, de onde vinham esses pensamentos? Ela baixou o olhar, esquecendo do Sr.

Lamarr. Ela se perguntou quantas mães e esposas em toda a Grã-Bretanha eram atormentadas com tais medos a cada hora de cada dia de suas vidas. E irmãs e avós e tias. Para cada soldado que morrera em batalha, devia haver uma dúzia ou mais de mulheres que se preocupam durante anos e podem acabar se lamentando pelo resto de suas vidas. Não havia nada de tão especial nela. Ou sobre Harry. Exceto que ele era seu filho e às vezes o amor parecia a coisa mais cruel do mundo.

Ele tinha partido. Sr. Lamarr e seu companheiro. Eles tinham saído quando ela não estava olhando. Que tolice sentir decepção por ele ter ido embora sem uma palavra ou um olhar de despedida. A maioria das outras pessoas na taverna havia saído também, ela percebeu, e o barulho diminuíra consideravelmente. Devia passar do meio-dia agora. Sem dúvida, eles tinham ido à aldeia para o início das festividades. Ela também iria lá? Vaguear para ver o que havia para ser visto? Ou ela iria até seu quarto, deitar por um tempo e mergulhar em sua miséria de autopiedade? Quão terrível era sentir autopiedade. E ter o sentimento intensificado pela visão de um homem atraente que uma vez a perseguira e queria deitar com ela, mas que fora embora sem dizer uma palavra. Ela nem precisara dizer a ele para sair dessa vez.

Então a porta da sala de jantar se abriu — a do corredor — e ela virou a cabeça para informar ao estalajadeiro que não queria mais café. Mas não era o estalajadeiro.

Ela havia esquecido o quão alto ele era e como tinha formas perfeitas.

Ela tinha esquecido quão elegantemente ele se vestia e como ele ficava à vontade em sua elegância. E quão duro e cínico era seu rosto.

Ela não tinha se esquecido de seu magnetismo. Ela sentira esse magnetismo à distância de dois recintos. Agora era palpável.

— Você me disse para ir embora — disse ele. — Mas isso foi há quinze anos. Havia um limite de tempo?

TRÊS

— Catorze — disse ela. — Foi há catorze anos.

Parecia uma vida inteira. Ou como algo pertencente a outra vida. Mas ali estava ele, catorze anos mais velho e catorze anos mais atraente, embora houvesse agora uma dureza maior em seus belos e austeros traços. Ela se perguntou, como se perguntara na época, por que ele seguira literalmente suas palavras. Ele não parecia um homem que gostasse de ouvir um não. Mas ela dissera a ele para ir embora e ele tinha ido embora. Seus sentimentos por ela, era óbvio, não tinham sido mais do que superficiais. Ou lascivos, para ser mais direto sobre isso. E havia muitas outras mulheres dispostas a saltar a cada comando dele.

— Eu aceito ser corrigido. — Disse ele com aquela voz suave da qual ela se lembrava bem. Ele nunca fora um homem que precisasse levantar a voz. — Havia um limite de tempo?

Como alguém responderia a essa pergunta? Bem, com um simples não, ela supôs. Não estipulara um limite de tempo. Ela o mandara embora e pretendia que fosse para sempre. Mas aqui estava ela, sozinha em um recinto com ele, quatorze anos depois, e ele falara com ela novamente e fizera uma pergunta. Ele não esperou a resposta, no entanto.

— Como devo interpretar o seu silêncio agora? — Ele caminhou até a mesa mais próxima da porta, puxou uma cadeira e sentou-se, cruzando uma perna elegantemente pousada sobre a outra. — Tendo me mandado embora uma vez, você não tem mais nada a me dizer? Mas você já disse alguma coisa. Você corrigiu minha memória falha. Poderia ser, então, que você odeie ter que repetir seu convite para que eu vá ao diabo? Ou será que você não deseja admitir que a companhia — qualquer companhia, até mesmo a minha — é preferível a nenhuma, quando se está presa em uma aldeia esquecida por Deus em algum lugar nos confins da Inglaterra? Eu suponho que você se encontra atolada aqui e

que não tenha chegado com o propósito expresso de "celebrincar" com os moradores locais e ajudar a salvá-los de tomarem chuva nas manhãs de domingo?

O mero som de sua voz enviou calafrios por sua espinha. Apenas por que era tão macio? E porque ele falara sem pressa, com a certeza de que ninguém sonharia em interrompê-lo?

— "Celebrincar"? — Disse ela. — Isto é uma palavra?

— Se não for — ele disse, erguendo as sobrancelhas — então deveria ser. Talvez eu deva considerar seriamente escrever um dicionário. O que você acha? Você acredita que poderia rivalizar com o do Dr. Johnson[2]?

— Com um único verbete? — Disse ela. — Eu duvido muito, Sr. Lamarr.

— Ah, mas você está sendo injusta comigo. — Disse ele. — Eu poderia pensar em dez palavras sem ter que franzir o cenho e bater na minha testa. Mas por que você não responde a uma pergunta direta? Havia um limite de tempo? E você está retida aqui? Sozinha?

— O eixo da carruagem em que estou viajando chegou perigosamente perto de quebrar. — Disse ela. — O cocheiro não acredita que seremos capazes de retomar a jornada até amanhã de manhã, no mínimo. — Por que ela estava explicando?

— Eu espiei o pátio antes de entrar aqui. — Disse ele. — Não há sinal de uma carruagem particular. A sua, por acaso, partiu sem você, sendo a história do eixo em perigo apenas uma grande farsa para se livrar de você? Mas isso é improvável, devo admitir. Certamente, você não chegou aqui naquele arremedo de meio de transporte que está pendendo para noroeste e que aparenta nunca mais ter condições de ir a lugar nenhum pela próxima eternidade ou duas. Ou você chegou? Uma carruagem alugada, Lady Riverdale?

— Este não é mais o meu nome — disse ela.

— Uma carruagem contratada, senhorita Kingsley? — Ele parecia aborrecido.

— Como os poderosos decaíram? — Ela disse. — É isso o que quis dizer, Sr. Lamarr? Então por que não o diz?

Dedos longos e elegantes se fecharam sobre a alça do monóculo, mas ele não o levou ao olho.

[2] Dicionário do dr. Samuel Johnson: primeiro dicionário de inglês moderno, publicado em 1746.

— Riverdale foi um canalha. — Disse ele. — Se foi sua ideia se desassociar completamente dele, mesmo no nome, então eu a parabenizo. Você está melhor sem este vínculo. Kingsley é seu nome de solteira, suponho?

Ela não respondeu. Ela olhou para o café para quebrar o contato visual. Ainda restava meia xícara. Já devia estar frio. Além disso, ela não tinha certeza se sua mão estaria firme o suficiente para levantar a xícara sem revelar sua agitação.

— Srta. Kingsley. — Disse ele depois de um momento de silêncio. — Vai me mandar embora novamente? E passar o resto do dia sozinha?

— Como eu passarei o resto do dia não é de sua conta, Sr. Lamarr — disse ela. — Eu suponho que você não se encontra retido aqui. Portanto, eu não irei retê-lo. Deve estar ansioso para seguir seu caminho.

— Eu estou ansioso? — Suas sobrancelhas se levantaram novamente e ele girou o monóculo na mão algumas vezes. — Mas estou encalhado aqui. Meu irmão estava ansioso para estar de volta à estrada e partiu há quinze minutos. Muito ansioso, talvez. Alguém poderia divagar sobre quanto tempo vai demorar até que ele perceba que se esqueceu de mim, e se ao fazê-lo, ele considerará ser necessário voltar atrás para me recuperar. É duvidoso. Os jovens são sempre negligentes com os mais velhos, você não acha? André ainda está com vinte e poucos anos. Um mero cachorrinho.

O quê? Sobre o que ele estava falando?

— Sua carruagem partiu sem você? — Ela o olhou, incrédula. Se fosse verdade, então só poderia haver apenas uma explicação, pois a absurda história que ele acabara de contar não era uma explicação. — Você ordenou que a carruagem e seu irmão partissem? Por minha causa?

Suas sobrancelhas se levantaram novamente e ele girou o monóculo mais uma vez.

— Sim — disse ele. — Por que outro motivo seria?

Ela sentiu a cabeça gelar. Por um momento desagradável, ela sentiu que estava prestes a desmaiar.

— Tendo feito isso, — ele disse — espero que você não me force a passar o resto do dia sozinho. A ideia de frequentar uma feira de aldeia desacompanhada é singularmente pouco atraente. A perspectiva de perder as horas percorrendo as estradas do país tentando identificar a flora e a fauna tem ainda menos apelo. Se

você estiver disposta a suspender sua dispensa, mesmo que seja apenas por hoje, Srta. Kingsley, então talvez possamos sair juntos para brincar ou vagar e assim salvar um ao outro de um dia de tédio inaceitável. Isto é, desde que você não me ache indescritivelmente chato. Ou pior.

Ela olhou para ele e se perguntou, como fizera inúmeras vezes antes — mesmo depois de tê-lo mandado embora, mesmo evitando-o, e mesmo desviando estudadamente os olhos dele sempre que estavam no mesmo salão ou teatro — o que havia nele que tanto a repelia e a atraia tão poderosamente. Ele não era um homem classicamente bonito. Seu rosto era certamente magro, anguloso e indigno de confiança. Apesar disso, ele era… lindo. Mas isso não dizia quase nada sobre ele, apenas sobre a reação dela a ele. Ela nunca fora capaz de encontrar a palavra certa para descrevê-lo com precisão. Pois com ele nunca tinha sido apenas a aparência. Era... tudo. Presença. Carisma. Poder. Crueldade. Sexualidade — embora essa não fosse uma palavra muito comum ao seu vocabulário.

Ele esperava que ela passasse o resto do dia em sua companhia. Sim, *esperava*. Ele apostara em sua concordância enviando sua carruagem em seu caminho sem ele, embora fosse bem provável que estivesse esperando em algum lugar próximo e voltasse para ele mais tarde, hoje ou amanhã. Seria loucura para ela concordar, especialmente tendo em conta o humor em que ela se encontrava.

Ou talvez fosse exatamente o que ela precisava, dado o estado de espírito em que estava — fazer algo inesperado e ultrajante para preencher as horas e tirar sua mente de si mesma. A alternativa seria se esconder no quarto e chorar. E não era como se ela fosse ser enganada ou seduzida ou deixada de coração partido amanhã.

— Irei à feira com você, à tarde, por uma ou duas horas — disse ela.

Ele aliviou a pressão sobre o monóculo.

— Deve haver uma espécie de festa no salão da igreja mais tarde — disse ele. — Não haverá nada para ser servido aqui, infelizmente. Tanto a taverna como a sala de jantar estará fechada para que nosso anfitrião e sua boa esposa possam se misturar e se banquetear com seus vizinhos. O banquete deve ser seguido de danças na área verde da aldeia esta noite. Tudo soa bem, irresistível, não é?

— Eu certamente irei me abster da dança — disse ela.

— Ah, mas você sempre foi tão adorável dançando — ele disse. E oh, por Deus, como ele fazia isso? Com uma simples redução de seu tom de voz e o foco um pouco mais intenso de seus olhos sobre os dela, ele fazia soar como se estivesse falando sobre um tipo diferente de dança completamente diferente do que seria realizado na área verde da aldeia à noite.

E era óbvio — ah, era óbvio — as palavras dele tiveram efeito, como sempre aconteciam elas roubaram o fôlego de seus pulmões e o bom senso de sua mente. Ela se levantou com firmeza. Isso bastava.

— Buscarei um gorro e um xale — disse ela. — E verificar se minha bagagem já foi levada para o quarto.

Ele alcançou a porta a sua frente e a manteve aberta.

— E eu solicitarei um quarto para mim, pois parece improvável que meu irmão volte agora que está anoitecendo — disse ele. — Seria devoção fraternal em demasia. Vamos nos encontrar aqui novamente em quinze minutos?

— Quinze minutos — ela concordou, passou por ele e subiu as escadas. Ela parou no primeiro patamar e olhou para trás. Ele ainda estava de pé na porta da sala de jantar, olhando preguiçosamente para ela.

Aquela, ela pensou, não tinha sido uma boa ideia.

Mas o complemento de seu pensamento surgiu espontaneamente: por que não?

Era um dia de setembro vivo e fresco, a meio caminho entre o verão e o outono. O céu estava predominantemente azul, mas nuvens brancas cruzavam o firmamento e transformavam parte da terra em um tabuleiro de xadrez em constante movimento de sol e sombra. Marcel podia pensar em uma dúzia de coisas — pelo menos! — que ele preferiria fazer que estar em um campo verdejante, esperando com uma grande multidão de moradores ansiosos e suas crianças atiradas e seus cachorros agitados para a inauguração de uma feira da colheita. A cerimônia aparentemente incluiria algum tipo de recital pelo coro da igreja. Eles estavam se juntando e se alinhando no gramado, todos vestidos de bata. No entanto, ele havia escolhido deliberadamente estar ali e não tinha motivo para reclamar. Ele até se privara de maneira imprudente dos meios de sair dali.

Mas, pelo menos até agora, o aborrecimento de tudo fora compensado pelo triunfo do fato de que ele tinha a antiga Condessa de Riverdale a seu lado. Que ninguém nunca dissesse que a vida não tinha suas pequenas coincidências. Na verdade, neste caso era uma coincidência gigantesca. Quais eram as chances…?

Ela ganhara peso nos últimos catorze anos. Ela ficaria, sem dúvida, horrorizada se soubesse que ele havia notado, mas, na verdade, os quilos extras estavam distribuídos de maneira uniforme pelos lugares certos e a tornavam ainda mais atraente do que antes. Mais feminina. Ou talvez fosse apenas porque ele a olhava agora através de olhos e sensibilidades que eram catorze anos mais velhos do que antes. Que homem de vinte e cinco anos olharia para uma mulher de quarenta anos com luxúria, afinal de contas? E era certamente a luxúria que sentia pela senhorita Alguém Kingsley. Estranhamente — apenas agora ele se sentia impressionado com este pensamento — ele não sabia seu primeiro nome.

Ela aparentava distanciamento e dignidade, o mesmo ar que o intrigara naquela época. Ele se perguntara se o que via contava a história toda, ou se ela era, de fato, um barril de pólvora de paixão que ninguém, pelo menos Riverdale, jamais acendera. Ele se perguntava a mesma coisa agora.

— Qual seria a média de idade deles? — ele perguntou, indicando a direção do coro. — Sessenta e cinco? Setenta? — Ninguém ouviu falar em meninos de coro?

— A idade deles é certamente irrelevante — disse ela com o tom frio e reprovador que ele esperava dela.

— A qualidade da voz importará, no entanto — disse ele. — Eu apostaria em muitos trinados e vibratos, com algum solista fora do registro, arruinando o efeito coletivo. Esse seria aquele que ficou surdo e não pode ouvir o diapasão[i] ou seus companheiros de coral.

— É muito desrespeitoso de sua parte — disse ela com uma carranca. — As pessoas não podem deixar de envelhecer.

— Mas eles podem ajudar permanecendo parte de um coro da igreja por muito tempo depois que eles deveriam ter se aposentado com alguma graça — disse ele.

— Talvez seja um membro mais jovem que se mostrará surdo — ela disse. — Se alguém for. Bom Deus, nós nem os ouvimos ainda. Talvez eles sejam sublimes.

— Talvez — ele concordou. — Eu aceitarei ser corrigido se você provar que está certa. Eu duvido seriamente disso, no entanto.

Seus lábios se contraíram e ela quase sorriu. Uma lembrança lhe ocorreu depois de tentar — e fracassar — fazê-la sorrir todos aqueles anos atrás. Ele não se lembrava de tê-la visto fazê-lo, de fato, e se perguntou se ela alguma vez o fizera.

— Ah — ele disse. — Agora é o momento.

Um homem de grande importância que não se apresentou, mas seguramente ocupava alguma posição de autoridade na igreja — embora não fosse o vigário — proferiu um longo e pomposo discurso repetitivo enquanto as pessoas pegavam seus filhos e tentavam agarrar seus cães e mantê-los mais ou menos parados e quietos. Ele fez questão de dar as boas-vindas aos visitantes em suas humildes festividades e declarou que ele e seus companheiros da igreja os honravam de fato por tê-los. Todos os olhos da aldeia, exceto talvez os que pertenciam aos bebês e aos cachorros, se voltavam para os dois únicos visitantes óbvios. Ao dignitário da igreja seguiu-se o vigário, que ofereceu uma oração misericordiosamente curta de agradecimento pela colheita, pelo bom tempo, pelo trabalho árduo e generosidade de seu rebanho. O coro cantava sobre soldados cristãos e arcanjos nas alturas e outros santos que nada tinham a ver com os telhados da colheita ou da igreja. Mas a previsão de Marcel mostrou-se inegavelmente correta. Havia muitos trinados e vibratos, e uma voz masculina dominante estava fora de registro por um crucial meio tom.

— Você não precisa dizer nada — disse a srta. Kingsley depois que a esposa do vigário, com sorrisos corteses e acenos de cabeça para todos, declarou a festa aberta. — Eu ouvi. E o canto foi adorável. Eles estavam fazendo o melhor que podiam.

— Se alguma vez eu fizesse algo para lhe agradar — disse ele — e depois me dissesse que eu fiz o melhor que podia, eu rastejaria para o buraco fundo mais próximo e ficaria amuado pelos próximos catorze anos, senhorita Kingsley.

O vento soprou alguma cor nas bochechas dela. Mesmo assim, ele tinha uma forte suspeita de que ela estava corando. Ela tinha pensado que ele estava

fazendo alguma observação atirada. Ele não estava, por acaso, mas estava perfeitamente disposto a receber crédito por isso. Os olhos dela estavam tão azuis quanto ele se recordava. Eles sempre foram um de seus melhores recursos — um verdadeiro azul, não um dos variados tons de cinza que muitas vezes passam por azul.

— Eu vejo uma barraca ali que está positivamente transbordando de joias — disse ele. — Permita-me acompanhá-la.— Ele ofereceu o braço.

Ela o olhou antes de aceitar a oferta, como se suspeitasse de algum tipo de armadilha. Ele já a havia tocado antes. Claro que sim. Ele dançara com ela em mais de uma ocasião. Mas o toque da mão dela em seu braço agora parecia estranho. Leve. Nem inclinado nem agarrado. Mas trouxe o ombro dela para perto de seu braço, e seu vestido roçava suas botas Hessian[3]. Isso trazia o leve perfume dela para suas narinas. Nem muito floral, nem muito picante. Na medida. Perfeito para ela.

Ele estava feliz por ter mandado André embora.

— Certamente — disse ela. — A congregação da igreja deve ser resgatada de tomar chuva. Além disso, sou parcial em relação a joias cintilantes. Vamos ver se há alguns diamantes entre eles. Diamantes grandes.

A ex-Lady Riverdale sendo descontraída? Estava realmente brincando? Isso foi intrigante. Ele ergueu as sobrancelhas, mas não fez nenhum comentário.

Havia diamantes, esmeraldas, rubis e safiras. Havia topázios e granadas. Havia prata e ouro. E havia pérolas. Todos grandes e brilhantes — até as pérolas — e perfeitamente moldados. Todas elas indescritivelmente vulgares e nem mesmo eram imitações convincentes. Ele a cobriu com algumas das mais ostentosas e pagou três vezes o que as duas senhoras nervosas que cuidavam da barraca lhe pediam. Ela brilhava e cintilava nas orelhas, no colo, nos pulsos e nos dedos — e admirava o efeito e se exibia sob a admiração das duas senhoras e da pequena multidão que se reunia a uma distância respeitosa para assistir. Houve um punhado de aplausos de admiração. Ela agradeceu e disse que ela teria considerado a pulseira de safira também se ela tivesse mais um pulso.

— Por que não o tornozelo? — Ele sugeriu, olhando para a bainha de seu vestido.

[3] Hessian: estilo de botas masculinas

— Ah, não — disse ela. — Eu não desejaria aparentar exagero.

Ela deixara de lado pelo menos um pouco de sua dignidade lendária, em favor de algo que se aproximava da diversão, e ele se sentiu escravizado. Ela não tirou imediatamente as joias assim que eles se afastaram da barraca e as escondeu nas profundezas mais escuras de sua bolsa. Ao invés disso, ela continuou dedilhando e admirando-as.

Eles tiveram seus retratos esboçados em carvão por um artista barbudo e de cabelos grisalhos que fez Marcel parecer um demônio cadavérico sem o tridente e a senhorita Kingsley como um fantasma de cara de lua com um colar de pérolas. Eles compraram dois bolos gelados que tinham recebido o terceiro prêmio no concurso culinário. Eles eram duros como granito.

— Mas são muito bonitas com sua cobertura espiralada, você tem que admitir — disse ela quando ele fez uma careta.

— Eu poderia, — disse ele, — se eu não sentisse como se todos os meus dentes trincassem em dois.

— Mas não por causa da cobertura — disse ela.

— Mas não pela cobertura.

— Bem, então…

Eles assistiram à competição de serrar madeira, na qual um grupo de jovens musculosos e suados, com mangas de camisa bem acima do cotovelo, mostrava seus músculos e suas proezas para um bando de moças rindo — e para os dois, os visitantes, os de fora. Eles examinaram — pelo menos ela — a barraca de costura após o concurso ter sido concluído, e ela comprou para ele um lenço grosso de algodão, com um grande L bordado no meio de arabescos e flores sem folhas e sem ramos. O lenço não havia sido classificado entre os vencedores — um fato que a incentivou a comprá-lo, suspeitava ele, sendo o outro fato que o L podia representar Lamarr. Ela parecia não saber sobre o título de seu marquesado.

Ele comprou para ela uma bolsa de cordão de crochê em um tom pavoroso de rosa — também não fora um vencedor — para guardar todas as joias que agora enfeitavam a sua pessoa.

— Eu vou valorizar tudo — ela assegurou-lhe, e ele se perguntou se ela realmente faria. Ele imaginou por quanto tempo guardaria o lenço. Ele suspeitava

que iria guardá-lo, embora ele nunca fosse usá-lo e exibi-lo aos olhos chocados da sociedade.

Eles assistiram e ouviram o concurso de violino. Ele se absteve de bater o pé ou bater palmas ao ritmo da música, como a maioria dos espectadores fazia, mas ela não se absteve, ele notou. Ela parecia estar genuinamente se divertindo. Como, estranhamente, ele estava.

Eles assistiram a um concurso de canto para meninas e um menino soprano, o qual de alguma forma escapara do destino terrível de ser um membro do coro da igreja, antes de assistirem ao concurso de tiro com arco e, em seguida, para ter suas sortes adivinhadas. Ele esperava uma vida longa, prosperidade e felicidade. Nenhuma surpresa lá. Os adivinhos previam algo diferente? Ele não sabia o que ela esperava. Ela não contou a ele.

Beberam limonada fraca e tépida de uma mesa administrada por uma turma da escola dominical. Deve fazer anos que ele bebera qualquer tipo de limonada. Seriam outros anos mais até que ele viesse a fazê-lo novamente.

Ela ficava mais descontraída à medida que a tarde avançava. Mas não flertara com ele. E isso certamente fazia parte da atração quando eram mais jovens. Embora ele também tenha se perguntado sobre a possibilidade de paixões ocultas; talvez ele tivesse visto nela uma influência potencialmente estável sobre sua vida que se tornava cada vez mais fora de controle — mesmo quando ele flertara escandalosamente com ela. E mesmo que ele soubesse que ela era casada e, portanto, fora dos limites de qualquer coisa mais que namorico. Não lhe ocorrera na época que talvez ele pudesse tê-la feito uma amiga.

Mas ele não fazia amizade com mulheres. Ou até mesmo com homens na verdade. A amizade envolvia certo grau de intimidade, uma abertura de si para o outro e ele preferia não se dividir com ninguém.

Ela não era casada agora. Ironicamente, ela nunca fora.

E ele a queria. Ainda. E ele se perguntou o porquê.

Eles assistiram a um concurso de dança ao redor de mastro com fitas que havia sido erguido no centro do gramado.

Duas equipes vieram de outras aldeias para desafiar os dançarinos do vilarejo, e multidões se reuniram para aplaudir suas equipes favoritas e aplaudir apreciativamente cada movimento intrincado em que as fitas coloridas se

entrelaçavam sobre o alto poste em um emaranhamento aparentemente inevitável enquanto os dançarinos que seguravam as fitas aproximavam-se cada vez mais do poste e também entre si

— e então, suavemente, começaram a se libertar, movimentando as fitas enquanto circundavam o poste ao som animado dos violinos, até que cada dançarino tivesse uma fita livre na mão e o poste estivesse vazio.

— O mastro é como um símbolo da vida, não é? — Disse a ex-condessa no final de uma dessas danças, e ele virou um olhar indagador para ela. Ela estava corada e com os olhos brilhantes — não apenas pelo vento, ele imaginou — quase como se tivesse dançando também.

— É mesmo? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Girando e girando. — Ela disse. — Aparentemente, não chegando a lugar nenhum, mas ficando cada vez mais emaranhado em problemas e preocupações, nem todos eles da própria criação.

— Essa é uma avaliação sombria da vida com a qual se entreter em uma tarde festiva, Lady Riverdale — disse ele.

— Mas as danças dos mastros não terminam em caos — disse ela. — E eu não sou a condessa. A condessa de Riverdale é casada com o atual conde e é minha amiga.

— Eu não vou me distrair com trivialidades — disse ele. — Complete sua analogia.

— Tudo dá certo — disse ela. — Se alguém fielmente segue o padrão da dança, tudo funciona. — Ela estava franzindo a testa.

— Mas o que aconteceria, — ele perguntou. — se apenas um dos dançarinos se atrapalhar enquanto todos os outros continuam a trançar as fitas? Todo o padrão seria arruinado, todas as fitas estariam irremediavelmente embaraçadas, e todos os dançarinos seriam condenados a tecer e vagar em eterna confusão. Receio que sua analogia seja ingenuamente romântica, Srta. Kingsley. É simplista. Sugere que existe algo como feliz para sempre, se alguém vive uma vida virtuosa e respeitosa.

— Muito bem — disse ela. — Foi uma ideia tola e impulsiva e irritou você. Sinto muito.

Será que ela o aborrecera com sua sugestão tão simplista de que a virtude inabalável sempre era recompensada? Por Deus, ela o tinha feito. Mas como alguém em seu juízo perfeito poderia acreditar, mesmo que por um momento impulsivo, a vida seria boa se alguém seguir as regras? Especialmente quando tal crença dependia da teoria de que todo mundo em sua órbita seria confiável a ponto de agir da mesma forma. Como ela poderia confiar em todas as pessoas?

— Irritado? — disse ele. — Eu diria encantado, senhorita Kingsley. Estou encantado com seu ingênuo otimismo. — Ele se apoderou da mão dela e levou-a aos lábios. Ela não estava usando luvas, como ela não tinha usado a tarde toda. Ela estava, no entanto, usando um anel de diamante ridiculamente grande, que brilhava à luz do sol. — E deslumbrado — acrescentou.

Ela… sorriu. E ele realmente estava. Deslumbrado, sim, ele estava. Os anos desapareceram do rosto dela mesmo que linhas aparecessem nos cantos externos de seus olhos.

— É bastante esplêndido, não é? — Disse ela, estendendo a mão e esticando os dedos. — A pobre esmeralda na minha outra mão é insignificante. — Ela levantou a mão também e apertou-a para fazer o bracelete de rubi tilintar em seu pulso. —Otimismo? Acredito nisso?

Era uma pergunta retórica, parecia. Ela se virou abruptamente antes que ele pudesse responder, a fim de ouvir o longo julgamento da dança do mastro. Ela manteve o rosto virado para longe dele. Ele a ofendera, talvez, chamando-a de ingênua.

O que ele faria amanhã? Contratar um cavalo? Comprar um cavalo? André tivera a presença de espírito de deixar a maior de suas malas para a pousada, mas isso por si só era um problema. Contratar um cabriolé, então? Uma carruagem? Haveria tais meios de transporte disponíveis em tal lugar? Ele duvidava disso. Será que ele teria que caminhar até sua casa, ou, pelo menos, até a cidade grande mais próxima? Mas ele pensaria sobre isso amanhã.

— Vamos tomar o caminho para o salão da igreja e a festa? — Ele sugeriu. Era para lá que todos pareciam estar indo.

— Suponho que há pouca escolha se quisermos comer — disse ela.

— Eu certamente não escolho passar fome. — Ele ofereceu seu braço. — E você?

Ela deu a ele aquele olhar de novo, aquele que sugeria que ele acabara de dizer algo atirado, embora não o tivesse feito intencionalmente.

— Não. — Ela disse, aceitando o braço dele.

QUATRO

Pareceu a Viola que ela saíra do tempo. Houvera o atraso aparentemente desastroso em uma jornada que deveria ter sido concluída ao anoitecer; a quase incrível coincidência de encontrar o Sr. Lamarr retido — embora deliberadamente — na mesma pequena pousada rural que ela; o fato de que uma feira de aldeia fora organizada para esse dia exato; a sugestão dele de desfrutarem tudo o que a festa tinha a oferecer juntos; e o excelente clima para aquela época do ano. Fora tudo tão estranho que era difícil acreditar na realidade disso. Então ela não fez. Tinha sido um tempo fora do tempo, como se ela tivesse tido a chance de sair do mundo por um momento e depois tivesse retornado.

Amanhã tudo voltaria ao normal e ela também. Ela iria retomar a jornada e a vida que ela havia abandonado por hoje. Ela enfrentaria os demônios que haviam quebrado sua superfície calma em Bath e a mandara correndo de volta para casa, sozinha. Ela enfrentaria tudo isso quando o amanhã chegasse.

Enquanto isso… Oh, ela gostara daquela tarde de um modo que não conseguia se lembrar de gostar tanto de outra. Ela havia deixado seu antigo eu na estalagem e se tornado alguém novo, alguém que ela nunca se permitira ser. Ela tinha sido enfeitada com joias berrantes de mal gosto, uma simples visão que normalmente a faria se encolher. Pior, ela permitira que o Sr. Lamarr pagasse por isso. Ela também lhe comprara um presente — um lenço abominável horrivelmente bordado. Ela batera palmas e os pés ao ritmo da música e nas intricadas manobras da dança do mastro em vez de observar com dignidade graciosa e calma. Ela tinha admirado vergonhosamente alguns jovens musculosos e suados enquanto eles cortavam madeira e se exibiam para as jovens mulheres. Ela tivera sua sorte adivinhada e aparentemente esperava uma vida longa e feliz com um marido bonito — ela não havia corrigido o equívoco. Ela se sentara para o seu retrato, apesar de ter visto alguns dos esforços anteriores do artista e sabia que

ele não tinha nenhum talento. Ela conhecia a excelência artística. Joel, seu genro, estava ganhando fama rapidamente como um dos retratistas mais talentosos do país. Ela permanecera sentada mesmo quando uma multidão se reuniu para assistir e comentar.

Eles certamente não tinham passado despercebidos ou não foram notados, ela e o Sr. Lamarr. Longe disso. Ela havia se sentido muito exposta durante a tarde inteira e escolhera aproveitar a atenção e até mesmo brincar com ela. Ela mostrara suas falsas joias baratas diante de qualquer um que olhasse para ela com admiração e apontara para algumas pessoas onde elas poderiam comprar algumas para si mesmas.

A esposa do vigário encontrou-os na porta do salão da igreja com uma formalidade sorridente e insistiu em acomodá-los numa mesa particular, enquanto a maioria das pessoas se espremia nos bancos que flanqueavam as longas mesas que se estendiam de um lado ao outro do corredor. E, ao contrário de todos os outros, que tinham que se alinhar para comer, foram servidos com todos os pratos conhecidos pelo homem — de acordo com o Sr. Lamarr.

— Ou mulher — acrescentou Viola.

— Não é de surpreender, é claro — disse ele. — Quando a colheita acaba de ser apanhada em campos e hortas. Mas, minha cara, eu não me lembro de ter sido presenteado com uma pirâmide tão vasta de inúmeros alimentos, todos empilhados em um prato.

A apresentação realmente faltava em elegância. Não faltava nada em quantidade ou sabor, no entanto. Viola, normalmente uma comedora delicada, limpava o prato, como ele. E então os dois comeram uma fatia generosa de torta de maçã recheada com creme espesso e doce.

E foi isso, ela pensou com um pouco de arrependimento quando pousou a colher no prato vazio. Não apenas o banquete, mas todo esse precioso dia de fuga de si mesma e de seu mundo. Ela se lembraria disso por um longo tempo, até pelo resto de sua vida, ela suspeitava. Talvez a lembrança disso pudesse de alguma forma animá-la, ajudá-la a finalmente recuperar sua vida.

Ou talvez fizesse exatamente o oposto.

— Senhorita Kingsley. — Ele estava pousando sua xícara de café, e ela estava consciente da elegância bem cuidada de seus dedos e do anel de ouro —

ouro de verdade — em sua mão direita. — Você vai me condenar a uma noite passada sozinho no meu quarto, esticado na minha cama, com as mãos cruzadas atrás da cabeça enquanto conto as rachaduras do teto, temendo que ele esteja prestes a cair na minha cabeça? Ou você vai dançar comigo?

A imagem dele deitado estendido na cama, as mãos cruzadas atrás da cabeça, era o suficiente para deixá-la quente por dentro. Mas a ideia de dançar com ele não passou. Ela concordara em passar a tarde em sua companhia e acrescentara a refeição porque não haveria alternativa na estalagem. Tinha sido suficiente. Mais que suficiente. Ela não deve ser tentada…

Mas por que não? Quem iria ser prejudicado?

— Se isso servir como um ato de misericórdia. — ela disse. — Então eu vou dançar com você.

— Ah. — Ele largou a xícara e se recostou na cadeira.

— Embora minha principal razão para concordar — ela acrescentou — é que a noite seria longa e tediosa para mim também se eu fosse forçada a gastá-la sozinha no meu quarto.

— Que lisonjeiro, Lady Riverdale — disse ele. — Mas você não é Lady Riverdale. Eu não posso pensar em você como a Srta. Kingsley também. O nome faz você parecer a governanta de alguém. Você vai me confiar seu nome?

Era uma imposição. Eles eram quase estranhos. Apenas os membros de sua família a chamavam pelo primeiro nome.

— É Viola — disse ela.

— Ah — ele disse. — O mais adorável dos instrumentos de cordas. De um tom mais baixo que o violino, mas não tão baixo quanto o violoncelo. Isso combina com você mesmo que a pronúncia seja diferente. Eu sou o Marcel. Marc para minha família e íntimos.

Estranhamente, não se pensava nele como um homem com família. Mas ele tinha um irmão. E se não houvesse crianças com sua falecida esposa?

O dignitário da igreja que havia aberto as atividades da tarde com um longo discurso no início da tarde estava de pé novamente e levantando os dois braços para chamar a atenção de todos. Depois que o recinto silenciou, ele fez outro discurso vago antes de anunciar, em meio à comemoração, que a dança começaria na área verde da aldeia em meia hora.

— Eu preciso voltar para a pousada primeiro — disse Viola. — Eu gostaria de trocar meu vestido e pentear meu cabelo. — Entre outras coisas.

— Eu vou me dar a honra de escoltá-la. — disse ele, levantando-se e dando a volta na mesa para puxar a cadeira para trás. — Eu preciso pentear meu cabelo também.

Eles voltaram para a pousada, o braço dela enlaçado ao dele e subiram juntos. Ela parou do lado de fora da porta e ele fez uma reverência e sugeriu que se encontrassem no andar de baixo em meia hora. A estalagem parecia estar deserta, além dos dois. Antes de fechar a porta, Viola percebeu que ele entrava no quarto em frente e a uma porta atrás da sua.

Provavelmente era tolo da parte dela prolongar esse presente inesperado de um dia despreocupado e feliz, pensou ela, recostando-se contra a porta depois de fechá-la. Mas por quê? Por que não suspender a realidade por mais algumas horas e dançar com ele na área verde da aldeia? Não era como se ela fosse se apaixonar por ele e ter seu coração partido de novo, afinal de contas. Por que não roubar um pouco mais de alegria dessa aventura fora de tempo com a qual o destino a presenteara? Ela não era mais jovem, mas também não era velha. Ela tinha apenas quarenta e dois anos.

O pensamento a fez sorrir com tristeza.

Ela mudou para um vestido que era adequado para a noite, mas não era nem muito simples nem excessivamente elaborado. Ela penteou o cabelo tão bem quanto podia sem os serviços de sua empregada. Era um pouco mais elaborado do que o simples coque em que ela o usara o dia todo. Ela hesitou sobre sua caixa de joias, mas finalmente se decidiu pelos seus enfeites recém-adquiridos. Sua família e conhecidos ficariam escandalizados. Mas ela realmente gostou. Isso a fez se sentir despreocupada, como se apenas o uso dela pudesse fazê-la sorrir por dentro. Ela deslizou os pés em sapatilhas de dança ao invés dos sapatos mais formais que usara durante todo o dia, acrescentou um xale de lã mais pesado para se aquecer e inclinou-se para olhar para si mesma no vidro embaçado do lavatório. Se as pérolas de seu colar e os brincos combinados fossem reais, ela certamente seria uma das mulheres mais ricas do mundo. Talvez a mais rica. Ela se surpreendeu rindo em voz alta.

Ela sentiu falta de ar quando saiu do quarto. E inexplicavelmente nervosa, como se houvesse algo clandestino em ir com ele para se juntar a um grande grupo de aldeões em uma área muito pública. Frequentara muitas vezes os eventos na companhia de cavalheiros que não eram seu marido. Até onde ela sabia, ela nunca tinha levantado uma sobrancelha da sociedade ao fazê-lo. Fora perfeitamente aceitável.

Mas nunca com o Sr. Lamarr.

Ele estava esperando por ela no corredor. Ele também havia se trocado. Como ela, ele evitara vestir o tipo de enfeite que ele certamente teria usado para um baile da sociedade, mas ele estava imaculadamente vestido mesmo assim, em preto e branco, com uma gravata perfeitamente atada apesar do fato de não dispor de um valete. Um diamante solitário brilhava na gravata. Um diamante verdadeiro.

— Meu diamante é maior que o seu — disse ela, agitando os dedos para ele, fazendo uma brincadeira porque estava se sentindo estranha e autoconsciente, embora tivesse passado a tarde toda na companhia dele.

— E brilha mais também — disse ele, com os olhos cintilando para ela. Eram olhos escuros, como chocolate líquido. — Mas o doador tem um gosto imaculado.

— E é o epítome da modéstia também — disse ela enquanto seus olhos se moviam sobre ela da cabeça aos pés, nem mesmo fingindo ser discretos.

— As pérolas são um toque agradável também — disse ele. —Viola.

O som do nome dela em seus lábios causou arrepios na espinha. Novamente. Ela estava se comportando como uma garota acanhada. Isto a fazia se sentir muito bem.

— Eles não vão destoar do diamante ou dos rubis? — Ela perguntou, exibindo um pulso. — Ou das granadas? — Ela levantou o outro.

— Destoar?— Ele disse, espantado. — Certamente não. Não se pode usar muitas joias. Mas por que tê-las, se não for para exibi-las? Mas para ser perfeitamente franco, Viola, mal notei as belas joias até que você chamou minha atenção para elas. A beleza da mulher que os usa brilha mais forte.

— Oh, muito bem — disse ela, passando por ele na direção da porta. Tolamente, embora o elogio tivesse sido excessivo demais para ser levado remotamente a sério, ela ficara absurdamente satisfeita.

Ela tinha apenas quarenta e dois anos, afinal de contas.

Ele alcançou-a e ofereceu seu braço. Os violinos e gaitas já tocavam com grande entusiasmo ao lado na área verde da aldeia, do qual o poste havia sido retirado, e um reel[4] vigoroso estava em andamento, botas batendo no chão duro, saias agitando, vozes gritando, mãos batendo palmas e vozes encorajando a animação. As crianças corriam ruidosamente, provavelmente exaustas após a excitação desacostumada do dia. Lâmpadas ao longo da rua, do lado do gramado, forneciam alguma luz no crepúsculo.

Eles estavam chamando a atenção novamente, Viola estava ciente. E alguns sorrisos tímidos. E alguns comentários.

— Você vai dançar com a sua dama, sir? — alguém gritou audaciosamente, e o Sr. Lamarr agarrou a alça do monóculo e ergueu-o até a metade do olho. Ele não respondeu.

— Se você não for, eu vou — alguém acrescentou para uma explosão geral de alegria daqueles que ouviram.

— Acredito que posso administrar sem assistência — disse Lamarr em uma voz lânguida. — Mas agradeço a oferta.

— Isso coloca você em seu lugar, companheiro — alguém gritou causando outra gargalhada.

Eles se juntaram às linhas para uma dança campestre, menos vigorosa, mais intrincada que a do reel. Ele era um dançarino elegante e talentoso, como Viola bem lembrava. Ele também tinha um dom para concentrar sua atenção em seu parceiro, mesmo quando ele estava executando algumas figuras da coreografia com outra.

Como era maravilhoso, ela pensou enquanto dançava, o ar frio da noite em seu rosto e braços abaixo do xale, para ser o foco de atenção de alguém, sentir por apenas um curto tempo que ela era a única pessoa no mundo que realmente importava. Não que ela desejasse atenção o tempo todo. Longe disso. Ela nunca

[4]Reel: uma dança popular de origem escocesa

diapasão: é um instrumento metálico em forma de forquilha, que serve para afinar instrumentos e vozes através da vibração de um som musical de determinada altura.

desejou. Mas oh, às vezes era maravilhoso. Estavam cercados por lindas e sorridentes moças, várias das quais lançavam olhares meio assustados e meio apreciativos para o formidável estranho no meio delas, mas ele parecia não ver ninguém além dela.

Era apenas um artifício, claro. Fazia parte do seu apelo e parte do perigo. Mas isso não importava. Ela não fora enganada por ele em nenhum momento. Quando a dança terminasse, ou talvez até mesmo antes de terminar, eles voltariam para seus quartos na estalagem e, amanhã, estariam separados e provavelmente nunca mais se veriam novamente. Ela não se misturava à sociedade havia tempos.

Então esta noite era para ser apreciada pelo que era. Uma breve fuga oferecida pelo destino.

Todas as coreografias eram danças campestres ou reels. Era o que os aldeões e fazendeiros da zona rural vizinha conheciam e queriam. Viola e o Sr. Lamarr — Marcel — dançaram dois deles e observaram mais alguns. Mas quando uma melodia começou, ele levantou um dedo como se para impedi-la de dizer qualquer coisa, ouviu atentamente por um momento, e então se virou para ela.

— Pode-se dançar uma valsa para isso. — disse ele.

Ela também ouviu e concordou. Mas ninguém mais estava valsando. Os dançarinos estavam na fila, realizando passos com os quais Viola não estava familiarizada.

— Nós vamos valsar. — Era um comando imperioso.

— Oh, dificilmente — ela protestou.

Mas ele estava estendendo a mão para ela.

— Eu acredito que valsa é algo que você e eu nunca fizemos juntos, Viola.— disse ele. — Nós vamos corrigir esse erro. Venha.

— Marcel. — Ela franziu a testa.

— Ah — ele disse. — Eu gosto disso, sua voz dizendo meu nome. Venha.

Ele pegou sua mão, e ela não resistiu quando ele a conduziu pela área verde, mais perto da igreja, onde não havia pessoas, talvez porque a noite tinha caído e a luz das lâmpadas não chegava até ali. Ali havia sombra, embora não fosse uma total escuridão. Era uma noite clara, iluminada pelo luar e a luz das estrelas.

— Você vai valsar aqui comigo — disse ele. Não era uma pergunta. Ele não estava lhe oferecendo escolha. Nem a estava coagindo, era óbvio.

— Mas as pessoas vão ver — ela protestou.

— E? — Ela estava ciente das sobrancelhas dele levantadas. — Eles irão nos ver dançando juntos. Realidades escandalosas, de fato.

— Oh, muito bem — disse ela, levantando a mão esquerda para colocar em seu ombro enquanto o braço direito dele pousava em sua cintura. Como ela poderia resistir? Ela sempre achara que a valsa era a dança mais romântica já inventada, embora não houvesse tal coisa quando ela era jovem. Ainda havia pessoas que achavam que havia algo de escandaloso nisso, um homem e uma mulher dançando uma coreografia exclusivamente entre si, face a face, as mãos se tocando.

Ele pegou a mão livre dela, escutou por um momento e, em seguida, conduziu-a para a uma valsa, rodopiando sobre o chão irregular da área verde da aldeia, os sons de vozes e risos parecendo distantes, embora estivessem apenas além das sombras. Ela estava muito consciente das mãos dele, a que descansava firmemente contra o arco das costas dela na cintura, a outra apertando a dela.

Ela estava ciente que havia apenas uma polegada de espaço entre o casaco de noite dele e seu peito, que suas pernas ocasionalmente se tocavam, que ele estava olhando para ela, que ela devolvia o olhar. Ela não podia enxergá-lo claramente na escuridão, mas sabia que seus olhos estavam sobre os dela. Ela podia sentir o calor do corpo dele, sentir sua colônia, sentir seu magnetismo. Ela podia ouvir sua respiração.

Ela não sabia quanto tempo durou. Provavelmente não mais do que dez minutos. A dança já estava em andamento, afinal, quando começaram. Poderia ter durado para sempre. Viola se esqueceu de tudo, menos da valsa e do homem com quem ela dançara em silêncio.

— Viola. — Ele disse suavemente junto ao seu ouvido quando a música parou. Ele não a soltou imediatamente, e ela não fez nenhum movimento para se libertar de seus braços. — Vamos ver o que está por trás da igreja, vamos?

Um cemitério, ela supôs. Mas na verdade havia uma espécie de prado além disso, descendo até um rio que ela só notara pela manhã pela janela da carruagem. Um salgueiro se inclinava na margem e quase tocava a água. Uma ponte curva de

pedra atravessava o rio a uma curta distância à esquerda. Tudo devia ser muito pitoresco à luz do dia. Mas assim era o resto da aldeia.

Pararam entre o muro baixo do cemitério e o rio, que cintilava ao luar, e escutaram o leve ruído da água. A música recomeçou, mas o som e as vozes e risadas pareciam distantes agora, parte de algum outro mundo que não lhes dizia respeito. O braço dele, no qual a mão dela estava pousada, deslizou em torno de sua cintura para atraí-la, e ela se perguntou vagamente não se deveria permitir isso, mas se iria. Ela não fez nenhum movimento para afastar o braço dele ou dar um passo para o lado. Ao invés disso, ela se inclinou contra ele.

Ela permitiria isso então. Mas não estava em perigo. Ela sabia o que ele estava fazendo. Ela entendeu. Isso não importava.

Ele afastou a cabeça dela de seu ombro, ergueu-lhe o queixo com os dedos longos dele, e inclinou-se para beijá-la.

Ah, foi um choque. Ela não beijava havia muito tempo. O garoto que ela amara quando tinha dezesseis anos a beijara uma vez — um contato desajeitado, culpado e rápido de lábios que a deixara em êxtase durante semanas. E Humphrey a beijara algumas vezes nos primeiros anos de casamento quando ele ia para a cama dela. Mas os beijos sempre foram um prelúdio para a cama e nunca tinham sido oferecidos com nada que se assemelhasse à convicção, afeição ou mesmo luxúria. Ele nunca a havia desejado. Ele havia se casado com ela — de forma bígama — pelo seu dinheiro, porque ele não tinha nenhum com o qual pagar suas muitas dívidas, mas o pai dela tinha reservas que estava disposto a dar em troca de títulos e prestígio que viriam com o casamento de sua filha com o herdeiro de um conde.

Ela nunca tinha sido beijada com habilidade. Até agora. O primeiro choque foi a leveza, a natureza não ameaçadora dele. Ele não a agarrou nem apertou os lábios contra os dela. Ele nem sequer a virou e a puxou contra ele. Seus lábios eram suaves, quentes, levemente separados, e ele brincou com ela até que eles se separaram também. Sua respiração estava quente contra sua bochecha. A mão dele se moveu de seu queixo para a parte de trás de sua cabeça. Ele não se apressou. Não havia urgência, nem pressa, nem agenda, nem destino. Nenhuma ameaça. Foi ela quem finalmente se virou em seus braços para se aproximar dele — joelhos, abdômen, peito. Suas mãos vieram para os ombros dele.

O segundo choque foi que não terminou, nem depois de um momento, nem mesmo depois de vários momentos, embora ele afastasse a boca para beijar seu rosto e sua garganta, para murmurar palavras suaves que sua mente nem tentava decifrar. Então ele estava beijando sua boca novamente, mas novamente sem urgência, provocando seus lábios, tocando-a por dentro com a língua, alcançando sua língua lentamente em sua boca, acariciando o sensível céu de sua boca.

Foi quando o desejo a apunhalou como uma ferida aberta, e ela sabia que estava em perigo. Ela era, enfim compreendia, quase uma completa inocente. Ela fora casada — ou se considerara casada — por mais de vinte anos. Ela tinha três filhos. Ela era uma avó. Mas não sabia praticamente nada. Ela nem sequer tivera... relações por quase vinte anos. Logo depois de Abigail ter se revelado mais uma menina e não o substituto para Harry que Humphrey esperava, ele desistira de seu casamento em tudo, menos no nome — e até isso era falso.

Ela não sabia nada sobre o desejo.

Se ela tivesse pensado sobre isso, ela esperava que fosse uma coisa feroz. Da parte do homem. Com submissão voluntária da parte da mulher.

Mas isso não era feroz. Isso era…

Perícia.

Isso era sedução.

Ela recuou, mas apenas com a parte superior do corpo. Suas mãos ainda estavam em seus ombros. Ela podia vê-lo apenas fracamente ao luar. Seus olhos eram escuros e pesados.

— Não devemos fazer isso — disse ela.

— Não devemos? — Sua voz era baixa. — Por que não?

Ela respirou e… não conseguia pensar em um único motivo.

— Nós não devemos. — Ela estava quase sussurrando.

— Então não vamos — disse o mestre sedutor, e ele soltou-a, pegou a mão dela na sua, entrelaçou os dedos e caminhou para perto da água e ao longo da margem em direção à ponte. Ele a levou até o meio dela, e eles ficaram parados no parapeito baixo e olharam para a água escura que corria abaixo. Os sons alegres pareciam mais altos dali. A luz das lâmpadas da rua do outro lado do gramado ficou visível de novo.

Ela estava desnorteada e… desapontada. Isso era tudo? Ele respondera tão prontamente a voz de protesto? Mas por que ela ficara surpresa? Quando ela lhe dissera 14 anos atrás para ir embora, ele fora sem argumentos e sem retornar. Ela se lembrava agora de que ficara perplexa e decepcionada também.

Talvez por isso ele tinha tido tanto sucesso. Ele podia ser um sedutor, mas não era um coator. Nenhuma mulher jamais seria capaz de acusá-lo de enganá-la, de persuadi-la contra sua vontade, de se recusar a aceitar um não como resposta. Pelo menos, Viola assumiu que ele abordava todas as suas conquistas da mesma maneira.

Mas as mãos deles estavam unidas, com os dedos entrelaçados. Talvez porque desta vez ela não dissera a ele para ir embora. Ela deveria? Sem dúvida. Mas ela iria? Onde estava o mal em passear sozinha com ele desse modo? Segurando a mão dele? Ao beijá-lo? Ao permitir que ele a beijasse? Quem ela estava prejudicando? Os filhos dela? Dificilmente.

Ela própria?

Ela estava deprimida havia tanto tempo que mal conhecia outro estado. Então ela ficaria deprimida novamente amanhã, recordando hoje. E daí? Pelo menos ela teria algumas lembranças de prazer, de desejo. Até felicidade. Houvera tão pouca felicidade…

— Quando me disse para ir embora, — ele disse, quase como se estivesse lendo seus pensamentos — você esperava que eu obedecesse?

— Por que você ficaria onde você não era desejado? — Ela perguntou. — Você tinha muitas outras opções.

— Cruel — ele disse suavemente.

— Oh, bobagem — disse ela.

— Você queria que eu obedecesse? — Ele perguntou.

— Por que mais eu teria pedido para você me deixar em paz? — Ela disse.

— Você já percebeu, — perguntou ele — como algumas pessoas quase invariavelmente respondem a uma pergunta com outra? Você queria que eu obedecesse, Viola?

Ela hesitou.

— Sim — ela disse. — Eu era uma dama casada, Marcel. Ou pensava que era.

— Essa foi a única razão? — Ele perguntou.

Ela hesitou novamente.

— Eu tinha filhos pequenos — ela disse. — E uma reputação para proteger.

— E valeria a pena proteger, — ele perguntou — à custa da inclinação pessoal?

— Nem sempre podemos fazer o que queremos — disse ela.

— Por que não? — Ele perguntou.

— E você percebeu, — ela perguntou — que algumas pessoas fazem perguntas intermináveis e nunca estão satisfeitas com as respostas que recebem?

— Touché — disse ele.

Duas pessoas — um homem e uma mulher — estavam se aproximando da aldeia. Um casal de crianças corria e dançava com eles. Eles vieram através da ponte.

— Boa noite, senhora, senhor — disse o homem respeitosamente, fazendo uma reverência. — Eu e minha patroa aqui esperamos que vocês tenham aproveitado o dia. Estamos honrados em tê-los conosco.

A mulher fez uma reverência desajeitada e as crianças se aproximaram de suas saias e ficaram em silêncio.

— Bem, obrigada — disse Viola. — Nós realmente nos divertimos. E o prazer foi nosso por termos participado de suas festividades.

O homem limpou a garganta.

— E o vigário nos contou sobre sua generosa doação para os reparos do telhado, senhor — disse ele. — Posso me atrever a expressar meus agradecimentos pessoais?

O Sr. Lamarr assentiu bruscamente, Viola percebeu quando virou a cabeça para olhá-lo. Quando ele fizera isso? Ele deu uma boa noite ao casal e seguiram o caminho.

— Algumas pessoas, — ele murmurou — seriam incapazes de segurar suas línguas ainda que suas vidas dependessem disso.

Presumivelmente, ele estava falando sobre o vigário.

— Foi muito gentil de sua parte ser generoso — disse ela.

— Viola. — Ele soltou a mão dela e ofereceu seu braço, voltando-se na direção da aldeia enquanto o fazia. — Uma coisa que ninguém nunca será capaz

de me acusar com qualquer convicção é bondade. O frescor noturno está se transformando rapidamente no frio noturno. Você quer dançar algo vigoroso e caloroso na festa? Ou prefere voltar para a estalagem?

— A estalagem, por favor. — Mas ela disse com pesar. Seu dia de fuga finalmente acabara, então? E o que o amanhã traria? A carruagem estaria pronta para levá-la para casa? Ela temia a possibilidade de ficar presa ali por mais um dia. Mas ela temia ir para casa também. Ela pensaria sobre tudo isso amanhã.

Eles voltaram para a estalagem em silêncio, embora tivessem que passar por várias pessoas enquanto contornavam a área verde da aldeia, e trocarem boa-noite com algumas delas — pelo menos Viola o fazia. Em algum momento desde que tinham saído para ir ao baile, o estalajadeiro voltara e a taberna fora aberta. Estava meio cheio de homens bebendo cerveja e se escondendo de possíveis parceiras de dança, suspeitou Viola. Todos pareciam estar em espíritos tão joviais como naquela manhã, no entanto.

Ele a acompanhou até o quarto dela, pegou a chave da mão dela, abriu a porta e ficou na porta com ela.

— Obrigada. — Ela começou, mas ele colocou um dedo indicador em seus lábios.

— Sem absurdos, Viola — disse ele. — Uma vida irrepreensível de virtude e dignidade e autonegação tem valido a pena para você? Trouxe-lhe felicidade?

— A felicidade não é tudo — disse ela.

— Ah. Eu tenho a minha resposta. — Ele disse.

— E para você? Valeu a pena uma vida de devassidão e autoindulgência? — Ela perguntou. — Isso lhe trouxe felicidade?

Seu rosto ficou lívido e frio, e por um momento ela pensou que ele simplesmente se viraria e iria embora.

Ele não fez isso, no entanto.

— Felicidade… — Ele disse suavemente — não é tudo.

— Touché. — Ela sussurrou, baixinho. Em seguida, falou mais alto. — Boa noite, Sr. Lamarr.

— Vamos tornar a noite ainda melhor? — ele perguntou, sua voz suave como veludo.

E ela sentiu novamente aquela pontada aguda de desejo. Em algum lugar também havia uma sensação de choque e indignação, mas estava muito longe em sua consciência, mais uma demonstração simbólica de como ela deveria reagir do que um reflexo de seus verdadeiros sentimentos. Naturalmente, ela deveria dizer não. Ou melhor, *tinha* que dizer não. Mas oh, a tentação. Ao menos uma vez em sua vida fazer o que ela *queria* fazer, não importava o quão escandaloso fosse, ao invés do que ela *tinha* que fazer. Ou duas vezes em sua vida, talvez ela quisesse dizer. Ela tinha feito o que quis fazer naquela tarde e esta noite. Mas isso tinha sido diferente. Isso não significaria nada para ele, enquanto para ela poderia significar tudo no mundo. Ela não se atreveria a correr nenhum risco. Mas importava que isso não significasse nada para ele? Ela não esperava que sim, afinal de contas. E importaria se isso significasse muito mais para ela? Pelo menos ela teria a memória. Pelo menos ela saberia. O silêncio entre eles se estendeu.

— Você tem dificuldade em responder a perguntas — disse ele. — O caminho da sua vida tem sido tão previsível, Viola, que você nunca teve que tomar decisões sérias?

— A revelação de que meu marido era casado com outra pessoa quando ele casou comigo foi algo imprevisível — disse ela. — O mesmo aconteceu com o fato de ele ter sido pai de uma filha com a primeira esposa, a qual herdou tudo dele. E o que é uma decisão séria? Esta é uma delas? A proposta para que façamos uma noite melhor do que já foi? Ou é mais trivial do que qualquer outra coisa que eu já tenha decidido?

Um canto de sua boca levantou-se em um sorriso de escárnio.

— Eu não vou incomodá-la ainda mais — disse ele. — Quando você me disse para ir embora, você quis dizer isso. Hoje foi apenas um alívio temporário. Não posso discutir com virtude, Viola. Desejo-lhe uma boa noite e um bom descanso de sua vida. Ele abaixou a cabeça e beijou-a suavemente nos lábios.

— Sim — disse ela quando ele levantou a cabeça, e ela ouviu o eco da palavra, quase como se alguém tivesse falado. — Sim, vamos fazer esta uma noite ainda melhor, Marcel.

Ele a olhou fixamente. E a mente dela agora alcançava as próprias palavras. Este era o Sr. Lamarr, o implacável e perigoso Sr. Lamarr, um dos mais notórios

libertinos da Inglaterra, entre outros vícios. De repente, ele parecia um estranho proibitivo, sombrio, pensativo e atraente.

— Eu irei até a taverna por um tempo para que me vejam — disse ele. — Se, quando eu voltar, encontrar sua porta trancada, saberei que você se arrependeu das palavras que acabou de dizer. Se eu encontrar a porta destrancada, eu realmente lhe darei uma noite muito boa. E você me dará o mesmo em troca. Comigo é dar e receber, Viola, em medidas iguais. Será uma noite da qual você não irá se arrepender, se a sua porta permanecer destrancada.

Ele se virou, voltou para a escada e desceu para a taberna. Era uma estranha sedução, dando-lhe espaço e tempo para mudar de ideia, para trancar a porta firmemente para ele. Ou talvez fosse a sedução mais eficaz de todas. Nenhuma coerção. Não haveria como voltar atrás para afirmar que ela havia sido enganada por um libertino experiente.

A decisão era toda dela.

… De fato, vou lhe dar uma boa noite.

Ele iria? Seria possível? Ela não tinha ideia do que esperar, exceto pelo básico. Isso poderia ser bom?

… uma noite você não irá se arrepender.

Oh, ela duvidava muito disso. O que a obrigava a se perguntar — por que passar por algo que ela sabia muito bem que lamentaria amargamente?

Ela entrou em seu quarto depois de acender a vela de sua cômoda na vela maior no candeeiro da parede no corredor e fechou a porta. Ela largou o candelabro e ficou observando a trilha de cera derretida da vela e depois decidiu-se.

De fato, vou lhe dar uma boa noite… Será uma noite da qual você não irá se arrepender.

Sua porta estaria destrancada quando ele voltasse para o andar de cima? Ela realmente não sabia. Mas a escolha — a decisão — seria dela.

CINCO

O barulho na taverna diminuiu um pouco quando Marcel entrou e se sentou em uma pequena mesa perto do fogo. Mas quando ficou claro que ele não queria contribuir para a conversa nem ouvi-la, os homens se recuperaram de sua autoconsciência da presença de alguém da classe alta e o nível de ruído retomou seu antigo tom. Ele bebeu sua cerveja e olhou para as brasas.

Ele se perguntou vagamente se a porta dela estaria destrancada quando ele voltasse. Ele fizera apostas pessoais e conflitantes consigo mesmo. Sim, estaria. Ela tomara sua decisão, e seria contra sua dignidade mudar de ideia e se esconder atrás de uma porta trancada. Ou não, não estaria. Ela pensaria duas vezes — e muito provavelmente pensaria mais trinta e duas vezes depois disso — e decidira que um encontro sórdido com um desconhecido, um libertino, numa estalagem de terceira classe não era grande coisa, e ela concluiria que uma porta trancada era o que ele merecia.

Ele não se importava muito de qualquer maneira. Se a porta estivesse destrancada, ele teria uma noite de distração inesperada. Se estivesse trancada, ele teria uma boa noite de sono… possivelmente. Não haveria mais nada a fazer, e a cama em seu quarto parecia limpa e confortável o suficiente. Amanhã ele estaria a caminho por um meio ou outro. Ele não estava preocupado em ficar preso ali indefinidamente.

E ele realmente não estava com pressa de chegar em casa. Quando chegasse lá, ele teria que resolver assuntos nos quais realmente tinha pouco interesse. Ele deveria ter feito isso dois anos atrás, imediatamente após ter herdado seu título, Redcliffe Court e todos os obstáculos que o acompanhavam. Mas aquilo parecera aborrecê-lo demais na época. Ele tinha se contentado em encaminhar os gêmeos para lá com a tia e o tio e em cumprir as habituais visitas semestrais, deixando todo o resto para ser resolvido por aqueles que moravam lá. Tinha sido uma

expectativa muito otimista. Ultimamente ele tinha sido inundado por um fluxo cada vez mais frequente de cartas cada vez mais longas e descontentes, e era demais para ser suportado. Ele não suportaria mais isso. Ele teria que acabar com aquilo.

A marquesa, sua tia idosa, reclamava que sua autoridade estava sendo usurpada pela arrogante Sra. Morrow, a cunhada dele. Ela, — Marcel presumira que sua tia se referia a si mesma — tivera o comando de Redcliffe por mais de cinquenta anos e ninguém jamais encontrara defeitos em seu comando até que ela, — Marcel presumira que a marquesa se referia a Jane Morrow — tivesse entrado em cena com a ideia de que poderia simplesmente assumir tudo simplesmente porque ela cuidava de Estelle e Bertrand. Marcel não se incomodou em saber a quem ela se referia. Nem ele tinha lido para descobrir. Obviamente, havia atrito entre as duas mulheres, e era óbvio que Jane também escrevera sobre isso, com grande e indignada extensão, enfatizando seu papel superior como guardiã do herdeiro de Marcel e sua longa experiência na administração de sua casa. Ele também não havia lido a carta até o final, embora houvesse três páginas restantes.

Ele, no entanto, tinha sido informado por Jane em outra carta que Isabelle, a prima dele que também morava em Redcliffe com o marido com a desculpa de que a marquesa era idosa e frágil e precisava da filha para cuidar dela, também estava tentando impor uma autoridade sobre o funcionamento da casa que ela não tinha de forma alguma. Isabelle também estava planejando um casamento luxuoso para sua filha mais nova, Margaret, sem dúvida à custa de Marcel, e ninguém ainda havia respondido a pergunta perfeitamente razoável de Jane sobre onde o casal planejava se instalar depois do casamento. Ele havia parado de ler, mas claramente precisava ir pessoalmente, embora preferisse sair para o Polo Norte, a menos que houvesse algum lugar mais distante e distante. O Polo Sul?

O administrador reclamara que Morrow e seu filho estavam tentando interferir na administração da propriedade com ideias asininas. O homem tinha sido muito diplomático ao usar essa palavra exata, porém Marcel o entendia bem o suficiente.

Até mesmo a governanta escrevera para perguntar se realmente tinha sido ordem dele que a cozinheira servisse cafés da manhã tardios e inferiores

— dos quais algumas pessoas que ela não seria desrespeitosa em nomear passaram a se queixar — porque ela era obrigada, junto com todos os outros serviçais, que tinham coisas melhores para fazer em suas manhãs, a acompanhar as orações da família na sala de estar durante meia hora, às vezes mais.

Havia apenas uma maneira de parar o fluxo dessas cartas, e ele estava fazendo isso. Mas não estava com pressa, no entanto. Um dia ou dois ali ou lá não teria grande importância. Pelo menos, nenhuma outra carta poderia alcançá-lo enquanto ele estivesse na estrada.

O nível de ruído aumentou, e junto com ele veio um aumento de riso com a chegada de mais três homens, um dos quais se queixou de que seus pés estavam cheios de bolhas de tanto dançar e havia apenas uma cura certa que eles conheciam.

— Traga a cerveja — ele gritou alegremente para o estalajadeiro. — Um jarro, homem, nada de canecas.

E então havia os gêmeos, que haviam sido criados nos moldes de sua tia e tio maternos. Adeline iria se revirar no túmulo se soubesse. Ele também iria se revirar, se já estivesse no dele. Ele teria que fazer algo sobre eles, embora só diabo soubesse o que. Talvez fosse tarde demais para fazer algo significativo. E talvez fosse melhor que eles não se assemelhassem ao pai. Ou à mãe deles, pensou com alguma culpa.

O problema de se deitar-se tarde era que a mente se tornava indisciplinada e sentimental. Não que fosse muito tarde. Sua noite provavelmente estaria apenas começando agora, se ele estivesse em Londres. Apenas parecia tarde.

Ele subiu as escadas depois de meia hora e se despiu em seu quarto. Ele cingiu um roupão de seda ao redor de sua cintura e cruzou a passagem para o quarto de Viola Kingsley. A porta estaria destrancada? Ou não estaria? Ele se perguntou por que ele havia lhe dado tempo para se acalmar e pensar sobre o que ela estava prestes a fazer. Isso tinha sido absurdamente tolo. Por que acender um fogo para aquecer um quarto, afinal de contas, e depois deixar todas as janelas e portas abertas para o frio do inverno?

Mas ele tinha feito isso, ele sabia, porque ela não era de todo o seu tipo habitual de mulher. Ele não tinha dúvidas de sua virtude, não apenas porque ela havia rejeitado seus avanços catorze anos atrás, mas porque... Bem, algo sobre ela.

Ela era uma mulher virtuosa, tudo bem, um fato que normalmente deprimia qualquer centelha de interesse que ele pudesse ter nela. E então havia a idade dela. Ela não podia ser mais do que um ano ou dois mais nova que ele. Ela podia até ser mais velha. Ele não era um ladrão de berço, mas muito poucas de suas mulheres estavam muito acima da idade de trinta anos.

Estaria ele apaixonado por ela havia catorze anos? Parecia altamente improvável e muito diferente dele. Seu orgulho havia sido ferido, no entanto. Não havia como negar isso. Talvez isso explicasse hoje — e hoje à noite. Talvez ele quisesse a satisfação de ter seu caminho com ela sem exercer qualquer tipo de coerção. Se a porta estivesse destrancada, ela mesma teria tomado a decisão com a cabeça fria após meia hora refletindo.

Mas estaria destrancada?

Ele girou a maçaneta lentamente e — ele esperava — silenciosamente. Ele não queria acordá-la e alarmá-la caso ela tivesse adormecido. Ou porque não queria se sentir um idiota. Ele empurrou a porta suavemente. Não estava trancada. Ela também não estava na cama. Ela estava de pé de frente para a janela, apesar de estar escuro como breu lá fora. Nuvens deviam ter encoberto a lua e as estrelas. Havia uma vela acesa na cômoda atrás dela. Ela o olhou por cima do ombro.

Ela estava usando uma camisola branca, muito pouco diferente de qualquer vestido que ela costumava usar, exceto que era solta sobre os seios. Era modestamente cavado no decote. As mangas eram curtas. Ela soltara e escovara os cabelos que caíam em ondas cor de mel sobre os ombros, chegando quase até a cintura.

A luxúria, que ele mantinha sob controle caso a porta estivesse trancada, emergiu. Ele encostou a porta e trancou-a, antes de caminhar em direção a ela e fechar as cortinas. Ele baixou a cabeça e beijou-a.

Ela deu um passo em direção a ele, como quando estava na margem do rio, e enroscara os braços em volta da cintura dele enquanto mantinha o beijo e o aprofundava. Era diferente desta vez. Não havia espartilhos sob a camisola para mascarar as curvas suaves da cintura e do quadril ou para empurrar os seios para cima. E ele não tinha camadas de roupas por baixo da seda fina de seu roupão. Ele saboreou o abraço, o calor de seu corpo, o cheiro levemente perfumado dela, a sensação de suas coxas e abdômen e peito pressionado contra os dele enquanto

uma de suas mãos entrelaçava em seu cabelo para segurar a parte de trás de sua cabeça e a outra se movia nas costas dela e a aproximava dele. Seus lábios provocaram os dela. Sua língua explorou sua boca e encontrou os pontos de prazer. Ela sugava suavemente.

Ele não tinha pressa. Isto não era sobre liberação. Raramente era. Ele havia prometido a ela uma noite de prazer da qual ela não iria se arrepender, e ele lhe daria exatamente isso. Não cinco minutos, dez ou meia hora, mas uma noite inteira. Ele raramente esperava uma noite de sexo com tanta antecipação. Talvez porque ele suspeitasse que ela não era muito experiente, como a maioria de suas mulheres. Pensamento estranho, considerando que ela tinha sido casada por mais de vinte anos. Ele se perguntou se houvera alguém além de Riverdale, mas duvidava disso. O que levava a algumas perguntas: Por que ele? Só por causa do estranho conjunto de circunstâncias? Por que ela via isso como uma espécie de tempo distante da realidade, fora do reino normal de seus padrões morais?

Não que ela não soubesse da reputação dele, do fato de que ele tinha poucos escrúpulos e nenhum coração. Ele não tinha nada para dar, na verdade, exceto seu corpo e sua perícia na cama. Isso era suficiente para ela? Mas se não fosse, isso seria problema dela, não dele. Ele havia lhe dado chance suficiente, afinal, para escolher de forma diferente.

Ele recuou a cabeça e fitou-a nos olhos dela, sonhadores de desejo e azuis, mesmo nas sombras lançadas pela vela.

— Você tem certeza, Viola? — Ele perguntou. Por que diabos ele fazia isso?

— Sim — ela disse.

Foram as únicas palavras que falaram na primeira hora daquela noite, além de alguns murmúrios indecifráveis enquanto se juntavam. Foram para a cama, as cobertas foram empurradas até os pés, a vela ainda acesa, a camisola e o roupão embolados no chão.

Ela ardia. Ansiosa e desinibida. Tendo tomado sua decisão, ela se entregava com abandono e exigia prazer em troca. Ele diminuiu a velocidade, mostrando a ela que o prazer dado e tomado com as mãos e dedos, a boca, a língua e até os dentes eram tão sexuais quanto o banquete final. E buscando pontos de prazer no corpo dela e guiando-a para pontos de prazer no corpo dele.

Quando ele finalmente a montou, deitando-a de costas e entrando entre suas coxas enquanto a cobria, ela estava escorregadia e pronta e ele estava duro e ansioso. Mas mesmo assim ele diminuiu a velocidade, investindo com movimentos moderados, evitando uma profundidade muito grande até os momentos finais, deslizando as mãos por baixo dela enquanto ela se erguia em direção a ele e combinava ao ritmo dele.

E então aconteceu o impulso final da liberação na direção do prazer compartilhado e definitivo, e depois se seguiu o pequeno esquecimento que sempre finalizava a melhor das cópulas.

Esta certamente tinha sido a melhor.

Ele permaneceu deitado sobre o corpo dela por vários momentos, seu peso pressionando-a para o colchão enquanto seu batimento cardíaco diminuía e a consciência retornava. Ela estava quente, relaxada e suada debaixo dele. Ele se afastou, estendeu a mão para alcançar as cobertas, antes de deitar-se ao lado e deslizar um braço sob pescoço dela.

A Condessa de Riverdale. Viola Kingsley. Ele ainda não conseguia acreditar. Ela valera a espera de catorze anos. Não que tivesse sido assim daquela vez, se ela tivesse aceitado. Ela era uma dama casada então — aparentemente casada, na época.

Ela estava dormindo. Seus cabelos estavam desgrenhados, o rosto corado, os lábios entreabertos. Ela havia puxado o lençol para cobrir os seios em um aceno tardio à modéstia. Sob as cobertas, o corpo nu dela, dos seios até os tornozelos, tocava o dele. Ela era linda em todos os sentidos possíveis para uma mulher poderia ser bonita. Quatorze anos não a tinham roubado de nenhum fascínio. Estes anos tinham apenas aumentado o fascínio.

Que estranho destino os havia jogado ali, um de seus cavalos de aluguel dele tendo sofrido o desprendimento de uma ferradura, e a carruagem de aluguel dela tendo um eixo trincado? Ele ainda não sabia o nome da aldeia ou da estalagem. Mas ele não acreditava em destino ou coincidência. Tinha acontecido e eles tinham aproveitado ao máximo — ainda estavam aproveitando. A noite estava longe de terminar. Provavelmente não era nem meia-noite ainda.

Ainda havia muito prazer a ser trocado.

O vozerio ruidoso continuava no andar de baixo.

E não havia pressa.



Viola não dormiu profundamente, embora talvez tivesse permanecido à deriva por alguns minutos, exausta e saciada. Nunca tinha sido tão longo e jamais daquela forma. Nunca alguma vez chegara perto disso. Seria ridículo mesmo tentar comparar.

Ela sabia, sem sombra de dúvida, que havia cometido um grave erro. Pois ela permitira algo vívido em sua vida, alguma coisa… alegre, e ela nunca, jamais seria capaz de esquecer. Por um tempo talvez ela não quisesse, mas, com certeza, ela iria. Pois uma vida vibrante ou a felicidade não eram para ela. Qualquer possibilidade de alguma dessas coisas acontecerem tinha morrido dentro dela quando tinha dezessete anos e depois, quanto se casara com Humphrey, e não havia como mudar o mundo e a personalidade que ela criara para si mesma desde então.

Amanhã sua vida voltaria a ser monótona, decorosa e irrepreensível, assim como todos os amanhãs seguintes seriam. Ela fugira de Bath numa espécie de tentativa de escapar de tudo o que acontecera nos últimos dois anos, quando tudo se acumulara em seu espírito e se tornara demais para ela. Talvez ela quisesse escapar de tudo que havia acontecido antes disso também. Talvez ela quisesse escapar de toda a sua vida, até mesmo de si mesma. E alguma coisa — poderia chamar de destino? — tinha arranjado tudo aquilo. Ela tinha escapado de sua realidade habitual nesta tarde, quando fora para a feira da vila com um notório libertino e apreciara cada momento vívido daquilo. Ela havia escapado ainda mais nesta noite, quando valsara com ele na área verde da aldeia e o beijara na margem do rio e deixara sua porta destrancada. Mas se tinha sido o destino que se instalara hoje, não tinha certeza se fora gentil com ela. Talvez não tivesse a intenção de ser. Talvez tivesse a intenção de lhe ensinar uma dura lição. Pois não era uma fuga permanente. Em última análise, ela tinha que carregar a si mesma aonde quer que fosse, e não tinham ocorrido mudanças a não ser por momentos breves, melancólicos e desafiadores.

Mas oh, ela não se arrependera.

Ainda não. E por que antecipar tristeza e culpa?

Ela deveria ter se afastado novamente. Ela acordou com o toque da mão dele deslizando como uma pena sobre o seu corpo, entre seus seios, sobre um deles e depois abaixo dele. Ele colocou a ponta do polegar sobre o mamilo e esfregou tão levemente que ela sentiu o efeito mais do que o toque. O desejo apunhalou dentro dela e aumentou, de modo que tanto seu útero quanto sua garganta doíam.

Ela virou a cabeça para o braço dele e viu o rígido, austero, cínico e temeroso senhor Lamarr, com quem nenhuma mulher de bom senso se permitiria envolver pessoalmente. Mas quase no mesmo instante, ela viu Marcel, o amante no qual ela havia encontrado a fuga e com quem se deleitara, sem nenhum perigo. Exceto que havia o conhecimento certo de um futuro mais sombrio do que nunca.

E o resto da noite.

Ela percebeu de repente que a estalagem tinha ficado em silêncio e não havia mais nenhum som de música vindo de fora. Ela devia ter cochilado por mais tempo do que pensava. O tempo estava passando. Esta noite estava passando.

Ele a beijou.

E mais uma vez ela se maravilhou que beijos e toques pudessem ser tão leves, tão aparentemente displicentes e ao mesmo tempo tão propositais também. Pois não havia dúvida em sua mente de que cada toque dele — da palma da mão e das pontas dos dedos, lábios e língua — era consciente, deliberado e planejado para levá-la à plena prontidão novamente. Não que isso fosse uma tarefa difícil. Ela se virou para o lado e tocou-o, uma das mãos espalhando-se sobre o peito coberto com uma leve camada de pelos, enquanto a outra se movia sobre seu corpo, sentindo a dureza dos músculos, o calor pulsante dentro dele. Ela nunca havia tocado o corpo de um homem…

— Viola — ele murmurou contra seus lábios, e ele pegou seu pulso e moveu sua mão para baixo dele. Ela primeiro resistiu à ideia, depois o tocou levemente e em seguida fechou a mão sobre ele. Longo, grosso e duro. Mas ela sabia disso. Ela o tinha sentido dentro dela. Era diferente tocá-lo, no entanto. Com o polegar, ela acariciou a ponta, e ele inspirou devagar e de forma audível e moveu a boca até a garganta dela e deslizou a mão entre as coxas dela para lhe fazer magia com os dedos.

Ele a trouxe para cima dele desta vez e deslizou as mãos por suas coxas para colocá-la de joelhos e trazê-las para envolver seus quadris. Ela se ajoelhou acima dele e espalmou as mãos sobre o peito dele e olhou-o. A vela ainda estava acesa na cômoda. Ele olhou de volta para ela, seus olhos escuros e sombrios, e ela estava plenamente consciente pela primeira vez de que estava nua e sem timidez. Ela deveria estar. Ela odiava ser vista nua, mesmo por sua empregada. De fato, ninguém mais a vira despida desde que era criança. E ela não era mais jovem.

Ele era perfeito fisicamente. Parecia injusto. Mas ela não estava embaraçada por suas próprias imperfeições. Depois de amanhã, ela provavelmente nunca mais o veria, e duvidava que ele se lembrasse disso por muito tempo. Ela não tinha ilusões sobre isso. Diferentemente dela. Ela sempre se lembraria. Isso não importava. Ela tomara a decisão com bastante conhecimento e sem qualquer coerção da parte dele. Pelo contrário.

E ela não se arrependia. *Ela não se arrependeria*.

Até as palavras tinham sido deliberadamente escolhidas, deliberadamente ditas. Para que o desejo, já bastante turbulento dentro dela, emergisse. Seus mamilos se contraíram, assim como seus músculos internos contra a dor do desejo. E não importava que ela estivesse dolorida logo após a última vez, ou que nunca lhe ocorrera que a mulher pudesse assumir a liderança em um encontro sexual. Ela se abaixou até poder senti-lo, e ela circulou em volta dele até que ele estava em sua abertura, e ela se abaixou sobre ele, lentamente, saboreando cada momento, cada sensação, até que ela estivesse cheia. Ela cerrou os músculos ao redor dele, deleitando-se com o silvo de sua respiração.

— Feiticeira — ele sussurrou.

E ela cavalgou enquanto ele permaneceu imóvel. E cavalgou e cavalgou, de olhos fechados, as mãos apoiadas sobre o peito dele, toda a sua concentração ali, onde o prazer primoroso construía uma dor extraordinária. Ela fez movimentos circulares com os quadris, esfregando-se sobre ele enquanto cavalgava, até que ela pensou que certamente enlouqueceria enquanto ele parecia ser feito de granito.

Até que ficou claro que ele não era. Suas mãos vieram para seus quadris e a puxaram com força para baixo, segurando-a ainda enquanto ele pressionava mais fundo do que parecia possível ir e a dor explodiu em algo que certamente seria insuportável até… mas não era. Sua mente teve a imagem vívida de uma rosa se

abrindo na luz do sol para revelar toda a glória de sua beleza interior, e então a imagem desapareceu com todos os outros pensamentos coerentes.

Ele relaxou embaixo dela, o peito úmido de suor, a respiração entrecortada e audível. Ele estava olhando para ela com olhos preguiçosos.

— A magnífica Lady Riverdale — ele murmurou.

O perigoso Sr. Lamarr. Mas ela não disse as palavras em voz alta e nem o corrigiu por nomeá-la de forma errada. Ela se estendeu sobre ele, virando a cabeça sobre seu ombro enquanto ele puxava as cobertas com um pé e as trazia de volta sobre os dois. Eles ainda estavam unidos.

Que estranho que a vida pudesse ser assim e ela nunca soubera disso. Na verdade não. Ela imaginara, talvez, como a paixão deveria ser, mas a imaginação era inadequada. Era preciso experimentar isso. Algumas pessoas viviam a vida toda assim? Vivo? Ele vivera? Uma noite como esta devia, claro, não ser muito diferente para ele. Não devia haver nada tão incomum sobre isso. Era apenas uma parte do seu jeito normal de ser.

Mas ela não queria insistir nisso. Não era como se ela não soubesse. Não adiantava lamentar o fato de ela se envolver com um homem que nunca se envolveria com ela.

Mas ela nunca esqueceria. Mesmo quando ela quisesse, ela nunca faria.

• • •

Eles fizeram amor a noite inteira. Ela testou sua resistência, como ele também testou a dela, mas ambos venceram o desafio. O amanhã estava se movendo inexoravelmente em direção aos dois, no entanto. De fato, o amanhã já era hoje. Ele mal notara que a vela havia se apagado quando se deu conta de que amanhecia atrás das cortinas e logo a luz do dia iluminaria o quarto.

Era um arremedo condenável para um quarto de estalagem. O papel de parede estava quase desbotado, e havia de fato rachaduras no teto — rachaduras envolviam apenas a pintura acima e não a estrutura, ele esperava. O quarto cheirava a antigo. E menos vagamente a sexo.

Tinha sido bom. Realmente muito bom. Talvez o melhor. Ele não tivera mais do que um par de piscadelas de sono. Por que desperdiçar uma noite que oferecera — e entregara — tal prazer? Ela era inexperiente, ele descobrira cedo.

Não houvera nenhuma surpresa real lá. Ela também não se inibira. Isso tinha sido uma surpresa pois ele às vezes pensava nela — depois de sua rejeição e um tanto rancoroso, ele tinha que confessar — como uma rainha do gelo. Mas era claro que ele sempre se perguntara se sua dignidade infalivelmente fria era um mero véu sobre um barril de pólvora de paixão.

E era isso mesmo.

Ela estava encolhida de lado, de costas para ele, e ele também se virou e abraçou-a, amoldando-se ao corpo dela. Ela dormira mais do que ele.

Hoje eles seguiriam caminhos separados. E na próxima primavera, mais do que provavelmente, ele teria Estelle na cidade com ele para sua estréia durante a temporada. E se Estelle estaria lá, então — pensamento desolador — Jane Morrow também estaria, como sua patrocinadora oficial e acompanhante. Ele teria que ser muito mais cauteloso sobre seu próprio comportamento. Ele não seria capaz de continuar seu modo de vida habitual, quando isso afetava as chances de sua filha fazer um bom casamento.

Viola nem estaria na cidade na próxima primavera. Não por culpa sua, ela havia caído em desgraça com alguns membros da sociedade e não era mais aceita incondicionalmente como a Condessa de Riverdale havia sido. Ela não tinha sido vista na cidade logo em seguida a morte de Riverdale, ou, se estivera, ele não tinha ouvido falar disso. Era improvável que ela voltasse.

Portanto, não havia chance de um caso contínuo com ela. Talvez fosse melhor assim, no entanto. Ele duvidava que ela conhecesse as regras não escritas de flerte. Seu final inevitável podia ser confuso. E para ser honesto consigo mesmo, ele não tinha certeza se poderia manter um caso com ela tão levemente quanto com outras mulheres. Ele não tinha certeza do que ele queria dizer com isso, e certamente não iria complicar as coisas naquele exato momento.

Ela respirou fundo e soltou um suspiro baixo e satisfeito. A mão dela deslizou sobre a cintura dele.

— Luz do dia — ela murmurou alguns momentos depois. Ela não parecia muito satisfeita.

— É uma abominação, não é? — Ele concordou.

Ela virou-se para deitar de costas o melhor possível para olhá-lo.

— Como você vai voltar para casa? — Ela perguntou.

— Ah, estamos olhando para o futuro, estamos? — Disse ele. — Não faço ideia, mas duvido muito que eu fique preso aqui pelo resto dos meus dias, por mais atraente que seja a perspectiva, se eu pudesse ter uma companhia de minha própria escolha. Isso é improvável, no entanto. Eu dei uma volta no pátio ontem enquanto esperava por uma certa dama se preparar para dançar. O cocheiro daquele terrível veículo alugado estava confiante de que estaria pronto para prosseguir até o meio desta manhã. Você estará em casa antes do anoitecer.

— Desde que algumas rodas não caiam — disse ela.

— Você está ansiosa para estar em casa? — Ele perguntou.

— É claro — disse ela, e parecia inexoravelmente sombria.

— E quem está esperando por você lá? — Ele perguntou.

— Ninguém — disse ela. — Só paz e sossego. Deixei para trás toda a minha família em Bath — exceto meu filho, que recentemente retornou à Península para voltar ao seu regimento. Deixei minhas filhas e meu genro e netos. Eu deixei minha mãe e meu irmão e sua esposa. Deixei todos os Westcotts, que vieram para o batizado do meu mais novo neto. Eu tive que fugir.

Tive?

— Família demais? — Ele perguntou. — Eu conheço o sentimento.

— Parece muito ingrato colocar dessa forma — disse ela. — Eu amo meus filhos e netos, e todos os outros também. Os Westcotts em particular têm sido inabalavelmente solidários e bondosos desde a descoberta de que eu não sou realmente um deles, afinal. Mas… Eu tive que fugir.

— Em uma carruagem contratada — disse ele. — Ninguém ofereceu uma particular para seu uso? E serviçais para acompanhá-la? — A família dela lhe pareceu desalmada.

— Eu tinha minha própria carruagem — explicou ela. — Deixei para Abigail, minha filha mais nova. Ela mora comigo em Hinsford. Ofereceram-me o empréstimo de várias outras. Eu acredito que eu até magoei alguns sentimentos recusando-as, mas… Eu tinha que fugir.

Ele estava começando a entender a tarde de ontem um pouco melhor. E ontem a noite. Parecia-lhe como se, cercada por sua amorosa e preocupada família, tivesse desmoronado.

Ele sabia tudo sobre isso — tinha sido um colapso.

— Você está ansioso para ir para casa? — Ela perguntou.

— Está cheio de… pessoas — disse ele. — Família. Todos precisam ser classificados e colocados em seu lugar. Por mim. Tenho uma aversão severa a ser forçado a lidar com assuntos domésticos.

— É suficiente para fazer alguém querer fugir e se esconder, não é? — Ela disse com um sorriso.

Ah, esse sorriso. Tão raro com ela.

— É verdade — ele concordou.

Ele a beijou e se perguntou se poderiam ou deveriam fazer sexo novamente. Quantas vezes isso faria? Cinco? Seis?

Isso importava? A noite estava quase terminada e não haveria outra. Não com ela, de qualquer maneira. Havia algo de melancólico no pensamento, embora a melancolia não fosse algo que ele tivesse o hábito de ceder.

Eles fizeram amor novamente.

SEIS

Viola estava sentada novamente na sala de jantar, tomando café da manhã. A carruagem estava de fato pronta para retomar a jornada. Ela estaria em casa bem antes do anoitecer, impedindo qualquer novo acidente. Um de seus ovos estava muito mole, o outro muito duro. A torrada estava seca, o café muito amargo. Ou apenas ela achava que estavam? Não haveria, de fato, nada de errado com a comida? Seu estômago estava um pouco enjoado. Ela só comeu porque acreditava que deveria comer antes de embarcar numa longa jornada.

E talvez para provar a si mesma que estava bem, que tivera alguns dias ruins, seguidos de um dia e de uma noite inesperadamente agradáveis, e agora estava alegremente de volta ao normal. Talvez ela fosse mais capaz de se convencer assim que estivesse a caminho. Ela não sabia se o veria novamente antes de partir. Ele tinha saído do quarto dela havia uma hora sem dar qualquer indicação de que ele pretendia vê-la ou não. Ela não iria pressioná-lo nessa questão. Ela não se demoraria na esperança de que ele descesse, e ela não bateria em sua porta. Quando ela estivesse pronta para partir, ela simplesmente iria.

Ela pousou a xícara de café com uma careta. Ela havia acrescentado leite para corrigir o amargor e agora estava muito fraco.

É suficiente para fazer alguém querer fugir e se esconder, não é? Ela havia dito antes de fazerem amor pela última vez. Ela supôs que continuaria se escondendo, como havia feito toda a sua vida adulta, profundamente dentro de si mesma. Ela havia se afundado depois da grande catástrofe que se seguiu à morte de Humphrey — apenas para que tudo emergisse dela sem razão aparente alguns dias atrás. Ela iria empurrar tudo de volta para o fundo e ainda mais fundo a partir de hoje, e ela iria se fechar em si mesma. Ela iria tão fundo que ninguém jamais a encontraria novamente. Talvez ela nem sequer se encontrasse.

O pensamento fez com que ela mordesse o lábio superior para se impedir de chorar — ou rir — e por um momento pensou que o pânico voltaria. Mas a porta da sala de jantar se abriu e a salvou.

— Bom dia! — Disse ele, com toda a formalidade elegante. — Ou eu já disse isso?

— Bom dia! — Ela disse.

O estalajadeiro veio correndo e indicou uma mesa um pouco afastada da de Viola.

— Talvez, Sr. Lamarr, — ela disse — gostaria de se juntar a mim?

— Obrigado — disse ele. — Eu gostaria.

O estalajadeiro foi buscar mais torrada e café.

— Nada mais. — Marcel disse com firmeza quando o homem tentou sugerir ovos, bife e rins.

Eles falaram do tempo até que o estalajadeiro retornasse e fosse embora de novo. Viola não tinha certeza se estava feliz por Marcel ter descido ou se preferiria que ele ficasse no quarto dele até depois de ela ir embora. Seu estômago estava revirando com a pouca comida que ela tinha ingerido. Ela odiava despedidas, especialmente quando elas eram para sempre.

— Bem, Viola. — Ele estava recostado em sua cadeira, os dedos de uma mão brincando com o monóculo, um hábito que estava se tornando familiar para ela. Ele não estava fazendo nenhum esforço para passar manteiga na torrada.

— Bem. — Ela fez o esforço para sorrir. Não havia nada a dizer quando havia tudo a ser dito. Ela tinha que se lembrar de que, para ele, não havia nada de incomum sobre o que acontecera.

— Bem — Ele disse suavemente novamente. — Vamos fugir?

O absurdo da sugestão a atingiu no mesmo instante em que uma grande onda de ansiedade tomou conta dela. Ah, se...

Se a vida fosse simples assim.

— Por que não? — Ela disse levemente.

— Vamos viajar em sua monstruosa carruagem até que possamos substituí-la por algo mais adequado — disse ele. — E então iremos a algum lugar, a qualquer lugar, a todos os lugares, até estarmos prontos para retornar. Na próxima

semana, no próximo mês, no próximo ano. Sempre que o desejo de fugir se esgotar, se é que isso acontecerá.

— Bem, eu gostaria de ver meus netos novamente antes deles crescerem — disse ela.

— Então vamos voltar em quatorze anos — disse ele. — Todo o tempo que não passamos juntos desde que você me mandou ir embora.

— E aonde exatamente iremos? — Ela perguntou. — *A algum lugar, a qualquer lugar, a todos os lugares* soa um pouco vago.

— Vago, porém atraente, admita — disse ele. — Não há limites sobre onde podemos ir. Escócia? As Terras Altas, claro. Gales? À vista do Monte Snowdon ou do Castelo de Harlech. Irlanda? América? Devonshire? Eu possuo uma casa de campo lá, aninhada em uma encosta acima de um vale do rio, não muito longe do mar. Um lugar ideal para uma fuga. Ninguém mais mora por perto. Vamos lá para começar, e se não for longe o suficiente, seguiremos em frente. Não há destinos permanentes na terra das fugas.

— Esse seria um título esplêndido para uma história infantil — disse ela. — "A Terra das Fugas". Embora eu não tenha certeza se isso ensinaria uma lição digna na vida.

— Por que não? — Ele perguntou. — Toda pessoa, especialmente as crianças, não precisa fugir de suas vidas de vez em quando — ou o tempo todo? Mesmo que apenas através de sua imaginação? Por que as pessoas leem? Ou ouvem música? Ou viajam?

— Ou dançam. — Ele ainda não havia tocado em seu desjejum ou mesmo em seu café. — Você lê?

— Eu sou melhor em fugir — disse ele.

— Isso pode ser feito através da leitura — disse ela. — Você acabou de dizer isso agora mesmo.

— Mas é muito fácil ser perturbado quando se está lendo — disse ele. — Ou ouvindo música. Ou viajando de acordo com um itinerário planejado que você compartilhou para a conveniência de todos os parentes e amigos que desejarem se juntar ou chamar de volta com uma desculpa esfarrapada.

— Ah. Nós não enviaríamos nenhum aviso de nossa intenção para nossas famílias, então? — Ela perguntou. — Nada para acalmar suas ansiedades, eles deverão sentir nossa falta?

— É exatamente por isso que é chamado fuga — disse ele. — Minha família não pensará na casa de Devonshire, isso supondo que pensem em alguma coisa, o que é altamente improvável. Sua família também não saberá disso. Ou sobre mim.

Ele estava olhando fixamente para ela, e ela sentiu aquela onda de anseio novamente.

— Quão tentador você faz parecer. — Ela disse com um suspiro.

— Mas… — As sobrancelhas dele se levantaram.

— Sim, mas — disse ela. — É hora de eu ir embora. Hora de ir para casa.

— Você é uma covarde, Viola? — Ele disse.

E pela primeira vez — oh, tola, quando estava lidando com um homem que ela sabia ser egoísta, imprudente e autossuficiente — pela primeira vez lhe ocorreu que talvez ele estivesse falando sério. Que ele estava, na verdade, pedindo que ela fugisse com ele para sua cabana remota junto ao mar. Sem nenhuma palavra para suas famílias. Sem qualquer plano a longo prazo. Sem qualquer consideração cuidadosa. Ele estava sugerindo seriamente que ela fizesse a coisa mais irresponsável que já fizera em sua vida.

— Você está falando sério. — Ela disse.

— Sobre você ser uma covarde? — Disse ele. — Como você se considerava, Viola? Uma mulher virtuosa e obediente? Para que serve a sua virtude? E virtuosa para que padrões? Obediente para o que ou para quem? Para uma família que permitiu que você deixasse Bath sozinha quando você está claramente em profunda angústia?

— Eu não estou angustiada. — Ela protestou. Ah, certamente ela não mostrara nenhum sinal exterior. Mas ela lhe dissera que precisara fugir, que rejeitara todas as ofertas de uma carruagem e criados emprestados. Era pouco usual que ela confiasse tanto em um estranho.

— Talvez não tenha ficado claro para eles — disse ele. — Talvez simplesmente eles tenham acreditado que você estava sendo teimosa e deliberadamente geniosa. Talvez eles não tenham notado sua aflição. Você é muito boa em se esconder dentro de si mesma, não é?

Dentro dela tudo se contraiu e ela se tornou fria. Como ele... O que ele pensava?

— O que mais eu deveria ter feito? — Ela perguntou, irritada. — O que mais eu poderia ter feito a minha vida inteira? Ser um fardo emocional, histérico e melancólico sobre todos que me conhecem?

— Muitas mulheres são — disse ele. — Tal comportamento é um pedido de ajuda ou, pelo menos, de atenção. Mas não você. Você escolheu toda a sua vida manter os lábios sérios e uma espinha dorsal rígida. Você tem caráter, Viola, e isso é admirável. Mas mesmos personagens fortes têm seus limites de resistência. Você alcançou o seu, acredito.

Como ele poderia entendê-la tão bem quando ele não a conhecia?

— E a resposta é jogar toda a responsabilidade para o vento e fugir com você sem uma palavra para ninguém? — Ela perguntou a ele. — Pelo prazer de mais dias como ontem e mais noites do que ontem à noite?

Ele inclinou a cabeça ligeiramente para um lado em pensamento aparente, e seus olhos se estreitaram.

— Em uma palavra, sim — disse ele. — Por que terminar algo que foi tão agradável quando não se deseja ou precisa terminá-lo? Por que não prolongar o prazer até atingir seu limite natural? Pois irá, você sabe. Toda paixão tem um arco. Devemos aproveitá-lo enquanto durar e partir amigavelmente, sem dor ou arrependimento, quando acabar. Dito isso, você deve mais a si mesma do que a qualquer outra pessoa, por mais que possa amar todos os outros, e por mais que eles possam amá-la

Oh, ela sabia o que estava acontecendo bem o suficiente. Suas palavras eram muito mais perigosas do que ter feito amor tinha sido. Fazer amor havia sido puramente físico e emocional. Suas palavras atraíram sua razão e pareciam, pelo menos superficialmente, muito persuasivas. Mas era sedução pura e simples.

Quando ela tinha feito alguma coisa só para si mesma? Tudo em sua educação e experiência de vida lhe ensinou que agradar a si mesma era o egoísmo supremo. Sua vida como mulher sempre tivera apenas dois princípios orientadores: dever e dignidade. Dever para com sua família, dignidade em face da sociedade. E onde isso a levara? O amor que sua família sentia por ela era suficiente? Eles precisavam dela? Até Abigail? Até o Harry? Ela morreria por

qualquer um deles — ela sabia que o faria — se isso afastasse a dor deles e lhes assegurasse uma vida feliz. Mas isso não poderia ser feito. Sua morte não iria de modo algum facilitar a vida deles. Eles de alguma forma seguiriam suas próprias vidas sem qualquer ajuda real dela.

Quem morreria por ela? Ou desistiria de toda gratificação pessoal por ela? Talvez seus filhos o fizessem. Talvez a mãe dela. Até o irmão dela. Mas faria alguma diferença? Ela desejaria tal sacrifício? Nunca lhe ocorrera que ela pudesse precisar de alguém para *cuidar* dela. Ela nunca imaginara isso.

Por que ela não deveria cuidar de si mesma então? Onde o egoísmo terminava e a necessidade de viver a preciosa vida só começava?

Quem sofreria se ela fugisse com Marcel Lamarr por algum tempo?

Mas estaria ela apenas reagindo previsivelmente ao que reconhecia como uma hábil sedução? Dançando como um fantoche sob as cordas dele? Racionalizando?

— Sim — disse ela em resposta as suas próprias perguntas, porém falou a palavra em voz alta, e sua voz soou bastante firme. — Faremos isso. Vamos fugir.

Marcel Lamarr, Marquês de Dorchester, — ele omitira o título ao assinar o registro da pousada — deu uma olhada no eixo da carruagem alugada. Era novo e parecia ser seguro o suficiente. Ele examinou atentamente os cavalos, que já estavam atados à carruagem, sem levantar suas patas para examinar as ferraduras, e julgou que eram criaturas lamentáveis, embora provavelmente adequadas para sua tarefa, pelo menos por alguns quilômetros. Ele ignorou a aparência surrada do veículo e abriu a porta mais próxima. Assentos manchados e surrados, desgastados nas bordas provocaram um olhar de desaprovação e um cheiro de bolor alcançou seu nariz.

— Eu preciso que aquela dama esteja aqui e dentro da carruagem sem mais delongas. — Uma voz impaciente e impertinente disse atrás dele. O cocheiro, presumivelmente, usava uma roupa suja sob um casaco manchado e malcuidado, e um chapéu de aparência gordurosa sobre o cabelo oleoso.

O marquês de Dorchester virou-se e olhou para o homem, seus olhos se movendo da cabeça oleosa para botas desgastadas e sujas de lama e voltando novamente.

— De fato? — Ele disse.

O cocheiro congelou no lugar, e Marcel teve a satisfação de ver medo em seus olhos quando ele tirou o chapéu e segurou-o contra o peito com as duas mãos.

— Se for de seu agrado, vossa senhoria — disse ele. — Eu preciso levar a dama para onde ela está indo e ir a Bath para mais negócios amanhã. É o meu sustento. Vossa senhoria. — Acrescentou ele.

— A dama virá quando ela estiver pronta. — Informou Marcel. — Até lá você vai esperar, seja cinco minutos ou cinco horas. Quando ela vier, você nos levará para a cidade mais próxima. São oito milhas de distância. Lá a dama e eu iremos tomar uma carruagem diferente. Iremos nos abster de insistir na devolução da parte não utilizada da tarifa que a dama lhe pagou antecipadamente e em exigir uma indenização pelo gasto extra que ela incorreu como resultado da sua negligência em deixar Bath com um veículo defeituoso. Eu posso, se você se comportar com decoro profissional a partir deste momento, pagar-lhe um pequeno bônus antes de você conduzir seus cavalos na direção de Bath e de seus outros negócios. Eu confio que me fiz claro.

O homem balançou a cabeça, assentiu, tocando seu topete oleoso e não conseguiu encontrar a língua.

— Penso que sim. — Murmurou sua senhoria, e voltou para dentro da estalagem para dar instruções de que sua bagagem fosse carregada na carruagem alugada e que alguém fosse enviado para carregar as malas da senhorita Kingsley. Ele esperava que seu nariz sobrevivesse à jornada de oito milhas, sem mencionar sua espinha e todos os outros ossos em seu corpo. Ele apostaria que não havia um amortecedor naquele veículo, e as estradas inglesas eram indelicadas com aqueles que não andavam em transportes bem equipados.

Ela havia dito sim. Ela poderia não o repetir quando chegasse a hora de trocar de carruagem, é claro, mas ele correria o risco e lhe daria a escolha. Nunca tinha sido o seu jeito de arrastar as mulheres pelos cabelos apenas para satisfazer suas luxúrias. No entanto, ela completaria sua jornada em uma carruagem que

oferecia limpeza e conforto e sob a proteção de um condutor competente e respeitoso. Se ela escolhesse voltar para casa sozinha, ele também mandaria um serviçal com ela. Sua família obviamente não insistira. Ele insistiria.

Ele ficara surpreso e grato por ela ter dito sim. Fazia muito tempo desde que ele tivera um caso prolongado com qualquer mulher. Ele nunca fugira para desfrutar de um deles. Ele nunca levara uma mulher para o chalé de Devonshire. Ele não passava muito tempo sozinho lá. Ele pertencia a uma tia-avó sem filhos, em cujo colo ele aparentemente escalou espontaneamente quando tinha três anos. Ela o adorara para sempre e deixara para ele tudo quando morreu.

Era de fato um local remoto, um fato que não lhe agradara no lugar até agora. Se ele não tivesse sido inerentemente preguiçoso em tais assuntos, teria, sem dúvida, vendido a propriedade havia muito tempo. Mas agora estava feliz por não ter feito isso. Ele preferia a ideia de fugir para lá com uma amante que achava que poderia manter seu interesse por uma semana ou duas no mínimo. Cabia a ele, é claro, ter certeza de que manteria o interesse dela pelo tempo que ela mantivesse o dele.

Eles estavam a caminho menos de meia hora depois, sentados lado a lado no assento assustadoramente duro, com tanto espaço entre eles quanto ela poderia conseguir, agarrando-se à tira desgastada ao lado de sua cabeça.

— O cocheiro concordou em nos levar até Devonshire? — perguntou ela.

— Deus me livre. Acredito que posso acabar com um caso permanente de tremores se eu permitisse tal coisa — disse ele. — Você deve ser feita de material severo para ter vindo de Bath nesta coisa, Viola. Encontraremos algo melhor para contratar assim que for possível. Se colocar muita confiança nesta alça, você sabe, isso poderá ceder e arrebentar, lançando-a para colidir comigo.

— Tudo isso parece muito… Estranho. — Ela disse como explicação.

Sim, sim. Mesmo para ele, parecia estranho.

Ela não desistiu de segurar a alça. Ou relaxar a tensão do corpo. Ou tentar manter qualquer conversa adicional. Ele suspeitava que em mais ou menos uma hora eles seguiriam caminhos separados, ela em uma carruagem para sua casa, ele em outra para a dele.

Exceto que na noite passada ela havia deixado a porta destrancada.

Eles pararam em uma pousada de aparência respeitável em uma movimentada cidade do interior. Ele instalou Viola em uma sala particular sob os cuidados de um estalajadeiro sorridente e de uma serviçal sorridente, e impecavelmente vestida antes de dispensar o cocheiro de Bath com um bônus generoso que ele não tinha feito nada para ganhar. Logo depois disso, se juntou a ela para tomar uma xícara de café. Ela parecia bastante pálida e sombria.

— Há uma carruagem para alugar — disse ele. — É simples, mas também é limpa e parece adequada. Tem alguns amortecedores. Há também cavalos de qualidade decente para uma ou mais carruagens. Eu suspeito que há mais e melhores em outros lugares da cidade. Você deve me dizer seu desejo, Viola. Devo contratar duas carruagens e mandá-la para casa em uma delas? Ou será uma carruagem para nos levar a Devonshire?

Ela colocou a xícara na mesa, observando o que estava fazendo.

— Durante toda a manhã — Ela disse. — Desde o café da manhã, tenho tentado pensar em uma maneira de lhe dizer que mudei de ideia.

— Ah — disse ele, e se recostou na cadeira.

Ela levantou os olhos para ele.

— Não é da minha natureza, — disse ela — buscar o que eu quero.

— Então somos bastante incompatíveis — disse ele. — Não é de minha natureza fazer qualquer outra coisa. O que você vê no seu futuro, Viola? Como será sua vida?

— Segura — disse ela. — Respeitável. Eu tenho amigos e vizinhos em Hinsford. Eu tenho minhas filhas, genro e netos. Talvez haja mais. Abigail certamente se casará daqui a um tempo. E talvez Harry…

— Seu filho? — Ele disse quando ela parou abruptamente.

— Talvez ele sobreviva às guerras — disse ela. — Talvez ele venha para casa e se case e… Mas não devo dizer talvez. Ele vai voltar para casa.

— E você vai se casar de novo? — Ele perguntou.

— Oh, meu Deus, não — ela disse. — Embora a palavra *novamente* não se aplique, não é? Outro casamento, até mesmo real dessa vez, é a última coisa que quero. Além disso, quem me teria?

Em nome da respeitabilidade, então ela iria viver um resto de vida muito solitário? Mas provavelmente sempre fora assim. Solitário e triste. Muitas vezes

parecia ser a sina da vida que uma mulher tinha que suportar. Simplesmente isso. Ele se sentiu muito feliz por não ser uma mulher.

Ele não quebrou o silêncio que se estendeu entre eles enquanto ela segurava uma xícara com as duas mãos, mas não bebia dele.

— Eu gostaria, — ela disse uma vez, mas não continuou. — Eu gostaria — ela disse um minuto depois. — Eu poderia ser egoísta como você. — Ela olhou para ele e corou. — Perdoe-me. Eu estava pensando em voz alta.

Ainda assim ele não disse nada. Ela voltou os olhos para a xícara.

— Eu gostaria de voltar. — Ela colocou a xícara no pires e olhou para ele novamente. — Eu não gostaria de fugir para sempre. Mas não seria para sempre, seria? Nós nos cansaríamos um do outro depois de um tempo. Você mesmo disse. Uma semana, talvez? Duas?

Algumas mulheres acreditavam em permanência, em felizes para sempre e em todo esse absurdo. Ele havia acreditado nisso uma vez, e onde isso o levara? Ele sempre deixara claro para qualquer mulher com quem ele estava embarcando em uma ligação que não seria para sempre ou mesmo por muito tempo. Não era crueldade. Seria cruel prometer para sempre e não ser capaz de entregar mais do que algumas semanas.

— Seria bom enquanto durasse — disse ele.

— Como ontem à noite? — Ela perguntou.

— Não posso prometer-lhe joias todos os dias — disse ele. — Eu me tornaria um mendigo.

— Nem mesmo pérolas? — Ela perguntou, e… sorriu.

Ele poderia, ele pensou, se apaixonar por aquele sorriso. Novamente. Ele havia se apaixonado por ele catorze anos atrás. Estranho. Ontem ele não se lembrava dela ter sorrido. Mas ela devia ter sorrido. Ele havia se apaixonado pelo sorriso dela. E por ela. Ainda devia ter haver vestígios de seu antigo eu quando ele a conheceu que ele usara aquela frase em sua própria mente.

— Talvez uma única pérola a cada dia seguinte — disse ele.

— Uma pulseira para combinar com o meu colar e brincos — disse ela. — Quantas pérolas, você acha? Doze? Vinte e quatro dias, então. Vamos nos cansar um do outro até lá?

— Se não cansarmos, — ele disse — nós adicionaremos um anel de pérola. E talvez aquela tornozeleira a que você resistiu ontem.

Ela fechou os olhos brevemente.

— Uma carruagem — disse ela. — Contrate uma.

— Eu vou encontrar uma melhor do que esta pousada tem para oferecer — disse ele, levantando-se.

— Eu vou esperar. — Ela prometeu.



Ele se fora havia uma hora. Uma hora durante a qual poderia mudar de ideia. Mas ela não fez isso. Ao invés disso, ela usou o tempo para escrever breves mensagens, uma para Camille e Abigail em Bath e outra para a Sra. Sullivan, sua empregada em Hinsford. Ela não conseguiu, afinal, reconciliar-se com sua consciência para desaparecer sem uma palavra a ninguém. Ela escreveu para suas filhas dizendo que estava indo para algum lugar privado por um tempo — talvez por uma semana ou duas — e que não se preocupassem com ela. Ela escreveria novamente assim que retornasse. Ela informou à Sra. Sullivan que seu retorno a Hinsford havia sido adiado indefinidamente e que ela escreveria novamente antes de voltar para casa. Pediu desculpas pelo inconveniente que devia ter causado por não ter chegado ontem.

Ela entregou as cartas com dinheiro para cobrir o custo de enviá-las e uma gorjeta adicional para a empregada que a servira. A garota colocou-os no bolso do avental e prometeu, com um sorriso caloroso, colocá-los na sacola para o correio de saída imediatamente.

E assim Viola esperou para fugir. Para desaparecer onde ninguém a encontraria. Para fazer algo só por ela mesma. Ela não pensaria mais se estava sendo egoísta e autoindulgente. Ela não pensaria nas implicações morais do que estava fazendo — e fizera na noite anterior. Ela não havia prejudicado ninguém — exceto talvez a si mesma — e não o faria indo embora por um tempo. Ela não ia pensar em se machucar ou sobre o que viria depois. Ela pensaria nisso quando a hora chegasse. Ela vivera uma vida de extrema retidão e propriedade e fora ferida de qualquer maneira. E ela não tinha ilusões. O caso chegaria ao fim e seria isso. Se ela acabasse infeliz — bem, o que haveria de novo nisso?

Marcel retornou com uma carruagem de viagem negra com detalhes amarelos, elegante e resplandecente de tão nova. E ele veio com cavalos que eram um corte definido acima da qualidade dos disponíveis na maioria das estalagens, incluindo esta. Ele também trouxera um cocheiro corpulento, que estava bem barbeado, bem preparado, elegantemente vestido e discretamente respeitoso.

— Você não contratou isso — disse Viola quando ela saiu para o pátio. — Você comprou.

Ele ergueu as sobrancelhas daquele jeito arrogante e estendeu a mão para ajudá-la a subir os degraus. Suas malas, ela podia ver, já estavam acomodadas atrás. Como devia ser ter tanto dinheiro? Mas ela soubera uma vez. Parecia fazer muito tempo. Ele havia ficado para trás ontem enviando sua própria carruagem a caminho com seu irmão — *para poder passar o resto do dia com ela.* E ele resolvera seu dilema hoje simplesmente comprando uma carruagem nova.

— O cocheiro vem com isso? — Ela perguntou quando ele entrou atrás dela e se sentou ao lado dela. — Você o empregou também?

— Parecia sensato — disse ele. — Se eu o tivesse contratado apenas para a viagem, teria de pagar sua diligência para voltar até aqui, e isso poderia sobrecarregar meu bolso. Além disso, e se quisermos usar a carruagem enquanto estivermos em Devonshire? Ou fugir para o País de Gales ou Escócia? Você subiria na carruagem comigo se eu fosse forçado a pegar as rédeas sozinho? Eu poderia morrer de solidão se você não fosse.

— Muito bem — disse ela. — Foi uma pergunta tola. — Uma passagem de diligência pode colocar alguma pressão sobre seu bolso, mas o salário de um cocheiro por um período indefinido de tempo não o faria?

O cocheiro recolheu os degraus e fechou a porta. Momentos depois, a carruagem se movimentou sobre o que obviamente eram excelentes amortecedores. Havia o cheiro agradável de novo no interior — madeira, couro e tecido. E havia um conforto luxuoso instantâneo. Ele pegou a mão dela e entrelaçou os dedos — como fizera na noite anterior antes de voltarem para a estalagem. E ele baixou a cabeça e a beijou.

— A alça ao lado da sua cabeça parece muito mais confiável do que a da outra carruagem — disse ele. — Mas espero que você não ache necessário usá-la.

Eu sou o mesmo homem que fui ontem à noite. O mesmo homem que serei esta noite.

Eram palavras deliberadamente sedutoras e, era claro, tinham um efeito imediato em seu corpo. Ela sentiu a dor do desejo, como ele sabia muito bem que ela faria. Sua cabeça ainda estava voltada para ela, seus olhos escuros e aparentemente preguiçosos fixos nos dela. Mas ela não precisava mais lutar contra a sedução. Ela se rendera a isso. E não era nem mesmo uma sedução, pois isso implicava que ela não sabia do que estava acontecendo e seria uma vítima involuntária se estivesse. Ela estava plenamente consciente e era totalmente cúmplice.

Havia algo libertador neste pensamento.

— O quê? — ela disse. — Você não melhora com a prática?

Ela teve a satisfação de ver um olhar assustado, preso em seu rosto antes que ele risse. E, meu Deus, ela não acreditava que já o tivesse visto ou ouvido rir antes. O riso fez com que ele parecesse mais jovem, menos duro, mais humano — o que quer que ela quisesse dizer com isso.



Na estalagem que acabavam de deixar, a empregada que pegara as cartas de Viola e sua generosa gorjeta fora chamada para algum trabalho atarefado na cozinha antes de poder ir ao escritório e à mala postal. E, por azar, o cotovelo do ajudante da cozinheira ao lado dela mandou uma tigela de molho derramando-se pela frente de seu vestido e avental. Ordenaram-lhe que se trocasse rapidamente, uma vez que ainda era necessária urgentemente na cozinha. Deixou cair o uniforme no cesto de roupas no caminho de volta ao trabalho e esqueceu as cartas até algumas horas depois, quando já era tarde demais para salvá-las. Elas saíram da tina da lavanderia ainda dentro do bolso do avental, mas reduziram-se a uma massa encharcada.

Era impossível alisar a pasta em algo parecido com papel, muito menos páginas individuais. E mesmo se tivesse sido possível, não havia palavras para serem lidas. A tinta se espalhara no interior do bolso e parte exterior também, manchas cinza e preta arruinavam um avental perfeitamente bom.

A pobre moça se sentia muito mal, até porque o custo de um novo avental seria retirado de seu salário. Mas ela não confessou que a massa encharcada tinha sido uma carta que lhe fora confiada por uma cliente que já havia partido. Ela afirmou, em vez disso, que tinha sido uma carta que escrevera para sua irmã, que trabalhava em uma casa particular a vinte quilômetros de distância.

As cartas provavelmente não eram importantes de qualquer maneira. Cartas raramente eram. Ou então ela consolou sua consciência.

SETE

Eles tinham tempo. Não havia pressa, afinal. Eles estavam fugindo, não para algo em particular. A jornada era tão parte de tudo quanto era o destino. Eles faziam paradas por motivos práticos — trocar de cavalo, fazer refeições. As últimas paradas eles tinham feito por diversão e às vezes eles caminhavam, se o lugar lhes parecia interessante. Eles exploraram um castelo, descendo para as masmorras por longos degraus de pedra em espiral e depois subindo para as ameias da mesma maneira para contemplar a paisagem circundante, o vento ameaçando carregar o chapéu alto dele até o próximo condado. Eles visitavam igrejas e cemitérios. Ela gostava de ler todos os monumentos e lápides antigas para descobrir com que idade aqueles ali enterrados tinham morrido e como estavam relacionados um com o outro. Ela gostava de descobrir como se relacionavam com outras pessoas no cemitério.

— Você tem uma mente mórbida. — Ele disse a ela.

— Eu não tenho. — Ela protestou. — Os cemitérios me lembram da continuidade da vida, da família e da comunidade. Neste cemitério os mesmos quatro ou cinco sobrenomes continuam recorrentes. Você percebeu? Tenho certeza de que, se perguntássemos na aldeia, descobriríamos que os mesmos nomes predominam mesmo agora. Isso não é fascinante?

— Maravilhosamente sim. — Ele a favoreceu com um olhar deliberadamente vazio. — Isso certamente parece indicar que as pessoas em geral não costumam fugir.

— Ou então eles partem, mas depois voltam. — Ela disse. — Como faremos depois de um tempo.

— Um bom tempo, é de se esperar — disse ele.

Ele não estava com pressa de pensar em voltar. Depois de alguns dias e noites em sua companhia, ele ainda estava encantado com ela. Era uma palavra estranha para surgir em sua cabeça — *encantado* — mas não havia outra palavra

mais apropriada. *'Lascivamente atraído'* seria uma expressão muito mundana e não captava exatamente como se sentia.

Às vezes, vagavam pelos mercados e muitas vezes compravam frivolidades baratas que o teriam repelido, e provavelmente a ela também, em um estado de espírito mais racional. Ele comprou para ela uma bolsa de corda verde para carregar suas compras como as que outras mulheres usavam e um chapéu de algodão azul-celeste com aba larga e aletas que cobriam o pescoço. Ele sugeriu que procurassem um banquinho de três pernas, um balde e uma vaca leiteira, mas ela o chamou de bobo e apontou que eles seriam incapazes de espremer a vaca dentro da carruagem e que não seria razoável esperar que o animal trotasse atrás e ainda tivesse condições de encher o balde de leite sempre que parassem. Ele admitiu que ela tinha razão.

Ela comprou para ele um guarda-chuva preto com borlas de ouro horríveis ao redor da borda que pingaria água por toda parte, principalmente no suporte, quando ele tentasse mantê-lo sobre si e sobre algum companheiro em um dia chuvoso. Ela sugeriu que ele guardasse para uso futuro como um guarda-sol. Ele sugeriu cortar as borlas, mas não o fez. Ele comprou para si mesmo um bastão de madeira nodosa e robusta para se escalar as colinas de Devon como um experiente camponês. A peça partiu em dois pedaços com um estalo alto quando ele apoiou um mínimo de peso sobre ela no quarto da estalagem naquela noite. Felizmente para a sua dignidade, ele manteve o equilíbrio, mas ela caiu na risada de qualquer maneira ao lado da cama e ele agitou o coto quebrado para ela e talvez tivesse se apaixonado se fosse vinte anos mais jovens e vinte vezes mais tolo.

— Eu paguei um bom dinheiro por isso, senhora — disse ele.

— Você não pagou quase nada por isso. — Ela o lembrou. — Mesmo assim, você não teve seu dinheiro valorizado e eu me simpatizo por isso.

— Sua simpatia me faz muito bem — ele resmungou.

— Meu pobre querido — disse ela, abrindo os braços. — Deixe-me mostrar a você.

Pobre querido?

Ele deixou de lado os restos de seu bastão rústico e permitiu que ela lhe mostrasse.

Quando estavam na estrada, às vezes ficavam em silêncio, mas era um silêncio companheiro. Muitas vezes sentavam-se de mãos dadas, os ombros se tocando. Ocasionalmente ela cochilava, com a cabeça no ombro dele. Ele nunca conseguira dormir em uma carruagem em movimento. Uma vez ele sugerira que fechassem as cortinas de couro e fizessem amor, mas havia limites para o que ele poderia esperar da antiga Condessa de Riverdale. Ela disse um *não* decidido e que não seria convencida do contrário.

— Puritana — disse ele.

— Concordo. — Ela respondeu.

Não houve resposta para isso. Mulher inteligente para não tentar superá-lo na troca de insultos. Ele intencionalmente admirava o campo em vez de fazer amor com ela.

— Aborrecido? — Ela perguntou após algum tempo.

— Muito — disse ele.

Ela permaneceu encarando-o por alguns instantes, presumivelmente para descobrir se ele estava falando sério. Então ela se virou e admirou a zona rural do seu lado da carruagem.

— Seria decididamente desconfortável — disse ela depois de um tempo.

— E indigno — ele acrescentou.

— E isso também.

Um momento depois, ela riu baixinho e se acomodou em seu ombro. Mas eles não fizeram amor em sua nova carruagem.

Às vezes eles conversavam. Ele ficara desconfiado da conversa no começo. Ele não conversava com mulheres. Não conversas de verdade. Francamente, ele não se interessava em mulheres como pessoas, embora para ser justo consigo mesmo, ele não esperava que elas se interessassem nele como pessoa também. Suas relações com as mulheres tinham sido para satisfazer uma necessidade muito específica nas vidas delas e em sua própria. Não que ele não gostasse delas ou não as respeitasse mais do que ele acreditava que elas não gostassem ou não o respeitassem. Era apenas isso… Bem, ele não tinha interesse em relacionamentos. Mais uma vez para ser justo consigo mesmo, ele evitava amizades próximas com homens também. Ele tinha numerosos conhecidos amigáveis, mas ninguém a

quem ele tivesse desnudado a alma. O próprio pensamento era abominável para ele.

Eles conversavam sobre suas famílias. Ou ela conversava, de qualquer maneira. Ela obviamente sentia um profundo apego à família, embora ele se perguntasse o quanto eles sabiam sobre os sentimentos dela. Ela poderia ser muito reservada, muito controlada, em seus modos. Muitas vezes ele se perguntava quanto sentimento havia por trás daquela reserva. Ele já havia descoberto sua paixão. Mas também havia emoções genuínas.

O coração dela estava despedaçado de preocupação com o filho, que era um capitão de regimento da infantaria na Península. Ela não colocara os sentimentos em palavras, mas não era difícil interpretar o que ela dissera dessa maneira. Ela falara com esperança de sua filha mais velha, que tinha sido despojada de seu título e lugar na sociedade e tivera o noivado desfeito depois que sua ilegitimidade ter sido exposta. Sua filha aparentemente lecionara em uma escola de orfanato e depois se casara com um professor e artista que acabara de herdar uma modesta fortuna e uma casa perto de Bath. Tudo parecia muito complicado para ele. Os dois haviam adotado duas das crianças do orfanato e, recentemente, tiveram uma criança — o motivo dela ter ido a Bath. Os dois tinham aberto em sua casa como uma espécie de local de retiro / conferência / concerto / galeria que estava sempre movimentada e repleta de pessoas. Tipos de artistas, adivinhou Marcel. Tudo soava horrível, mas aparentemente a filha estava feliz, uma indicação era que ela andava descalça com mais frequência do que calçada.

— Eu suponho, — disse ele — seu antigo eu estremeceria de horror ao simples pensamento de que alguém, exceto sua empregada, visse seus pés.

— Sim — ela disse, aparentemente tendo levado a questão a sério.

Ela estava preocupada com sua filha mais nova, que tinha sido privada, com seu título e status social, de qualquer chance de fazê-la sair em uma temporada em Londres e de toda a esperança de contrair o tipo de casamento que para ao qual ela fora criada. A garota era aparentemente doce e gentil e aceitava a vida dela como era — um fato que preocupava profundamente sua mãe.

— Talvez ela realmente aceite — disse ele.— Talvez aceite como é.

As mulheres não eram criadas para aceitar o que quer que a vida quisesse fazer? O diabo, mas ele se sentiu feliz novamente por não ter nascido mulher.

Ela lançou um olhar de reprovação, e ele a beijou com força para que não tivesse que ver seus olhos profundamente feridos. Bom Deus, ele não precisava disso. Ele havia fugido com ela para que eles pudessem colocar todas as suas preocupações para trás por um tempo, esquecer tudo menos um do outro e o prazer que eles poderiam obter mutuamente e do seu entorno imediato. Para que pudessem desfrutar de uma semana ou três de sexo sensual e vida despreocupada.

No entanto, quando ele terminou de beijá-la e sentou-se ao lado dela novamente, ele segurou sua mão e pousou-a sobre sua coxa, virando-se para olhá-la e encorajá-la tacitamente a continuar falando. Ele sentiu que ela precisava conversar, e pareceu-lhe que ninguém parecera ansioso para falar com ele — a menos que estivessem enchendo-o de reclamações, isto é, e de que ele fizesse alguma coisa para acertar as coisas.

Ela havia ido a Londres no início do ano para participar do casamento do novo Conde de Riverdale. Ele não tinha ouvido falar dela estando na cidade. Ela tinha ido a convite específico do próprio Conde — o mesmo que usurpara o título de seu filho, embora isso não tivesse sido culpa dele — e de sua mãe e irmã. A noiva também escrevera para convencê-la a ir, embora a mulher estivesse prestes a assumir o título que fora de Viola por mais de vinte anos.

Estaria ela insultando Viola? Ele não havia conhecido a nova Condessa, mas ele estava instantaneamente inclinado contra ela. Por que Viola tinha ido embora? Dever? Dignidade? Orgulho? Bom Deus.

— Isso deve ter sido doloroso para você — disse ele.

— Às vezes, — ela disse — fazer o que é mais doloroso é a única coisa a fazer.

— É? — Ele perguntou, olhando para ela com alguma surpresa. — Sempre achei que fosse a última coisa a fazer. Certamente a dor deve ser evitada a todo custo.

— Eu tentei isso por um tempo — disse ela. — Eu fugi. Fugi de Londres e depois de Hinsford Manor, que já não era minha nem de Harry. Cheguei a fugir de minhas filhas, com a explicação de que era para o bem delas que elas moravam com minha mãe em Bath e não comigo. Fugi para Dorset para ficar com meu irmão. Ele é um clérigo e ainda era viúvo na época. Mas fugir não foi suficiente, porque eu levava a mim e à minha dor comigo. Finalmente eu tive que voltar e

encarar pelo menos um pouco disso. Às vezes, ainda acho difícil olhar nos olhos das minhas filhas — e do meu filho. Ele ficou em casa por alguns meses este ano se recuperando de ferimentos graves.

— Eu suponho — disse ele. — Você se sentiu culpada. Correção: suponho que você se sinta culpada.

— Eu suponho que eu faço ocasionalmente. — Ela admitiu. — Como se eu devesse saber. Mas principalmente eu sinto… principalmente me sinto impotente. Eu morreria por eles se, ao fazê-lo, pudesse garantir sua felicidade. Mas mesmo isso não seria suficiente. Não há realmente nada que eu possa fazer por eles.

— Exceto amá-los — disse ele. Agora de onde viera isso?

— O amor nunca parece ser suficiente — disse ela. — Dizem que é tudo, mas não tenho certeza se acredito nisso.

Ele se sentiu um pouco gelado. Esta não era a primeira vez que ela havia fugido, então. Ela carregara toda sua perplexidade, dor e culpa na primeira vez. E desta vez? O próprio fato de que ela estava falando sobre isso sugeria que ela estava sobrecarregada, como ele. Ele realmente queria fazer isso? No entanto, ele não fez nenhum esforço para interromper seu fluxo de palavras. Ele ergueu as mãos entrelaçadas e colocou os lábios no dorso de sua mão. Ele manteve os olhos no rosto dela.

Ela estava dizendo a ele que tinha ido a Londres e feito amizade com a nova Condessa de Riverdale.

Que diabo? Ela se deleitava punindo a si mesma?

— Isto foi possível? — Ele perguntou.

— Eles são uma família adorável. — Ela disse a ele. — Alexander é bom, gentil e tem um forte senso de dever e responsabilidade. Wren é calorosa e sincera e verdadeiramente generosa. Ela também é forte e independente. Ela é uma mulher de negócios rica e continua a ser, com a bênção de Alexandre. Eles resumem para mim o que um casamento verdadeiro deveria ser, mas muito poucos casamentos são.

Ah, sim. Ele se lembrava agora de ler sobre isso. Riverdale se casara com a herdeira das porcelanas Heyden, que diziam ser fabulosamente rica.

— Você acha os dois impossíveis de odiar, então — disse ele. — Isso deve ser um aborrecimento severo.

Ela lhe lançou um olhar de espantada incompreensão e então... sorriu.

— Bem. — Ela disse. — Suponho que seria um conforto se eu não pudesse gostar deles. Mas eu não posso. Nada do que aconteceu foi culpa deles. Alexander ficou genuinamente desanimado quando lhe disseram que o título era dele. Eu sei. Eu estava lá. Não posso desgostar de nenhum dos Westcotts. Nada disso foi culpa deles, e eles se esforçaram para nos atrair de volta para a família. Todos eles já viajaram para Bath várias vezes nos últimos dois anos por nossa causa. Eles estão lá agora para passar algumas semanas juntos após o batizado do filho de Camille e Joel.

— Mas você não usa o nome Westcott — disse ele.

— Não. — Ela encolheu os ombros.

— E quando eu te conheci, você estava fugindo novamente de toda essa gentileza, generosidade e amor — disse ele.

— Sim — ela disse. — Novamente. Eu não tinha pensado nisso dessa maneira. E agora, mais uma vez. Talvez eu tenha acabado de me tornar uma fugitiva. Uma fugitiva da realidade.

— A realidade talvez seja superestimada — disse ele.

Ela suspirou e ficaram em silêncio por um tempo. As árvores altas que ladeavam a estrada em ambos os lados obscureciam a vista dos campos e prados além e impediam a passagem da maior parte da luz do sol.

— E você, Marcel — disse ela. — Do que você está fugindo?

Ele ouvira com inesperado interesse o emaranhado de amor e esperança e drama e medo e tédio que era a vida dela. Mas ouvir era uma coisa passiva. A vida dela era dela mesma. Não lhe dizia respeito diretamente. Ele não tinha interesse real nos filhos dela, em sua mãe, seu irmão ou os Westcotts — exceto quando eles a afetavam. Não que ele estivesse interessado em carregar os fardos dela e torná-los seus. De fato, era um pouco alarmante perceber que ela os trouxera com ela nessa jornada de prazer supostamente despreocupada. Mas em um estranho discernimento, ele entendeu que ela se tornara a pessoa que era hoje somente porque tinha vivido aquelas experiências e se envolvido naqueles relacionamentos. E de alguma forma ele estava interessado na pessoa que Viola Kingsley era. Seu interesse por ela deveria ser inteiramente sobre sexo, se esse caso

fosse prosseguir fielmente ao padrão. Não era, no entanto, qualquer padrão. Não fora desde o início.

Do que ele estava fugindo?

— Apenas do tédio de uma visita a casa — disse ele. — Há muitas mulheres rivais ali. E homens que querem assumir o controle na minha ausência, e um administrador reclamando sobre eles. E uma empregada que reclama de ser obrigada a rezar. É um lugar a ser evitado sempre que possível, embora apenas ocasionalmente alguém se sinta obrigado a aparecer para afirmar sua autoridade.

— E isso funciona? — Ela perguntou.

— Oh, com certeza. — Ele olhou para ela, as sobrancelhas levantadas. — Eu não tolero os tolos de bom grado. Ou, em absoluto, de fato.

— Sua família e serviçais são tolos? — Ela lhe perguntou.

Ele pensou no assunto por um momento.

— Eu vejo, — disse ele — que eu vou ter que escolher minhas palavras cuidadosamente com você, Viola. Não, eles não são tolos. Pelo menos nem todos são. Eles são meramente... tedioso. Essa é uma palavra mais aceitável?

— Eu não conheço as pessoas envolvidas — disse ela. — Eles são toda a sua família? Você não tem filhos? Certamente seus próprios filhos não são entediantes.

Ele suspirou e colocou os ombros no canto do assento da carruagem, colocando uma pequena distância entre eles. Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Eles não são — disse ele. — Mas aqueles que têm a responsabilidade sobre eles os tornariam tediosos se pudessem.

— Mas eles podem? — Ela perguntou. — Você não tem a responsabilidade deles?

— Talvez, — ele disse — eu seja tedioso, Viola.

— Quantos anos eles têm? — Ela não iria ser dissuadida, parecia.

— Dezessete, quase dezoito — disse ele.

— Todos eles? — Foi a vez de suas sobrancelhas se levantarem.

— Dois — disse ele. — Gêmeos. Um rapaz e uma moça.

— E eles não são… — Ela não prosseguiu. Ele havia colocado um dedo sobre os lábios dela. Era suficiente.

— Estou fugindo — disse ele. — Com você. Eu tenho a bagagem necessária comigo na forma de algumas mudanças de roupa e meu equipamento de barbear. É tudo que preciso. E sua presença. Mas não suas perguntas inquisitivas.

— Apenas meu corpo — disse ela, afastando-se de seu dedo silenciador.

— Isso, — ele disse suavemente, desdobrando os braços — foi desnecessário.

— Foi? — Ela perguntou.

— Suponho que agora que estamos embarcando em um caso completamente satisfatório, você quer mais — disse ele.

— Como a maioria das mulheres? — Ela sorriu, mas a expressão não alcançou seus olhos. — Isso é o que sua pergunta insinua. Não, Marcel, não quero possuir sua alma. Eu certamente não quero possuir seu nome. Mas é um caso apenas sobre... — Ela parou e franziu a testa.

— Sexo — ele disse. — Mas o sexo é muito prazeroso quando é bom, Viola. Como eu acredito que você concordará.

— Sim — disse ela, e recostou a cabeça contra as almofadas e fechou os olhos. Calando-o. Deixando-o se sentir raso por querer nada além de sexo dessa breve fuga da responsabilidade. Ela era a rainha do gelo da memória, os lábios em uma linha fina e reta. Ele a queria.

— Nenhum deles vai sentir nossa falta — disse ele depois de alguns minutos de silêncio irritado; irritado do ponto de vista dele, de qualquer maneira. Ela parecia perfeitamente serena, além de seus lábios. Ele poderia quase ter pensado que ela havia cochilado, exceto que sua cabeça não pendera para o lado.

— Você percebe isso, Viola? Nenhum de seus numerosos membros da família notará que você se foi. Eles acham que você voltou para qualquer que seja a casa em que vive…

— Hinsford Manor — disse ela sem abrir os olhos.

— Hinsford Manor — disse ele. — Eles continuarão a se divertir em Bath e não vão lhe dedicar algum pensamento.

Ela não tinha comentários sobre isso. Nenhum protesto a fazer. Ela sabia que ele estava certo.

— E ninguém sentirá minha falta — disse ele. — Quando André chegar com a notícia de que eu fiquei à beira do caminho, mas vou aparecer quando eu quiser

aparecer, eles darão um suspiro coletivo de alívio e continuarão com suas vidas. Suas vidas tediosas, às vezes fragmentadas. E todos eles irão me escrever outra carta de queixa e depois irão se queixar quando perceberem que não há lugar para enviá-la.

Os lábios dela suavizaram e se curvaram nos cantos, sugerindo um sorriso.

— Você está irritado — disse ela.

Ele franziu os lábios e olhou para ela, mas ela não lhe daria a satisfação de abrir os olhos. E ele não lhe daria a satisfação de falar outra palavra, nem mesmo negar sua acusação.

Ele não estava irritado.

Depois de alguns minutos, ela inclinou a cabeça para a esquerda. Ele desdobrou os braços, afastou-se de seu canto e levantou a cabeça dela para descansar em seu ombro.

Eles tinham tido sua primeira briga.

Mas ele estava certo. Ninguém sentiria falta deles. E ele não ia começar a sentir autopiedade disso. Embora ele se permitisse alguma pequena indignação quanto à situação dela. Eles a deixaram ir — em uma carruagem alugada, não menos — quando a ferida crua do que ela sofrera alguns anos atrás não tinha sequer começado a cicatrizar. Eles a deixaram ir e nem sequer sentiriam falta dela.

Ele sentiria falta dela quando ela o deixasse. O que era, óbvio, totalmente absurdo.

OITO

A família de Viola começou a sentir sua falta depois de alguns dias, quando nenhuma carta veio de Hampshire para informá-los de que chegara em casa em segurança. Não era próprio dela não avisar ao menos suas filhas, especialmente quando percebia que elas ficariam mais ansiosas do que o normal. Eles haviam tentado de tudo para dissuadi-la de partir em uma carruagem alugada sem nenhum serviçal para proteção ou companhia, para não mencionar a respeitabilidade.

Camille e Abigail tinham escrito para ela desde então. Assim como sua avó materna e a cunhada de Viola no lado de Kingsley e duas de suas antigas cunhadas do lado de Westcott, descobriram quando mencionaram o assunto durante um jantar em família na casa de sua avó no Royal Crescent. E Wren, a Condessa de Riverdale, e Elizabeth, Lady Overfield, a cunhada de Wren, a irmã de Alexander. Um dos deveres diários de uma dama, afinal, era escrever cartas, e todos se preocuparam com Viola e sua decisão abrupta de voltar para casa logo após o batizado de seu neto.

Um pouco mais de uma semana depois de sua partida, uma carta finalmente chegou de Hinsford, endereçada a Camille e Abigail. Estava ao lado do prato de Camille na sala de café da manhã quando elas chegaram lá, vindo diretamente da creche. Mas não era da mãe delas, mas da Sra. Sullivan, a governanta, que explicava que tinha arrumado uma pilha de provisões na expectativa do retorno de sua senhoria para casa — ela havia se recusado terminantemente de se dirigir a Viola de outra forma, mesmo depois dela não mais possuir o título. Ela tinha dado a maior parte da comida depois de alguns dias antes que pudesse estragar, como ela tinha certeza que sua senhoria teria desejado que ela fizesse. Era incomum para sua senhoria não deixá-la saber que tinha mudado de ideia sobre vir, mas a Sra. Sullivan não ficou muito preocupada até

que várias cartas começaram a chegar para ela, todas de Bath. Sua pergunta para a Sra. Cunningham e a Srta. Westcott, então, se pudesse ser tão ousada, era a seguinte: se a sua senhoria não estava em Bath ou em Hinsford, onde ela estava?

A percepção de que a mãe deles não chegara nem escrevia para explicar por que, de fato, era alarmante para as irmãs. Joel Cunningham as encontrou gravemente agitadas quando entrou na sala de café da manhã cinco minutos depois delas com um sorriso alegre no rosto e cumprimentos de bom dia em seus lábios.

— Mamãe desapareceu. — Camille disse a ele sem preâmbulo, a carta aberta em sua mão, seu rosto pálido. — Ela ainda não chegou em casa e não escreveu nem para nós nem para a Sra. Sullivan.

— Eu sabia que deveria ter ido com ela. — Abigail lamentou. — Ela estava se comportando muito estranhamente — todos nós percebemos isso. Como não poderíamos? Ela foi brusca e até rude com alguns de nós, e ela nunca foi assim. Foi egoísta de minha parte ficar aqui e deixá-la ir sozinha.

— Não foi nada disso. — Assegurou Joel. — Eu acho que ela realmente queria ficar sozinha por um tempo, Abby. Agora para onde ela teria ido se não estivesse em casa? Para ficar com algum parente?

Ambas as senhoras olhavam para ele com incompreensão.

— Mas todo mundo está aqui em Bath — disse Camille.

— Certo. — Ele uniu a mãos. — Algum amigo em particular, então?

— Não há ninguém que não viva dentro de alguns quilômetros de Hinsford. — disse Abigail. — Não há nenhum lugar onde ela poderia ter ido.

— Bem, claramente… — disse ele. — Há algum lugar. Ela não pode simplesmente ter desaparecido da face da terra.

— Mas ela nem sequer escreveu. — Abigail cobriu a boca com uma mão enquanto as lágrimas enchiam seus olhos e ameaçavam se espalhar.

— Talvez ela já tenha chegado — disse Camille, entregando a carta ao marido e fazendo um esforço visível para se recompor. — Talvez houvesse problemas na carruagem e ela estivesse atrasada. Eu suponho que ela esteja em casa agora.

— Mas por uma semana inteira? E se foi assim, por que ela não escreveu? — Perguntou Abigail.

Ninguém poderia pensar em uma explicação. Camille colocou um braço sobre os ombros da irmã enquanto Joel lia a carta, uma carranca no rosto. Não havia mais esclarecimento a ser encontrado a partir dessa única página, no entanto.

— Eu lhe digo o que vou fazer — disse ele, dobrando-o enquanto falava. — Eu vou até Bath e vejo se a carruagem que a levou voltou. Se tiver, falarei com o homem que o dirigiu. Ele é obrigado a saber para onde ela foi.

— Oh sim, — Camille disse com visível alívio enquanto Abigail olhava esperançosamente para seu cunhado. — Claro que ele vai. Vamos, vamos encontrá-la.

Seguiu-se uma discussão sobre se ele iria sozinho, como queria fazer em prol da velocidade, ou se sua esposa e cunhada o acompanhariam. Como ele apontou, se Camille fosse, ela teria que levar Jacob com ela, já que era impossível prever quanto tempo eles demorariam, e se Jacob fosse, seria difícil deixar Sarah e Winifred para trás. No final, foram todos. Joel seguiu na frente a cavalo, e o resto da família seguiu na carruagem, pois, como Abigail salientara, a avó queria saber sobre a carta e sobre o que Joel descobrira, assim como o restante da família, que estava hospedada no Royal York.

Joel desceu a longa colina até Bath e deixou seu cavalo em um estábulo antes de caminhar a pé. Ele passou pela abadia de Bath no caminho e foi saudado por alguém em um grupo de pessoas que conversavam do lado de fora do Pump Room[5]. Ele reconheceu Anna, sua melhor amiga, quando viviam no orfanato e por vários anos depois. Ela era agora a Duquesa de Netherby. O Duque estava com ela, assim como a tia de Camille, Louise, a Duquesa viúva de Netherby, e Elizabeth, a viúva Lady Overfield. Ele hesitou por um momento, mas depois virou na direção deles e devolveu o abraço de Anna quando ela se adiantou para cumprimentá-lo.

— Você parece estar com muita pressa em relação a alguma coisa. — Ela disse.

— Há alguma coisa errada, Joel? — perguntou Elizabeth com uma expressão preocupada no rosto. — Uma das crianças?

[5] Pump Room: edificação histórica, construída entre 1789 e 1799, adjacente às termas romanas em Bath.
Asininas: mesmo que asno.

— Camille e Abby estão preocupadas — disse ele. — Esta manhã, receberam uma carta da governanta de Hinsford. Ela queria saber onde minha sogra está. Ela ainda não havia chegado lá.

— Carruagens alugadas são uma abominação — disse a duquesa viúva de Netherby. — Você pode apostar que ele quebrou em algum lugar. Ela deveria ter aceitado o empréstimo da minha carruagem. Eu não tenho nenhum uso para isso enquanto estou aqui, como me esforcei para explicar a ela. Mas, por mais que eu ame Viola, tenho que dizer que ela é uma das mulheres mais teimosas de meu conhecimento. Ela estava determinada a fazer do jeito dela.

— Mas por que ela não escreveu para dizer isso? — Anna perguntou.

— Eu diria… — disse Avery, Duque de Netherby, — que antes de atrasá-lo, Joel estava a caminho para exigir respostas do cocheiro que a levou.

— Eu estava — disse Joel. — Eu ainda estou. Se é que a carruagem voltou.

— *Se*. — A mão de Anna se arrastou até a garganta.

— Eu vou com você — disse Avery. — Isto é, se você vai me desculpar, meu amor?

— Oh sim, vá, Avery. — Anna pediu. — Retornaremos ao hotel e esperaremos para ouvir o que você descobriu. Oh, o que diabos poderia ter acontecido?

— Camille e Abigail estão a caminho do Royal Crescent — disse Joel. — Elas estavam muito preocupadas para esperarem em casa.

— Então vamos lá também e esperamos por você — disse a duquesa.

O cocheiro que dirigira a carruagem contratada não estava presente quando eles chegaram ao escritório da empresa. Ele estava fora em uma chamada, mas era local e ele estaria de volta a qualquer momento. Qualquer momento provou ter uma hora de duração. Quando finalmente chegou, o homem tirou o chapéu engordurado para coçar o cabelo oleoso depois que Joel o saudou e explicou por que ele estava ali.

— Eu perdi um cliente muito bom aqui por causa daquela viagem — disse ele. — Eu tive que substituir o eixo, mas o antigo não estava exatamente quebrado. Não estava bom o suficiente para ser consertado, no entanto. Eu perdi um dia inteiro e uma pilha de dinheiro. Aquele cavalheiro não ajudou a melhorar o dia em

que perdi. Suponho que um pagamento de um dia não significa nada para os semelhantes a ele. Alguns possuem isso fácil.

— Cavalheiro? — Joel disse.

— Minha carruagem não foi boa o suficiente para o Sr. Importante e Poderoso — disse o cocheiro o cocheiro amargamente. — Oh não, não ele. Ele teve que ir procurar outro, ele fez, mesmo depois que concertei o eixo. Ele me contratou para levá-lo para onde pudesse encontrar uma. Só espero que ele tenha sido enganado e todas as rodas tenham caído antes de passarem oito quilômetros.

— Você saiu de Bath com a senhorita Kingsley — disse Joel. — Quem é esse cavalheiro de quem você fala? E o que aconteceu com a senhorita Kingsley depois do acidente com o eixo?

O cocheiro coçou a cabeça novamente.

— Eu nunca o tinha visto antes — disse ele. — Mas ele achava que ele era o rei da Inglaterra. Ela estava com ele quando o levei para a cidade depois que a carruagem foi consertada. Ele teve a coragem de dizer que não insistiria que eu pagasse pelo custo da noite na estalagem. Você acredita nisso? Espero que, depois que os deixei, eles não tenham encontrado mais nada para contratar até o final dos tempos. Isso serviria a ele, se ficassem presos lá pelo resto de suas vidas.

— Meu temperamento ficaria consideravelmente mais feliz se você limitasse suas observações a responder às perguntas que lhe foram feitas — disse Avery, a respeito do homem com uma leve desaprovação. — Onde exatamente esse pequeno acidente com o eixo ocorreu? Onde exatamente a senhorita Kingsley estava retida durante a noite? Para qual cidade você conduziu a ela e ao misterioso homem desconhecido no dia seguinte?

Cabeça coçada novamente.

— Alguma vila — disse o cocheiro vagamente. — Não consigo lembrar como se chamava, se é que eu soube alguma vez. Eles estavam tendo uma grande feira lá sobre uma coisa ou outra. O telhado da igreja, talvez. — Ele, no entanto, lembrou-se do nome da cidade para a qual ele levara seus passageiros no dia seguinte. — Eu realmente deveria ter sido pago mais pelo meu problema — acrescentou ele, olhando astutamente para Joel. — Custou-me uma soma, essa viagem.

—Eu acredito que você saiu ganhando. — Joel disse a ele. — Sua jornada, pela qual você tinha sido pago na íntegra, foi interrompida quando não era mais necessário percorrer toda a distância, e a Srta. Kingsley aparentemente não insistiu nem no reembolso da parte não percorrida da viagem nem na compensação pela noite inesperada que ela foi forçada a passar em uma pousada. Ela disse alguma coisa para você no dia seguinte? Sobre quem era o cavalheiro ou onde ela planejava ir com a outra carruagem?

Mas não havia mais informações a serem tiradas do homem, e ele parou de reclamar das perdas incorridas durante a viagem malfadada. Ele parecia um pouco desconcertado com a menção sutil de Avery sobre seu temperamento infeliz e com o desagrado sombrio de Joel.

Quando Joel e Avery chegaram à casa da Sra. Kingsley no Royal Crescent, encontraram todos os membros de ambas as famílias reunidos na sala de estar, todos bastante ansiosos, com exceção das crianças.

Jacob estava dormindo nos braços de Abigail, e Sarah, a mais jovem das filhas adotivas de Camille e Joel, estava encolhida no colo da mãe, oscilando entre dormir e acordar, embora se levantasse suficientemente para cumprimentar seu pai com um sorriso largo. Winifred, a mais velha das filhas adotivas, fazia cócegas e alisava a cabecinha de Josephine, o bebê de Avery e Anna.

Assim que Joel entregou o relatório, toda a família teria disparado em perseguição a Viola e ao misterioso cavalheiro, o qual rapidamente assumiu proporções sinistras aos olhos de vários dos presentes, se Avery não tivesse imposto o silêncio e sangue frio ao grupo com o simples levantar de um dedo. Ele então observou que eles se assemelhavam a um circo itinerante e certamente se movimentariam pelo campo à velocidade de um, se todos fossem juntos.

— Eu vou sozinho — disse Joel.

— Eu irei também, Joel — disse Alexander, Conde de Riverdale. — Eu sou o chefe da família, afinal, e você pode precisar de alguma ajuda. Este... homem é uma variável desconhecida.

— Você não vai sem mim, Joel — anunciou Abigail com uma voz que tremia ligeiramente. — Eu me culpo por tudo isso. Se eu tivesse ido com mamãe, tudo teria sido diferente.

— Se ela tivesse levado minha carruagem e alguns serviçais robustos e uma empregada — disse sua tia Louise, a Duquesa viúva, — Tudo certamente teria sido diferente. Eles teriam lidado com as pretensões daquele homem, seja ele quem for, e o despachariam do caminho.

— Eu vou com você. — Abigail disse novamente.

— E eu vou acompanhá-la para dar-lhe assistência, Abby. — Elizabeth, Lady Overfield, disse. — Oh, não me olhe desse jeito, Alex. Claro que Abby quer ir procurar por sua mãe. E é claro que outra dama deve ir com ela. Wren não pode ir em sua condição. Por que não sua irmã, então? E, Joel, você também não me olhe desse jeito. Todos nós podemos ser necessários de uma forma ou de outra.

— Eu acho que isso é sensato, Elizabeth — disse Lady Matilda Westcott, a mais velha das antigas cunhadas de Viola, com sua voz estridente. — Seria muito impróprio para dois senhores irem sozinhos, mesmo que sejam parentes de Viola. O que eles fariam quando a encontrassem? E estaria fora de questão para Abigail acompanhá-los sem uma acompanhante.

Isso resolveu o assunto. Todos os quatro iriam proceder a busca, embora fosse muito possível que não haveria pistas na cidade onde Viola tinha sido vista pela última vez. Para onde ela tinha ido, ninguém podia adivinhar. Ou com quem. Essa era a questão mais crucial.

Eles partiram antes do meio da tarde na carruagem do Conde, sob acenos de despedida dos outros membros da família reunidos do lado de fora da casa no Royal Crescent. Alguns deles choravam, incluindo Camille e Winifred. Sarah se agarrou às saias de Camille, parecendo sentida depois que seu pai a abraçou e a beijou e subiu na carruagem sem levá-la também. Jacob estava dormindo novamente nos braços de sua tia-avó Mary Kingsley.

Marcel, marquês de Dorchester, não estava desaparecido, a princípio. André chegou devidamente a Redcliffe Court, trazendo a explicação de que seu irmão havia sido inevitavelmente retido, mas que chegaria em breve. Ninguém o atiçou com perguntas aborrecidas. Ninguém ficou particularmente surpreso. Isso não significava que eles estavam todos felizes.

Jane e Charles Morrow, como Marcel previra, ficaram mais aliviados do que consternados pela demora. Eles não gostassem de seu cunhado. Pior, eles tinham fortes reservas morais sobre sua possível influência sobre seus filhos. Se Adeline não tivesse sido uma tola simplória, como muitas vezes os dois comentavam entre si, ela teria se casado com alguém de fibra moral mais forte e não haveria nenhum perigo de seus filhos caírem em pecado e em devassidão. No entanto, ela tinha sido tola e simplória, e eles só podiam esperar que as visitas de seu cunhado continuassem sendo breves e infrequentes e que a força da influência moral deles sobre a sobrinha e o sobrinho fosse mais forte do que o efeito de hereditariedade.

A Marquesa, tia idosa de Marcel, e Isabelle, Lady Ortt, sua filha, estavam mais divididas em seus sentimentos.

Por um lado, elas estavam desapontadas por terem que esperar pelo retorno do Marquês e pela reprimenda avassaladora que ele certamente daria aos novatos Morrows, que se comportavam com todo mundo como se fossem proprietários de Redcliffe e de todos e de tudo que havia nele.

As duas senhoras detestavam o casal cordialmente.

Lorde Ortt limitava-se a ficar fora do caminho deles e não tinha nenhuma opinião conhecida de Marcel, a quem ele evitava ainda mais diligentemente quando estavam sob o mesmo teto.

Por outro lado, a viúva e sua filha estavam profundamente imersas no planejamento de um casamento cada vez mais elaborado para Margaret, a filha mais nova de Isabelle, e ambos sentiam uma angustiante ansiedade que o Marquês, sem dizer uma palavra, apenas levantava as sobrancelhas, dessa forma, ele tinha de expressar descontentamento, poderia significar desgraça para seus esquemas cuidadosamente planejados.

André estava razoavelmente contente, pelo menos a princípio, em esconder-se de seus credores e da vergonha de suas dívidas de jogo até que seu irmão decidisse voltar para casa.

Foram os gêmeos, normalmente plácidos e obedientes, que se tornaram o problema.

Todas as damas estavam na sala de visitas quando André chegou, todas muito ocupadas em bordar ou tricotar. Lorde Ortt também estava lá, com a cabeça oculta atrás de um jornal. E Bertrand Lamarr, o Visconde Watley, estava lendo um

livro até que o som de uma carruagem que se aproximava fez com que todos levantassem a cabeça. Ele se levantou e foi olhar pela janela.

— É ele, Bert? — Lady Estelle Lamarr perguntou ansiosamente.

— Parece a carruagem dele — ele disse. — Sim.

Estelle teria descido as escadas para cumprimentar o pai no terraço, mas ela olhou primeiro para a tia, e a dama meneou a cabeça negativamente e sorriu com carinho. Não era adequado para uma jovem sair correndo pela casa, exibindo uma emoção desenfreada. Estelle olhou para Bertrand, que havia se virado da janela, e uma mensagem silenciosa passou entre eles, como sempre acontecia. Eles não eram gêmeos idênticos, era claro, então não havia aquela ligação quase psíquica que muitos gêmeos idênticos compartilhavam. No entanto, eles se conheciam muito bem, tendo sido quase inseparáveis desde o nascimento. Estelle voltou sua atenção para o bordado e Bertrand ficou onde estava, embora ele também quisesse ir ao encontro do próprio pai.

Lorde Ortt saiu da sala sem ser notado.

E então o tio André entrou na sala. Sozinho.

— Papai não está com você? — Estelle perguntou com evidente desânimo.

Foi quando ele deu sua explicação vaga sobre o inevitável atraso de seu irmão.

— Mas ele escreveu dizendo que estava a caminho — disse Estelle. — Eu planejei uma festa para seu aniversário de quarenta anos na semana que vem. Eu implorei a tia Jane para me permitir que fizesse, e ela disse que seria um bom treinamento para mim.

— Eu diria que ele estará aqui muito antes disso — assegurou André alegremente. — Como vai, tia Olwen? E Isabelle? Margaret? — Ele percorreu a sala, curvando-se para cada uma das damas, uma por uma.

— Eu sabia que ele não viria — disse Bertrand. — Eu disse a você, Stell.

— Oh, você não disse — ela protestou.

— E eu avisei a você que seu pai às vezes é imprevisível — sua tia Jane disse gentilmente. — Eu também avisei, Estelle, que talvez ele não fique tão feliz quanto você espera com a perspectiva de uma festa em sua honra aqui no campo. A iniciativa está fadada a parecer insípida para um homem com suas preferências.

Provavelmente será bom se ele não chegar a tempo, embora eu odeie ver você desprezada e desapontada.

— Sim, tia Jane — disse Estelle, enquanto retomava o trabalho no bordado.

— Ele nunca nos *desprezou* — disse Bertrand, mas falava em voz baixa o suficiente para que sua tia não ouvisse ou sabiamente preferisse não comentar.

O pai deles ainda não havia chegado após uma semana e nem havia mandado dizer quando estaria lá — se viesse. Estelle ficou cada vez mais infeliz à medida que a esperança de que chegasse a tempo para o aniversário diminuía. Bertrand, infeliz por si próprio, porém ainda mais infeliz pela irmã, abordou o tio André sobre a verdadeira causa do inevitável atraso — e depois relatou a sua irmã em seu quarto.

Quando terminou, Estelle ficara incomumente enraivecida — ela fora ensinada que uma dama nunca permitia que um sentimento forte lhe roubasse uma dignidade calma.

— Suponho — disse ela — que, se ele partisse com o tio André e decidisse ficar em algum vilarejo esquecido por Deus. — Eram essas as palavras exatas dele, Bert? — suponho que se ele fizesse isso e até deliberadamente se abandonasse ali sem sua carruagem, só poderia haver uma de duas explicações.

— Ele encontrou um jogo de cartas ou uma briga de galo ou algo assim — disse ele.

— Ou uma mulher — Ela falou com grande amargura.

— Eu digo, Stell, tia Jane teria um ataque histérico se ela ouvi-la dizer isso — disse ele.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas quando ela levantou o rosto para ele.

— Eu acho que foi uma mulher — disse ela.

— Você está pensando no que eu estou pensando? — Ele perguntou depois de se encararem de modo sombrio por alguns instantes. Suas narinas se abriram com uma raiva repentina para combinar com a raiva dela.

— Sim, eu certamente estou — disse ela. — É hora de irmos encontrá-lo. E trazê-lo para casa. Ele não vai arruinar a única festa que eu planejei. Ele simplesmente não vai. Eu já tive o suficiente.

— Esse é o espírito, Stell — disse ele, tocando-lhe o ombro dela e apertando-o. — Nós não somos mais crianças. É hora de nos afirmarmos. Vamos encontrar o tio André novamente. Ele estava na sala de bilhar há cinco minutos.

Ele ainda estava lá.

— Ele poderia estar em qualquer lugar agora — disse André, arriscando uma opinião, esperançoso em poder retomar seu jogo solitário. — Eu realmente não consigo imaginá-lo ficar naquela aldeia por mais de um dia ou dois no máximo. Deus sabe onde ele foi depois de sair de lá ou onde está agora. Seu pai é imprevisível.

Mas ainda assim eles foram. Eles partiram no dia seguinte em uma viagem em que estavam plenamente conscientes de que poderia muito bem se revelar infrutífera. Eram quatro viajantes.

Estelle e Bertrand tinham insistido para que o tio os acompanhasse para levá-los à aldeia onde havia deixado o pai deles, já que não conseguia lembrar o nome. Para ser justo, ele foi sem grande protesto. Redcliffe não oferecia muito entretenimento ou companhia adequada, mas não podia ir a nenhum lugar sozinho, já que seus bolsos tristemente vazios e os credores poderiam atacar se ele fosse para os seus quartos em Londres ou para qualquer um de seus lugares habituais. E era de seu próprio interesse, assim como de sua sobrinha e sobrinho, encontrar seu irmão e persuadi-lo a voltar para casa e cumprir sua promessa de emprestar dinheiro para pagar as dívidas de André. A quarta viajante era Jane Morrow, que iria após o fracasso de todas as suas tentativas de dissuadir, comandar, persuadir e ameaçar dois jovens que nunca em suas vidas lhe deram um momento de dificuldade.

— Não consigo imaginar o que aconteceu com eles — Reclamou para o marido, quando ele também falhara em incutir bom senso na sobrinha e sobrinho de sua esposa. — A menos que seja sangue ruim se revelando finalmente. Eu farei tudo em meu poder para impedir que isso prevaleça, no entanto, pelo nome de Adeline. Oh, eu poderia alegremente torcer o pescoço daquele homem, e posso fazê-lo também se o encontrarmos, o que é muito improvável. Seria mais fácil encontrar uma agulha no palheiro, eu diria.

Ela estava mais irritada do que se lembrava desde que Adeline insistira em se casar com um jovem cuja única reivindicação de fama, além de uma boa

aparência extraordinária, fora sua selvageria. Nessa ocasião, ela até ameaçou lavar as mãos em relação aos gêmeos, caso eles desafiassem seus desejos. Mas ela foi. O dever estava muito enraizado nela para ser ignorado. Ah, e carinho também, embora ela não gostasse de admitir qualquer sentimento gentil por tais crianças desobedientes.

Mas ela teria uma ou duas palavras a dizer a seu cunhado na próxima vez que o visse, embora estivesse bem ciente de que ele simplesmente olharia para ela daquele jeito que ele fazia e manusearia o monóculo e fazendo-a se sentir como um verme rastejando pela terra diante de seus pés.

Como ele se atrevera a decepcionar os filhos?

NOVE

O Marquês de Dorchester contratou um homem de negócios para administrar seus investimentos e numerosas propriedades, entre elas o chalé em Devonshire. Ele considerava o homem correto, honesto e confiável, e, portanto, não incomodava muito sua cabeça com detalhes. No entanto, ele pareceu lembrar que a propriedade de Devonshire era cuidada e mantida por uma governanta residente e um faz-tudo, convenientemente marido e mulher, que haviam permanecido após a morte de sua tia-avó. Ele não conseguia lembrar o nome deles quando enviou uma carta notificando-os de sua chegada iminente com uma hóspede e de sua intenção de permanecer ali por mais ou menos umas duas semanas. Ele dirigiu a carta simplesmente para a governanta. Até onde ele se lembrava de algumas visitas de infância, não havia outras moradias próximas, e a cidade mais próxima ficava a vários quilômetros a oeste. Chegar até ele implicava uma jornada demorada e tediosa para o norte, de carruagem até um trecho raso de um rio e uma ponte robusta do outro lado, ou uma descida mais direta da encosta íngreme abaixo do chalé a pé ou a cavalo até uma estreita ponte de pedra e uma subida íngreme a colina do outro lado.

Em ambos os casos, um deles simplesmente não entrava na cidade para comprar um item ou dois sempre que o capricho tomasse um. Não pareceria sábio, então, chegar sem ser anunciado à descoberta de que praticamente não havia comida na casa ou outros suprimentos essenciais.

Eles chegaram em uma tarde quente e ensolarada, embora houvesse um pouco de outono no ar mais cedo. Era como Marcel se lembrava, embora tivesse esquecido a pequena aldeia no lado leste do vale, mais perto da casa do que a cidade do outro lado. A aldeia era realmente pouco mais que uma igreja e uma taverna e um grupo de casas, porém, em um pequeno mergulho de terra com uma vista para o mar. O que as pessoas que viviam lá faziam para ganhar a vida e para

o entretenimento era um palpite. Seu palpite era de que a taverna fazia um grande comércio e talvez a igreja também.

O vale em si estava obscurecido para o observador por uma pequena elevação e alguns agrupamentos de árvores até que um veio de repente, uma grande faixa de vegetação cortada na terra com um rio fluindo através do fundo dela. Suas longas encostas eram cobertas de ricos brotos verdes e sombreados por árvores, algumas das quais começavam a mostrar sinais de outono. A casa de campo, exatamente como ele se lembrava, ficava na encosta próxima, longe o suficiente para ser invisível até que se pudesse ver todo o vale mergulhando abaixo dos pés. Não tinha jardim privado, embora suas paredes de pedra estivessem enfeitadas com hera e outras plantas trepadeiras. O vale era o seu jardim.

Havia um caminho até mesmo para a carruagem. Uma larga faixa de terra aproximava-se de alguma distância para o norte, e não diretamente para cima, a fim de minimizar a inclinação. Realmente era bastante impressionante se um favorecesse a vida rural remota. Ou se alguém estivesse procurando um aconchegante ninho de amor onde era improvável que alguém se distraísse ou se perturbasse. Para seus propósitos, era a perfeição em si.

— Oh meu Deus. — Viola sentou-se em sua cadeira quando a carruagem encabeçou a subida e começou sua cuidadosa descida até a casa. — Isso é magnífico, Marcel. — Ela estava olhando de um lado para o outro através das janelas, tentando ver tudo de uma vez.

E realmente chamar o chalé de cabana era um pouco enganador, pois não era um casebre. Nem era uma mansão, no entanto. Havia seis — ou eram oito? - compartimentos de banheiro e um número equivalente de quartos no andar de baixo, designados variadamente no tempo de sua tia-avó por nomes como sala de visitas, sala de costura, sala de estar e sala de leitura. Foi construído de pedra amarelada com um telhado de telha, em que havia janelas de sótão, presumivelmente pertencentes aos quartos dos empregados. As plantas que cresciam nas paredes pareciam bem cuidadas. Um fio de fumaça subia direto para o céu por uma larga chaminé. Havia um bloco estável de um lado e um galinheiro.

— Que casa linda — disse ela. — Mas certamente deve ter sido originalmente construído por um recluso. Não há outro edifício à vista.

— Ou por um romântico — disse ele. Talvez por um homem que quisesse fugir dos problemas da vida com uma mulher de sua escolha.

Ela virou a cabeça para olhar para ele. Houve uma estranha tensão entre eles o dia todo com o conhecimento de que eles estavam se aproximando de seu destino. Ele estava pensando que talvez ele não devesse ter sugerido este lugar ou qualquer destino específico. Pois a própria natureza da fuga certamente não implicava nenhuma direção fixa, mas sim uma constante vagando para frente, conforme a inclinação levava. Eles tinham experimentado os prazeres dele no caminho até aqui.

— Talvez. — Ela disse. — Estamos sendo desrespeitosos com a memória de sua tia-avó.

— A sabedoria familiar tem isso. — Ele disse, sussurrou atrás das mãos. — Devo acrescentar, mas as crianças têm ouvidos com atenção total quando ouvem sussurros. O folclore da família diz que ela viveu aqui por anos e anos com outra mulher, eufemisticamente conhecida como sua mais querida amiga e companheira, até que outra mulher morreu. E então ela viveu aqui, solitária e, sem dúvida, respeitável o suficiente mais uma vez para ser visitada por membros da família. Respeitável e rica. Foi durante esses últimos anos que fui trazido para cá e subi em seu colo e em seu coração — e sua vontade.

A carruagem parou e uma mulher rechonchuda e de bochechas vermelhas em um gorro e avental branco imaculado amarrado sobre um volumoso vestido estava de pé na porta de pedra do lado de fora da porta da frente aberta, sorrindo e fazendo reverências enquanto o cocheiro abria a porta.

— Bom dia para você, senhor — disse ela quando Marcel desceu para o terraço de terra endurecida diante da porta. — Eu recebi a sua carta e enviei Jimmy para a cidade ontem com uma lista no braço. Eu tenho um guisado de carne e vegetais borbulhando no fogão e pronto para quando estiverem com fome, pão fresco para acompanhar, e eu tomei a liberdade de contratar Maisie da aldeia — a sobrinha de Jimmy — para me ajudar a colocar e limpar as roupas de cama e bater nos tapetes, espanar os móveis e polir o latão, embora eu sempre faça isso uma vez por quinzena. Com a sua permissão, vou mantê-la enquanto estiverem aqui para ajudar com o trabalho extra. Jimmy arrumou a porta da casa de carruagens e consertou o vazamento no telhado, e jogou fora todas as baias para os cavalos

extras, colocou bastante palha fresca e alimentos para eles. E como vai você, senhora? Eu diria que você está pronta para uma boa xícara de chá e alguns dos meus scones frescos. Jimmy tomou mais chá ontem e eu enchi a caixa de chá, então sempre haverá muito quando você quiser um pote.

Marcel procurou o cabo de seu monóculo.

— Boa tarde — disse Viola. — Eu sou Viola Kingsley.

— Edna Prewitt, senhora — disse a governanta, fazendo uma reverência novamente. — E estou feliz por conhecê-la e ter alguém em casa novamente. Já faz tempo demais, como sempre digo a Jimmy. Maisie pode ajudá-la se você não tiver uma empregada com você. Ela faz um bom trabalho com os cabelos. E ela não conversa o tempo todo, o que eu diria que as mulheres nem sempre querem ouvir.

Marcel estava com o monóculo na metade do olho.

— Uma xícara de chá seria muito bem-vinda, Sra. Prewitt — disse Viola. — E talvez um bolinho ou dois. Não mais, no entanto. Não desejaríamos estragar nosso apetite pelo seu ensopado, que cheira bem celestial daqui.

— Cheira melhor aqui dentro — disse a governanta. — E o que eu estou fazendo mantendo vocês aqui quando devem querer se acomodar em seus quartos e lavar as mãos? Jimmy sempre diz que eu falo demais, mas eu queria recebê-lo corretamente e fazer você se sentir em casa, mesmo que seja a sua casa, não é, senhor? Você não está aqui há tanto tempo que senti que precisava...

— Obrigado, sra. Prewitt — disse ele.

— Nós realmente gostaríamos de lavar nossas mãos. — Bom Deus. Ela correu para o andar de cima à frente deles e indicou um quarto para ele antes de levar Viola para outro. Eles estavam lado a lado, ambos os quartos voltados para o vale.

— Eu vou mandar Maisie trazer dois jarros de água quente, Sra. Kingsley, senhora — ele a ouviu dizer antes de voltar para o andar de baixo. — Está tudo pronto. Eu sempre mantenho bastante à mão porque você nunca sabe quando vai precisar, e se há uma coisa que eu odeio é ter que lavar em água fria.

Marcel entrou no quarto de Viola depois que a mulher foi embora. Ela estava de pé na janela, olhando para fora.

— Ela não pareceu ofendida — disse ela.

— Ofendida? — Ele foi para ficar ao lado dela na janela e abaixou a cabeça para olhar em seu rosto. — Ofendida, Viola? Por que ela deveria estar? Ela é uma empregada.

Ela não desviou o olhar para olhar de volta para ele.

— Há uma cor mais calmante que verde? — perguntou ela. Soava como uma pergunta retórica e ele não tentou responder. — Flores seriam supérfluas aqui, não seriam, quando a natureza é tão prolífica com vegetação. Eles ficariam quase berrantes. Tudo isso é muito mais lindo do que eu imaginava.

Marcel ouvira a garota entrar no quarto dele. Agora ela entrou no de Viola e colocou um jarro de água no lavatório antes de fazer uma reverência. Ela não entrou em uma conversa, no entanto, o que foi um alívio.

— Obrigada, Maisie — disse Viola, virando-se para ela, e a menina fez outra reverência antes de sair. Ela parecia uma versão mais jovem de sua tia-avó até as bochechas rosadas. Uma versão silenciosa de sua tia-avó. Apesar de pensar nisso, ela não era parente de sangue da Sra. Prewitt, não é? Ela era sobrinha-neta de Jimmy. Deve ser um olhar de país saudável que eles compartilharam.

— Viola — Ele perguntou, — Você está se arrependendo disso?

Ela olhou para ele antes de voltar para a janela e abrir uma metade para deixar entrar ar fresco e o canto dos pássaros e o som distante de água corrente. Ela fechou os olhos e inalou devagar. Ela tinha sido geralmente alegre durante sua jornada, disposta a divertir-se e apreciá-lo.

— Eu nunca fiz nada assim antes. — Ela disse a ele. — Mulheres virtuosas não fazem, você sabe. Somos ensinadas que nossa felicidade deve ser encontrada em virtude e em cumprir nosso dever com dignidade alegre. Só os homens podem fazer o que querem, enquanto as mulheres olham para o outro lado e… suportam.

— Por que mais mulheres não se atiram simplesmente? — Perguntou ele.

— Porque não sabemos nada diferente. — Ela disse a ele.

— Você acredita que se tornou uma mulher não virtuosa, então? — Ele perguntou.

— Oh, eu mais do que acredito — disse ela. — Eu conscientemente abandonei a virtude e entrei no desconhecido. Tudo isso é… normal para você, Marcel. Não lhe ocorreria se arrepender ou se perguntar sobre as implicações morais do que você está fazendo ou o efeito que isso terá em seu personagem pelo

resto de sua vida. Não é nada normal para mim. Eu não me arrependo do que fiz. Nem aplaudo minha ousadia. Mas eu não me engano. Estou fazendo isso. Para mim. O futuro decidirá como serei afetada por tudo isso. Não pensarei nisso até alcançar esse futuro. Seria melhor se você não continuasse perguntando. Eu estou aqui. Por escolha. Seus serviçais aqui não parecem estar escandalizados. E eu estou encantada com este chalé e tudo que está lá fora.

— Você está encantada comigo? — Ele perguntou. Quando ela olhou para ele dessa vez, seus olhos estavam rindo.

— Você parece um garotinho implorando por aprovação — disse ela.

O diabo que ele parece! Ele estendeu a mão e puxou-a em seus braços antes de beijá-la completamente.

— Sim — disse ela contra sua boca quando ele gentilmente a abraçou. — Estou encantada com você. Mas eu preciso muito lavar as mãos, por trás da porta fechada, por favor. E então eu gostaria daquela xícara de chá que a Sra. Prewitt está preparando para nós.

E assim dispensado, ele retirou-se para seu próprio quarto até que ela estivesse pronta para descer as escadas.

Você parece um garotinho implorando por aprovação.

Bom Deus!



A janela do quarto de Viola estava entreaberta a noite toda. Agora ela a abriu e ficou parada diante dela, respirando o ar fresco do outono enquanto puxava o xale mais perto de seus ombros. Havia trilhas de névoa no vale e no céu azul pálido acima. Era certamente impossível se aproximar do paraíso do que enquanto ainda vivia. Ela permitiu ao seu coração uma fonte consciente de felicidade…

… e se perguntou se havia uma carta de Harry esperando por ela em casa. Ou uma carta sobre Harry. Ela se perguntou se o irmão, a cunhada e todos os Westcotts ainda estavam em Bath, celebrando a família. Pois foi isso que eles vinham fazendo cada vez mais nos últimos anos, desde a grande catástrofe, que poderia facilmente tê-los desfeito em amarga desunião. Por um momento ela se

arrependeu de ter saído de Bath tão abruptamente e, assim, ter estragado um pouco as coisas para todos.

Isso era tão típico dela. Muito típico. Mesmo agora, quando tomara a decisão consciente de fazer algo por si mesma, não conseguia se impedir de olhar para trás e temer que ela tivesse incomodado ou ferido os outros. Ela não machucou ninguém. E ninguém se preocuparia indevidamente. Ela desejava poder voltar e reescrever aquela carta para Camille e Abigail, no entanto. Ela deveria ter explicado que ela conheceu um amigo e foi persuadida a passar algumas semanas na casa daquele amigo. Eles se perguntariam, mas eles não se preocupariam. Mas pelo menos ela havia escrito, e eles saberiam que ela não havia simplesmente desaparecido da face da terra.

E assim ela poderia permitir-se desta vez de pura... felicidade. Era uma palavra precipitada para usar, talvez, e uma coisa imprudente a sentir. Mas porque não? Foi para isso que ela fugiu. Isso era o que seu coração ansiara por toda a sua vida. Simplesmente para ser feliz, por mais fugaz que seja. Ela não era tão tola a ponto de acreditar em felizes para sempre. Isso não significava que a felicidade fosse desprezada quando se oferecesse por breves e vívidos momentos, como acontecia agora.

Oh, isso realmente era o paraíso. As samambaias acima da névoa brilhavam úmidas sob a luz do sol da manhã.

— Algo — disse uma voz atrás dela, — está me lembrando dos dias de inverno na escola, quando fomos arrastados de nossas camas em uma hora íngreme a cada manhã para correr vinte voltas sobre os campos antes de voltar para uma lavagem refrescante em água gelada e uma descida para a capela de pedra sem aquecimento por meia hora de orações e discursos morais do diretor. Eu acredito que deve ser... Sim, de fato é. É o ar ártico ondulando através daquela janela.

Ela se virou para sorrir para ele. Ele estava deitado nu em sua cama, com os dedos entrelaçados atrás da cabeça, as cobertas de colcha ao redor dos quadris.

— Você é uma planta de estufa, Marcel? — Perguntou ela. — Eu quero ir lá fora. Eu quero correr nas samambaias. Eu quero correr pela névoa. Eu quero ficar no meio daquela ponte e girar lentamente e respirar a maravilha de tudo isso. Tal festa para os sentidos.

— Eu percebo um problema de compatibilidade. — Ele murmurou, e fechou os olhos. Mas ele não fez nenhum movimento para se cobrir.

— Foi você — ela lembrou, — que queria dançar no verde da vila.

— Ah, mas isso era um meio para um fim — disse ele, com os olhos ainda fechados. — Eu esperava atraí-la para a cama.

— Foi um truque que funcionou como um sonho — disse ela, voltando-se para a janela. — Espero que você esteja orgulhoso de si mesmo.

— De fato eu estou. — Ela pulou um pouco, pois sua voz veio logo atrás dela, e seus braços vieram sobre ela e a puxou de volta contra ele. — Foi um dos maiores sucessos da minha vida.

— Não é o melhor? Estou esmagada. — Ela apoiou a cabeça no ombro dele e suspirou satisfeita.

— Viola, — ele disse, — isso é um pouco parecido com fechar as portas do estábulo depois que o cavalo fugiu, suponho, mas você sabe — e pratica — maneiras de impedir a concepção?

Ela ficou muito feliz por ele não poder ver o rosto dela. Ela raramente esteve mais envergonhada em sua vida. As mulheres nunca discutiam... mesmo uma com a outra. Mas por que a prudência ainda estava perseguindo seus passos quando ela estava aqui com seu amante nu em um remoto ninho de amor na manhã depois de uma noite de amor?

— Eu parei de ter o meu… — Oh, querido. Ela tentou dizer de outra maneira. — Eu parei de ser fértil há alguns anos, depois de todo o aborrecimento. Nunca voltou. Eu não vou conceber.

— Não era uma idade muito pequena para isso acontecer? — Perguntou ele.

— Sim, eu acredito que sim — disse ela. — Eu tinha quarenta anos.

— Ah, então eu estou de cama uma mulher mais velha, que eu? — Disse ele. — Vou passar esse marco temido em pouco tempo. No momento, ainda estou em meus trinta e poucos anos.

Ela fez a subtração em sua cabeça. Ele tinha apenas vinte e cinco anos, então, quando ele havia flertado com ela e tentado sua personalidade de vinte e oito anos de idade. Ele deve ter sido muito jovem quando se casou e quando sua esposa morreu. Ele não parecia de todo o tipo de homem que se casasse jovem.

Teria ele sido essencialmente o mesmo homem do que era agora? Ele havia se casado por razões práticas, talvez, como ela? Ou ele mudou drasticamente? Mas ele não falaria sobre sua família, nem mesmo sobre seus filhos. Gêmeos. Um menino e uma menina.

Era estranho como alguém que ela sempre resumira com um único rótulo — libertino — e a suposição de que não havia mais nada para saber se tornara uma pessoa, embora ela ainda não soubesse nada sobre ele. Ele era um homem de mistério, de profundidades que ela suspeitava serem escuras. Embora ela possa estar errada. Mas ela não precisava conhecê-lo, exceto dessa maneira — como o amante com quem ela fugira de sua vida triste por um curto período de tempo. Seria bom que ela não investigasse mais profundamente. O objetivo desse idílio não era conhecer um ao outro, mas gostar um do outro.

Parecia muito superficial colocar dessa maneira.

Isso importava? Às vezes o espírito humano precisava dos baixos. A luz do sol dançou no raso, mas foi absorvida além do rastro pelas profundezas.

— Essas samambaias estarão molhadas — disse ele, — e na altura dos joelhos. Elas vão bater em você de todas as direções e em toda a sua umidade fria e arranhar suas mãos e rosto e causar desconforto inexplicável.

— Covarde — disse ela.

— Eu tenho botas — disse ele. — Eu aposto que você não tem.

— Eu tenho sapatos robustos — ela disse a ele. — Eles e as bainhas das minhas roupas secarão. Então será minha pessoa. Eu vou lá fora, se você preferir permanecer aqui, mordiscando seu brinde…

— Dez minutos — disse ele, pegando seu roupão do chão e caminhando em direção à porta. — Eu te encontrarei lá embaixo. Apenas esteja avisada. Não quero ouvir choramingos nem reclamações durante a próxima hora.

Ela mostrou a língua para ele, algo que ela nunca poderia se lembrar de fazer antes, mesmo quando criança. Mas ele não chegou a ver.

Dez minutos depois, ela o viu descer, toda a praticidade elegante de um sobretudo com capas demais para contar de relance e botas de cano alto que brilhavam com esmero e chegavam quase aos joelhos. Ela esperava que ele morresse de calor antes de voltarem para a casa. Ela esperava que suas botas

estivessem arruinadas além do reparo. Ela sorriu para ele e sentiu aquela onda de felicidade novamente.

— Uma mulher pontual — disse ele. — Não, uma mulher que é antecipada. Uma raridade, de fato.

— Você nunca foi uma mulher na minha casa, Sr. Lamarr — disse ela.

Ele fez uma reverência cortes e abriu a porta e ofereceu seu braço.

Eles caminharam tranquilamente pelo terraço de terra que os levaria até o caminho para o topo do vale, se continuassem. Mas ela não queria subir ao topo. Ela tinha visto a vista de lá ontem. Ela tirou a mão do braço dele e saiu do caminho entre as samambaias. De fato, elas alcançaram os joelhos dela, algumas delas até mais altas do que isso, e, sim, elas estavam lindamente enfeitadas com umidade, como ela havia visto da janela. A umidade não parecia tão bonita quando transferida para seu vestido e capa e até mesmo suas meias e pernas, no entanto. Ainda havia um frio no ar, mas também havia calor no sol e a promessa de outra tarde amável.

— Você está satisfeita, senhora? — Ele perguntou, todo justo e presunçoso dentro de suas botas de cano alto. — Vamos voltar para o café da manhã?

Ela sorriu de forma deslumbrante para ele e voltou para o vale. Ela abriu bem os braços, levantou o rosto para o céu, gritou de alegria e começou a descer a colina. Não demorou muito para descobrir que não era tão fácil quanto parecia. O tapete das samambaias sugeria um declive suave, mas o chão sob eles não era nada. Também era esponjoso da névoa e do orvalho. O declive era muito mais íngreme do que parecia de cima, e certamente mais longo. Depois de alguns momentos, precisou das duas mãos para segurar as saias, para não tropeçar nelas. Com os olhos, ela tentou mapear um caminho à frente, mas era praticamente impossível ver todos os mergulhos e elevações e pedras e manchas de lama. Até as árvores pingavam água. Ela se encontrou rindo impotente. Era isso ou gritar. De alguma forma ela manteve os pés sob ela todo o caminho, mas estava muito agradecida que o declive se nivelasse para um banco de grama por alguns metros deste lado do rio. Ela foi capaz de desacelerar a tempo de se salvar do choque de um mergulho matinal.

Bom Deus, ela nem sabia nadar.

E quando ela se comportou com tão pouca consideração pela dignidade, propriedade e segurança? Provavelmente nunca. Havia colinas em abundância em Bath. Ela nunca havia atropelado nenhum deles quando criança. Ou abrisse os braços, ou gritasse ou risse impotente.

Ele ainda estava de pé no terraço onde ela o havia deixado, com os braços cruzados sobre o peito, parecendo bonito, viril e desaprovador. Oh, bondade, quando ela se sentiu tão livre? Quando ela se sentiu tão feliz? Houve momentos fugazes — seu primeiro amor quando ela tinha dezesseis anos, o nascimento de seus filhos, o casamento de Camille, o batismo de Jacob... Para a vida dela, ela não conseguia se lembrar de nenhum outro desses momentos até que ela valsou no verde da aldeia.

Todos os dias, desde então, estavam abarrotados de tais momentos. E toda noite também.

Ele estava descendo a encosta com passos medidos e grande dignidade.

— Você arruinou a minha manhã — disse ele quando estava perto o suficiente para ser ouvido. — Eu estava esperando o respingo gigante e o grito quando você correu para a água.

— E você teria corrido para o resgate como um cavaleiro errante — disse ela.

— Eu devo advertir você, senhora, — ele disse, — contrafazer um herói galante de mim em sua imaginação.

Ela teve a satisfação de ver que os calções de cor amarela estavam molhados acima do topo de botas e no terço inferior do casaco. Ela estava quase encharcada até a cintura e não havia nada nem um pouco quente na umidade. Seus pés, meio congelados, estavam escorrendo dentro de seus sapatos.

— Você ainda deseja fazer sua pirueta em êxtase na ponte, eu suponho? — Ele perguntou, oferecendo seu braço.

Foi um pouco distante.

— Talvez devêssemos manter esse tratamento para outro dia — disse ela. — O café da manhã parece uma ideia adorável, não é?

— Parecia ainda mais adorável do topo da colina — disse ele.

— Eu acredito — ela disse. — Você não é um amante da vida no campo, você é, Marcel?

— Eu não sou conhecido por vagar pelos meus campos admirando minhas colheitas — ele admitiu. — Um cão fiel ofegando nos meus calcanhares.

— Como você pode olhar para este vale — ela disse, indicando com um braço varrendo, — E não sentir algo… aqui? — Ela bateu no coração.

— Eu prefiro olhar para a mulher no vale — disse ele, seus olhos seguindo a mão dela.

— Você prefere? — Ela olhou para ele, seu rosto duro e cínico, seus olhos negros e encapuzados insondáveis, e apesar de sua resolução anterior, imaginou o que havia por trás deles. Ou quem estava por trás deles?

Ele colocou as mãos na cintura dela, puxou-a contra ele e beijou-a boquiaberta e por algum tempo. Sua boca estava quente em contraste com a frieza desconfortável de sua pessoa.

Você não deve se apaixonar, uma voz interior da razão a advertiu. *Você realmente não deve.*

Ah, mas não há medo disso, ela protestou silenciosamente. *Eu estou meramente curtindo uma breve fuga da minha vida.*

— Existe uma lei da dualidade — ele disse, — que insiste, como as leis costumam fazer, de que o que sobe deve descer. Às vezes, no entanto, quando alguém menos quer que a lei se reverta, isso acontece.

Ela olhou para a encosta da colina para o chalé, tão idílica e pitoresca entre as árvores e samambaias, plantas trepadeiras adornando suas paredes. Também parecia acolhedor, com a única janela do quarto aberta e uma linha de fumaça saindo da chaminé. Algumas das folhas sobre eles estavam mudando de cor.

— Parece uma escalada longa — admitiu ela.

Ela estava sem fôlego na metade do caminho e teve que parar e se agarrar a um tronco de árvore enquanto fingia ter parado para admirar a vista. Ela estava sem fôlego novamente no topo e bufando de forma deselegante. Ele estava respirando como se tivesse acabado de dar um passeio vagaroso pela Bond Street em Londres — exceto que suas botas haviam perdido um pouco do brilho.

— Suas bochechas estão ficando rosadas, Viola — ele disse. — E o mesmo acontece com o nariz — talvez não seja tão apropriado.

— O galanteio não é realmente seu forte, é? — Ela disse.

— Como eu te avisei — ele lembrou a ela. — Eu acredito que seria mais preciso descrever o seu nariz como adoravelmente rosado.

— Oh, bem feito — disse ela, e virou-se para entrar em casa.

— Nunca deixe ser dito — ele murmurou por trás dela, — que eu não penso rapidamente em meus pés.

Ela riu.

DEZ

Depois de uma semana na casa de campo, Marcel descobriu com certa surpresa que ele ainda estava profundamente imerso nesse novo caso, mas que também estava se divertindo muito. Não gostando apenas do caso — ele esperaria isso. Nunca levou nenhum tempo para pôr fim a qualquer ligação que ele não estivesse desfrutando. Não, ele estava gostando... por ele mesmo.

Quando pensara em ir ao chalé de Devonshire, parecia-lhe que era o lugar ideal para a conduta ininterrupta do caso. Ele os tinha imaginado comodamente abrigados na casa, o vale meramente o fundo isolado que os cortaria dos olhos curiosos e das distrações da civilização e do curso normal de suas vidas. Sua família não pensaria, em um milhão de anos, em procurá-lo ali, mesmo que, por algum motivo insondável, devessem pensar em investigar, e sua família nem mesmo saberia de sua existência.

Ele não tinha considerado o lugar em termos de beleza natural selvagem e fresco — às vezes frio — ar e passeios estimulantes e conversas que se estendiam até seus limites. O próprio pensamento teria lhe feito estacar.

Ele estava certo em sua principal expectativa. Eles desfrutaram de longas noites de prazeres sensuais, que ainda nem haviam começado a se abater sobre ele. Muito pelo contrário, de fato. Ele estava até um pouco desconfortável com a possibilidade de que nunca o fariam, embora estivesse sendo ridículo, é claro. Qualquer dia, agora, ele ia ficar inquieto, não apenas para voltar à civilização, mas para recuperar sua liberdade, de modo que pudesse procurá-lo por alguma nova fonte de prazer.

As delícias sexuais, no entanto, tinham sido confinadas às noites, enquanto seus dias foram preenchidos com quase nada além do ar livre. Deus o ajude. Subiram e desceram os íngremes lados do vale em ambos os lados do rio,

enquanto outras pessoas podiam subir e descer escadas dentro de uma casa. Eles caminharam por caminhos e não caminhos e promontórios ásperos. Eles quase foram levados para a glória certa tarde enquanto caminhavam ao longo do topo de imponentes falésias com vista para o mar, o vento em seus rostos antes de voltarem para serem levados para casa. Certa manhã, caminharam até a aldeia e, através dela, desceram um íngreme lance de degraus rústicos e uma queda igualmente íngreme de grandes rochas e seixos menores para uma pequena enseada de areia. Tudo o que conseguiram para foram dores naquela ocasião, entrou areia dentro de seus sapatos e endurecido do lado de fora de suas botas, e areia dentro de cada peça de roupa deles e até mesmo em seus cabelos. Ah, e houve o enorme prazer de voltar para a aldeia e depois voltar para o chalé.

— Você está tentando desgastar minhas pernas até os joelhos, Viola? — Perguntou ele quando eles estavam quase em casa. Mas ela apenas riu dele. Ela fez muito disso durante a semana — rindo dele. Ah, e com ele também. Ele teve grande prazer em sua risada. Ainda mais em seus sorrisos.

— Eu quero caminhar ao lado do rio para o mar um dia — disse ela. — Eu espero que você não seja desgastado até os joelhos, Marcel. Você seria mais baixo do que eu e eu não gostaria disso.

— Eu acho que você iria desfrutar da sensação de poder que se elevar sobre mim traria a você — disse ele, e ela riu novamente.

E eles conversaram. Eles estavam no meio da ponte um dia no final de sua primeira semana lá e ela executou sua pirueta há muito prometida e fez os comentários esperados sobre a beleza de tirar o fôlego de seus arredores. Na verdade, ele concordou com ela, embora não abrisse os braços, um olhar extasiado no rosto, quando se virou uma vez. Ele teria ficado bem contente em ficar lá em companhia silenciosa com ela, com todos os seus sentidos vivos. Bom Deus, ele tinha pressentimentos que nunca tinha suspeitado antes. Mas ela decidiu conversar.

— Por que você acha que nascemos? — Perguntou ela, com os braços apoiados no parapeito da ponte, na altura da cintura, enquanto olhava para a água. — O que você acha que é o ponto de tudo isso?

Se qualquer outra mulher lhe fizesse perguntas como esta, ele a colocaria em sua carruagem sem mais delongas, colocaria os cavalos na direção de Londres

e a perderia em algum lugar no meio mais movimentado, para nunca mais ser encontrada.

— Suponho que nascemos porque nossos pais gostaram um do outro uma noite nove meses antes de acontecer — disse ele. — E o importante disso tudo é que, assim, o mundo permanecerá povoado e não expiraremos como espécie.

Ela escolheu levar a leviandade a sério. Ela não estava mais olhando para a água ou para os lados do vale ao redor deles. Ela estava olhando para ele em vez disso, e ele estava começando a acreditar em sua mentira colossal que seu nariz rosado era adorável.

— Mas por quê? — Perguntou ela. — Por que deliberadamente perpetuar algo se não tem valor inerente?

Suas palavras eram um pouco assustadoras, se ela quis dizer que a vida humana realmente não valeria a pena. Ele não tinha dado muita atenção ao assunto. Não por muitos anos de qualquer maneira. Ele não queria particularmente quebrar esse hábito.

— Você teve filhos — ele lembrou.

— Sim — ela disse. — Porque era esperado de mim. Era meu dever. Camille foi uma decepção para Humphrey porque ela não era o herdeiro que ele havia antecipado. E depois de Harry, Abigail foi uma decepção porque ela não era o substituto de herdeiro.

— Era só dever? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Bem, não. — Ela se virou para olhar com uma carranca ao longo do rio na direção do mar, que não era visível a partir daqui. — Eles eram a minha alegria.

— Sua única alegria? — Ele perguntou. — As únicas coisas que deram sentido à sua vida? — Ela considerou sua resposta, seus dedos enluvados se esfregando para frente e para trás sobre as pedras.

— Sim. — Ela disse. — Quase. Mas por que me senti alegre quando estava simplesmente entregando-os a todas as dores que os esperavam nesta vida?

— A vida deles não passou de miséria, então? — Ele perguntou.

— Camille era uma criança infeliz — ela disse a ele. — Ela queria o que não poderia ter — o amor e a aprovação de seu pai. Ela está feliz agora. Tão feliz que quase temo por ela. Harry insiste que estar na Península sendo constantemente baleado é uma grande brincadeira, enquanto eu espero em casa, com medo

constante de saber qual será a notícia quando eu ouvir dele — ou sobre ele. Abigail é doce, quieta e serena, e temo o que está por baixo disso tudo e o que o futuro reserva para ela. — Com isso, ela se virou para ele abruptamente. — Por que você tem filhos, Marcel?

— Porque eu era jovem e casado e isso aconteceu no curso natural do que jovens casados fazem — disse ele. E ele estava tão ferozmente alegre que ainda não suportava pensar nisso.

— Você já se sentiu sobrecarregado pelo fardo da paternidade? — Perguntou ela. — Não porque você não os ama, mas porque você ama?

Ele realmente não queria falar sobre isso. Não foi por isso que ele veio aqui. Ele fugiu com ela por uma semana ou três de prazer. Prazer sem mente. Ele veio porque não queria ir para casa e ver evidências de seu próprio fracasso como pai e como ser humano. Eles eram quase adultos, Estelle e Bertrand, aqueles bebês muito adorados.

Eles estavam quase adultos.

Ele olhou de volta para ela, ressentimento se misturando com outra coisa que ele não tentou analisar. Ela levantou as duas mãos e segurou o rosto dele com elas. Ela passou os polegares enluvados pelas bochechas dele. Por um momento, ele temeu que estivessem molhadas, mas elas não estavam.

— Às vezes — ela disse, — seu rosto fica duro e seus olhos ficam opacos, e eu fico quase com medo.

— De mim? — Ele disse.

— De não poder ver você — disse ela. Ele não perguntou o que ela queria dizer. Ele não queria saber.

— Eu não estava em condições de criar meus filhos — ele disse secamente. — Eu ainda não estou, embora não haja muito que levantar para fazer. Eles estão com dezessete.

— Quem os cria? — Ela perguntou.

— A tia e o tio deles — disse ele. — A irmã da minha falecida esposa e o marido dela. E sim, eles estavam em forma e estão em forma e meus filhos são bons jovens que serão adultos excelentes e dignos. — Não era frequente ele admitir que Jane e Charles tinham sido bons para seus filhos.

— Você os ama? — Sua voz era um mero sopro de som.

Ele agarrou-a não muito gentilmente pelos pulsos e tirou as mãos do rosto.

— Essa é uma pergunta típica da mulher — disse ele. — Eu fui pai deles e cuidei para que eles tivessem o devido cuidado. Eu providenciei um lar e os meios para eles crescerem de acordo com suas posições na vida. Eu os visitei duas vezes por ano desde que tinham um ano de idade. Eu vou fazer com que eles estejam adequadamente estabelecidos na vida, e então meu trabalho, tal como tem sido, será feito. — Ele ainda estava segurando seus pulsos.

— Você estava no seu caminho para vê-los. — Seus olhos, caramba, encheram-se de lágrimas.

— Eles ainda estarão lá quando...

— Quando terminarmos? — Ela disse quando ele parou abruptamente.

— Eu me ressinto disso, Viola — ele disse a ela. — Viemos aqui para fugir, para deixar nossa vida cotidiana para trás, para aproveitar a companhia um do outro, não para desnudar nossas almas.

— Eu gostei da sua companhia — ela disse suavemente.

— Tempo passado? — Não lhe ocorrera que talvez ela se cansasse dele antes de se cansar dela. Arrogante dele, aquilo. E alarmante se fosse verdade.

— Não — disse ela. — Não passado. Quando perguntei sobre o propósito da vida, não estava realmente esperando uma resposta. Eu perguntei porque às vezes alguém pode ser feliz, tão vividamente feliz que parece haver um ponto para tudo. Tão feliz que alguém está ferozmente feliz por ter nascido. A felicidade intensa nunca dura, é claro, e até mesmo o que há dela muitas vezes vem à custa da consciência e da responsabilidade. Eu fiquei muito feliz com você.

Ele sentiu aquele desconforto novamente e soltou seus pulsos. Ela ainda estava usando o tempo passado.

— Oh, você não deve ter medo — disse ela com um sorriso fugaz. — Eu acabei de admitir que sei que não pode durar. Mas são momentos fugazes de qualquer maneira, Marcel? Tempos como estes suficientes para tornar a vida toda digna de ser vivida?

Ele suspirou e colocou as mãos nos ombros dela brevemente antes de pegá-la solta em seus braços.

— Para cima e para baixo, para baixo e para cima, luz e sombra, felicidade e infelicidade — disse ele. — Eles são a vida, Viola. Por que somos tão

aparentemente impotentes diante desses opostos, eu não sei. Eu não sou filósofo. Mas buscar felicidade — ou prazer — evitando a dor é a natureza humana. Não há nada de egoísta nisso.

— Felicidade e prazer são a mesma coisa para você — disse ela. — Procurá-los nunca é egoísta? Que tal dever?

— Eu suponho — disse ele, — de fato, sei que você passou mais de vinte anos da sua vida ignorando o fato de que Riverdale era um patife de primeira ordem e que mantinha as aparências diante de sua família e da sociedade. Fazendo o seu dever. Ser desinteressada. E infeliz.

— Tolo, não foi? — Ela disse. — Eu deveria ter tido um caso com você. Eu queria, você sabe. — Ela descansou o lado de sua cabeça contra seu ombro.

Ele foi preso no momento por sua admissão.

— Não, você não teria — disse ele. — Não era quem você era, Viola. E não era quem eu era. Você não teria tido um caso comigo porque era casada — aparentemente casada — e tinha filhos pequenos. Eu não teria tido um caso com você porque você era casada. Eu não teria feito mais do que flertar.

— Você não iria? — Ela recuou a cabeça para olhar em seu rosto. Ela parecia surpresa. — Você tinha alguns princípios, então?

Algo nele ficou frio.

— Poucos preciosos — disse ele. — Princípios são tediosos, Viola. Eles interferem na gratificação pessoal.

— Mas às vezes eles fazem parte de quem é uma pessoa — disse ela. — Você nunca seduziu uma mulher casada?

Ele levantou ambas as sobrancelhas.

— Eu nunca seduzi nenhuma mulher — ele disse. — Acontece, por alguma razão, que eu não compreendo que um número grande e lisonjeiro delas deseja compartilhar minha cama sem precisar ser seduzida para lá. Não, nunca deitei com uma mulher casada, exceto minha esposa.

Ela sorriu fugazmente de novo, mas não pegou a abertura que ele havia lhe oferecido inconscientemente. Ela não perguntou sobre Adeline.

— Pode parecer estranho — disse ela, — mas não acredito que tenha sido infeliz durante todos esses anos de casamento. Nem sempre, de qualquer maneira, ou na maior parte do tempo. Só depois disso, quando soube que casca vazia havia

sido toda a minha vida, e quando meus filhos ficaram irreparavelmente feridos, vi o vazio daqueles anos. Eu tinha quarenta anos, mais da metade da minha vida foi com toda a probabilidade. Mas se eu pudesse voltar e revivê-lo, não posso pensar que viveria diferente. Que devastação eu teria causado a tantas vidas, inclusive a minha, se tivesse me comportado exatamente como queria. E eu nunca teria sido feliz. Agora é um pouco diferente.

— Só um pouco? — Ele perguntou.

— Ainda há pessoas para serem feridas — disse ela.

— Este é apenas um breve idílio, Viola — ele lembrou.

— Sim — ela disse. Ele a abraçou e a beijou profundamente, sentindo que de alguma forma esse era o começo do fim. Não o fim ainda. Eles ainda não tinham terminado um com o outro. Mas algum canto havia sido virado e eles haviam começado a jornada de volta para onde haviam começado.

— Eu não acredito que estou disposto a esperar por esta noite — disse ele contra seus lábios. Estava se aproximando no meio da tarde. Eles vieram ali depois do almoço.

— Eu também não estou — ela disse a ele.

E assim o caso recomeçou, à medida que prosseguia na semana passada e muito mais — exceto pelo fato de não fazerem amor com frequência durante o dia. Subiram a encosta juntos até o chalé e foram para a cama e fizeram um amor lento, habilidoso e maravilhosamente satisfatório.

Com talvez apenas uma ponta de desespero.

O tempo virou da noite para o dia. Ficou mais frio e mais tempestuoso. Nuvens pairavam sobre o vale e havia frequentes aguaceiros. Mais árvores estavam mudando de cor.

— Outono sempre me deixa um pouco triste — disse Viola no café da manhã, durante uma breve pausa ensolarada. — É tão lindo, mas tão fugaz. Sabe-se que o inverno não está longe.

— E a primavera não muito além disso — disse ele com um encolher de ombros.

— Verdade — ela disse. — Mas às vezes parece muito longe.

— Viola — disse ele, estendendo a mão para segurar a mão dela. — Há muito a ser dito sobre o inverno. Dias chuvosos, dias de neve, dias frios. — Ele sorriu de repente e seu coração se revirou. — Nada a fazer senão permanecer em casa e amar.

Ele queria dizer fazer amor, claro. Ele não sabia muito sobre o amor. Embora isso fosse talvez injusto e não necessariamente correto. Ela teria dito isso dele uma semana ou mais atrás, com alguma confiança. Agora ela não tinha tanta certeza. Ele não queria falar sobre seus filhos ou sobre seu breve casamento quando jovem. Sua própria reticência sugeriu a ela que havia dor ali. E onde havia dor, talvez houvesse amor. Ele havia negligenciado seus filhos desde que eram crianças — não materialmente, mas de maneiras que importavam. Ele os visitou duas vezes por ano. Era um verbo estranho usar o tempo gasto com seus próprios filhos. E a palavra sugeria uma permanência de dias ou breves semanas em vez de meses.

Humphrey havia negligenciado seus filhos. Ele não os amara. Ela sempre achara que ele mal sabia da existência deles. Às vezes, quando ela e eles estavam em Hinsford e ele estava em outro lugar — Londres, Brighton, ou onde quer que fosse durante suas frequentes ausências — ele não voltava para casa nem escrevia por semanas a fio. Ele perdeu os primeiros passos e os primeiros dentes e aniversários. Ela se perguntou se a negligência de Marcel com seus filhos era dessa natureza, mas suspeitava que não fosse. Talvez fosse porque ela não queria acreditar que sua negligência se originava da indiferença. Ela queria acreditar que havia uma pessoa escondida atrás do exterior bonito, duro e muitas vezes cínico que a tinha cativado.

Talvez fosse apenas porque ela precisava acreditar que havia. Pelo seu próprio bem. Talvez ela precisasse acreditar que ele não estava sem coração, como ela sempre pensara. Ela havia deixado de lado tudo o que acreditava em si mesma para vir aqui com ele por algumas semanas intensas de... amor.

Nada a fazer além de amor.

— Sempre há coisas a fazer — disse ela. — Ler, pintar, desenhar, fazer música, conversar, escrever, tomar ar, costurar, bordar.

— E fazer amor — disse ele.

— E fazer amor. — Ela sorriu. Ah, como ela ia ficar sem quando isso acabasse? Como ela tinha passado sem a maior parte de sua vida adulta?

— Tomar ar? — Ele estremeceu. — Não é suficiente que você insista em dormir com uma janela aberta? Ou é isso que você quis dizer ao tomar o ar?

— Não — disse ela. — Eu quis dizer andar ou andar de bicicleta ou sair dirigindo. Sim, mesmo no inverno. Talvez visitando vizinhos e amigos.

— E ainda — ele disse, — você diz que a ideia da abordagem do inverno deixa você triste.

Seria muitas vezes pior este ano. Ela ficaria sem ele. Ela era apenas carente? Ou ela estava apaixonada por ele? Bem, claro que ela estava apaixonada por ele. Mas ela o amava? Havia um mundo de diferença. Como ela poderia, no entanto? Ele havia lhe dado uma pequena e preciosa razão para amá-lo. Ela realmente não o conhecia, e ele estava indo bem e certo de que ela nunca o faria.

Ela se perguntou se ele estava sozinho.

— Está chovendo de novo — ele disse, e ela virou a cabeça para olhar pela janela. — Mesmo você não pode querer sair nisso.

Não. Ela não tinha botas. Além disso, estava frio e ventoso e molhado. Miserável. Ainda acolhedor para olhar para fora.

— Seu silêncio é sinistro — disse ele. — Por favor, não me diga que as samambaias estão chamando você de novo, Viola. Meu instinto de bravura seria severamente testado. Suspeito que me sentiria compelido a segui-la até lá. – Ele tirou a mão da dela para terminar o café da manhã.

— Eu não quero sair — disse ela.

Eles passaram dois dias inteiros dentro de casa, aproveitando o calor dos fogos de madeira e carvão. Eles liam — sua tia-avó tinha sido uma leitora e havia deixado para trás uma parede inteira de estantes de livros na sala de escrituras, todas cheias de livros. Eles jogaram cartas com um baralho desbotado que descobriram na escrivaninha. Eles até tentaram jogar charadas e o mantiveram por toda uma hora antes de ela cair na gargalhada e ele disse que ela havia perdido a famosa dignidade que ele sempre admirara tanto e ela jogou uma almofada nele.

Eles falaram. Ela contou a ele sobre sua infância em Bath, incidentes nos quais ela não pensava há anos. Ele contou-lhe sobre várias façanhas de arrepiar os cabelos em que ele havia sido um jogador-chave em Oxford. Ela suspeitava que as histórias fossem muito embelezadas, embora talvez não. E eles eram certamente divertidos.

Eles se beijaram calorosamente e languidamente, mas nunca foram além de beijos, como o Sr. ou a Sra. Prewitt estava sempre aparecendo na sala após o mais superficial dos choques, ele para trazer carvões frescos para o fogo, ela para trazer um suprimento constante de chá ou café com biscoitos ou bolos ou bolinhos.

Ela inevitavelmente ficou para conversar — ou, melhor, para entregar um de seus monólogos — enquanto servia suas bebidas e colocava comida neles.

Às vezes, Viola cochilava, com o braço sobre os ombros, sentados lado a lado no sofá.

Ele lhe dissera que nunca conseguiria dormir a menos que estivesse na horizontal em uma cama, mas uma vez, quando ela acordou, a respiração dele era suspeitosamente profunda, quase à beira de um ronco. Ela ficou quieta e sorriu para o fogo enquanto se entregava a um daqueles momentos de total felicidade.

Eles olhavam para o vale e o tempo. Ou ela, pelo menos, aninhava-se no assento da janela, com os joelhos à frente, os braços cruzados, o tipo de pose casual que nunca antes se permitira. O vale era infinitamente bonito, mesmo quando as nuvens pairavam sobre ele e o vento e a chuva açoitavam-no.

E se ela... E se eles morassem aqui o tempo todo? Ela continuaria encantada com tudo isso? Ou seria entediante e confinante? Mas nunca isso, com certeza.

Ela poderia ser feliz ali para sempre. Mas, cortada de tudo que ela sabia? De todos que ela conhecia? E ela foi atacada por um facho de medo na fronteira com o terror de Harry. E por uma dor surda de amor por suas filhas.

Camille ainda estava descalça ao ar livre? Abigail ainda estava gostando de estar em Bath? E os netos dela. Jacob estava dormindo por longos períodos à noite ainda? Teria Winifred terminado de ler O progresso de um peregrino? E ela ainda sente a necessidade de resumir cada capítulo para alguém disposto a ouvir? Viola sempre esteve sempre disposta a ouvir. Sarah ainda gostava de ser abraçada? Havia uma carta do Harry?

Uma mão se fechou calorosamente em seu ombro, e ela cobriu com uma de suas próprias e virou a cabeça para sorrir para ele.

— Que maravilhosa invenção é o vidro — disse ele. — Pode-se observar a inclemência do exterior enquanto se desfruta de todo o conforto do interior.

Ele afetou uma antipatia por ar fresco e o ar livre para diversão dela, ela suspeitou. Por um momento, não acreditou que ele fosse a fábrica de estufa que fingia ser — e uma vez o acusara de ser.

— Mmm. — Ela virou a cabeça para beijar as costas da mão dele.

— O que você quer da vida, Viola? — Ele perguntou a ela. — O que você mais quer?

Não era comum ele fazer essas perguntas. Ele devia estar em um humor suave. Ela virou a cabeça para olhar pela janela novamente. Não foi fácil responder. As perguntas mais simples raramente eram. O que ela queria? Felicidade? Mas isso era muito vago. Amor? Ainda é muito vago. Significado? Mas ninguém nunca iria soletrar o sentido da vida para ela. O que então? Ela não conseguia se concentrar em nada específico. Exceto—

— Alguém para se importar — disse ela. — Todos nós somos identificados pelos rótulos, Marcel? Eu sempre fui filha ou irmã, esposa, mãe, cunhada, avó, condessa, sogra. Talvez seja por isso que fiquei tão desorientada quando a verdade saiu depois da morte de Humphrey e alguns desses rótulos foram arrancados de mim, até mesmo do meu nome. Oh, eu sei que existem pessoas que se importam comigo. Eu não tenho autopiedade suficiente para me imaginar sem amor e sem ser apreciada. Eu sou muito bem abençoada com a família e amigos. Mas... Bem, eu vou parecer ter autocompaixão de qualquer maneira. Parece-me que nunca houve ninguém que se importasse comigo, a pessoa que habita a filha e a mãe e todo o resto. Ninguém me conhece. Todos pensam que sim, mas ninguém o faz. Às vezes parece que nem me conheço. Eu sinto muitíssimo. Eu não sei exatamente do que estou falando. Mas você perguntou.

— Sim perguntei, de fato. — Sua mão estava segurando seu ombro com mais força. A chuva parou. Por alguns momentos, houve um vislumbre do céu azul através de uma pausa nas nuvens. Algumas folhas multicoloridas, que caíam dos galhos, estavam espalhadas sobre as samambaias, que se agitavam ao vento.

— E você? — disse ela. — O que você quer da maior parte da vida, Marcel?

— Prazer — disse ele depois de alguns momentos de silêncio. — É a única coisa sensata a se desejar. — E, no entanto, parecia-lhe que havia uma espécie de desolação em sua voz.

— Assim? — Ela perguntou, descansando sua bochecha contra sua mão. — Esta fuga?

— Sim — disse ele. — Precisamente assim. Venha para a cama, Viola.

Foi a única vez que eles foram dormir durante esses dias, embora tenham se retirado cedo ambas as noites. Ele fez amor com ela em silêncio e mais rapidamente do que o habitual, sem as longas preliminares em que ele era tão hábil. No entanto, ela chegou a um clímax estilhaçando alguns momentos antes dele — ele sempre esperou por ela. Ele rolou para longe dela quase imediatamente, mas manteve os braços sobre ela enquanto puxava as cobertas para cima deles. Ele colocou a cabeça em seu ombro e encostou a bochecha no topo da cabeça dela antes que ambos fingissem dormir. Ela tinha certeza de que era fingimento dos dois lados.

Havia muito prazer, muita... vivacidade nestes dias de paixão física que ela estava vivendo. Ela estava longe de ter tido o suficiente dele. Ela nunca teria. Ela sabia que agora além de qualquer dúvida. E ele também não terminou com ela. Ela saberia se ele tivesse. Ela sentiria a retirada, perda de intensidade e interesse. Ele não terminou com ela. Mas havia algo... Uma ponta de melancolia se infiltrara em seu caso com o outono. Ela suspeitava — não, ela sabia — que eles haviam chegado no começo do fim.

ONZE

A carruagem do Conde de Riverdale fez um excelente progresso depois que deixou Bath e chegou sem incidentes na cidade onde Viola tinha sido vista pela última vez. Eles não tinham o nome da pousada em que o cocheiro contratado havia pousado seus passageiros, era verdade, mas não demorou muito para encontrá-lo. Eles estavam lá no meio da noite.

O estalajadeiro lembrou-se dos dois passageiros em questão, uma dama e um cavalheiro. Ele não se lembrava do nome deles, no entanto, se já tivesse ouvido. Eles não tinham tomado um quarto e, portanto, não tinham assinado o registro. A razão pela qual ele se lembrava era que o cavalheiro havia feito perguntas sobre a locação de uma carruagem, e havia uma aqui, perfeitamente decente. Muito mais decente do que aquele em que haviam chegado, isso era certo. Mas o cavalheiro tinha ido para a cidade de qualquer maneira para procurar algo melhor e voltado com uma nova carruagem e cavalos — e até um cocheiro para dirigi-lo. A esposa do cavalheiro permanecera na estalagem, tomando café na sala de visitas privada. O estalajadeiro não tinha ideia de para onde tinham ido quando saíram. Talvez se lembrasse de um dos ajudantes que estiveram em serviço, ou talvez a criada que servira a senhora tivesse ouvido alguma coisa. Mas ela estava de folga agora.

O grupo de Bath ficou com os quartos durante a noite, e depois de um café da manhã na manhã seguinte, Joel e Alexander entraram na cidade enquanto Abigail e Elizabeth tomavam outra xícara de café no salão privado e interrogavam a moça que havia sido enviada por ele, o estalajadeiro. Ela estava olhando pálida e com olhos de pires enquanto fazia uma reverência.

— Sim, eu me lembro dela, minha senhora — disse ela, dirigindo-se a Elizabeth. — Ela estava esperando o cavalheiro retornar. Mas não me lembro do nome deles. Eu não acho que ela disse.

— Ela não deixou nenhuma mensagem? — Elizabeth perguntou esperançosamente.

Se a garota hesitou por um momento, nenhum dos dois ouvintes percebeu ou fez nada disso.

— Não, minha senhora — disse ela, enquanto suas mãos torciam as laterais do avental — a nova que lhe custara tanto de seu salário. — Mas ela não teria deixado comigo mesmo. Eu só trouxe o café. Você poderia perguntar na recepção.

— Ela não chegou em casa naquele dia ou em qualquer outro dia desde então — explicou Abigail. — E estamos preocupados com ela.

— Se você está preocupada com ela, senhorita — a empregada perguntou, franzindo a testa. — Como é que você não sabe o nome dela?

— Eu sei — disse Abigail. — Ela é minha mãe. É o cavalheiro cujo nome não conhecemos.

— Ohhh — disse a menina quando começou a compreender — e planejar a fofoca que faria na cozinha quando voltasse para lá.

— Eu diria que ele era seu irmão ou seu primo — disse Elizabeth com um olhar rápido para Abigail, que tinha corado e estava mordendo o lábio. — Os dois não moram longe daqui. E seria tão típico de qualquer um deles não pensar em nos informar.

— Sim, seria — acrescentou Abigail. — Especialmente tio Ernest. Tenho certeza de que você está certa, prima Elizabeth.

A moça se retirou para a cozinha, mas afinal de contas não compartilhou a suculenta fofoca que acabara de adquirir. Sentia-se ainda mais doente do que sentira quando descobriu que as cartas com as quais a dama lhe confiara haviam se transformado em polpa na lavanderia. Obviamente, elas eram cartas importantes. Aquele cavalheiro de aparência terrivelmente arrogante e assustadora que estivera com a dama não era seu marido, como ela e os demais haviam assumido, e a empregada não acreditou nem por um momento na história do irmão ou do primo. Por que ele teria querido uma carruagem nova e cavalos se morasse próximo, afinal de contas? Não, a senhora estava fugindo com ele, quem quer que fosse. Embora ela tivesse escrito para alguém — para duas pessoas na verdade — provavelmente para que eles não se preocupassem com ela.

Não demorou muito para que Joel e Alexandre descobrissem onde o misterioso cavalheiro havia comprado sua carruagem e cavalos. Ele havia oferecido emprego ao seu novo cocheiro no mesmo local. Mas até mesmo o vendedor da carruagem não sabia o nome do cavalheiro ou aonde pretendia ir com a carruagem. Ninguém na estalagem sabia a resposta para qualquer uma das perguntas, embora nenhum dos manifestantes pensasse em mencionar aquele que estava ausente porque era seu dia de folga. Ninguém se lembrava da direção que a carruagem tomara quando saíra da estalagem.

— Norte, sul, leste ou oeste — disse Alexander quando ele e Joel voltaram para a sala. — Podemos fazer a nossa escolha.

— E todos os pontos no meio — acrescentou Elizabeth, enquanto seu irmão fez uma careta.

— Quem era ele? — Abigail colocou os cotovelos sobre a mesa e colocou as mãos sobre o rosto. — Quem é ele? E por que ela estava com ele? Para onde eles estavam indo? Por que ela não escreveu? Por que ela não escreveu desde então?

Elas eram perguntas retóricas. Ela não esperava uma resposta. Nenhum deles teria a oferecer, mesmo que ela tivesse. Joel deu um tapinha no ombro dela enquanto ele trocava olhares sombrios com Alexander.

— Londres parece ser o destino mais provável — sugeriu Alexander.

— Oh, você acha, Alex? — Elizabeth estava franzindo a testa em pensamento. — Parece-me o lugar mais improvável que Viola concordaria em ir. Ela o evitou por dois anos, exceto por aquela breve visita no começo do ano para o seu casamento. E ela não pôde sair rápido o suficiente depois, embora todos nós tentássemos persuadi-la a ficar mais tempo.

— Onde, então? — Ele perguntou. Mas ela não tinha melhor sugestão para oferecer. — Ela era a mesma em Bath depois do batismo de Jacob. — disse Joel. — Ela não podia sair rápido o suficiente. Ela foi sufocada no amor desde então... desde que Anna foi convocada para Londres e tudo mudou para muitos de nós.

—Sufocada? — Abigail abaixou as mãos e virou um pálido rosto carrancudo para seu cunhado.

— Sim, eu acho que é a palavra certa — disse ele. — Tudo que alguém é capaz de pensar é chegar até ela, e para você e Camille também, Abby, com a certeza de que você ainda é amada e ainda faz parte da família Westcott. Talvez eu

possa ver um pouco mais claramente do que qualquer um de vocês, porque eu vim de fora muito recentemente. Você nem todos reagem da mesma maneira. Camille enrijeceu-se e foi para o orfanato para ensinar onde Anna havia ensinado, determinada a refazer a si mesma e seu mundo. Anna fortaleceu sua coragem e entrou no mundo da sociedade, tão estranha a uma garota que cresceu em um orfanato. Ela ainda teve a coragem de se apaixonar por Avery e se casar com ele. Não tenho certeza sobre você, Abby. Mas, ao contrário de Camille e Anna, sua mãe não se adiantou para melhorar essas mudanças. Ela se manteve para si mesma. Ela foi sufocada. Eu vi isso. Toda a família se preocupou com ela, mas a resposta de todos foi simplesmente amá-la mais.

— O que a sufocou em vez disso — Abigail disse calmamente.

— O amor não é suficiente? — Elizabeth disse com um suspiro. — Oh, quão miserável a vida é. Deve ser simples. O amor deveria resolver todos os problemas. Mas é claro que isso não acontece. O problema é... O que mais há além do amor?

— Existir algum espaço para ela — disse Joel.

— Espaço. — Alexander repetiu, derramando café morno do bule, que ainda estava na mesa.

— Você quer dizer em qualquer lugar do mundo que não seja Hinsford ou Bath, Joel? — Abigail gemeu e colocou a mão sobre a boca.

— Oh, nós certamente precisamos encontrá-la, para nossa própria paz de espírito — disse Joel. — Mas, uma vez que o façamos e possamos assegurar-nos além de qualquer dúvida de que ela está segura e onde ela deseja estar, então devemos permitir que ela permaneça lá, despreocupada. Vocês não concordam?

— Com um homem que ela conheceu apenas um dia antes, ela fugiu com ele — disse Alexander, sua voz incomum dura.

Abigail gemeu novamente.

— Talvez ela o conhecesse, Alex — disse Elizabeth.

— Isso torna a situação mais aceitável? — Perguntou ele.

— Alex. — Abigail estava segurando a borda da mesa e olhando fixamente para ele de um rosto que era ainda mais pálido do que antes, mas estava em linhas teimosas agora. — Não permitirei que ninguém julgue a minha mãe, nem mesmo você. Você pode ser o chefe da família Westcott, mas estritamente falando, mamãe

não é e nunca foi uma Westcott. E mesmo se ela fosse… Ah, mesmo se ela estivesse, eu concordo com Joel.

Joel segurou seu ombro novamente e Elizabeth acariciou sua mão.

— Eu sinto muito, Abigail — disse Alexander, passando os dedos de uma mão pelo cabelo. — Você está perfeitamente certa. Concordo, Joel. Sinto muito. Wren diria que estou voltando ao meu eu natural. Eu sempre quero gerenciar e proteger as pessoas próximas a mim, especialmente as mulheres. Wren tem sido boa para mim, embora eu sempre precise de lembranças. Mas vamos encontrar sua mãe.

— Onde? — Ela perguntou.

Eles decidiram pegar a estrada para Londres e perderam um dia e meio viajando para o leste, parando em todas as tabernas e tabernas prováveis e até mesmo alguns improváveis para perguntar se alguém tinha visto uma carruagem preta nova e brilhante com acabamento amarelo e uma senhora de cabelo louro, de meia idade e um cavalheiro alto e moreno. Mas, embora várias pessoas tivessem visto carruagens de cor, desenho ou corte diferentes, transmitindo um cavalheiro e uma dama — ou, em um caso, duas damas e uma criança — nenhuma delas era útil.

— Alguém deve tê-los visto — disse Joel quando pararam para uma troca de cavalos e um almoço tardio. — É impossível que eles tenham viajado tão longe em total invisibilidade.

— Eu tenho chegado à mesma conclusão — disse Elizabeth. — Eles não vieram por aqui.

Sempre havia a chance, é claro, de que alguém na aldeia ou cidade próxima se lembrasse, mas eles estavam jogando aquele jogo a manhã toda.

— Foi a minha sugestão de que viéssemos para cá — disse Alexander. — Agora é minha sugestão que voltemos e sigamos um caminho diferente. Alguém discorda?

Ninguém fez.

Eles levaram menos tempo para voltar para a cidade onde Viola tinha sido vista pela última vez, mas, mesmo assim, parecia uma jornada sem fim. Desta vez, quando chegaram lá, tiveram melhor sorte. O ajudante cujo dia de folga coincidiu com a última parada estava de serviço novamente, e ele se lembrou do cocheiro da

nova plataforma dizendo que eles estavam indo para o país ocidental. O cocheiro fez questão disso, porque esperava não ir a Londres, um lugar barulhento, imundo e fedorento para onde estivera apenas uma vez e esperava nunca mais voltar.

E assim a carruagem de Alexander partiu finalmente na direção certa, embora o oeste da Inglaterra fosse uma descrição bastante vaga de um destino. Poderia ser Somerset ou Devonshire ou Cornwall ou País de Gales, ou mesmo Gloucestershire. Eles tiveram que prosseguir, como fizeram antes, parando com muito mais frequência do que gostariam, perguntando sobre a carruagem e seus ocupantes. Pelo menos desta vez, porém, suas perguntas deram resultados. Por graus graduais eles chegaram em Devonshire.

— Poderíamos ter viajado tão rápido — disse Joel em certa frustração, certa tarde, — se tivéssemos embarcado em um caracol em Bath e dito para ele se mexer em seu ritmo mais rápido.

— Mas nós teríamos ficado um pouco apertados andando nas suas costas — disse Elizabeth, com um brilho nos olhos.

— E a casca teria feito um assento duro — acrescentou Alexander. — Tanto quanto eu sei, não há molas sob carapaças.

— Eu nunca vi nenhum para alugar em Bath, de qualquer maneira — disse Abigail. — Você teria que ir à caça de um, Joel.

Mas na verdade era difícil manter o senso de humor quando pareciam estar viajando para sempre e ainda não sabiam quando ou se chegariam ao fim da jornada — ou o que descobririam quando ou se chegassem lá.

Ela fugira com um homem, Abigail continuou pensando. *O que vai Camille pensar? E Harry, se ele descobrir alguma vez?* Harry mataria o homem.

Duas vezes.

A carruagem de Redcliffe estava vários dias atrás do Conde de Riverdale, embora tenha gradualmente diminuído a distância. A princípio, a busca foi lenta e André lamentou não ter insistido em trazer a carruagem de seu irmão ou, pelo menos, seu cocheiro. Ele não achou tão fácil como ele esperava reconhecer o lugar onde ele havia deixado Marcel. A maioria das aldeias se parecia essencialmente com ele, e ele não observara paisagens e pontos de referência com o tipo de

atenção que teria prestado a eles se soubesse que teria de encontrar o caminho de volta. Quando finalmente chegaram à direita, ele a reconheceu com algum alívio e bateu no painel frontal para sinalizar ao cocheiro que parasse do lado de fora da estalagem no final da rua.

O Marquês de Dorchester não estava mais lá, é claro, e nunca estivera ali sob esse nome. Mas o estalajadeiro reconheceu André e pôde informá-lo de que o Sr. Lamarr realmente ficara ali — e tinha saído na manhã seguinte com a senhorita Kingsley.

André desejou ter deixado as senhoras, e talvez Bertrand também, na sala de jantar antes de fazer suas perguntas.

— O quê? — Disse Jane Morrow. — E quem, posso perguntar, é a senhorita Kingsley? Bertrand, leve sua irmã para uma dessas salas atrás de nós, se quiser. Ela estará pronta para algum refresco .

Mas era tarde demais para protegê-los do escândalo iminente. Nenhum gêmeo se mexeu.

— Ela é uma conhecida dele — explicou André. — E minha. Uma dama perfeitamente respeitável, Jane. Atrevo-me a dizer que ela lhe deu uma carona para algum lugar onde pudesse alugar uma carruagem para seu próprio uso desde que eu levara a dele.

Jane não ia questionar o irmão arruinado de seu cunhado, enquanto o estalajadeiro era um espectador interessado — ou na audiência de sua sobrinha e sobrinho. Mas sua mente cambaleou. Por que exatamente Dorchester mandou seu irmão e sua carruagem para fora do caminho? E quem exatamente era essa mulher que André insistiu ser respeitável? Era respeitável ter um homem que não era o marido na carruagem? E os dois passaram a noite na estalagem? Em quartos separados? Ah, ela deveria ter trancado os gêmeos em seus quartos em casa e embarcado nessa jornada com Charles e André.

O estalajadeiro foi capaz de direcioná-los para a cidade onde a carruagem alugada da senhorita Kingsley estava presa.

— Mas aonde ele foi daí? — Estelle perguntou a ninguém em particular. — Por que ele não voltou para casa, como ele havia prometido?

Jane podia pensar em um excelente motivo, mas ela se manteve em paz.

André esfregou a lateral do nariz com um dedo e manteve a paz também.

— Eu ouso dizer que algo aconteceu para fazê-lo mudar de ideia, Stell. — disse Bertrand. — Talvez nós vamos descobrir o que é quando chegarmos a essa cidade.

Jane Morrow olhou para André com os olhos apertados enquanto os gêmeos subiam novamente na carruagem.

— Você sabia sobre essa mulher. — ela disse baixinho o suficiente para não ser ouvida por seu sobrinho e sobrinha. — Você não deveria tê-los trazido aqui. Suponho que não lhe ocorreu que era altamente impróprio fazê-lo. Você não é melhor que seu irmão.

— Oh, eu digo — ele disse indignado. — Eu não os trouxe aqui. Eu não tinha vontade de vir aqui. Era lógico que Marcel tivesse ido embora há muito tempo. Eles me trouxeram.

— Nós realmente não temos escolha agora — disse ela, levantando a voz para falar com os gêmeos dentro da carruagem. — Voltaremos para casa e esperar por seu pai lá. Ele virá em seu próprio tempo. Ele sempre faz.

— Mas a festa! — Protestou Estelle.

— Nós temos uma escolha, tia Jane — disse Bertrand. — Podemos ir e descobrir onde ele foi, ou, pelo menos, tentar. Nós chegamos tão longe. Por que voltar agora sem pelo menos fazer um esforço para localizá-lo?

Jane poderia ter oferecido uma resposta muito boa, mas como poderia falar francamente com seus dois jovens sobrinhos?

— Ele provavelmente está ocupado e vai se ressentir da intrusão — disse ela.

— Você acha que ele está com essa mulher, tia Jane. — disse Estelle. — Bem, e se ele estiver? Eu diria que não é a primeira vez e não será a última. Mas quero que ele saiba que organizei uma festa de aniversário para ele. Eu quero dizer na cara dele que ele… me incomodou.

Sua tia olhou para ela com alguma exasperação. Era tão diferente de Estelle ser teimosa. Que pena que as crianças tiveram que crescer.

— Continuando com a busca, então? — André perguntou alegremente, oferecendo a mão para ajudar Jane a entrar na carruagem.

— Sim — Estelle e Bertrand disseram em uníssono.

Depois disso, a perseguição foi relativamente fácil. Encontraram a estalagem em que a carruagem alugada da senhorita Kingsley havia pousado os passageiros e descobriram a carruagem recém-adquirida sem ter que sair da hospedaria. Eles falaram com o moço da estrebaria que sabia a direção que a carruagem havia tomado — com a dama e o cavalheiro. Todos os piores temores de Jane foram confirmados. O mesmo ajudante foi obrigado a mencionar que quatro outras pessoas — dois senhores e duas damas — haviam ido em busca da mesma carruagem dois dias antes. Ainda mais gentilmente ele deu-lhes uma descrição da carruagem também.

Foi apenas um caso depois de seguir uma trilha que brilhava diante deles. Quase todos com quem conversavam se lembravam de uma ou outra das duas carruagens, ou, em muitos casos, de ambas. Eles estavam ainda mais seguros de que estavam indo na direção certa quando André de repente se lembrou de algo.

— Oh, eu digo — disse ele com um clique alto de seus dedos. — Eu aposto que Marc foi para a casa de campo.

— Casa de campo? — Jane perguntou.

E André contou a história que sua mãe contara sobre a tia-avó do pai, que gostara de Marcel quando ele era bebê, muito antes de ele, André, nascer e fazer dele herdeiro e deixar tudo para ele. Sua casa de campo em algum lugar na selva de Devonshire.

— Parece um tipo provável de lugar para levar uma mu... — André disse antes de ser cortado muito tarde por um olhar aguçado de Jane e um cotovelo afiado nas costelas.

— Mulher — disse Estelle. — Onde em Devonshire, tio André?

Ele esfregou um lado do nariz, mas isso não levou a memória adiante. Ou talvez, ele admitiu, ele nunca tivesse conhecido. Perto do mar, talvez?

Isso foi de muita pouca ajuda.

DOZE

O céu havia clareado e o vento diminuíra, pelo menos no vale. As encostas e o chão do vale tinham tido um dia para secar. Era hora de sair de novo, anunciou Viola, para dar um longo e rápido passeio pelo vale até o mar.

— Haverá lama — Previu Marcel.

— Pode ser contornado — disse ela. — Covarde.

Acabou não sendo a caminhada rápida que ela havia antecipado. O chão do vale ao lado do rio era esponjoso, na melhor das hipóteses, depois de toda a chuva, na pior lamacenta. Em alguns lugares, velhos galhos mortos e até troncos de árvores podres estavam espalhados pelo que na verdade não era um caminho. Foi tudo muito selvagem e cheio de mato. Era possível, até que ninguém andasse ali durante anos. Mas, de qualquer maneira, era um exercício estimulante, pois se debruçavam sobre obstáculos, subiram em alguns, evitavam o pior da lama e paravam com frequência apenas para olhar a glória das árvores do início do outono e ouvir os pássaros.

— Não é incrível — ela disse, — como eles fazem tanto barulho, mas são pouco visíveis?

— Incrível. — Ele concordou com a voz deliberadamente plana que ele usava sempre que ela estava provocando seu entusiasmo.

Ela não foi dissuadida. Ela descobrira esse entusiasmo durante as duas últimas semanas e se perguntara por que considerara tão importante a vida toda reprimi-lo em nome da dignidade.

Levaram mais de uma hora para chegar à areia da praia — e ao vento novamente. Inclinou-se pelo mar do sudoeste desimpedido, agitando as ondas, tirando o fôlego e achatando as roupas contra elas. Ele tinha que segurar o chapéu.

O rio, à medida que se alargava para fluir em calhas pouco profundas até o mar, havia cortado a praia em dois. Eles caminharam ao lado deles, de mãos dadas, sem falar. Muitas vezes não o fizeram. Mas nunca foi porque tinham esgotado as coisas para dizer. Às vezes, podia haver uma sensação mais amistosa de silêncio do que de conversação. Altos penhascos subiam para um lado deles. O mar se estendia até o infinito do outro.

— Fico feliz que a casa foi construída no vale, fora da vista de tudo isso — disse ela.

— Você não gosta do mar? — Ele perguntou.

— Oh, eu gosto. — Ela tirou a mão da dele e se virou para ver todo o panorama. A praia se estendia por quilômetros em ambas as direções. Ondas infinitamente longas estavam quebrando em espuma e fluindo para a areia molhada a alguma distância antes de serem sugadas de volta para o fundo. O ar estava frio e salgado. Uma gaivota solitária, fustigada pelo vento, chorava pesarosamente, ou assim parecia. Ela não deve atribuir sentimentos humanos a outras criaturas. — Mas não acredito que gostaria de viver perto disso. É também... elementar.

— Pelo menos, estamos de acordo. — Ele veio para ficar na frente dela e abaixou a cabeça para beijá-la. Ela se inclinou para ele e o beijou de volta, buscando conforto e esquecimento dele, assim como calor. Eles tinham sido muito bons, estas semanas. O melhor da vida dela. Oh, de longe o melhor. Por que, então, havia um fio de melancolia arrastando seus espíritos nos últimos dias, como uma nota grave latejante em uma melodia leve e alegre?

— Pelo menos — disse ela. — Não estamos de acordo sobre a maioria dos assuntos?

Ela não quis dizer isso como uma questão séria. Ela não tinha certeza se ele tinha levado a sério. Só que, de repente, pareceu pairar entre eles como uma coisa tangível. Não eram eles, em quase todos os sentidos, muito diferentes um do outro? Era fácil ignorar esse fato básico para um pequeno idílio de um romance. Mas não permaneceria mascarado para sempre. Felizmente eles não tiveram para sempre.

Felizmente?

Ela deu um passo para o lado, lutando contra um certo pânico inexplicável.

— Eu vou caminhar até a beira da areia molhada — disse ela.

Eu vou… Não *Vamos*... Não foi deliberado. Talvez ele não tenha tomado assim. Mas ele não foi com ela. Ele permaneceu onde estava ou segui em frente. Ela não olhou para trás para ver. Os assuntos sempre foram assim? Ele saberia. Ela não. De repente, alguém soube, sem aviso ou razão particular, que tinha acabado? Não havia razão. Ela estava desesperadamente feliz aqui. Ela estava profundamente satisfeita com o relacionamento deles, se poderia ser chamado assim. Mas é claro que poderia, por mais breve que fosse. Ela foi revigorada por sua companhia e ganhou vida ao fazer amor. Ela ainda não sabia como faria sem ele quando tudo terminasse.

Logo, muito em breve, ela descobriria.

Ela parou quando chegou à beira da areia molhada. A maré deve estar a caminho, mas a areia que havia coberto pouco tempo atrás ainda não havia secado. Brilhava com umidade em alguns lugares. Ela se sentiu isolada aqui, cortada de tudo, menos de seus pensamentos. Ela não se virou para olhar para trás. O vento chicoteava impiedosamente para ela.

Suas filhas começariam a se preocupar. Ela não deu nenhuma pista de onde estava indo ou com quem, apenas que estava indo. Eles estariam começando a se perguntar o que fariam se ela nunca voltasse. Ela não tinha escrito novamente desde que veio para cá. Sua grande fuga parecia cada vez mais seu grande egoísmo. E ela estava começando a se preocupar com eles, ou, pelo menos, a se perguntar. Ela estava sentindo falta deles. Ela estava sentindo falta de seus netos, ou, pelo menos, as notícias frequentes que ela sempre teve deles nas cartas de Camille.

Ela estava preocupada com Harry. Sempre, sempre, sempre. Inutilmente preocupada. Não havia nada que ela pudesse fazer para garantir sua segurança. Mas ela deveria pelo menos estar lá para ler qualquer carta que viesse da Península. Oh, as guerras nunca terminariam?

E o que aconteceu com seu núcleo moral? Moralidade tinha sido sua bússola através de sua vida até... a quanto tempo? Duas semanas? Três? Ela estava perdendo a noção do tempo. Mas naquela época ela não estava vivendo uma vida de pecado. Ou ela estava? Era pecado amar um homem e permitir que ele a amasse? Não era amor, porém, o que havia entre eles. Era luxúria.

Parecia mais que luxúria. Mas isso foi auto-engano. Ele nunca fingiu que isso era algo mais do que o habitual para ele. Há quantos dias ele disse a ela que o que ele mais queria da vida era prazer? Ela sabia desde o começo, no entanto. Ela não havia sido enganada. Ela veio com ele porque também queria prazer.

Porque ela cobiçou-o e ainda assim o fez.

Ela levantou o rosto para o vento e fechou os olhos. Uma gaivota — a mesma? — chorou de novo pesarosa. Ela se sentia terrivelmente, desprezivelmente solitária. Mas ela não merecia algo melhor. Ela se virou e voltou para a praia. Ele estava em pé com certeza no mesmo lugar em que ela o deixara. Ela parou a uma curta distância.

— Eu preciso ir para casa — disse ela.

E então sentiu um puro pânico.

Ele parecia muito grande, com o chapéu alto preso firmemente à cabeça, o sobretudo de muitas capas e as botas de cano alto. Ele parecia distante, austero. Seus olhos, encapuzados como costumavam ser, pareciam mais escuros do que de costume à sombra da aba do chapéu. Ele parecia curiosamente como um estranho, um estranho bastante sombrio.

— Estou feliz que você disse primeiro, Viola — disse ele. — Eu nunca gosto de machucar minhas mulheres.

Até mesmo sua voz suave soava desconhecida. Ela se sentiu magoada de qualquer maneira. Teria ele planejado isso — machucá-la, mesmo que ele negasse qualquer desejo de fazê-lo? Ou ele estava apenas falando a verdade? Ele havia se cansado dela e estava feliz por ter anunciado o fim do caso antes de ter que fazer isso sozinho.

— Sinto falta da minha família — disse ela. — Eles ficarão preocupados comigo.

— Eu pensei que você disse que tinha escrito para eles — disse ele.

Ela havia mencionado logo após a chegada deles.

— Mas sem qualquer detalhe ou explicação — disse ela. — E já faz mais de duas semanas.

—Tudo isso?— Ele disse. — É incrível como o tempo voa quando se está imerso no prazer.

Ele estava insultando ela? Não houve insulto nas próprias palavras, mas algo em seu tom a gelou.

— Foi um prazer — disse ela.

— De fato. — Ele concordou. — Eu raramente conheci melhor.

Essa palavra 'raramente' foi escolhida com cuidado para cortá-la? Mas ela não tinha motivos para se sentir ofendida. Isso nunca tinha sido outra coisa senão um caso, e só para ela era uma coisa importante.

— Você ficará feliz em ir para casa com seus filhos — disse ela.

— De fato eu vou — disse ele. — Vou precisar recuperar um pouco de resistência. Você chegou perto de me esgotar, Viola.

Oh, ele estava insultando-a. Na mais sutil das formas. Ele estava dizendo a ela que ela tinha sido uma amante completamente satisfatória, mas que agora ele estava pronto para passar para a próxima — ou seria após um curto período para se recuperar. Ele estava sugerindo que ela era insaciável.

— Não precisa haver nenhuma amargura em nossa despedida, não é? — Perguntou ela.

— Amargura? — Suas sobrancelhas se levantaram e ele levantou uma das mãos como se quisesse segurar a alça de seu monóculo. Mas estava escondido debaixo do seu sobretudo. — Eu certamente espero nunca despertar amargura em nenhuma das minhas mulheres, Viola. Vamos nos separar como amigos, e será minha esperança que você tenha boas lembranças de nossa ligação depois que voltar à respeitabilidade de sua vida.

... nenhuma das minhas mulheres.

Ele não fez menção de qualquer boa lembrança que ele teria. Daqui a um mês, ele provavelmente teria esquecido tudo sobre ela. Ela sabia disso desde o começo.

— Amanhã? — Perguntou ela. — Vamos partir para casa amanhã?

Ele não respondeu por alguns instantes. Seu rosto parecia um pouco com granito, seus olhos duros e opacos. E, tola que ela era, ela esperava que ele implorasse por mais alguns dias.

— Com essas noites mais longas, acho que seria mais sensato esperar até amanhã — disse ele. — Sim, vamos sair mais cedo.

Parecia uma bofetada no rosto. Ele teria preferido partir hoje.

Levaram menos de uma hora para voltarem ao vale. Eles não pararam para olhar ao redor ou ouvir os pássaros ou recuperar o fôlego. Eles contornaram poças lamacentas e subiram em galhos de árvores caídos sem confusão — e sem tocar. A única vez que ele parou para ajudá-la sobre um tronco de árvore, ela fingiu não notar a mão dele. A próxima vez ele não ofereceu. Eles não falaram uma palavra para o outro.

Eles não brigaram. Não havia nenhuma razão no mundo porque eles ainda não deveriam conversar amavelmente e ser fáceis um com o outro. Havia o resto do dia para viver, afinal de contas, e a noite e então quantos dias eles levariam para viajar de volta. Ela queria que ele a levasse para Bath e não para Hinsford. Certamente não levaria muitos dias para chegar lá. Eles não viajariam em nada parecido com o modo vagaroso que eles tinham quando vieram para cá.

Mas cada hora ia parecer uma eternidade. Ela não pensou antes nisso. Quando pensara no fim do caso, imaginara estar de volta a casa, sozinha e solitária, colhendo os fios da sua vida. Ela não tinha pensado no fato de ir daqui para lá. Ela se perguntou se deveria sugerir que viajasse de diligência da cidade do outro lado do vale.

Mas parecia um insulto da parte dela.

Ele parou de andar de repente e proferiu um juramento tão surpreendente que ela parou também e olhou para ele surpresa. Mas ele não estava olhando para ela. Ele estava olhando, de olhos estreitos, para o chalé, que acabara de aparecer. Ela olhou para lá também e congelou.

Havia uma carruagem no terraço de terra batida diante da porta. Não a carruagem dele. E nada local também, com certeza. Era muito grandioso. Eles ainda estavam muito longe para ver qualquer detalhe, mas...

— Temos companhia — disse ele, as palavras saindo de entre os dentes e soando selvagens.

— Quem? — Ela perguntou tolamente. Como se poderia esperar que ele soubesse mais do que ela? Mas, mesmo quando ela fez a pergunta, três figuras apareceram — dois homens e uma mulher.

Um dos homens era Alexander.

O outro — Joel? — apontava na direção deles.

A mulher era Abigail.

Marcel xingou maldosamente de novo — e novamente não se desculpou.



Ele praguejou silenciosamente para si mesmo enquanto subiam a encosta em direção ao chalé. Como diabos eles encontraram esse lugar? Viola admitira ter escrito para as filhas enquanto ele estava comprando a carruagem que as trouxera até aqui, mas ela garantira que havia dito apenas que estava indo embora por uma semana ou duas — e ele acreditara nela. Ele havia reconhecido o brasão na porta da carruagem de Riverdale antes de reconhecer o próprio homem. Chefe da família Westcott, não menos. E ele não duvidou que a jovem era uma de suas filhas. Seus olhos confirmaram a suspeita quando se aproximaram. Ela parecia um pouco com Viola. Ele nunca tinha visto o outro homem antes, mas apostaria em ser o genro artista-professor.

Seu considerável arsenal de linguagem profana estava esgotado. Ele começou a se repetir. Essa colina parecia ficar cada vez mais íngreme cada vez que ele subia. Viola tinha ido um pouco à frente dele. Sua pergunta — quem? — de alguns minutos atrás era a única palavra que ela falara desde que saíram da praia.

Ele se perguntou se seriam as pistolas ao amanhecer de amanhã e qual dos dois homens reivindicaria a honra. Que desastre seria meter uma bala no coração de um dos parentes de Viola ou deixá-lo no braço direito no dia seguinte ao fim do caso. Ou talvez o parente o matasse. Talvez isso estivesse prestes a se tornar uma tragédia romântica — com elementos cômicos.

A jovem tinha saído do terraço para ficar de pé entre as samambaias. Ela era toda esbelta e esguia, olhos grandes e pele pálida com duas manchas de cor nas bochechas e uma vulnerabilidade ansiosa. Não, ela não era como a mãe, exceto em cores e certa semelhança de características. Mesmo com a visão de trás que ele tinha dela, ele sabia que Viola tinha vestido o manto de sua dignidade habitual. Houve um momento em que elas poderiam ter se apressado nos braços uma da outra, mas a garota hesitou e Viola não pressionou, e elas acabaram simplesmente apertando as mãos por alguns instantes.

— Mamãe? — A jovem disse. Sua voz era aguda e levemente trêmula. Provavelmente não sua voz habitual.

— Abby — disse Viola. — Minha querida. Eu estava prestes a repreendê-la por vir sozinha com Alexander e Joel. Ou melhor, eu estava prestes a repreendê-los por trazer você. Mas vejo que Elizabeth também teve o bom senso de vir.

Outra dama um pouco mais velha saiu de trás da carruagem. Ela deve ter acabado de sair da casa. Ela parecia vagamente familiar, embora ele não conseguisse lembrar o nome dela no momento. Elizabeth Alguém.

— Viola — disse ela com um sorriso caloroso. — Como é bom ver você. E você está bem. Que lugar lindo de tirar o fôlego é este — Uma senhora sensata, tentando criar alguma normalidade com essa situação, como se ela e seus companheiros tivessem apenas chamado o chá enquanto passavam.

Os homens não tiraram os olhos de Marcel.

— E assim o mistério está resolvido — disse o Conde de Riverdale, com a voz rígida e fria — Dorchester. O Marquês de Dorchester — explicou ele ao homem a seu lado.

Viola virou a cabeça bruscamente e olhou para Marcel com olhos arregalados e surpresos. Ele encolheu os ombros.

— Riverdale? — Ele disse. — Já faz quanto tempo?

— Mamãe — a jovem senhora disse — ela era Abigail, a filha mais nova, então. — O que houve? Por que não foi para casa? Por que veio aqui? Por que veio com… ele? Por que não escreveu para nós? Estávamos muito preocupados. Toda a família está.

— Eu deveria ter escrito novamente — disse Viola, — para explicar que eu estava bem segura na casa de um amigo. Foi negligente de minha parte não fazê-lo, Abby. Mas… vir atrás de mim assim? Como você me achou?

— Novamente? — Perguntou Abigail. — O que você quer dizer com novamente–?

— Bem. — Viola soou um pouco confusa. — Você deve ter recebido a carta que enviei a você e a Camille. E a Sra. Sullivan deve ter recebido a dela.

A cor tinha recuado das bochechas da jovem para deixar seu rosto uniformemente pálido.

— Não — ela disse, sua voz pouco mais que um sussurro. — Nenhum de nós recebeu.

Riverdale não se distraiu. Ele não tirou os olhos de Marcel. Nem o outro homem. Eles pareciam dois anjos vingadores, se alguma vez Marcel tivesse visto algum. E com certeza—

— Vou querer satisfação por isso, Dorchester — disse Riverdale em voz baixa.

— Então você terá que ficar na fila atrás de mim — o outro homem disse. — Você pode ser o chefe da família Westcott, Alexander, mas a dama é a mãe de Camille. Minha sogra.

Eles haviam atraído a atenção das senhoras.

— Não seja absurdo, Joel — disse Viola. — Você também, Alexander. Eu não fui sequestrada. Eu vim aqui por vontade própria. E eu não sou uma menina verde para ser mimada pelos homens da família. Tenho quarenta e dois anos de idade.

Riverdale voltou seu olhar frio para ela.

— Oh, mamãe — disse Abigail. — Como você pode?

— Sugiro que todos entrem e vejam se a governanta muito agradável está disposta a fazer um bule de chá para todos nós — disse a mulher chamada Elizabeth. — Há um fogo muito bem-vindo queimando na sala de estar.

Todos a ignoraram.

— Não é um absurdo, mamãe — disse o genro de Viola. Marcel não se lembrava do nome dele. Ele chegou a ouvir? — O que você fez machucou Camille. E Abby. E Winifred, que tem idade suficiente para entender algumas coisas. E sua mãe e seu irmão, que é um clérigo. E toda a família Westcott, que considera você uma das suas, mesmo que você se comporte às vezes como se preferisse que não. Não é absurdo querer punir o homem que te desviou do caminho.

— Joel — começou Viola, e sua voz estava fria agora também.

— Eu acredito — disse Marcel na voz bastante suave que ele sabia que sempre chamou a atenção. Não falhou agora. Todos pararam de falar e todos voltaram sua atenção para ele. Atenção hostil, talvez, mas atenção, no entanto. — Acredito que todo mundo está mal compreendido, Viola. Você deve me apresentar a sua família em um momento, mas primeiro devemos realmente explicar que estamos prometidos, que estávamos noivos mesmo antes de começarmos nossa jornada aqui.

Por alguns momentos, a cena do lado de fora do chalé deve ter parecido um quadro bem planejado. Ninguém se moveu ou disse uma coisa. Antes que Viola pudesse se libertar do feitiço que suas palavras haviam lançado, ele se moveu ao lado dela, pegou a mão dela na sua, entrelaçou os dedos com força, e levou a mão aos lábios.

— O nosso tem sido um apego de longa data — disse ele. — Para usar o linguajar vulgar, nos apaixonamos em um momento em que a honra não permitiria que nenhum de nós admitisse isso — ou se reencontrassem. No entanto, nos vimos de novo em uma pousada há algumas semanas, quando cada um de nós tinha ficado encalhado por problemas na carruagem. Não demorou mais do que uma troca de olhares para reacender uma paixão que nunca havia realmente morrido. Antes daquele dia terminar, decidimos não passar um dia a mais de nossas vidas separadas. Nós estávamos noivos. Nós tomamos a decisão impulsiva, embora talvez imprudente, de fugir para cá para celebrar nossa felicidade juntos por um tempo, antes de iniciar o longo processo de informar nossas famílias, fazer os anúncios necessários e planejar um casamento. Não é assim que foi, meu amor?

Ele olhou para o rosto dela finalmente. Estava tão pálido quanto o da sua filha. Pálido e totalmente inexpressivo. Seus olhos encontraram os dele. Ela olhou e então… sorriu.

— Eu não posso nem culpar você pela precipitação de tudo, Marcel — disse ela. — Eu fui a primeira que sugeriu que fugíssemos.

— Ah, mas eu não coloquei um único argumento em contrário, não é? — Ele disse. — Nós vamos aceitar a responsabilidade mútua, então. Apresente-me, meu amor. — Sua filha era Abigail Westcott. A mulher mais velha — embora ainda fosse mais jovem que ele e Viola — era Lady Overfield, a irmã de Riverdale. E sim, ele a vira algumas vezes em Londres, embora não acreditasse que eles tivessem sido formalmente apresentados até agora. Ele conhecia seu falecido marido. O genro era Joel Cunningham.

— Mamãe, — disse Abigail, — você vai se casar com o marquês de Dorchester?

— Viola — Riverdale começou.

— Elizabeth é a mais sensata entre nós — disse Viola na voz firme e fria da antiga Condessa de Riverdale. — Vamos entrar e tomar um chá. Está frio aqui

fora. Todos podemos falar tanto quanto desejarmos quando nos decidirmos sobre o incêndio.

Ela retirou a mão de Marcel e deu-lhe um olhar frio e vazio, que não o enganou por um momento. Sob as camadas praticadas de dignidade graciosa, ela estava fervendo.

Ela achava que ele não estava?

Ele raramente tinha estado mais irritado em sua vida. Talvez nunca.



Marcel não seguiu imediatamente todos os outros para a sala de estar. Ele subiu as escadas, supostamente para tirar o chapéu e o sobretudo. Viola o seguiu, dando a desculpa de que precisava lavar as mãos, pentear o cabelo e trocar os sapatos. Ela o seguiu até o quarto e fechou a porta atrás de si. Ele virou-se para encará-la, as sobrancelhas levantadas e as pálpebras semi-abaixadas dando ao rosto uma aparência arrogante e quase desdenhosa. Era o olhar que ele costumava apresentar à sociedade.

— Marquês de Dorchester? — Ela disse. De todas as coisas com as quais ela poderia ter começado, era o detalhe que de alguma forma mais doía. Quem era esse homem com quem ela estava tendo um caso? Ela o conhecia?

Ele deu de ombros novamente do mesmo modo que deu de ombros lá no lado de fora.

— Meu tio morreu há dois anos — disse ele. — Ele era um homem muito velho. Eu diria que ele não poderia evitar. Aconteceu que eu era o próximo na linha de fogo, já que em todos os seus longos anos ele havia produzido apenas filhas. Eu sempre considerei o título um apêndice incômodo, mas o que eu deveria fazer? Não acredito que teria convencido alguém de que meu irmão era mais velho que eu.

Ela deixou ir. Havia muito mais. Muito.

— O que você quis dizer, — ela disse, — anunciando que estamos prometidos? A ideia é risível.

— Risível? — Ele estava falando suavemente daquele jeito que ele sempre tinha falado em público, mesmo que ela fosse a única outra pessoa na sala. — Você me fere, Viola. Eu não sou mais do que uma figura de diversão a seus olhos?

— Alexander deve saber que é risível — disse ela. — Elizabeth deve saber. Todos, o mundo inteiro saberá se a palavra sair.

— A palavra certamente sairá, meu amor — disse ele. — O casamento de um aristocrata sempre é notícia. Há pouca privacidade quando se é o Marquês de Dorchester. Ou a Marquesa.

— Você não pode estar falando sério — disse ela. — Você mal podia esperar até amanhã para se livrar de mim.

— Eu disse isso, Viola? — Ele respondeu de uma forma dolorida que veio como zombeteiro. — Que muito deselegante de mim. Eu chamaria você de mentirosa, mas isso seria igualmente deselegante. O que devo dizer?

— Você não quer se casar comigo — disse ela.

O olhar zombeteiro desapareceu para ser substituído por algo mais sombrio.

— O que eu quero não é mais significativo. — Ele disse. — Nem é o que você quer. Nós embarcamos em uma grande indiscrição há algumas semanas, Viola, e fomos pegos e devemos pagar o preço.

— Isso é um absurdo — ela disse, — e você deve saber disso. Alexander não vai respirar uma palavra de nada disso. Nem os outros.

— Deixe-me ver — disse ele. — Riverdale vai sussurrar para sua esposa. Cunningham dirá a sua esposa, e ela e a senhorita Abigail Westcott informarão a sua mãe com a maior confidencialidade. Sua mãe vai informar seu irmão. Todos os Westcotts, que estão tão preocupados com você, terão que ter suas mentes fixas em repouso, e meu palpite é que eles não serão informados de mentiras e que, mesmo que sejam, eles verão através deles em um momento. Serviçais ouvirão a história, como os serviçais inevitavelmente fazem. E os serviçais dirão isso com a maior confidencialidade a outros serviçais, que o passarão a seus empregadores. Meu ponto está se tornando claro? Sua virtude foi comprometida, Viola, e eu sou o comprometedor. Eu devo, então, como ocasionalmente manejo, fazer a coisa honrada e me casar com você. Você não tem motivo para reclamação. Eu não escrevi para minha família. Minha família não apareceu aqui, respirando fogo e enxofre, não é?

Ambos ouviram no mesmo momento. Teria sido difícil não, apesar do fato de a janela estar fechada. O vale normalmente era muito quieto. Viola se apressou

para olhar, esperando ver que era apenas a carruagem de Alexander sendo removida do caminho. Mas ainda estava do lado de fora das portas da casa, nenhuma ordem foi dada para sua disposição. Não, o que ouviram foi a chegada de outra carruagem. Ele parou na entrada da garagem, ainda parcialmente na encosta. Marcel se aproximou dela. Ele praguejou, como ele tinha feito no vale.

O cocheiro desceu do seu acento para abrir a porta e baixar os degraus. Uma figura familiar desceu e olhou para o vale. Ele era o jovem cavalheiro que estivera com Marcel naquela estalagem. Seu irmão. Mas ele não estava sozinho. Um homem muito mais jovem, na verdade não mais do que um garoto, alto, magro, escuro, com toda a promessa de boa aparência, saiu atrás dele e se virou para pegar uma mulher mais velha e depois uma mera garota, cujo rosto estava escondido pela aba do seu gorro.

— Às vezes — disse Marcel, — a farsa no final de uma jogada é exagerada e perde qualquer qualidade divertida que poderia ter. Você observou isso, Viola?

Minha família não apareceu aqui, respirando fogo e enxofre, não é?

Aparentemente, eles tinham.

TREZE

O que houve com o André para ele ter vindo aqui — e trazido consigo Estelle e Bertrand de todas as pessoas? E Jane. O mundo ficou louco? Marcel se virou da janela, desceu as escadas e deu um pulo no terraço.

— Eu digo — ouviu André dizer, — não há outro prédio à vista. Este deve ser o lugar mais solitário da terra. Eu não conseguia me ver querendo passar muito tempo aqui.

— Felizmente, talvez — disse Marcel, — você não tenha sido convidado para isso, André.

— Oh, eu digo. — Seu irmão virou-se para enfrentá-lo. — Você está aqui, Marc.

Os outros também se viraram em sua direção. Jane estava de boca fechada e rígida, um olhar e uma postura que ela certamente reservava para ele. Ela não fingiu gostar ou aprová-lo e nunca o teve desde o momento em que anunciou sua intenção de se casar com Adeline. Bertrand, magro e muito alto depois de um súbito crescimento há alguns anos, deu alguns passos em direção a ele. Estelle, menor, mas igualmente esbelta, de rosto estreito, olhos grandes, não muito bonitos, mas com potencial para uma beleza extraordinária, aproximou-se dele de uma maneira que certamente era proibida pelas regras de Jane para a conduta e o comportamento adequado das moças.

— Pai — ela chorou, e ele percebeu, surpreso, que ela estava furiosa. — Você arruinou tudo. Você disse que estava voltando para casa e eu acreditei em você, idiota que eu era. Eu deveria saber agora que você nunca faz o que diz que vai fazer. Eu acreditei em você porque seria seu aniversário especial, e pensei que você gostaria de passar conosco. Eu organizei uma festa para te surpreender — minha primeira vez. Eu planejei tudo até o mais ínfimo detalhe. Fiz longas listas,

para não esquecer de nada. E você não veio. Você mandou o tio André para casa em sua carruagem, o que mostrou que você não tinha intenção de vir. O que foi bom, mas você não deveria ter dito que estava vindo em primeiro lugar. Eu vim te encontrar porque eu queria que você soubesse que nunca mais vou acreditar em outra palavra que você diz. Mas tudo bem porque eu não me importo.

Marcel ficou muito surpreso até mesmo para pegar seu monóculo. Ele acabara de ouvir possivelmente mais palavras de sua filha do que em quase dezoito anos desde que ela nasceu.

— Minha irmã está chateada, senhor. — Bertrand disse a ele. — Ela colocou seu coração e alma em planejar aquela festa para surpreendê-lo.

— Estelle, meu amor — Jane estava dizendo. — Não é assim que uma jovem gentil fala com seu pa…

— Silêncio. — Marcel disse suavemente, e ela parou abruptamente.

André estava limpando a garganta.

— Bom dia, senhorita Kingsley — disse ele, e, olhando por cima do ombro, Marcel pôde ver que ela realmente havia saído, embora estivesse se distanciando.

— Quem... — Estelle parecia ainda mais tempestuosa quando seus olhos foram além dele para Viola, mas ele levantou a mão e ela também ficou em silêncio.

Ele se virou e esticou um braço na direção de Viola e observou-a se aproximar, com toda a dignidade de mármore.

— Minha família também nos encontrou — disse ele, — quando estávamos prestes a partir para encontrá-los. A Sra. Morrow é a irmã da minha falecida esposa e cuidou dos meus filhos desde a sua morte. André é meu irmão. Estelle e Bertrand são minha filha e meu filho.

André assentiu cordialmente. Os outros pareciam estátuas quando Viola inclinou a cabeça e desejou a todos uma boa tarde.

— Conheci a senhorita Kingsley e a admirei por muitos anos — disse ele, voltando sua atenção para eles. — Quando nos encontramos de novo por acaso há algumas semanas, não precisávamos mais esconder nossa consideração um pelo outro e ela concordou em se casar comigo. Deveríamos ter procedido imediatamente para informar sua família e a minha, é claro. Deveríamos ter feito um anúncio público de nosso compromisso e começado a planejar nosso

casamento. Isso é o que deveríamos ter feito. Na verdade, o que decidimos foi um par de semanas sozinhos.

As narinas de Jane se abriram, embora ela permanecesse em silêncio.

Ele pegou a mão de Viola e levantou-a agora até os lábios. Estava gelada.

— Foi desinteressado e auto-indulgente de nós — disse ela. — Uma de minhas filhas chegou aqui há pouco tempo com meu genro e outros membros da minha família, e vocês não estavam muito atrás deles. Nós lhe devemos todas as desculpas.

Os olhos escuros de Estelle se arregalaram quando ela olhou de um para o outro e, por um momento, Marcel achou que estava mais enfurecida do que nunca. Mas então, em uma inversão total de humor, ela sorriu radiante.

— Papa — disse ela. — Você vai se casar? Então você voltará para casa para viver. O tempo todo. — A princípio, Marcel pensou que ela ia se lançar contra ele, mas limitou-se a ficar onde estava e apertou as mãos sem luvas ao peito. Eles estavam brancos e franzidos. Ele não conseguia se lembrar de uma época em que qualquer um de seus filhos o tocou voluntariamente.

Ele não conseguia se lembrar de uma ocasião em que os abraçou ou os beijou, exceto durante aquele primeiro ano encantado antes da morte de Adeline.

Eu não me lembrava de nenhum deles me chamando de papa.

Bertrand estava se curvando rigidamente.

— Parabéns, senhor — disse ele. —Parabéns, senhora.

— Oh, eu digo — disse André.

Jane ainda não disse nada.

— É um dia frio — disse Viola. — Venham para dentro. Estamos prestes a tomar chá na sala de visitas. Há um fogo lá. Sra. Morrow, deixe-me mostrar-lhe o caminho.

— Senhorita Kingsley? — Perguntou Jane sem se mexer. — Você tem uma filha?

— Duas delas e um filho — disse Viola. — E três netos. Há uma história por trás disso tudo que eu vou compartilhar com você depois de ter colocado uma xícara de chá quente em suas mãos. Marcel, traga seus filhos e o Sr. Lamarr.

— Srta. Kingsley era uma Westcott, Jane. — explicou André. — E a Condessa de Riverdale.

Jane se permitiu ser levada para a casa. Estelle seguiu com Bertrand, a mão puxada pelo braço dele. André se demorou e sorriu para o irmão.

— Eu digo, Marc — disse ele. — A chegada de duas famílias vingadoras te pegou na ratoeira do pároco afinal?

— Eu acredito — Marcel disse suavemente, — que tenha uma boa razão para trazer meus filhos aqui, André. — Mas como o diabo sabia onde vir?

— Você foi muito difícil de encontrar — disse-lhe seu irmão. — Poderia ter demorado mais um ou dois dias para chegar até aqui se a família da Srta. Kingsley não tivesse deixado um rastro ardente para nós seguirmos. Quais deles vieram além de uma de suas filhas e de seu genro?

Marcel ignorou a pergunta.

— Por que você os trouxe? — Perguntou. — Eles tem dezessete anos, André, e tiveram a educação mais estrita e estreita.

— De quem é a culpa? — Perguntou André. — Eu não trouxe ninguém, Marc. Eles me trouxeram. Eu acho que sua pequena Estelle está crescendo. Eu nunca a vi chateada antes ou nada além de um camundongo calmo e tranquilo de uma garota. Depois de uma semana ou mais de preocupação e de vigiar sua chegada a cada hora de cada dia, ela teria ido procurá-lo sozinha, se não pudesse persuadir alguém a acompanhá-la. Bertrand teria vindo com ela, é claro, e Jane não tinha escolha de trancar a garota em seu quarto e alimentar a pão e água. Eles me arrastaram junto, porque eu poderia levá-los para onde o tinha visto pela última vez, embora essa vila fosse difícil de encontrar. Todas elas são parecidas. Como eu sabia que você não apenas gostava da Srta. Kingsley por uma ou duas noites antes de se afastar de outro lugar sozinho em busca de mais diversão? Você não é conhecido por ligações que duram mais do que alguns dias, afinal.

— É melhor irmos para dentro — Marcel disse secamente. Ele preferia fazer qualquer outra coisa na terra. Por dois pennys, ele selaria um dos cavalos nos estábulos e cavalgaria na direção do horizonte mais distante. Mas Estelle estava aqui. E Bertrand.

— Você tem um grilhão na perna — André sorriu novamente. — Esta será a piada da *ton*, Marc.

— Se eu souber que a senhorita Kingsley é o sujeito de qualquer humor desagradável — Marcel disse enquanto seguiam os outros para o chalé, — alguém terá que lidar comigo, André.

Mas seu irmão apenas riu.



A coisa realmente bizarra da hora seguinte, Viola pensou depois que ela olhou para trás, que rapidamente se tornou uma ocasião social perfeitamente civilizada, um grupo de pessoas representando duas famílias juntas na sala de estar de uma casa de campo tomando chá e comendo bolos juntos e conversando sobre a zona rural de Devonshire, o estado das estradas, a beleza isolada do vale, o aconchego robusto da casa de campo e o próximo casamento.

Ela se perguntou se alguém havia notado que ela e Marcel não participaram muito naquele segmento específico da conversa — ou em qualquer outro assunto.

Pelo menos, foi capaz de se ocupar com o chá e a distribuição de bolos, depois de ter assegurado à sra. Prewitt que sua presença não era necessária. Marcel simplesmente se levantou, primeiro diante do fogo e depois na janela, embora não cedesse a nenhuma tentação que pudesse ter sentido virar as costas e olhar para fora.

Ele estava parecendo austero, qualquer coisa poderia estar se sentindo bem escondida dentro de si. Mas o mesmo aconteceu com ela. Ela recorreu ao comportamento que havia sido uma segunda natureza para ela durante os mais de vinte anos de seu casamento. Ela desempenhou o papel da anfitriã graciosa.

Eles se casariam em Londres — na St. George's em Hanover Square, é claro, onde todos os casamentos da sociedade eram celebrados durante os meses da temporada. Alexander sugeriu isso.

Foi onde ele e Wren tinham casado mais cedo este ano, apesar, ou talvez por causa, do fato de que Wren tinha vivido quase toda a sua vida como reclusa, o rosto escondido atrás de um véu pesado para mascarar a marca de nascença que

abrangia praticamente todo um lado do rosto dela. Talvez Alexander achasse que a única maneira de silenciar qualquer escândalo que pudesse surgir em resposta a esse súbito anúncio do casamento seria desmascará-lo e levar o casamento até lá.

Ninguém mais gostou da ideia. Viola teria vetado de qualquer jeito se seus desejos tivessem sido consultados.

Eles se casariam ali por licença especial, seja na igreja da aldeia ou na cidade mais próxima, assim que pudesse ser combinado, com oito membros de suas famílias presentes — para adicionar um ar de respeitabilidade, é claro, embora a Sra. Morrow, cuja sugestão pertencia, não o disse.

Joel não gostou dessa ideia. Ninguém mais parecia empolgado com isso também.

— Camille vai querer ir ao casamento de sua mãe — disse Joel. — E a Sra. Kingsley vai querer ir ao casamento da sua filha.

Eles se casariam em Bath, onde todos poderiam comer e encontrar bons hotéis para ficar. Talvez em Bath Abbey, onde Camille e Joel se casaram no ano passado. Bath, afinal, era o lar original de Viola. A sugestão foi feita por Abigail, que estava quieta e indiferente até que ela falou. Joel, Alexander e Elizabeth olharam a sugestão com algum favor, mas os outros não. Seria demasiado impessoal com todos os convidados espalhados por Bath em vários hotéis e nem a noiva nem o noivo terem uma casa própria.

Eles se casariam na Côrte Redcliffe, decidiu Lady Estelle Lamarr. Ela parecia ser a única que estava contemplando o casamento com algum entusiasmo. Era porque ela esperava que o casamento resolvesse seu pai e o mantivesse em casa, percebeu Viola com o coração apertado. De alguma forma, a garota ia acabar se ferindo terrivelmente. Ela provavelmente estava carregando uma vida inteira de dor dentro de si. O casamento seria solenizado dentro das próximas semanas e substituiria a festa de aniversário que ela planejara. Ela adaptaria os planos e os expandiria. Seria um desafio maravilhoso e Bertrand ajudaria. Ela tinha certeza de que sua tia também ajudaria, embora ela mesma fosse assumir a liderança.

— Vou organizar um grande café da manhã de casamento. — Ela disse, sorrindo para todos os rostos solenes sobre ela. — No salão de baile.

— Um casamento na escala que você imagina seria impossível planejar tão rapidamente, Estelle — disse sua tia. — Você não tem ideia de todo o trabalho que

envolveria, meu amor. E a tia e a prima de seu pai já estão profundamente envolvidas no planejamento de um casamento para Margaret. Planos muito elaborados e caros, devo acrescentar.

— O casamento deve ser celebrado em Brambledean Court — disse Alexander. — Na época do Natal. É o lugar apropriado para isso, pois Viola era décima primeira Condessa de Riverdale e Brambledean era sua residência oficial. E minha esposa e eu somos as pessoas apropriadas para sediar o evento, já que eu sou o chefe da família Westcott. Wren ficará encantada. Ela e Viola tornaram-se amigas em particular no início deste ano. E haverá muito tempo entre agora e o Natal para fazer todos os planos necessários e enviar todos os convites.

Viola não se incomodou em apontar que não era uma Westcott.

— Isso parece uma excelente ideia, Alex — disse Elizabeth. — E desde que você está agora começando a restaurar Brambledean ao seu antigo esplendor, você pode fazer uma espécie de inauguração no Natal e no casamento de Viola e Lord Dorchester.

— Acho que a sugestão do Conde de Riverdale é a mais sensata, Estelle — disse a Sra. Morrow.

— Sim, tia. — A menina disse, mas ela pareceu de repente desanimada. Elizabeth deve ter notado isso também.

— O que eu sugeriria, — ela disse, — é que você converta a festa de aniversário que planejou tão lindamente em uma festa de noivado, Lady Estelle. Ainda poderia ser uma festa de aniversário, embora um pouco atrasada, talvez.

O rosto da garota se iluminou em resposta.

— Oh. — Ela disse. — Essa é uma ideia esplêndida, Lady Overfield. Não é, Bert? Não é papai?

Ele entrou na conversa pela primeira vez.

— Estou aprendendo rápido — disse ele, com a voz suave e lânguida, — que um casamento pertence a todos, exceto à noiva e ao noivo. Organize sua festa, Estelle. Organize seu casamento de Natal, Riverdale. Eu farei minha parte participando dos dois. Minha noiva, eu não duvido, fará o mesmo.

— Claro — disse Viola.

E assim tudo foi resolvido — uma festa de noivado em Redcliffe nas próximas semanas, um casamento em Brambledean no Natal.

Haveria um tumulto horrível, pensou Viola, e alguns sentimentos feridos quando nenhum dos eventos acontecesse. Ela olhou de Abigail para Estelle e Bertrand.

É claro que não haveria noivado.

E não haveria casamento.



Era evidente para todos que o fato de que o chalé ostentava oito quartos e que eles podiam ter se espremido neles, era realmente uma ideia prática para todos passarem a noite lá. No início, foi sugerido que Marcel e sua família fossem removidos para uma estalagem na cidade do outro lado do rio, enquanto Viola e sua família permaneciam no chalé.

Foi decidido, no entanto, que os homens se mudariam para a cidade e as mulheres permaneceriam onde estavam. De qualquer maneira, Marcel deveria deixar sua própria casa, presumivelmente porque era considerado impróprio que ele dormisse sob o mesmo teto que sua prometida.

Riverdale tomou a decisão final, explicando que precisava de algumas palavras particulares com Dorchester. Marcel supôs que fosse interrogado sobre sua elegibilidade por um homem dez anos mais novo que ele e um posto abaixo dele na escala social — mas com toda a maldita dignidade de chefe da família, sem dúvida.

Então eles foram embora, os cinco esmagados juntos na carruagem de Riverdale, para uma hospedaria que poderia misericordiosamente fornecer-lhes um quarto para cada um. Eles jantaram juntos carne cozida, batatas e repolho. E eles conversavam sobre uma variedade de tópicos, nenhum dos quais abordava noivados, casamentos ou luas-de-mel. Foi tudo muito amigável e muito civilizado. Mas depois que terminaram o pudim dos sonhos com algo que não era creme, mas também não era nada mais reconhecível, André levantou-se e deu um tapinha no ombro de Bertrand.

— Venha comigo, Bert — ele disse. — Vamos ver o que a taberna tem a oferecer. Ouso dizer que seu pai não vai se opor a que você beba um copo de cerveja. Junte-se a nós, Cunningham.

— Obrigado, — disse Joel Cunningham, — mas vou ficar aqui.

Então ele iria ter dois interrogadores, não teria? Marcel recostou-se na cadeira e brincou com alça da xícara de café enquanto o tio e o sobrinho deixavam a sala de jantar.

Ele ainda estava se sentindo selvagem.

Eu vou caminhar até a beira da areia molhada, e assim, com a escolha de um pronome singular — *eu*, quando ela poderia ter dito, *vamos?* — ele sentiu o frio de um final. Ele a deixou ir sozinha e ficou observando-a, pois não sabia quanto tempo teria até ela se virar e voltar.

Preciso ir para casa, ela dissera então, e ele soube instantaneamente por que suas palavras o perturbaram tanto. Foi a primeira vez — ele estava quase certo disso — que a mulher em um de seus negócios foi a única a terminar. Assim como ela havia terminado um flerte infantil há catorze anos, dizendo a ele para ir embora. Ele não havia aprendido a lição?

Claramente não. Ele havia se comportado mal lá na praia. Ele havia sido ferido, e partiu para ferir em troca. Oh, apenas em palavras e insinuações, claro. Ele não tinha colocado um dedo nela. Mas essa realmente tinha sido sua intenção? Para devolver a ferida por mágoa? Ele sabia que tinha.

E agora eles estavam condenados a passar o resto da vida juntos. Ou, pelo menos, passar o resto da vida casados, o que não era necessariamente a mesma coisa. Falou antes que Riverdale pudesse se lançar no discurso que, sem dúvida, preparara.

— Tenho título e fortuna — disse ele. — A falta de uma dama não importa mais do que o estalar dos meus dedos. A falta de sorte da filha será remediada. E a senhora, se é necessário algum lembrete, tem idade e não precisa de permissão de ninguém para se casar com quem ela escolha.

— A filha — disse Cunningham, — tem um nome.

— O mesmo acontece com a senhora — acrescentou Riverdale.

As luvas pareciam, e ele fora escalado para o papel de vilão. Marcel ergueu a xícara e bebeu o café, que estava fraco demais e frio demais. Por que diabos não tinham nenhum deles pensado em trazer vinho ou vinho do porto?

— Vou me casar com Viola na época do Natal, presumivelmente em Brambledean — disse ele. — Será um casamento válido. Não tenho mulher secreta escondida em algum lugar. Cuidarei de todas as suas necessidades para o resto de sua vida e providenciarei para ela caso eu a preceda. A senhorita Abigail Westcott será bem-vinda em minha casa e será mais do que adequadamente provida.

— Todas as necessidades dela? — Disse Riverdale. Era uma pergunta tranquila e cortês, mas era puro veneno, Marcel decidiu. Ele estava começando a não gostar desse Conde tão correto, tão obediente, que não era parente de sangue de Viola ou mesmo de um parente por casamento.

Demorou esforço para não responder como ele gostaria de responder. Ele não precisava da boa vontade de nenhum dos parentes de Viola. Ele poderia viver muito bem sem isso, na verdade. Mas ela não podia. Ela havia provado isso na praia. Ela estava sentindo falta deles, droga. Ela os escolheu sobre ele.

— Todas — ele disse com ênfase tranquila.

— Abigail é ilegítima — disse Cunningham, — assim como minha esposa é. Assim como eu sou. Você está disposto a manchar seus filhos por tê-la morando em sua casa com eles?

Marcel olhou para o homem com um novo respeito. Ele queria a resposta para uma pergunta que levaria o lote deles a ignorar — até que se tornasse um possível problema mais tarde.

— E minha sogra estava em um casamento bígamo por mais de vinte anos. — acrescentou Cunningham. — Embora não fosse culpa dela, a sociedade estava inclinada a tratá-la como uma leprosa. Você está disposto a encarar o que isso pode significar depois do casamento?

— A *ton* deve tratar minha esposa com nada menos que o respeito total devido à Marquesa de Dorchester — disse Marcel. — Ou então a *ton* vai ter que lidar comigo. E posso garantir-lhe que não são palavras ociosas. E trato com desprezo qualquer ideia de que a ilegitimidade de Abigail de alguma forma a desqualifique da plena participação no tipo de vida para a qual ela foi criada.

Todos se entreolharam por alguns instantes.

— Não havia nenhum compromisso lá — disse Riverdale por fim, — até que nos viu do lado de fora da casa de campo no vale esta tarde.

— Isso importa? — Perguntou Marcel.

— Sim — disse Cunningham. — Ela é minha sogra. Minha esposa e minha cunhada a amam muito. Então minhas filhas. Eu a seguro no mais profundo carinho. Se o preço da sua felicidade for algum arranjo feito entre os dez para contar uma história plausível e nunca divulgar toda a verdade, então estou disposto a pagá-la.

Riverdale não disse nada.

Era a saída dele, pensou Marcel. E Viola também. Uma saída para uma situação que era intolerável para ambos. Ninguém precisava saber de sua desgraça, embora a maneira ridícula de encarar um caso com uma mulher com mais de 40 anos que decidiu livremente e desfrutou imensamente — até que ela não mais o quisesse. Ninguém precisa saber, exceto as oito pessoas que os encontraram no chalé esta tarde. E — como dissera a Viola — todas as pessoas a quem aquelas oito confiariam a verdade e todas as pessoas em quem confiariam. E a sobrinha-neta de Prewitt e Jimmy Prewitt.

Além do mais, ele era de coração um cavalheiro, ele supunha, e no coração de todos os cavalheiros que até eram dignos do nome, havia um núcleo de honra.

— Sua sogra ficará feliz comigo — disse ele a Cunningham com um olhar para Riverdale. — Eu vou cuidar disso.

Eles pareciam longe de convencidos. Ele tinha que deixar isso.

— Eu me apaixonei por ela 14 anos atrás — ele acrescentou, embelezando a história que ele havia contado anteriormente no chalé, — e ela por mim, embora ela fosse muito dedicada a figura de esposa para admitir qualquer coisa na época. Ela me mandou embora antes que nossa atração pudesse ser posta em palavras ou ações, e eu fui. Ela era uma dama casada — ou então nós dois pensávamos. Às vezes, no entanto, se é real, o amor não morre. Só fica dormente.

— Pelo que sei da sua reputação, Dorchester — disse Riverdale, — sua definição de amor não é a minha.

— Ah — disse Marcel. — Eu tenho outra palavra para o meu dicionário, então. Eu pretendo escrever um, sabe, embora Viola esteja cética, já que até agora eu tenho apenas uma palavra para por nele — um verbete para brincar. Agora

posso acrescentar amor com toda a sua miríade de significados e nuances de significados. Apenas uma palavra deve ser boa para várias páginas, você não acha? — Ele estava ficando zangado. Deliberadamente tomou algumas respirações lentas.

— Eu me conformaria com a sua garantia de que a trataria com honra — disse Cunningham.

A raiva quase rompeu seu controle, até que ele percebeu o que estava acontecendo aqui. Ele estava na presença de amor muito real. Aqui estavam dois homens, nenhum dos quais tinham qualquer relação de sangue com Viola, mas ambos se importavam. Porque ela era um membro da família deles, e a família importava para eles. Família ficam juntas e defendem os seus próprios.

Por alguns instantes, ele sentiu-se indescritivelmente triste. O que ele desperdiçara em nome da culpa e auto-aversão e ficar fora do caminho do que ele não era digno de reivindicar como dele?

— Você tem a minha garantia — ele disse secamente. — Suponho que você fala de fidelidade. Você tem a minha garantia.

— Talvez, — disse Riverdale, — você também deveria acrescentar a palavra fidelidade ao seu dicionário, Dorchester. Tem muito mais significados do que o óbvio.

Marcel ficou de pé.

— Eu preciso resgatar meu filho da taverna — ele disse. — E a chance de ele provar a cerveja com muita liberdade.

Eles não fizeram nenhum movimento para segui-lo.

Ele poderia alegremente quebrar algumas cadeiras e algumas mesas e quebrar algumas janelas, pensou Marcel. Mas, como se viu, ele não conseguiu nem destacar seus sentimentos ao repreender Bertrand ou repreendê-lo. Seu filho estava bebendo água.

— Bert nunca toca em álcool — disse André, batendo palmas no ombro do garoto, — ou tem a intenção de fazê-lo. Eu acho que chegou a hora Marc, de você o resgatar das garras de seu tio e tia.

Marcel olhou para o seu filho, cujas narinas foram ligeiramente inflamadas, embora ele não dissesse nada. Marcel concordava com seu irmão — não

concordava? Ele desejou que André não tivesse se apossado do nome de estimação que Estelle dera para seu irmão gêmeo.

— Bertrand tem dezessete anos — ele disse. — Quase dezoito anos. Tem idade suficiente para tomar suas próprias decisões.

Ele lhe deu um olhar indecifrável antes de pegar o copo. Ele deve ter parecido com Bertrand quando tinha dezessete anos, pensou Marcel. E sim, velho o suficiente para tomar suas próprias decisões, boas ou ruins. Sua raiva se converteu em melancolia.

Mas ele ainda gostaria de poder quebrar algumas cadeiras.



A noite no chalé era longa e inexoravelmente tediosa, embora de algum modo a civilidade fosse mantida. Talvez Viola tenha pensado quando acabou, porque todas eram mulheres e tinham sido criadas até mesmo com as mais difíceis situações sociais.

Embora não pudesse haver muitos mais desajeitados do que este.

A Sra. Morrow era friamente civilizada. Mas Viola não podia culpá-la pela hostilidade que obviamente fervilhava logo abaixo da superfície de suas boas maneiras. Ela fora forçada a fazer companhia a uma mulher que devia considerar desprezível. E apesar do fato de não demonstrar nenhuma emoção real, pareceu a Viola que a mulher cuidava de sua jovem sobrinha, a quem trouxera, quase desde o nascimento da menina. Os modos modestos e dóceis de Lady Estelle Lamarr na presença de seus anciãos eram uma prova do treinamento de sua tia. O treinamento e a longa experiência de Viola como anfitriã da sociedade também a mantinha em bom estado. Ela foi capaz de chegar à horrível situação de ser anfitriã em um chalé que pertencia a seu amante. Ela foi capaz de organizar o jantar e refrescos e conversar com facilidade praticada e aparente.

Elizabeth, como de costume, era uma gema de cordialidade e conversa sensível. Ela foi capaz de encontrar um terreno comum em uma série de tópicos caros ao coração da Sra. Morrow, e conseguiu atrair Lady Estelle para alguma conversa. Foi Elizabeth quem indicou que ela e Abigail seriam irmãs após o

casamento de seus pais. Estelle, que estivera olhando furtivamente para Abigail a noite toda com óbvio interesse e admiração, pareceu subitamente satisfeita.

— Oh, sim — disse ela, dirigindo-se a Abigail. — E você virá morar conosco, é claro. Nós seremos talvez amigas especiais. Eu tenho primos em Redcliffe, mas nenhum deles se sente como uma irmã ou irmão, além de Bert, é claro. Muitas vezes pensei que teria gostado de ter uma irmã se minha mãe não tivesse morrido.

Abby era gentil, embora estivesse obviamente muito infeliz.

— É adorável ter uma irmã — disse ela. — Eu sempre estive perto de Camille, minha irmã mais velha. Mas ela é casada agora com Joel, a quem você conheceu mais cedo e eu não vejo tanto ela quanto gostaria. E eu tenho uma meia-irmã, a quem conheci pela primeira vez há apenas alguns anos. Ela é Anna, a Duquesa de Netherby.

— Será um grande prazer conhecê-los — disse a menina. — Eu desejei — oh, por anos e anos — que papai se casasse novamente e voltasse para casa para ficar.

Viola foi para a cama sentindo-se mais infeliz do que se sentira em dois anos. E a cama dela parecia muito vasta e vazia. Ela esperava que Abigail viesse para uma conversa particular, mas isso não aconteceu. E isso a fez se sentir ainda mais infeliz. Abby estava muito magoada, parecia, mesmo para um confronto.

E aquela pobre criança, sua filha, que negligenciara tão vergonhosamente toda a sua vida. Que ele havia negligenciado recentemente, depois de mandar dizer que estava a caminho de casa. Ela iria se machucar ainda mais quando descobrisse que não haveria casamento e que seu pai não iria para casa para ficar. E o garoto também. Ele parece um Marcel muito jovem e o chamou de *senhor*.

Estou feliz que você tenha dito primeiro, Viola. Eu nunca gostei de machucar minhas mulheres.

Foi o que ele disse na praia quando ela lhe disse que precisava ir para casa.

Minhas mulheres

Reduzindo-a a nada mais do que uma amante temporária, assim como todos as outras que a precederam.

O que, claro, ela era. O que ela sabia ser desde o começo. Mas colocar isso em palavras daquele jeito foi um insulto deliberado. E, tola que era, ela permitiu que doesse.

Apenas uma hora depois, ele anunciara o noivado.

Bem. Ele não teria as coisas do seu modo. Não havia noivado e não haveria casamento. Ela seria muito clara sobre isso e impassível. Ela iria colocar um amassado em seu orgulho, talvez, embora também sentisse um enorme alívio.

Ele não queria mais o casamento do que ela.

Era a última coisa que ela queria.

QUATORZE

Pelo menos, Marcel pensou durante a longa jornada de volta para casa, que ele tinha sua própria carruagem para viajar, embora André insistisse em fazer companhia a ele.

— É frustrante tentar ficar confinado em lugares próximos com Jane Morrow — explicou ele. — Uma mulher mais com cara de sexta-feira séria difícil de encontrar, Marc. Toda vez que ela olha para mim, é com um olhar que diz que eu não sou melhor do que um sapo prestes a se contorcer debaixo de uma pedra e que, se ela tivesse o desejo, eu ficaria sob ela pela próxima eternidade, mais ou menos. Como Estelle e Bertrand aguentam isso eu não sei.

— Eles não tiveram escolha — disse Marcel secamente.

— Você está de bom humor — observou seu irmão alegremente. — Sentindo-se apaixonado, Marc, depois de ser separado de sua dama por toda uma hora? — Ele sorriu. — Ou você está apenas sentindo o laço apertar no seu pescoço?

— Deixe-me esclarecer uma coisa — disse Marcel. — Você pode falar sobre o tempo, se precisar conversar, sobre a sua própria saúde ou sobre qualquer um dos seus conhecidos. Pode falar sobre política, guerra, arte ou religião, ou sobre todos os livros que nunca leu ou sobre o homem na lua. Pode até falar sobre o meu noivado e o estado do meu coração — se gosta de falar consigo mesmo enquanto caminha ao lado de uma estrada vazia ou corre ao longo dela para tentar alcançar a outra carruagem. O que você não pode fazer é falar sobre qualquer assunto dentro desta carruagem ou em qualquer outro lugar ao alcance da minha audição. E tenho excelente audição.

André continuou a sorrir, mas ele se manteve em paz.

Outra coisa afortunada sobre a viagem era que Jane estava tão empenhada em completá-la quanto Marcel estava, portanto, estava tão ansiosa para seguir em

frente todos os dias até que a luz estivesse fraca demais para garantir uma viagem segura. Ela insistiu que Estelle viajasse com ela e Marcel não discutiu. Bertrand escolheu permanecer com sua irmã. Talvez ele tivesse escolhido a outra carruagem de qualquer maneira.

A festa de aniversário que virou noivado seria realizada em três semanas, bem depois do aniversário real de Marcel. Não tinha certeza se Estelle notara que ninguém mais sentia um entusiasmo pela ocasião, nem perto do dela. Ela insistiu em seus planos, mesmo depois que Viola a informou que ela viria e levaria sua filha mais nova com ela, se Abigail quisesse, mas que ninguém mais de sua família poderia comparecer.

— Todos eles recentemente passaram algumas semanas em Bath para o batismo do meu neto — ela explicou gentilmente o suficiente. — O Natal estará sobre nós antes que saibamos e todos desejarão ir a Brambledean. Seria demais esperar que eles viajassem para Redcliffe Court também.

Estelle ficou desapontada, embora tivesse se iluminado quando Abigail assegurou que ela realmente acompanharia sua mãe.

— Eu terei você só para mim por um tempo, então — disse sua filha. — E teremos a chance de nos conhecermos melhor antes de nos tornarmos irmãs.

Marcel sabia muito bem o que Viola estava fazendo, é claro. Em meio a toda a confusão da partida depois que os homens voltaram para o chalé logo após o café da manhã, ela insistiu que eles conversassem em particular. Eles tinham andado um pouco abaixo da colina entre as samambaias antes de parar e cruzar os braços.

— Este é um pesadelo acordado — ela disse friamente. — Embora tenha apreciado sua bravura ontem, isso foi desnecessário e complica muito a situação. Era um constrangimento ser encontrados aqui juntos, especialmente por nossos filhos, mas ninguém ia fazer alarde. Oh, houve rumores de Alexander e Joel sobre um duelo, mas eu teria acabado com essa tolice em questão de momentos. Bom Deus, a própria ideia! Nenhuma dessas pessoas espalharia a história, e se alguma delas fizesse, e daí? Não tenho grande reputação a perder e você tem uma reputação que só seria aprimorada.

— Você acredita que perdeu sua reputação junto com seu casamento há dois anos, então? — Ele perguntou.

Ela fez um gesto impaciente com uma mão.

— Não é preciso muito quando se está lidando com a *ton* — ela dissera, — e quando se é mulher. Não me importo. E se minha família e até mesmo os Westcotts — que não são minha família — não podem aceitar o fato de que, aos quarenta e dois anos, estou livre para dedicar um pouco de tempo a mim mesma e gastá-lo de qualquer maneira que eu escolher e com quem escolho, então eles têm um problema. Não eu.

— Eu acredito, Viola — Dissera ele. — que você se engana.

— Se eu fizer — ela disse, — não é da sua conta. Eu não sou da sua conta. Eu não vou me casar com você, Marcel. Seria mais gentil, especialmente para sua filha, se todos fossem informados disso antes de partirmos

No entanto, ela não ameaçou ir e fazer isso sozinha. Ele se perguntou se ela tinha percebido isso. E ele se perguntou por que ele não havia subido a colina para fazer exatamente o que ela exigia. Não tinha o menor desejo de se casar novamente, afinal de contas, e de viver em domesticação mansa em Redcliffe pelo resto de sua vida, fingindo para si mesmo que ela não se cansara dele antes mesmo de estarem prometidos.

— Os cavalos estão reclamando — ele dissera, — e todos os humanos do chalé também. Vamos retomar essa discussão, se for o caso, em Redcliffe.

— Vai ser tarde demais — ela disse. — Será de conhecimento geral que estamos comprometidos, mesmo que nenhum anúncio oficial tenha sido feito. Estelle terá planejado sua festa e convidados. Você não se importa que seus sentimentos sejam mais terrivelmente feridos do que seriam agora?

— É por causa da minha filha e do meu filho — dissera ele, — e por causa das suas filhas e do seu filho também que devemos fazer o que é decente, Viola, independentemente dos nossos sentimentos sobre o assunto.

— Desde quando, — ela perguntou a ele, toda incredulidade, — você se importou um pouco com os sentimentos de seus filhos?

Foi uma boa pergunta.

Desde que Estelle o chamara de *papa* no dia anterior, talvez. Ela só o chamara de pai antes disso, e toda a sua vida raramente levantava os olhos para ele ou falava com ele para além de respostas largamente monossilábicas a quaisquer perguntas diretas que fizera a ela. Muitas vezes ele se perguntava se ela

realmente tinha medo dele ou se simplesmente não gostava dele. Ele quase sempre deixava suas visitas mais curtas do que planejara. Bertrand ainda o chamava de *senhor* e ainda estava se comportando com boas maneiras rígidas.

— É uma pergunta justa — dissera ele, forçando-se a falar com arrogância, em vez de se permitir atacar com amargura. — Chame de autocrata em mim, então, essa insistência minha por não ter minha vontade frustrada. Você vai casar comigo, Viola — pelo seu próprio bem e pelo de seus filhos. Você pode não se importar com a perda de sua própria reputação, embora eu não tenha certeza se acredito em você — ou mesmo que sua reputação tenha sido perdida. Mas tenho certeza de que você se importa com os filhos. Você quer que eles tenham que lidar com mais um escândalo sobre o que eles trataram há pouco tempo? Você deseja que eles ouçam a mãe deles sendo chamada de vagabunda?

Ele ouvira a ingestão aguda de sua respiração.

— Como você se atreve! — Ela dissera.

— Você vê? — Ele levantou as sobrancelhas. — Eu descanso meu caso. Vou te ver em Northamptonshire, Viola. Todos os dias, entre agora e então, parecerão uma semana.

— Você zomba terrivelmente bem. — Ela não tinha feito tão bem quanto ele. Ela não conseguia esconder a amargura de sua voz.

Ele se perguntou o que acontecera com o homem que ele tinha sido há apenas três semanas — o homem que não se importava com o que alguém pensasse ou dissesse sobre ele, o homem que olhava para o mundo e suas regras e convenções e julgamentos com cínica indiferença. Mas sua mente se esquivou de quaisquer respostas que pudessem se apresentar.

Se ao menos houvesse mais alguns dias — e mais algumas noites. Ele certamente teria trabalhado com ela fora de seu sistema e, sem dúvida, teria tomado um rumo diferente com a chegada dos grupos de busca. Ele teria pensado em todos os argumentos que havia — e alguns não — para evitar ter que se casar com ela. Ou talvez ele não tivesse usado nenhum argumento. Isso teria sido mais parecido com ele. Se ele tivesse sido forçado a um duelo com Riverdale ou Cunningham, teria atirado com desdém no ar e aproveitado o que escolheram — e a precisão de seu objetivo.

Ele tinha quebrado com a sua prática habitual, então, e insistiu em casamento por causa de alguma luxúria que sobrou? Sentira a falta dela como uma dor de dente desde a última noite juntos, e continuava ocorrendo a ele que a última vez que ele viajara nessa estrada ela estivera ao lado dele, a mão dela frequentemente na dele, a cabeça às vezes no ombro, da sua fuga gloriosa à frente deles.

Ele se sentiu cruel.

Era um sentimento que ameaçava se tornar habitual.



Todos haviam permanecido em Bath. Foi a humilhação final. Até mesmo Michael, o irmão de Viola, havia ficado, apesar de ter precisado fazer arranjos apressados para que outro clérigo cumprisse suas obrigações em sua paróquia. Para aqueles que ficaram no hotel Royal York, foi uma enorme despesa extra que eles não tinham planejado.

A carruagem parou na casa de Joel antes de fazer sua descida a Bath, e Camille, que deve ter estado observando, saiu correndo em seus chinelos finos, apesar do frio, Sarah se equilibrou em um dos quadris, Winifred logo atrás dela. Ela agarrou sua mãe em um abraço de um braço só assim que os pés de Viola tocaram terra firme.

— Mamãe — ela chorou. — Oh, mamãe, estou doente de preocupação. Mamãe. Eu tenho estado tão preocupada. Onde você esteve?

— Papai! — Sarah estava exclamando quando estendeu os braços e se afastou de Camille. E essa era a filha que havia superado sua mãe há apenas alguns anos, com um comportamento muito correto e friamente controlado? Havia um grupo de estranhos no gramado, amontoados em mantos quentes diante de seus cavaletes enquanto trabalhavam em suas pinturas.

— Ela escreveu, Cam. — Abigail chorou, descendo da carruagem sem ajuda, quando Joel se distraiu, primeiro por Winifred, que passou um braço pela cintura e levantou o rosto para ele, e depois para Sarah, que apertou a mão, os braços dela firmemente sobre o pescoço dele e deu-lhe um beijo. — Para nós e para

a Sra. Sullivan. De alguma forma, ambas as cartas foram perdidas. Mamãe está prometida, Cam.

E afinal de contas, Viola não conseguia acertar as contas, como pretendia fazer quando chegasse. Nem Camille nem o resto da família quando todos vieram para a casa dentro de uma hora ficaram entusiasmados com o anúncio, especialmente quando eles souberam a identidade de seu noivo, mas nenhum deles protestou alto ou exigiu, ou até sugeriu que ela mudasse de ideia, antes que fosse tarde demais. Pois não havia como esconder o fato de que ela e o Marquês de Dorchester tinham vivido juntos por algumas semanas antes de Alexander e os outros a terem encontrado, embora ninguém falasse sobre isso.

Todos acreditavam, ou fingiam acreditar, a história de que tinham sido prometidos antes de decidirem ir a Devonshire por algum tempo sozinhos e que, portanto, seu comportamento era menos escandaloso do que teria sido.

Afinal, era impossível dizer a verdade, embora ela tivesse se fortalecido durante toda a jornada de volta para casa para fazer exatamente isso.

Pois estas eram pessoas decentes, muito amadas e respeitáveis — sua mãe, conhecida pela maior parte de sua vida na sociedade de Bath; seu irmão, um homem de batina e sua esposa; a Condessa viúva de Riverdale, sua ex-sogra, que, aos setenta e um anos, fizera o esforço de ir até Bath; suas ex-cunhadas; Avery, Duque de Netherby, que uma vez foi o guardião de Harry, e sua Duquesa Anna, que era a única filha legítima de Humphrey; Jessica, meia irmã de Avery e a amiga mais querida de Abigail.

E suas próprias filhas. E os netos dela. Eles todos sofreram o suficiente nos últimos dois anos sem… Como ele havia dito? Mas não demorou muito esforço de memória para lembrar. *Você deseja que eles ouçam a mãe deles sendo chamada de vagabunda?*

Odiava-o, odiava-o, odiava-o.

Ela acreditava que realmente o odiava. E ela não se casaria com ele. Mas agora não era hora de anunciar isso. Quando seria a hora, então? Oh, ela estava sendo justamente punida. Ela não tinha ninguém para culpar além de si mesma por sua própria infelicidade. O problema era que às vezes arrastava pessoas inocentes para a própria miséria e culpa.

Marcel. Ela fechou os olhos por um momento enquanto o barulho da conversa prosseguia sobre ela na sala de estar de Camille e Joel. Por que eles tiveram que ficar presos na mesma pousada? Quais eram as chances?

Por que você ficou em vez de sair com seu irmão? Por que falou comigo? Por que eu respondi?

Ela sentiu um ombro pressionado contra o braço e abriu os olhos para sorrir para Winifred e colocar um braço sobre os ombros magros.

— Eu terminei O progresso de um Peregrino, vovó — disse ela. — Foi muito instrutivo. Você está orgulhosa de mim? Você me ajudará a escolher meu próximo livro?



Enquanto eles ainda estavam no chalé em Devonshire juntos, Estelle pediu a Abigail uma lista de todos os membros de sua família e onde moravam. Abigail e sua mãe viriam para a festa, e o pai de Estelle havia lhe dito que isso bastaria para tornar o aspecto de noivado do partido uma grande ocasião para seus vizinhos. Bertrand havia concordado que era tudo o que ela poderia esperar quando o próprio casamento iria acontecer em apenas alguns meses e envolveria todos, de ambas as famílias, a viajar até Brambledean, em Wiltshire. Tia Jane havia lembrado a sobrinha de que essa era a primeira festa que ela organizara e que era um empreendimento notavelmente ambicioso.

— Qualquer coisa em escala maior simplesmente iria sobrecarregar você, meu amor — disse ela, gentilmente. — Você não tem ideia.

Estelle obedientemente levou a lista de convidados que fizera para a festa de aniversário de seu pai e acrescentou os nomes de Srta. Kingsley e Abigail Westcott. Ela teria acrescentado sua tia Annemarie e tio William Cornish, que morava a apenas 30 quilômetros de distância, se ela não tivesse percebido que, é claro, os nomes deles já estavam lá. Se todos viessem, como certamente viriam, teriam mais de trinta em número.

Isso incluía as treze pessoas que já moravam na casa, era verdade, mas, mesmo assim, era um número impressionante para uma festa no campo em outubro. Foi tudo muito emocionante.

Mas, oh, não foi tão empolgante quanto seria se fosse apenas...

Tendo descoberto suas asas apenas muito recentemente, Estelle estava ansiosa para espalhá-las novamente para ver se conseguia voar. Ela era quase uma mulher, mesmo que não tivesse dezoito anos. Ela queria... Bem. Sem qualquer expectativa real de sucesso, ela acrescentou a lista de Abigail e começou a laboriosa tarefa de escrever os convites. Ela recusou toda ajuda, embora tanto Bertrand quanto tia Jane oferecessem, e até a prima Ellen, filha da tia Jane.



Em Bath, Camille entregou o convite para Joel sem qualquer comentário e observou seu rosto enquanto ele o lia.

— A menos que a memória esteja falhando — ele disse, — não temos nenhuma reserva oficial aqui naquela semana.

— Nós não — disse ela.

— Seria uma longa jornada para as crianças — disse ele.

— E para nós. — Ela sorriu para ele. — E você só recentemente voltou de outra longa jornada, pobre coitado.

— Winifred ficaria emocionada — disse ele.

— Sim — ela concordou. — Sarah também. E Jacob iria dormir.

— Talvez sua avó Kingsley gostaria de vir conosco — disse ele. — Eu espero que ela tenha sido convidada também.

— Lembro-me do Marquês de Dorchester dos meses de primavera que costumava passar em Londres — disse ela. — Embora ele fosse simplesmente Sr. Lamarr naquela época. Ele é assustadoramente bonito.

— Assustadoramente?

— Sim — ela disse. — Assustador. Eu suponho que você não percebeu. Ainda acho difícil acreditar que mamãe se case com ele.

— Ou com alguém? — Ele perguntou.

— Eu suponho que sim — disse ela depois de pensar sobre isso. — É difícil imaginar a mãe querendo se casar com alguém. Nós iremos, então?

— Claro — disse ele.

E é claro que a Sra. Kingsley estava feliz em ir com eles.

— Eu preciso dar uma olhada naquele jovem. — disse ela. — Eu não gosto das poucas coisas que ouvi sobre ele.

Em Dorsetshire, o reverendo Michael Kingsley conferenciou com sua esposa. Ele acabara de tirar uma licença muito mais longa do que pretendia originalmente. Eles tinham ido a Bath supostamente por alguns dias para participar do batizado de seu sobrinho-neto e ficaram por algumas semanas após o desaparecimento de sua irmã. Ele precisaria sair novamente no Natal — o pior momento, com exceção da Páscoa, para um homem de sua vocação — para participar do casamento de Viola. Ele realmente não poderia simplesmente ir até Northamptonshire em outubro só para participar de sua festa de noivado.

— Eu poderia, Mary? — Ele perguntou.

— Ela é sua única irmã — sua esposa o lembrou. — Quando ela veio morar com você aqui há um par de anos, ela estava terrivelmente magoada. Ela estava toda trancada dentro de si mesma, como eu lembro de você me dizendo. E eu concordei, embora não fôssemos casados na época e não vi muita coisa dela. Você quer ir, não é? Você quer vê-lo. Você está preocupado.

— Riverdale — seu marido — era a forma mais baixa da vida humana. — Ele disse. — E posso ser perdoado por passar tal julgamento a um companheiro mortal. Eu não podia suportar estar há dez milhas dele. Consequentemente, e para minha vergonha, eu não vi muito de Viola durante aqueles anos, ou de minhas sobrinhas e sobrinhos. Não posso suportar a ideia de que ela possa cometer o mesmo erro de novo, Mary. Falei com o atual Riverdale enquanto ainda estávamos em Bath e com lorde Molenor — marido de uma das irmãs Westcott, você se lembra — e do Duque de Netherby. Dorchester é o tipo que nenhum homem sensato desejaria para sua filha ou irmã. Mas não há nada que eu possa fazer, se ela está determinada a tê-lo?

— Exceto estar lá — disse ela. — Você não pode estar certo de que sua presença será sem sentido, Michael. Se nada mais, garantirá a Viola que ela é amada, que sua família se importa. E talvez você fique surpreso. Talvez todos os seus medos sejam colocados para descansar. O Marquês está, afinal, disposto a fazer o que é decente.

— Mas só porque ele foi pego em flagrante — disse ele.

— Você não sabe disso — disse ela, passando a mão pela mesa do café da manhã. — Você será infeliz se não for, Michael. Você vai sentir que de alguma forma falhou com ela.

— Novamente. — Ele franziu a testa.

— Além disso — disse ela, sorrindo para ele, — não posso esperar até o Natal para ter meu primeiro vislumbre do notório Marquês de Dorchester. Camille me disse que ele é assustadoramente bonito.

— Assustadoramente?

— Sua própria palavra — disse ela.

Foi ela que se sentou um pouco mais tarde para escrever uma aceitação enquanto seu marido estava atrás de sua cadeira. Suas mãos estavam apertadas em suas costas, uma carranca no rosto, enquanto ele resistia à tentação inadequada de inclinar-se para beijar a parte de trás de seu pescoço.

Em Morland Abbey, sede do Duque de Netherby, Louise Archer, nome de solteira Westcott, a Duquesa viúva, acenou com o convite no ar enquanto o duque e a duquesa se juntavam a ela e a sua filha, Jessica, à mesa do café da manhã.

— Você também tem um — disse ela, indicando a pequena pilha de correspondência que havia sido colocada entre o prato de Anna e o de Avery.

— Estou tomado de alegria — informou Avery à madrasta, a voz suspirando de tédio. — E o que exatamente é que temos um? Você pode salvar Anna de ter que ler por si mesma.

— Um convite para Redcliffe Court. — Jessica falou. — Para a festa de noivado da tia Viola e o Marquês de Dorchester. Achei que apenas tia Viola e Abby foram convidadas, mas acho que todos fomos. Lady Estelle Lamarr dificilmente enviaria convites para nós e para mais ninguém da família, não é? Nós devemos ir, mamãe. Por favor, por favor, Avery. Eu não posso esperar para ver o Marquês. Camille diz que ele é assustadoramente bonito, apesar do fato de que ele deve ser velho.

— Meu amor — disse sua mãe em tom de reprovação.

— Assustadoramente? — O monóculo de Avery aproximou-se de seu olho.

— É a exata palavra que ela usou — disse Jessica.

Ele parecia preocupado.

— Seria uma longa jornada para Josephine — disse ele, olhando para Anna.

— Ela sempre viajou bem — disse ela. — Além disso, eu realmente tenho que conhecer este homem assustadoramente bonito. É muito tempo para esperar até o Natal.

— Devo dizer — acrescentou Louise, — que Camille escolheu a palavra perfeita para descrever o homem. Não posso, no entanto, gostar da ideia de Viola se casar com ele. Talvez minhas irmãs e eu possamos intimidá-lo, embora duvide que ele seja um homem facilmente intimidado.

— Devo responder o convite para todos nós? — Anna perguntou.

— Sim, faça — disse a viúva, enquanto sua filha apertava as mãos firmemente na borda da mesa. — Eu não terei sossego de Jessica se negar a ela o deleite. Além disso, não posso negar a mim mesma.

Em Brambledean Court, Wren encontrou Alexander no escritório do administrador e mostrou-lhe o convite. Ele disse algumas palavras ao administrador e seguiu-a até o salão principal antes de lê-lo.

— Você não deve fazer nenhuma viagem desnecessária enquanto estiver em uma condição delicada — disse ele.

— Não devo? — Ela estava sorrindo. Ele olhou para cima bruscamente.

— Estou sendo o autocrata sufocante de novo? — Perguntou ele.

— Delicada? — Ela levantou as sobrancelhas.

— Você está com criança, Wren. — Ele olhou para ela com tristeza. — Para mim você é delicada. Assim como meu filho — nosso filho. Vocês dois trazem meus piores instintos de mimar e proteger.

— Ou o seu melhor. — Ela colocou a mão em seu braço. — Eu nunca me senti melhor em minha vida, Alexander. E você é o cabeça da família.

— Se isso fosse uma coisa física — ele disse com um suspiro, — eu a lançaria do penhasco mais alto para as profundezas do oceano.

— Mas não é. — Seus olhos brilharam para ele.

— Mas não é. — Ele suspirou novamente. — Deixe-me ir sozinho. Você permanece aqui.

— Eu iria sem você. — Seus olhos estavam rindo agora. — E você iria sem mim. Admita.

— Hipérbole — ele protestou. — Mas eu ficaria terrivelmente incomodado e fora das sortes. — Ele sorriu de repente. — Suponho que você queira conhecer o infame Marquês antes do Natal.

— Camille descreveu-o como assustadoramente bonito — disse ela.

— Ela realmente descreveu? — Ele disse. — Assustadoramente? Suponho que ele tenha uma maneira de incutir medo em qualquer um que tenda a ser intimidado pela pretensão.

— Mas você não é. Meu herói — Ela riu e ele riu com ela.

— Nós iremos, então? — Ele disse. — Você tem certeza, Wren?

— Eu gosto muito de Viola — disse ela. — Ela esteve em Londres há muito tempo quando nos casamos, mas havia um vínculo instantâneo entre nós. Além de sua mãe e irmã, que foram incrivelmente gentis comigo desde o começo, Viola foi a primeira amiga de verdade que tive em minha vida. Estou um pouco chateada com ela, pois temo que as circunstâncias a obriguem a fazer algo que ela realmente não quer fazer. Eu não posso fazer nada sobre isso, é claro, mas eu posso... estar lá. Não é muito para oferecer, não é?

— Pode ser tudo — disse ele. — Por que estamos aqui há tanto tempo? Você vai ficar tonta. Você vai responder o convite? E dizer sim?

— Eu vou. — Ela o beijou na bochecha. — Você pode voltar ao que estava fazendo.

— Eu tenho sua permissão, não é? — Ele perguntou.

— Você tem, senhor — disse ela. — Deve ter notado que eu também posso ser uma autocrata sufocante.

Em Riddings Park, em Kent, a casa de Alexander quando ele herdou o título de Riverdale e Brambledean, a Sra. Althea Westcott, sua mãe, leu o convite em voz alta para Elizabeth.

— Devo ter visto o Marquês de Dorchester centenas de vezes ao longo dos anos — disse ela, — mas não posso, por minha vida, colocar um rosto ao nome.

— Mesmo que Camille o tenha descrito como assustadoramente bonito, mamãe? — Elizabeth perguntou, seus olhos brilhando. — E ela está certa também. Eu tenho que concordar com ela. Ele é bonito e temeroso. Eu não gostaria de cruzar sua vontade. E ele não era o Marquês de Dorchester até uns dois anos atrás. Ele era Sr. Lamarr antes disso.

— Viola está louca por concordar em se casar com ele? — Perguntou sua mãe.

Elizabeth pensou sobre isso.

— Não — disse ela, embora houvesse alguma hesitação em sua voz. — Embora o casamento tenha sido indubitavelmente forçado sobre eles — bom, seu jovem filho e filha estavam entre os oito de nós que os encontraram lá. Foi forçado sobre eles, mas não tenho certeza se eles não teriam chegado lá por conta própria, dado o tempo. Há algo… Me chame de romântica se quiser. Existe apenas… alguma coisa. Palavras me abandonaram esta manhã.

— Eles estão apaixonados? — Perguntou a mãe.

— Oh — disse Elizabeth. — Eu não tenho certeza disso, mamãe. Ele definitivamente não é o tipo de homem que alguém poderia esperar se apaixonar. Acredita-se amplamente, em boas evidências, que ele é um homem sem coração. E eu não tenho certeza se Viola é o tipo de mulher que se apaixona. Ela é disciplinada demais, algo que tem sido tão forçado a ela toda a sua vida adulta que pode muito bem ter se enraizado, temo. Mas… Bem…

— Há algo — disse a mãe, sorrindo.

— Apenas a palavra que eu estava procurando. Obrigado, mamãe. — Elizabeth sorriu. — Há algo. Nós iremos, então?

— Certamente — disse sua mãe. — Alguma vez houve alguma dúvida?

No norte da Inglaterra, Mildred Wayne, antes Westcott, ainda estava em seu camarim com os toques finais em seu penteado matinal quando Lord Molenor, seu marido, chegou com o convite pendurado em uma mão. Ele esperou até que sua esposa tivesse dispensado sua empregada.

— A jovem filha de Dorchester está nos convidando para uma festa de noivado para Viola e seu pai em Redcliffe — disse ele. — Acabamos de voltar de Bath. Com os meninos longe na escola, talvez comportando-se, talvez não, temos mais de dois meses de felicidade conjugal tranquila para olhar para frente antes de todos nós nos levarmos para Brambledean para o Natal e o casamento. Mas suponho que você insistirá em ir a Redcliffe também.

— Bem, meu Deus, Thomas — disse ela, dando uma última olhada em sua imagem antes de se afastar do espelho, aparentemente satisfeita. — Claro.

— É claro — ele disse com falsa mansidão e ofereceu o braço para acompanhá-la ao café da manhã. — E você pode responder o convite, Mildred.

— Claro — ela disse novamente. — Eu não sempre o faço?

Ele pensou sobre isso durante o tempo que eles levaram para descer cinco degraus.

— Sempre — ele concordou.

E na casa da Condessa viúva de Riverdale, uma das menores propriedades do Conde, Lady Matilda Westcott, a irmã mais velha solteirona de Humphrey, o falecido Conde de Riverdale, ofereceu à mãe os sais aromáticos que tirou da bolsa de brocado que ela usava. Carregava a todos os lugares com ela para cobrir todas as emergências.

— Nós não iremos, é claro — disse ela. — Você não deve se aborrecer, mamãe. Escreverei e recusarei o convite assim que terminarmos de comer.

— Guarde isso — disse a mãe, batendo impaciente no vidro de sais. — O cheiro faz a minha torrada ter um gosto ruim. Viola é um membro importante desta família, Matilda. Ela foi casada com Humphrey por vinte e três anos antes dele morrer. Não era culpa dela que o casamento se tornasse irregular. Eu a amei como uma filha por vinte e cinco anos e continuarei a fazê-lo até que eu vá ao meu túmulo. O que preciso saber é se ela está cometendo um erro tolo. Novamente. Eu entendo que esse jovem tem uma reputação tão desonrosa quanto a de Humphrey.

— Eu não saberia, mamãe — disse Lady Matilda, segurando os sais aromáticos sobre a bolsa, relutando em soltá-lo. — Sempre fui assídua por evitar ele e senhores como ele, que realmente não merecem o nome. E ele não é tão jovem também. Mas Viola não tem escolha, você sabe. — Ela corou profundamente. — Eles foram pegos vivendo em pecado juntos.

— Ha! — A viúva disse. — Bom para Viola. Já é hora de a menina levantar um pouco os calcanhares. Mas estou preocupada com ela se casar com o patife. Por que ela deveria quando tudo que ela fez foi chutar seus calcanhares? Metade da sociedade — a metade feminina — não sentirá nada além de inveja secreta se descobrirem alguma coisa, o que eu diria que farão. Nós iremos, Matilda. Você pode escrever para Lady Estelle. Não, eu vou fazer isso sozinha. Eu quero dar uma boa olhada no jovem. Se eu não gostar do que vejo, direi isso a ele. E direi a Viola que ela é uma tola.

— Mamãe. — Protestou Lady Matilda. — Você está excitando demais a si mesma. Você sabe o que seu médico…

— Nada além de um charlatão — disse a duquesa, sinalizando assim o fim de toda a discussão.

QUINZE

Depois de duas semanas em casa, Marcel ainda se sentia selvagem. Nunca passara tanto tempo em Redcliffe. Ele passou tempo suficiente aqui agora, no entanto, para ter aprendido algo perturbador sobre si mesmo. Ele não era nada além de um fraco. Foi uma percepção desagradável para um homem que sempre se orgulhou de ser exatamente o oposto.

Ele havia voltado para casa para se afirmar, para restaurar a ordem de sua casa, para acabar com todas as brigas mesquinhas, para se tornar dono de seu próprio domínio. Mas ele se perguntou no final das duas semanas se havia conseguido alguma coisa — e isso era antes mesmo que sua vida fosse mais perturbada pela chegada de Viola Kingsley.

Sua tia Olwen, a Marquesa, era uma senhora muito idosa. Ela não se movia com grande facilidade, mas sua mente era afiada e havia algo imponente em sua figura pesada. Sua filha, sua prima Isabelle, Lady Ortt, era uma loira desbotada para o cinza e gostava de intimidar seus arredores, incluindo sua filha, Margaret. E incluindo o marido dela. Irwin, lorde Ortt, era um indivíduo inquieto, com um quarto a menos do que a esposa, com cabelos louros recuados, um queixo que nunca havia sido desenvolvido, e um pomo de Adão que balançava com infeliz frequência quando ele engolia ao estar nervoso e ele estava habitualmente nervoso.

Deveria ter sido a coisa mais fácil do mundo reuni-los todos juntos e anunciar uma mudança para a casa do dote para todos eles. Nem sequer teria sido um pronunciamento cruel. A casa do dote estava dentro do parque, a um quilômetro e meio da casa principal, do outro lado do lago. Era considerável e estava em bom estado — ele dera uma volta e olhara por si mesmo. Havia espaço de sobra para todos eles. Eles estariam longe do constante agravamento da presença de Jane e Charles Morrow na casa com seus filhos adultos.

— Essas pessoas — Isabelle disse a Marcel quando nenhuma dessas pessoas estavam ao alcance da voz para se defender, — não possuem um título entre eles, primo Marcel, e nem sequer são Lamarrs, mas apenas parentes de sua esposa há muito falecida.

— Que era uma Lamarr — ele lembrou. — E eles são os guardiões nomeados de minha filha e meu herdeiro.

Isabelle parecia um pouco desconcertada, talvez pelo tom dele e pelo fato de que ele estava segurando o seu monóculo apenas abaixo do nível do olho. Ela não estava pronta para admitir a derrota, no entanto.

— Mas eles não têm precedência sobre mamãe — disse ela. — Ou sobre Irwin e eu. Às vezes eles se comportam como se tivessem.

— Eu olhei para a casa do dote esta manhã — Ele disse em uma aparente lógica, embora tenha ficado claro rapidamente que ambas as mulheres o entendiam perfeitamente bem.

— Foi construído muito perto do lago — disse sua tia. — Seria muito ruim para os meus reumáticos lá.

— Temos o casamento da querida Margaret com Sir Jonathan Billings no início de dezembro — disse Isabelle. — A casa estará cheia de convidados. Você não estava aqui para ser consultado quando começamos a planejar, Marcel, mas não poderia negar a ela um casamento condizente com sua posição e fortuna.

Não, Marcel não podia, embora se perguntasse por que, se Ortt possuía uma fortuna, estava vivendo da generosidade de Marcel em Redcliffe e não fazendo um grande casamento para sua filha em sua própria casa. Marcel certamente abordaria esse assunto e a remoção para a casa do dote depois do casamento de Margaret, mas parecia ser uma má hora para fazê-lo agora, com os planos de casamento bem avançados. Ele não pôde evitar a sensação de que, se fosse o homem que pensava ser, não teria esperado nem uma hora.

Os filhos de Jane e Charles Morrow — sobrinho e sobrinha — eram ambos adultos. Oliver tinha sete ou oito anos quando os gêmeos nasceram, Ellen apenas alguns anos mais jovem. No entanto, ambos estavam permanentemente abrigados em Redcliffe. Marcel pretendia ter uma palavra com eles, ou com o jovem, de qualquer maneira. Ellen era a preocupação de sua mãe, embora fosse difícil saber por que ela ainda não era casada. Ela não era encantadora nem vivaz, mas também

não era desagradável. Charles Morrow, embora não atingido pela pobreza, não era um homem notavelmente rico. Seu filho certamente não poderia ter uma vida de ociosidade permanente — a menos que continuasse morando em Redcliffe. Isso estava fora de questão. Marcel ia morar aqui sozinho — com a esposa.

Em cima de qual tópico sua mente preferiu não permanecer.

Oliver gostava de percorrer a propriedade com o administrador de Marcel, dando opiniões, sugestões e conselhos não solicitados, que em mais de uma ocasião Charles tentara converter em ordens — que o administrador se ressentia, como era de se esperar.

O assunto deveria ter sido fácil de resolver. Marcel deveria ter apoiado seu administrador, aconselhado Charles a não interferir onde ele não deveria interferir, e dado ao sobrinho suas ordens de partir.

No entanto, nada foi fácil nos dias de hoje. Pois a verdade era que depois de longas conversas com seu administrador e um pouco de tramitação sobre as fazendas, e depois de um olhar atento sobre os livros, todas as atividades que foram severamente contra o grão, Marcel não pôde deixar de chegar à conclusão de que sobrinho tinha um ponto.

O administrador era um homem idoso, não exatamente destemido, mas certamente fora do seu auge e colocado em seus caminhos e inconsciente do fato de que seu domínio não estava mais funcionando tão eficientemente ou tão sensatamente quanto deveria.

O que ele realmente precisava fazer, percebeu Marcel, era demitir o administrador e contratar um novo — e depois dar ao sobrinho suas ordens de partir. Ele escreveria para o homem de negócios em Londres quando tivesse um momento. Ele estava meio consciente, é claro, de que ele tinha vários momentos. A vida no país não era exatamente caracterizada por suas agendas agitadas. Ele faria isso depois dessa festa infernal, então. Enquanto isso, ele notou que Bertrand gostava bastante de seu primo mais velho e olhava para ele com certa admiração. E Charles, embora mais do que um pouco sufocante, era decente e, sem dúvida, queria fazer o correto.

André permaneceu em Redcliffe apesar do fato de que não havia nada ali para entreter um homem de seu gosto. Marcel pagara todas as suas dívidas e aumentara sua mesada da propriedade, mas não fizera nada para forçar uma

solução permanente para o problema da extravagância e do jogo de seu irmão. Como André havia apontado, era uma família falida, embora Marcel tivesse seu próprio hábito sob controle, droga. Ele não tinha escolha. Ele teve dois filhos para sustentar muito antes de herdar seu título e sua fortuna. Sua renda, embora mais do que adequada, não havia sido ilimitada.

A governanta, apoiada de perto pelo cozinheiro, reclamou que se esperava muito deles — muitas pessoas. Os planos de casamento de Lady Ortt para a filha estavam se tornando cada vez mais exigentes, embora ela não fosse e nunca tivesse sido a dona da casa. A Sra. Morrow recusou-se constantemente a receber ajuda extra, já que aqueles que lá trabalhavam nunca pareciam muito ocupados. E a Sra. Morrow exigiu que todos participassem de orações matinais na sala de estar antes do café da manhã todos os dias. E agora havia essa festa que Lady Estelle estava planejando.

Seus problemas, pelo menos, Marcel foi capaz de resolver.

— Há apenas uma pessoa nesta casa com a autoridade para dar ordens — disse ele, olhando para eles com alguma surpresa, as sobrancelhas erguidas. — Vocês estão olhando para ele. Se precisar de ajuda extra na casa, Sra. Crutchley, então você deve conseguir. Se você precisar de alguma ajuda extra na cozinha, Sra. Jones, então você informará a Sra. Crutchley e ela providenciará. E, a partir deste momento, a assistência às orações da manhã é para ser voluntário. — Ele voluntariamente se ausentou da provação diária desde o seu retorno. — Eu informarei a sra. Morrow. Isso vai ser tudo?

Parecia que era. As duas mulheres fizeram reverências, agradeceram ao senhorio e seguiram em frente, parecendo justificadas.

Foi um pequeno sucesso entre muitas fraquezas.

E agora isso.

Ele encontrou Jane e Estelle no salão matinal, um dia, duas semanas depois de sua chegada. Ele tinha ido lá à procura de um livro que ele havia colocado em algum lugar, mas agora não conseguia se lembrar de onde. Ambas estavam de pé, Jane perto da janela, Estelle não muito longe da porta. Ele podia vê-la apenas em perfil parcial, mas ela era a imagem de desânimo dócil. Sua tia, ao contrário, parecia majestosa e irritada. Ela estava agitando uma carta em uma mão enquanto

segurava mais duas ou três na outra mão. Ela parou no ato quando a porta se abriu. Estelle, significativamente, não se virou.

— Eu realmente não sei o que tem de errado em Estelle ultimamente — disse Jane quando ele entrou no cômodo e fechou a porta atrás de si. — Ela sempre foi a garota mais dócil e obediente. Ela nunca me deu um momento de dificuldade. Mas primeiro ela insistiu em persegui-lo todo o caminho até Devonshire, uma decisão que ela, sem dúvida, se arrependeu amargamente desde então. Então ela insistiu nessa festa, que até você deve admitir que é excessivo, Marcel.

— Eu devo? — Ele perguntou suavemente.

— E agora — ela continuou sem perceber o perigo em seu tom, — ela foi além do aceitável. Não sei o que fazer. Uma punição simples parece inadequada, embora algumas horas ou até mesmo um dia inteiro de reflexão silenciosa em seu quarto certamente não causassem nenhum dano. Mas tudo isso... — Ela acenou com a carta que ainda estava suspensa em uma das mãos e acenou para as outras também. — Tudo isso é irreparável, Marcel. Ela fez isso inteiramente sozinha, sem procurar o conselho de ninguém, e ela fez isso às escondidas também sem que ninguém percebesse. Estou extremamente irritada. Charles ficará furioso quando eu o informar. Você sem dúvida ficará também.

— Eu ficarei? — Ele caminhou mais para dentro do cômodo e ficou de frente para sua filha, posicionando-se entre ela e sua tia. — E o que você fez, Estelle, que é tão hediondo?

— Ela… — Jane começou. Mas ele levantou uma mão sem se virar.

— Estelle?

Ela não levantou os olhos para ele.

— Sinto muito, papa — disse ela. — Eu escrevi convites que não tinha permissão para escrever.

Ela estava de volta a chamá-lo de pai. Ela vinha fazendo isso desde que chegaram em casa.

— Para sua festa? — Ele perguntou. — Por que você precisa de permissão quando é o seu evento?

— Marcel, — disse Jane. — Estelle ainda é uma criança. Você parece esquecer isso.

— Eu não me esqueço de nada — disse ele. — Sua mãe tinha a mesma idade quando se casou comigo.

Um alto silêncio assegurou-lhe que sua cunhada não pensava muito em um argumento. Estelle levantou os olhos para o rosto dele por um momento antes de baixá-los novamente.

— Eu queria que todos eles viessem — disse ela. — Eu queria que fosse uma festa de noivado adequada, uma celebração real. Abigail me deu todos os seus nomes naquela noite no chalé. Eu não esperava que todos eles aceitassem o convite, no entanto. Eu só esperava que alguns deles — a irmã de Abigail, talvez, com o Sr. Cunningham. Eu não ficaria surpresa se nenhum deles tivesse vindo ou mesmo respondido.

Bom Deus!

— E alguns deles estão vindo? — Ele perguntou.

— Enviei nove convites — disse ela. — Eu recebi cinco respostas ontem e no dia anterior. Mais quatro vieram hoje. Tia Jane os viu antes de eu descer esta manhã. Eu estava atrasada quando uma das fitas na parte de trás do meu vestido arrebentou.

— Eu vejo — disse ele. — E quantos aceitaram?

Ele mal ouviu a resposta dela, mas ela repetiu um pouco mais alto.

— Todos eles — disse ela.

Todos…?

Ele levantou a mão novamente quando ouviu Jane respirar.

— E quando — ele perguntou, — você pretendia revelar essa informação? — Demorou algum tempo até ela responder. Ele esperou.

— Eu não sei — disse ela. — Eu estava um pouco assustada. — Ela olhou para cima de repente, e ela se parecia mais com a filhinha irritada que tinha se lançado sobre ele do lado de fora do chalé em Devonshire. — Não me arrependo, papai. Se eu tivesse perguntado, tia Jane teria dito não. Você teria dito não. Mas eles deveriam estar aqui, ou, pelo menos, ter a oportunidade de estar aqui. Eles vão ser sua família. Eles serão minha família e de Bert. Eu os quero aqui pelo bem da Srta. Kingsley e da Abigail. Deve ser uma celebração para ambas as famílias, não apenas para a nossa. Ah, eu sei que o casamento vai ser assim, mas eu quero todos aqui. Se você está com raiva de mim, eu…

Ele ergueu a mão e ela ficou em silêncio. Ele estava com raiva? Havia uma parte dele que estava esperando que de alguma forma ele pudesse se esquivar desse casamento? Tinha sido muito bom na época fazer a coisa honrada, até mesmo insistir nisso quando Viola resistiu. Mas agora? Para dizer a verdade, ele evitava pensar nela e nisso — sendo seu noivado e seu casamento iminente. E quando ele não podia bloquear todos os pensamentos, talvez ele tivesse considerado que, se ela viesse sozinha ou apenas com sua filha mais nova como companhia, e se ainda se sentisse tão fortemente contrária ao casamento quanto na última vez que eles falaram, talvez…

Se houvesse alguma esperança fraca e persistente, agora havia sido arrancado dele. A grande quantidade deles estava prestes a descer sobre Redcliffe para celebrar seu compromisso. A menos que todos estivessem vindo aqui para fervê-lo em óleo ou expressar seu descontentamento. Era uma possibilidade distinta, mas ele não confiaria nela. De qualquer forma, ele perdera o controle sobre sua vida e a conduta de seus negócios. Novamente.

— Por que eu ficaria com raiva de você? — Ele perguntou. — Mas sua tia acredita que você deveria ser punida, Estelle, e não posso deixar de concordar.

Ela abaixou os olhos novamente e ficou timidamente diante dele. E bom Deus, pensou ele, foi assim que ela foi criada? Foi assim que todas as moças foram criadas? Ela deveria vir para ele com os dois punhos voando e os dois olhos brilhando. Era como a mãe dela teria se comportado.

— Você, — disse ele, — vai encontrar a Sra. Crutchley assim que eu terminar de falar e confessar tudo a ela. E então você vai encontrar a Sra. Jones e confessar tudo para ela. E então você vai ficar com seus chinelos esburacados e seus dedos esfolados ajudando-as a preparar esta casa para a quantidade de convidados ilustres que estamos esperando. Mesmo que isso signifique ficar de joelhos e esfregar alguns andares.

— Marcel — Jane protestou por trás dele. Ele a ignorou. Os olhos de Estelle voaram de novo para ele, e ela sorriu radiante, transformando-se numa beleza considerável, a pequena impertinente.

— Sim, papai — disse ela, e saiu da sala antes que ele pudesse respirar para dizer mais. Ele saiu atrás dela antes que Jane pudesse começar a falar. Sua mente

estava recitando todas as blasfêmias e palavrões que ele já ouvira. Novamente. Ele até inventou alguns extras. E sim, ele era um fraco.



Quando Viola voltou para casa em Hinsford, em sua própria carruagem e com seus próprios criados desta vez, ela pediu a Abigail que ficasse com Camille, Joel e as crianças. Ela era feliz lá, Viola sabia, com sua irmã, sobrinho e sobrinhas e as constantes idas e vindas de artistas e músicos e escritores e crianças do orfanato, entre outros. Abigail insistiu em voltar para casa com sua mãe, no entanto.

O que Viola realmente esperava era ir sozinha para Redcliffe. Com o passar dos dias, os acontecimentos daquelas poucas semanas tornaram-se cada vez mais irreais em sua mente e a situação em que se via mais intolerável. Por que diabos ela não falara por si mesma em Devonshire e contara à sua própria família e à família dele que poderiam fazer o que quisessem de sua descoberta, mas não haveria casamento? Será que ela realmente se importava que seu comportamento pudesse ser motivo de fofoca durante semanas ou meses? Ela já não se misturava com a alta sociedade, exceto no círculo muito pequeno de seus amigos e vizinhos em casa.

O que foi dito sobre ela em outro lugar não a machucaria. Por que ela não enfrentou Marcel com mais força e se recusou a ser intimidada? Não era como se ele quisesse se casar com ela, afinal de contas. Era apenas seu senso de honra que o levara a isso, e duvidava que isso importasse para ele se seus filhos não estivessem entre aqueles que haviam chegado ao local. Exceto que ele havia anunciado o noivado antes de seus filhos chegarem. Ele fez isso por causa de Abby, então? Certamente não teria sido porque ele temia um desafio de Alexandre ou Joel.

Mas é claro que a razão pela qual ela não tinha falado era precisamente a razão que ele tinha. Seus filhos os descobriram e seus filhos devem ser protegidos da natureza sórdida do que viram. Eles devem ser persuadidos de que tudo era de fato muito respeitável, já que seus pais estavam noivos e tinham, estado antes mesmo de chegarem lá.

Que eles deviam agora acabar com a farsa do noivado era, evidentemente, imperativo. Mas eles precisam encontrar uma maneira de fazer isso sem que

causasse muita dor aos filhos. Qualquer dor que ela causasse a si mesma seria totalmente merecida. Uma coisa era arrebentar depois de anos de disciplina e infelicidade geral e dois anos de intensa miséria e tomar a decisão impulsiva de fugir por um curto período com um homem notório por ser mulherengo.

Outra era ser flagrada e, assim, transmitir sua infelicidade aos filhos, que haviam sofrido o suficiente, e aos filhos dele, que pareciam ser muito inocentes e, portanto, vulneráveis. Ela não estava, infelizmente, sozinha neste mundo.

Quem foi quem havia dito…? Ela havia lido em algum lugar. William Shakespeare? John Milton? Não, John Donne. Ele escreveu algo no sentido de que nenhum homem é uma ilha, que todos são parte do continente, que o sofrimento de todos afeta todos os outros. Ela desejou poder se lembrar de toda a passagem. Havia algo em torno de um sino tocando e alguém enviando para perguntar por quem a morte havia sido anunciada. Isso mata por ti. Ela conseguia se lembrar daquelas palavras exatas, pelo menos.

Ele estava certo, o senhor Donne. Sua grande aventura também foi seu grande egoísmo. Mas ela se libertaria. Ela deveria. Ela não deveria compor um erro com outro erro muito pior. Ela desejou, então, que Abigail tivesse escolhido ficar em Bath com Camille, para que ela pudesse fazer isso sozinha. Não era para ser, no entanto, e então ela devia fazer o melhor da situação.

Houve duas semanas de chuva quase implacável depois que voltaram para Hinsford. Mas, por fim, o céu havia clareado e desde então eles estavam desfrutando de um glorioso clima fresco com as árvores em plena glória de suas cores do outono. Era o momento perfeito para viajar, pensou Viola. Era uma pena que ela temesse o fim da jornada.

Ela estava perturbada por sua breve familiaridade com seus filhos. Lady Estelle Lamarr, com as emoções descontroladamente variadas de uma jovem muito jovem e a mágoa óbvia que sentia pela imprevisibilidade de seu pai, era particularmente vulnerável a qualquer coisa que pudesse lhe causar dor. Seu gêmeo parecia na superfície o oposto — um jovem calmo, digno e controlado. Viola suspeitava, no entanto, que ele era muito mais parecido com sua irmã do que aparentava. Era Estelle quem organizava a festa de noivado. Viola esperava que os planos não fossem muito elaborados ou que a lista de convidados fosse grande demais, embora nenhum dos dois fosse propício ao entretenimento do país.

Felizmente, felizmente, também era uma festa de aniversário um pouco atrasada para o pai dela. Poderia continuar assim, mesmo depois do fim do noivado.

A garota ficaria desapontada, no entanto. Ela era a única entre as oito que pareciam absolutamente satisfeitas em saber que o pai estava prestes a se casar. Ela tinha assumido, é claro, que se ele fosse casado, ele se estabeleceria em Redcliffe e lhe daria o tipo de vida doméstica que ela provavelmente sempre desejara. Viola podia alegremente agitar Marcel só por isso. Era difícil perdoar os pais que não se responsabilizavam por seus filhos, exceto — em alguns casos — monetário. Como se isso fosse de algum modo adequado.

Mas ela não podia se casar com ele apenas para agradar sua filha.

Harry ainda não sabia, embora ela tivesse escrito para ele. Ela considerou negar a notícia de seu suposto compromisso na esperança de que ele nunca tivesse que saber. Mas ela não foi a única que escreveu para ele. Camille e Abigail escreviam com frequência. Assim como a jovem Jessica e provavelmente algumas das tias e uma ou ambas as avós. Seria impossível mantê-lo no escuro. Havia uma carta esperando por ela quando ela voltou para casa e outra chegou dois dias depois. Ela os chamava de cartas, mas eram suas breves e alegres notas habituais, nas quais ele alegava estar se divertindo imensamente e conhecer muitos viajantes de capital e ver muitos lugares impressionantes. Ninguém diria que estava no meio de uma guerra cruel. Mas não havia sentido em se preocupar.

Ou melhor, não havia sentido em tentar não se preocupar.

— Acho que deve ser isso, mamãe — disse Abigail, e, com certeza, a carruagem estava fazendo uma curva abrupta bem perto de um vilarejo em uma ampla entrada de veículos parcialmente coberta de folhas caídas, embora ainda houvesse muito mais nas árvores.

Elas atravessaram a floresta por alguns minutos antes de emergirem entre relvados ondulados e arborizados que se estendiam em ambas as direções. A grama fora limpa de folhas recém-caídas. Viola podia ver as marcas de ancinhos em sua superfície.

E a casa. Ela vislumbrou por um momento antes que a entrada se afastasse. Era uma estrutura maciça e clássica de pedra cinza com um pórtico de pilares e um lance de largos degraus de pedra que levavam a enormes portas da frente. Fora construído para impressionar, talvez até para inspirar admiração em visitantes e

peticionários. Viola podia sentir seu coração batendo mais rápido. Ela ficou muito feliz com os longos anos de experiência que teve em lidar com situações que preferia evitar. Ela permaneceu exteriormente calma e indiferente, enquanto Abigail se sentava com o nariz quase tocando a janela enquanto olhava à frente.

— Devemos ter sido vistas nos aproximando — disse ela. — Há o Marquês de Dorchester. E a senhora Estelle. E o Visconde Watley.

Por um momento, Viola não conseguiu lembrar quem era o Visconde Watley. Mas é claro que foi o título de cortesia de Bertrand como herdeiro de seu pai.

E então a carruagem virou antes de desacelerar e parar por baixo do pórtico. Ela podia ver por si mesma que realmente havia uma festa de recepção esperando por eles. Ela viu apenas um deles. Seu estômago se apertou e tentou dar uma cambalhota ao mesmo tempo, deixando-a sem fôlego e enjoada.

Vestia-se da maneira mais imaculada possível para uma recepção em Carlton House com o príncipe de Gales. Ele parecia austero e estava sem sorrir. Seria ridículo dizer que ela tinha esquecido o quão bonito ele era. Claro que ela não havia esquecido. Era só que…

... ah, ela havia esquecido.

Foi ele quem se adiantou para abrir a porta da carruagem e baixar os degraus. Ele estendeu a mão para ajudá-la a descer e... Ah, ela havia esquecido a intensidade sombria de seus olhos. E a sensação de tirar a fôlego de sua mão se fechando sobre a dela.

— Viola, — disse ele naquela luz, voz calma, ela sempre podia sentir como uma carícia na espinha. — Bem-vinda a Redcliffe. — Ele ainda não estava sorrindo. Nem ela. Quando ela estava em pé no terraço de pedras diante dele, ele levou a mão aos lábios, e oh.

Ela o conhecia intimamente. Ela conhecia seu corpo, sua voz, seus maneirismos, seus gostos e desgostos. Até a mente dele. No entanto, foi como um sonho, o conhecimento dele. O aristocrata austero diante dela era um estranho. Ela não o conhecia.

— Obrigada — disse ela.

Seu filho, ela estava ciente, estava trazendo Abigail para baixo da carruagem. Sua filha estava corada e de olhos brilhantes e explodindo com energia reprimida.

— Srta. Kingsley — disse ela, correndo para o lado do pai e sorrindo calorosamente para Viola. — Finalmente. Eu pensei que as três semanas nunca passariam. Eles pareciam mais de três meses. Você é a primeira a chegar, é claro. Eu tinha certeza que você gostaria de passar um dia com papai e nós antes de toda a empolgação.

— Isso foi pensativo de você — Viola sorriu para a menina. — Espero que você não tenha tido muita dificuldade.

— Tia Annemarie e tio William chegarão amanhã — disse Estelle. — E assim todos os outros, se não houver tempo ruim para atrasá-los.

Todo os outros?

— Não posso esperar para conhecê-los — continuou Estelle. — Sua outra filha e seus filhos, sua mãe, a Condessa de Riverdale, o Duque e a Duquesa de Netherby, a… oh, todo mundo.

Os olhos de Viola encontraram os de Marcel, que estavam encapuzados e vazios — com talvez um toque de zombaria em suas profundezas.

— Pelo olhar no rosto da Srta. Kingsley, — ele disse, — acho que isso é novidade para ela, Estelle.

— Oh, Abigail. — Estelle se virou para abraçar a filha de Viola. — Que lindo é te ver de novo. Eu não posso esperar...

Viola parou de escutar. Ela olhou nos olhos de Marcel.

— Isso foi você que fez? — Ela perguntou.

— Oh, não mesmo — disse ele, erguendo as sobrancelhas. — Parece que tenho uma filha que saiu da sala de aula e do casulo, não esperou para se acostumar com suas asas antes de espalhá-las e levantar voo.

Ela ficou sem fala.

Ele ofereceu o braço e indicou os degraus até as portas da frente.

Até mesmo sua mente estava sem palavras.

DEZESSEIS

Só atingiu Marcel depois que Estelle levou os recém-chegados aos seus quartos e eles voltaram para a sala de visitas meia hora depois que ele estava se lembrando de Viola como ela havia sido 14 anos atrás — jovem, magra apesar do fato de que ela tinha três filhos pequenos, equilibrados e friamente dignos. Era quase como se o coração dele tivesse trancado toda a lembrança dela se divertindo naquela feira da vila, decorada com as joias berrantes que ele havia comprado, valsando no verde da vila, exigindo que parassem em cada castelo, igreja e mercado. Eles passaram sua viagem de lazer até Devonshire, comprando para ele um guarda-chuva preto apenas porque as horríveis borlas douradas a divertiam, rindo no quarto da pousada quando o cajado de madeira rachava em dois, descendo a colina pelas samambaias com os braços bem abertos, pisoteando a vegetação. Na ponte, brilhando com animação, fazendo amor com prazer desinibido.

Tudo veio inundando agora junto com sua figura um pouco mais madura e seu rosto menos adorável. E ele se lembrou, e sentiu novamente, que a achava mais atraente agora do que na época, talvez porque ele tivesse envelhecido com ela. Ela era agora, simplesmente, linda. Mesmo, talvez, perfeita.

E com suas lembranças dessas semanas veio a força total da percepção de que ele ainda não estava saciado dela. Ele deveria ter ficado feliz em perceber isso. Afinal, ela seria sua esposa. Mas ele não queria um casamento em que houvesse sentimento envolvido — de ambos os lados. Um grilhão na perna era uma coisa. Uma perda de si mesmo era outra, e parecia-lhe que ele perderia algo de si mesmo se não conseguisse superá-la. A luxúria seria aceitável. E luxúria era tudo o que ele sentia por qualquer mulher desde Adeline. Por quase vinte anos ele foi livre, seguro, seu próprio mestre e mestre de seu mundo. Ele gostava desse jeito.

Ele se ressentia profundamente do fato de que Viola Kingsley ameaçava seu mundo.

Todos estavam reunidos na sala de visitas para uma apresentação formal à sua pretendida noiva. Ele a encontrou na porta, fez uma leve reverência formal e ofereceu as costas da mão. Ela colocou a mão dela sobre ele e ele conduziu-a primeiro para sua tia Olwen, a Marquesa, que estava sentada em sua grande cadeira perto do fogo.

— Eu entendo, senhorita Kingsley, — sua tia disse, — que você teve a infelicidade de descobrir, após a morte do Conde de Riverdale, que seu casamento com ele fora bígamo.

— Foi uma coisa angustiante para descobrir, senhora — disse Viola. — Para meus filhos mais, do que para mim.

Isso foi tudo o que ela — ou qualquer outra pessoa — disse sobre o assunto. Ela não entrou em explicações e garantias de que ela tinha sido uma vítima inocente. Ela era, de fato e para as pontas de seus dedos, ainda a Condessa de Riverdale como a conhecia. Ela parecia perfeitamente relaxada enquanto continuava a ser conduzida. Ela repetiu o nome de todos a quem foi apresentada — um dispositivo para lembrar, é claro — e disse tudo o que era apropriado. Suas maneiras eram impecáveis, seu comportamento equilibrado.

Depois que todas as apresentações foram feitas, ela se sentou entre Charles Morrow de um lado e a prima Isabelle do outro, aceitou uma xícara de chá de Ellen Morrow com um aceno de agradecimento e começou a envolver seus vizinhos em uma conversa educada. Enquanto isso, sua filha fora levada por Estelle, enquanto seus parentes a observavam com certa cautela, como se temessem que sua ilegitimidade pudesse de alguma forma contaminar Estelle.

Ele não estava saciado de Viola. Por Deus ele não estava. Ele queria fugir com ela novamente, mas tão longe desta vez que eles nunca encontrariam o caminho de casa ou quisessem encontrar. Ele ansiava por aqueles dias e noites em que não havia nada em que pensar, nada de que pensar, exceto um ao outro. Não havia sentido em querer, no entanto. Ele sentira sua retirada gradual durante o último dia ou dois no chalé, mesmo antes do confronto final na praia. O prazer se tornou menos agradável para ela. Ele ficou menos agradável. Ela lhe dissera que acabara, que ia para casa.

Ele não estava saciado dela, mas ela estava saciada dele.

A atmosfera na sala de estar era sufocante, a conversa intolerável. Margaret juntou-se à mãe e contou a Viola sobre os planos para o casamento dela com Sir Jonathan Billings no início de dezembro. Os outros jovens — os gêmeos, Abigail Westcott, Oliver e Ellen Morrow — estavam juntos em um grupo e conversavam bastante alto e nem sempre um de cada vez. André estava conversando com Irwin, Lorde Ortt. E o silêncio de boca fechada de Jane quando ela se sentou atrás da bandeja de chá, mesmo depois de todos terem sido servidos e a maioria ter até uma segunda xícara, foi de alguma forma tão alta quanto qualquer um dos sons reais da sala.

Marcel levantou-se abruptamente.

— Viola, — disse ele, — venha passear comigo.

Ela olhou para ele com alguma surpresa antes de seus olhos se desviarem para a janela.

— Está quase escuro lá fora, Marcel. — Jane destacou.

— É só o anoitecer — disse sua tia, apenas para contradizer Jane, suspeitava Marcel. Ele ignorou as duas.

— Obrigada. — Viola ficou de pé. — Eu devo ir buscar um manto e gorro.

— Vista-se calorosamente, — Isabelle aconselhou. — Uma vez que a luz do dia vai nessa época do ano, pode parecer o meio do inverno lá fora.

— Eu vou — prometeu Viola, e ela saiu da sala sem outro olhar para Marcel. Ele a seguiu sem prestar atenção no sorriso de André.

Vestia meia-botas quando voltou cinco minutos depois, e uma longa capa cinza de peso de inverno e um gorro e luvas de pelica. Seus olhos encontraram os dele, mas ela não sorriu. Nenhum dos dois falou até que o criado de serviço no corredor abriu a porta para eles e fechou-a atrás deles. Na verdade, estava mais claro do lado de fora do que parecia ser da sala de estar.

Ele gesticulou para o caminho à sua esquerda enquanto desciam os degraus. Ele serpenteava pelos gramados e entre as árvores de carvalho e faia espalhadas a caminho de bosques mais densos e o lago e a casa do dote além disso. Eles não iriam tão longe quanto a floresta hoje, no entanto. A escuridão chegou bem cedo no final do ano, e a escuridão do país pode ser total.

Ele procurou em sua mente por algo a dizer depois que ela pegou o braço dele e eles partiram ao longo do caminho, mas ele não conseguia pensar em algo abençoado. Era bem diferente dele, e ele se ressentia disso. Ele se ressentia dela, o que era bastante ilógico e ainda mais injusto. Ele quase a odiava — ao mesmo tempo em que ele não estava saciado dela. Se ele não fosse cuidadoso, pensou, ele estaria tendo uma birra infantil, se jogando no chão e tamborilando com os punhos e os calcanhares no caminho. E isso seria mais do que um pouco alarmante. Ela assumiu a responsabilidade de escolher um tópico de conversa dele.

— É insuportável — disse ela, e ele podia ouvir que sua voz estava vibrando de raiva.

— Isso? — Havia vários deles aos quais ela poderia estar se referindo.

— Toda a minha família e os Westcotts vêm aqui amanhã — disse ela. — Todos? Minha mãe? Meu irmão? A Condessa viúva, minha ex-sogra, que está com setenta anos? Todos eles estão vindo?

— Se as respostas deles aos convites forem aceitas, — ele disse.

— É intolerável — ela disse novamente. — Você deveria ter proibido.

— Os convites foram enviados e as aceitações recebidas antes que eu descobrisse, — disse ele. — Ou qualquer outra pessoa sobre esse assunto. Jane estava com cara de poucos amigos quando me deparei com ela — acabara de interceptar algumas das respostas. Não estou certo de que Estelle tenha dito a Bertrand, o que seria mais surpreendente.

— Então você deveria ter colocado um fim a isso assim que soubesse — disse ela. — Você não tem controle sobre seus filhos?

Ele estava ficando um pouco irritado agora também.

— Eu imagino que seria além do limite, mesmo para o notório Marquês de Dorchester, desconvidar os hóspedes quando eles já haviam escrito aceitações — disse ele. — E Estelle fez isso com as melhores intenções, você sabe. Ela queria agradar você. Por mais estranho que pareça, ela realmente gosta de você.

Ela parecia não ter ouvido essas últimas palavras.

— Por que você não me disse que é o Marquês de Dorchester? — Perguntou ela.

Eles não tinham lidado com esse assunto antes? Talvez não.

— Por alguma razão eu não entendi muito bem, — ele disse, — as pessoas tratam o Marquês de Dorchester de maneira diferente da maneira como tratam o Sr. Lamarr. Eu pensei que você poderia me tratar de forma diferente.

— Você pensou que eu poderia estar assustada? — Ela perguntou.

— Você teria partido? — Ele não podia ver seu rosto completamente sobre a borda de seu gorro.

— Sim — ela disse.

Ele ficou um pouco surpreso, embora tivesse retido a verdade dela exatamente por esse motivo.

— Por quê? — Ele perguntou.

— Eu não era exatamente uma mulher caída quando você me conheceu de novo, Marcel — disse ela — Mas eu era e sou uma mulher contaminada. Eu vivi, embora inconscientemente, em um casamento grandioso por vinte e três anos. Eu dei à luz três filhos ilegítimos. Reutilizei meu nome de solteira quando aprendi a verdade e me retirei para uma vida tranquila, o mais longe da sociedade que consegui. O mais perto que cheguei de voltar desde então foi na primavera passada quando fui a Londres para o casamento de Alexander e Wren. Eu fui ao teatro com eles uma noite. Não foi uma experiência agradável, embora não houvesse nenhum suspiro de indignação quando entrei no camarote do Duque de Netherby. Eu estava feliz por me retirar para a minha vida tranquila novamente. E há algumas semanas descobri que você é um Marques.

— Você fugiu comigo, não com o Marquês — disse ele. — Assim como eu fugi com você, não com a ex-condessa contaminada de Riverdale. Mas que palavra ridícula, Viola — contaminada.

— Você tomou uma decisão informado — disse ela. — Eu não. Você reteve informação pertinente de mim. — Sua voz estava tremendo um pouco novamente, um sinal claro de que ela ainda estava furiosa.

— Você não teria gostado tanto de mim se soubesse que estava fazendo amor com o Marquês de Dorchester? — perguntou ele. Eles pararam sob os galhos de uma grande faia. — Ele faz amor da mesma forma que Marcel Lamarr faz. Se nosso ninho de amor não tivesse sido descoberto com nós dois mais ou menos nele, meu título teria feito a diferença, Viola? Se você tivesse descoberto esse fato depois de voltar para casa? Teria feito diferença?

— Mas não foi isso que aconteceu — disse ela. — Fomos descobertos, e você fez aquele anúncio estúpido de que estávamos noivos e agora olha para a bagunça em que estamos.

— Estúpido? — Ele disse. — E estamos em uma bagunça?

— Sim, estúpido — ela disse, seus olhos brilhando também agora. — Deveríamos ter dito a verdade simples — que havíamos ido para lá por uma semana ou duas de relaxamento e que estávamos prestes a voltar para casa. Deixe-os fazer o que eles fariam. Bom Deus, não somos crianças nem jovens adultos. Não era da conta deles que estávamos lá. E qualquer desagrado e constrangimento já teriam passado. Nós dois teríamos sido livres.

— E vivendo felizes para sempre — disse ele.

— E vivendo separada para sempre, — disse ela, — como havíamos planejado e como queríamos. Nós tínhamos chegado ao fim, Marcel, mas seu anúncio estúpido complicou e prolongou isso. E agora isso. — Ela gesticulou com um braço em direção à casa. — Minha própria família e todos os Westcotts que chegam amanhã para celebrar nosso noivado em grande estilo. Você entende o quão impossível você fez a vida para mim?

Ele olhou para ela com os olhos apertados e um coração frio.

— Você tinha prazer em dormir comigo, — ele disse, — mas não de se casar comigo?

— Oh, estúpido — disse ela. — Estúpido. — Parecia ser a palavra favorita de hoje.

— Você provavelmente sobreviverá à provação de se casar com um Marquês. — disse ele. — Na verdade, é um bom golpe para você — ou, então, a sociedade certamente dirá.

Crepúsculo realmente estava se reunindo sobre eles agora. Composta pela sombra da velha árvore, fazia qualquer visão clara de seu rosto difícil. Mas cada linha de seu corpo sugeria indignação.

— Você é um arrogante… — Ela não conseguia encontrar um substantivo que cortasse o suficiente para bater no adjetivo.

— Bastardo? — Ele sugeriu.

— Sim — ela disse, sua voz mais fria do que o ar estava começando a ficar. —Seu bastardo arrogante.

Ele se perguntou se aquela palavra já havia passado pelos seus lábios antes.

— Por querer me casar com você? — Ele perguntou. — Eu sou tão inferior a você, então, Viola, que eu não posso aspirar a sua mão? — Ela olhou longa e duramente para ele e depois voltou para a casa em óbvia exasperação. Mas antes que ela pudesse dar mais do que um passo, ele a alcançou para agarrar seu braço. — Eu sou? — Ele perguntou a ela novamente, e ele podia sentir sua fúria recuar.

— Marcel, — ela disse, — é impossível. Você viu a reação de sua própria família em relação a mim — para não mencionar Abigail — na sala de estar. Você pode imaginar me levando para Londres? Durante a temporada? Não pode ser permitido que isso aconteça. E por motivos mais pessoais, não pode ser permitido prosseguir. Vamos ter que pensar em alguma saída, e não será fácil, especialmente agora. Nós dois precisamos pensar. Estou perfeitamente ciente de que você não quer esse casamento mais do que eu.

— Eu posso pensar em uma razão pela qual eu poderia achar isso muito tolerável — disse ele.

— Oh, a vida não é só… isso — ela retrucou.

— Sexo?

— Sim — ela disse. — A vida não é toda sobre sexo.

— Mas uma parte importante disso é. — disse ele.

— Sexo monogâmico? — perguntou ela, e mesmo à meia luz ele pôde ver que seus olhos estavam olhando diretamente para os dele. Era algo que ele havia se comprometido uma vez. Uma vez há muito tempo. Era algo que ele evitava assiduamente desde a morte de Adeline. Foi algo...

— Eu pensei que não — disse ela secamente, e desta vez quando ela se mudou na direção da casa, ele não tentou impedi-la. Ele deu um passo ao lado dela depois que ele a alcançou, mas eles não falaram outra palavra.

Na manhã seguinte, depois do café da manhã, Bertrand Lamarr, Visconde de Watley, ofereceu-se para mostrar a Viola e Abigail o lago, que ele explicou estar entre as árvores a leste da casa. Seus modos eram duros e formais, e Viola

suspeitava que ele fizesse a oferta por dever e não por inclinação. Mas as aparências devem ser preservadas, pelo menos por enquanto. Ela disse que ficaria encantada. Seu pai, disse a ele, que estaria ocupado por mais ou menos uma hora com seu administrador. Lady Estelle decidiu ir também, já que nenhum dos convidados poderia chegar até o meio da tarde, no mínimo.

As duas jovens senhoras foram em frente, de braços dados. Parecia que Estelle estava falando a maior parte do tempo, embora Abigail estivesse sorrindo. Viola não sabia realmente como sua filha se sentia em relação a toda essa situação. Por mais estranho que pareça, elas haviam de algum modo evitado o assunto do noivado de Viola e o que o levara a isso durante as três semanas anteriores à sua vinda para cá. Externamente, o relacionamento delas não havia mudado, mas havia uma certa restrição entre elas.

Bertrand e Viola seguiram atrás. Ele não ofereceu o braço, mas segurou as mãos atrás de si. Ele caminhou perto ao lado dela, no entanto, combinando seu passo com o dela e inclinando a cabeça educadamente em direção a ela quando ela estava falando. E ele tinha conversas prontas — alguns detalhes sobre o parque, perguntas sobre Hinsford, a esperança de que ela encontrasse suas acomodações aqui satisfatórias. Ele estava perfeitamente disposto a responder suas perguntas. Eles haviam morado em Elm Court, em East Sussex, até dois anos atrás, quando se mudaram para cá. Ele tinha um tutor ali, um acadêmico aposentado que morava perto e lhe dera excelente instrução em todas as matérias, particularmente nos clássicos e na história clássica. Ter que deixar seu tutor era o que ele mais se arrependia ao ter vindo para cá. Desde então, ele dividira a tutora de sua irmã, uma digna dama que o forçara a gastar mais tempo e esforço em seu assunto menos favorito, a matemática.

— Eu serei eternamente grato a ela por isso — acrescentou ele com toda a seriedade. — Creio que as crianças e os adultos devem estar sempre dispostos e ansiosos para esticar os limites de suas mentes em direções desconfortáveis, assim como em direções confortáveis.

— A maioria das pessoas, — disse Viola com um brilho nos olhos, — não está confortável com qualquer alongamento da mente, Lord Watley.

— Oh, por favor, — ele disse, — me chame de Bertrand.

Passaram pela árvore de faia onde ela brigara com Marcel na noite anterior, e em direção à floresta e depois entre eles. O caminho era largo, embora, no momento, estivesse quase sendo obliterado pelas folhas caídas, que rangiam sob os pés. Havia um sentimento adorável de reclusão.

Bertrand estava indo para Oxford no ano seguinte e estava ansioso por isso imensamente, embora nunca tivesse ido à escola e, sem dúvida, ficaria bastante nervoso a princípio. E isso significaria deixar Estelle para trás.

— Você está muito perto de sua irmã? — Perguntou Viola.

— Temos sido companheiros constantes durante toda a nossa vida — explicou ele. — Sempre houve nossos primos, é claro, mas são mais velhos do que nós. Não por muitos anos, é verdade, mas me disseram que uma diferença de idade parece muito maior para as crianças do que para os adultos. Estelle e eu somos da mesma idade. Somos gêmeos.

— Qual de vocês é o mais velho? — Ela perguntou.

— Estelle, por trinta e cinco minutos — disse ele. — Nunca me permitiram esquecer esse fato e nunca esquecerei, ouso dizer. — Ele lançou-lhe um sorriso e, por um momento, olhou para o belo rapaz que era. E muito, muito parecido com o pai dele. Ela estava vendo Marcel como ele tinha sido na idade de dezessete anos? Mas nenhum pai era bem reproduzido em seu filho, e ela duvidava que Marcel tivesse tido a gravidade da mente e a maneira que seu filho tinha. Ele tinha ido para a Universidade de Oxford, mas ele parecia ter usado seu tempo apenas para se meter em encrenca, ou melhor, para evitar o problema que suas façanhas selvagens deveriam ter trazido a ele. Ela duvidava que ele tivesse levado seus estudos a sério. Embora ele fosse um leitor, ela se lembrava.

Eles chegaram ao lago de repente e inesperadamente. Era cercado por bosques, um grande corpo de água em forma de rim, muito calmo hoje, sua superfície ainda refletindo a miríade de cores das folhas nas árvores. Havia um trecho inclinado de terra arenosa à frente deles, que provavelmente era usado como praia durante o verão, e uma casa de barcos à direita. A floresta não cercou completamente o lago, no entanto. Do outro lado, alguns tinham sido limpos para uma casa com grandes janelas e um jardim que descia até a água. Não era nada parecido com o chalé em Devonshire, mas algo era semelhante. Seu tamanho,

talvez. Sua localização isolada, talvez. Não havia outro edifício à vista além da casa de barcos.

— A casa do dote — disse Bertrand. — Eu amo isso. Isso sempre me deixa com um pouco de saudade.

— De Elm Court? — Perguntou ela.

— Sim — disse ele. — Tia Jane acredita que a tia-avó Olwen deveria se mudar para cá e dá dicas frequentes para esse efeito. Foi para isso que se construiu, como uma casa de dote para os membros mais velhos da família, depois que um novo Marquês se muda para Redcliffe.

— Mas ela não querem morar aqui? — Perguntou Viola.

— Não — disse ele. — Mas acho que talvez seja mais porque a prima Isabelle não queira se mudar para cá. Talvez ela se sinta diferente depois que Margaret se casar e se mudar com o marido. Não tenho certeza se os sentimentos dela vão importar, no entanto. Eles realmente devem se mudar para cá depois do casamento do Pai.

Eles ficaram olhando para o lago e a casa além, enquanto Estelle e Abigail se aproximavam. E Viola abordou o assunto que vinha evitando com sua própria filha.

— Como você se sente sobre isso, Bertrand? — Ela perguntou. — Sobre o casamento do seu pai para mim, eu quero dizer. E, por favor, seja honesto.

— Oh, — ele disse, — como posso ser?

Viola estremeceu interiormente, mas era honestidade que ela precisava. Ela queria estar armada com munição na próxima vez que atacasse Marcel.

— Simplesmente fazendo isso — disse ela.

— Estou furioso com ele — disse ele após um curto silêncio, sua voz discretamente intensa. — Tudo sempre foi apenas sobre ele. Ele estava supostamente muito aflito com a morte de nossa mãe para passar algum tempo conosco quando éramos crianças. Ele ainda estava muito aflito quando éramos mais velhos. Mas nós ouvimos coisas. As crianças sabem, não importa quão bem protegidas estejam, e nós estávamos muito bem protegidos. Ouvimos coisas que não o fizeram soar muito abalado. Estelle teve seu coração disposto a dar-lhe uma festa de aniversário de 40 anos este ano. Eu tentei avisá-la. Assim como a tia Jane. Mas ela não quis ouvir. E então ela escolheu ficar encantada quando o

encontramos e ele anunciou seu noivado. Ela ainda está feliz. Eu nunca a vi... efervescente. Ela sempre foi quieta e dócil, exceto às vezes quando estamos sozinhos juntos. Ela acha que tudo ficará bem agora, mesmo que nossa infância tenha acabado. Ela provavelmente se casará no próximo ano e eu irei embora. Mas ela ainda acredita em felizes para sempre. Ela ainda acredita nele. Ele não tinha intenção de se casar com você, não é?

Bem. Quando alguém pede honestidade, é melhor estar preparado para isso. Viola tentou enquadrar uma resposta adequada, mas não conseguiu pensar em nada para dizer.

— Por favor, seja honesta — disse ele, repetindo o que ela havia dito a ele.

— Não — disse ela. — O que fizemos foi muito egoísta, Bertrand. Não vou tentar explicar-lhe por que senti a enorme necessidade de escapar por um curto período e porque aproveitei a oportunidade quando ela se apresentou. Não há razão para você se importar. Eu não sabia que você estava esperando ansiosamente pelo retorno do seu pai para casa — eu acredito que você estava esperando tão ansiosamente quanto sua irmã estava. Parecia inofensivo, essa fuga, sem preocupação para ninguém além de nós dois. Eu deveria ter sabido melhor. Pensei recentemente em algo que John Donne escreveu em um de seus ensaios.

— Nenhum homem é uma ilha? — Ele perguntou, surpreendendo-a.

— Sim — ela disse. — Acabei machucando minha família e seu pai acabou machucando a dele. Ele não é totalmente egoísta, Bertrand. Assim que viu Abigail fora do chalé, ele acreditou que precisava fazer uma reparação. E assim que viu você e sua irmã, sua determinação foi endurecida. Não foi por ele mesmo que fez esse anúncio e não por mim. Eu pensei no princípio que era para proteger minha reputação. Mas eu não acredito que ele teria dito se Abigail não tivesse vindo com meu genro e os outros. Ele fez isso pelo seu bem e pelo da sua irmã e da Abigail. Sinto muito. Não, isso é muito fácil de dizer. Desculpas geralmente são.

— Ele disse que se apaixonaram um pelo outro, anos atrás — disse ele. — Isso era verdade? — Ela hesitou.

— Sim — ela disse. — Mas eu era casada naquela época — ou pensava que era — e ambos respeitávamos esse vínculo matrimonial. Nós dois. Não havia nada entre nós, a não ser esses sentimentos, aos quais resistimos evitando um ao outro.

— Obrigado — disse ele depois de um curto silêncio. — Gostaria de passear pela casa do dote?

Abigail e Estelle estavam vagando pelo lado de fora.

Ela deveria dizer a ele, Viola se perguntou, que ela não ia se casar com o pai dele? Ou seria injusto com Marcel antes que eles descobrissem como isso seria feito?

— Sim. — Ela disse, mas antes que pudessem retomar a caminhada, ambos se viraram ao som de passos esmagando as folhas atrás deles. Era Marcel.

Ela o evitou na noite anterior depois que eles voltaram para a casa. Ela não o tinha visto esta manhã. Ele já estava trancado com seu administrador quando ela desceu para tomar o café da manhã com Abigail, temendo vê-lo novamente.

Ele parecia como em Devonshire, vestido de maneira calorosa em seu casaco forrado e botas de cano alto, com o chapéu alto preso firmemente à cabeça. E suas entranhas viraram mesmo quando ela se desprezava pela consciência agradável que a mera visão dele despertava nela. Não, não foi prazeroso. Não quando era algo que envolvia apenas o corpo dela, enquanto sua mente e seu ser lhe diziam o contrário. Se ela estava apaixonada por ele, então, estar apaixonada era descuido e não era nada para ser desejado e revelado. Seus olhos seguraram os dela antes de se mudar para o filho.

E naquele olhar, desprotegido pelo primeiro momento, ela leu algo que puxou seu coração e sacudiu sua resolução mais uma vez, embora não pudesse lhe dar um nome. Orgulho? Amor? Saudade? Ele viu algo de si mesmo no menino? Algo melhor que ele mesmo?

— Obrigado, Bertrand — disse ele, — por entreter nossa convidada.

Seu filho estava rígido e formal novamente quando ele inclinou a cabeça.

— Foi um prazer meu, senhor — disse ele.

Marcel olhou através do lago para onde sua filha estava apontando para cima, na direção da chaminé ou teto da casa do dote, ou talvez de uma janela superior, enquanto Abigail olhava para cima também.

— Gostaria de ver a casa do dote? — Perguntou a Viola.

— Bertrand estava prestes a me escoltar até lá — disse ela.

— Bom. — Ele ofereceu-lhe o braço. — E eu trouxe a chave. É uma casa agradável. Às vezes acho que talvez eu deva me mudar para lá se minha tia não

quiser. Com meus filhos. E você. — Seus olhos pousaram nela enquanto ela deslizava a mão pelo braço dele. — O que você acha, Bertrand?

— Acho que ser o Marquês de Dorchester impõe obrigações que exigem a sua vida na casa principal, senhor — disse seu filho enquanto seguiam pelo caminho ao redor do lago.

— Em vez da casa do dote ou de qualquer outro lugar — disse o pai. — Não se pode escapar do dever, então? Ou não deveria?

— Eu só posso falar por mim, senhor — disse seu filho. — Viver na casa do dote — ou em qualquer lugar — com você e sua esposa seria um sonho tornado realidade para Estelle.

Viola sentiu uma ligeira contração no braço de Marcel.

— Você não acredita em sonhos? — Ele perguntou ao filho.

Bertrand não respondeu por alguns instantes.

— Eu acredito em sonhos, senhor — disse ele. — Eu também acredito na realidade do fato de que muito poucos se tornam realidade.

Os olhos de Marcel se moveram para Viola.

— E o que você acha, meu amor? — Ele perguntou.

— Os sonhos não podem se tornar realidade se o sonhador não tiver a determinação de torná-los realidade — disse ela.

— A determinação — disse Marcel. — É o suficiente? — Ninguém aventurou uma resposta, e a questão pairou como uma coisa tangível sobre suas cabeças.

DEZESSETE

Viola havia subido com os jovens para ver os quartos. Marcel podia ouvi-los falando lá em cima — os quatro. Ele tinha perdido aquela época em que a voz de seu filho havia mudado de um menino para um homem jovem. E ele sentira falta da mudança em sua filha de moça recatada, mas sem cor, para uma jovem forte e ansiosa, embora suspeitasse que a mudança fora muito mais recente. De fato, talvez ele não tenha perdido nada. Talvez tenha começado com sua decepção por ele não ter voltado para casa quando disse que viria, e a raiva resultante a impeliu à idade adulta.

Ele permaneceu no andar de baixo na sala de visitas — se a sala em que ele se encontrava pudesse ser dignificada com um nome tão grandioso. Era uma grande sala de estar, mas também aconchegante — ou seria se um incêndio estivesse queimando na lareira. Como estava, ele estava contente por ter mantido o sobretudo quando tirou o chapéu e as luvas depois de entrar. Ficou olhando através da grande janela sobre a floresta, o lago, a casa de barcos e mais bosques além. Algo sobre tudo isso o lembrava da casa de campo, onde ele estava tão feliz.

Feliz?

Essa foi uma palavra estranha para usar. Ele se divertiu lá. Enormemente. Ele poderia ter ficado por mais uma semana, pelo menos, sem ficar entediado ou inquieto — se ela não tivesse terminado, e se as famílias deles não tivessem descido sobre eles quando tivessem terminado.

Ele também tinha sido feliz lá, droga. Ele empurrou as mãos nos bolsos para se aquecer e ouviu as vozes, embora não pudesse ouvir as palavras reais, vindo de cima, e ele sentiu como se… *lamentasse?*

Que diabo?

Que diabos ele fez com sua vida?

Ele tinha gostado — era isso.

Viver na casa do dote — ou em qualquer lugar — com você e sua esposa seria um sonho que se tornaria realidade para Estelle.

Eu acredito em sonhos… Eu também acredito na realidade do fato de que muito poucos se tornam realidade.

Os sonhos não podem se tornar realidade se o sonhador não tiver a determinação de torná-los realidade.

Era estranho como uma decisão aparentemente insignificante poderia causar tumultos e perturbar todo o curso da vida de alguém. Há menos de dois meses, ele decidira, no calor do momento, mandar André para casa com a carruagem, enquanto ele ficava para falar com a antiga Condessa de Riverdale, a fim de persuadi-la a passar a tarde com ele na feira da vila e para passar a noite com ele. Uma pequena decisão, de acordo com o que sua vida tinha sido nos últimos dezessete anos.

Aquilo levou a isso.

Se ele tivesse decidido de outra maneira e se contentasse apenas em acenar para ela com a cabeça na sala de jantar antes de sair com seu irmão, ele teria voltado para casa, sofrido pelo horror indescritível da festa de aniversário que Estelle planejara e partido daqui já em busca de novas diversões. Ele estaria seguro.

— Não consigo entender por que a tia-avó Olwen não quer vir morar aqui — disse Estelle atrás dele. — Eu viria no lugar dela. Eu poderia ser muito feliz aqui, papai. Não é muito pequeno, é? Existem oito quartos. Mas é acolhedor.

Ele se virou da janela.

— E o que você faria por diversão? — Ele perguntou.

Ela olhou inexpressivamente para ele antes de encolher os ombros.

— O que eu faço agora? — Ela perguntou. — Eu podia ler e pintar, e bordar, escrever no meu diário e receber visitas, receber visitas tão facilmente quanto possível. Mas seria pacífico aqui. Seria mais como uma casa.

— A casa do dote não está tão isolada da civilização quanto parece — explicou Bertrand a Viola e sua filha. — Apenas através das árvores atrás daqui há estábulos e uma casa de carruagem, vazia agora, é claro, mas ainda bastante útil, e um caminho largo que se conecta com a unidade principal.

— Venha e veja os estábulos. — Sugeriu Estelle, e ela conduziu o caminho da sala. Abigail e Bertrand a seguiram. Marcel não se mexeu e nem Viola. A porta da frente abriu e fechou. Eles se olharam por vários momentos silenciosos.

— Isso lembra você? — Ele perguntou, apontando para a janela e a vista além. — Mesmo apenas fracamente?

— De Devonshire? — Ela perguntou. — Sim. Mas nós estávamos sozinhos lá.

— Foi bom — disse ele. — Não foi?

Ela virou a cabeça para olhar pela janela.

— Foi — disse ela. — Era exatamente o que pretendia ser, Marcel — uma breve fuga de nossas vidas. Nunca foi destinado a ser convertido em algo permanente. Nem você nem eu queríamos isso. E isso seguiu seu curso. Você me disse na praia que eu dizendo que queria ir para casa me salvou de ter que me machucar. Você me disse que odiava magoar suas mulheres.

Bom Deus! Ele realmente disse isso? Mas ele sabia que sim, ele tinha dito.

— Eu poderia ter sido tão inflexível? — Ele perguntou de qualquer maneira.

— Você estava apenas sendo honesto — disse ela. — Eu sei que você tem outras mulheres, Marcel, sempre tem — e sempre terá, eu diria. Eu não tive ilusões quando decidi fugir com você. Foi um arranjo temporário e fiquei contente com isso. Eu não estou contente… com isso.

— A parte sempre é injusta — disse ele. — Quando eu me casar, Viola, é para sempre. Até que a morte nos separe.

Ela virou a cabeça para longe da janela para franzir o cenho para ele.

— O que aconteceu? — Ela perguntou a ele.

Ele ergueu as sobrancelhas e sentiu um calafrio no coração. Ele sabia o que ela estava perguntando.

— O que aconteceu com o seu casamento? — Ela explicou. — Com sua esposa. Como ela morreu?

Ele não queria falar sobre isso. Ele não queria pensar nisso. O ar na sala de repente pareceu muito fino para respirar.

— Ela caiu de uma janela no andar de cima para o terraço abaixo — ele disse secamente. — Ela morreu instantaneamente. — Ele se virou para encarar a

janela, embora agora não soubesse da visão além dela. Ele desejou que ela fosse embora, para seguir os jovens. Mas ele não pode ouvi-la ir. Então ele adicionou o detalhe final. — Eu matei ela.

Silêncio. Exceto pelo baque surdo em seus ouvidos de seu próprio batimento cardíaco. Ele desejou estar sentado. Ele desejou estar sozinho. Ele desejou que também estivesse morto. Ele desejou…

— Você não pode deixar isso assim — disse ela por trás dele, e ele se virou novamente para olhar para ela, fúria quase cegando-o.

— Por que não? — Ele perguntou a ela. — O que aconteceu não é da sua conta, Viola. A não ser que você pense que eu possa fazer o mesmo com você quando eu me cansar de você ou quando você me irritar. Vá embora ou eu posso fazer isso agora.

Sua carranca estava de volta.

— Sinto muito — disse ela. — Eu sinto muito por ter rasgado uma ferida tão profunda. Mas você precisa me dizer.

— Por quê? — Ele perguntou. — Você está determinada a não se casar comigo, parece. E mesmo que você mude de ideia, não tem nada que se intrometer em meu primeiro casamento. Eu não me intrometo no seu.

— Como posso acreditar que você a matou, — ela perguntou, — quando você não enforcou ou sequer passou um tempo na prisão?

— Foi considerado um acidente — disse ele. — Um trágico acidente. Deixe isso em paz, Viola. Eu não vou falar disso. Nunca. Por enquanto, você se cansou de mim em Devonshire antes de eu estar bem cansado de você. Você não queria ser salva do escândalo quando voltássemos para o chalé. Você teria preferido desaverbar a situação em vez de se comprometer comigo. Você não mudou de ideia desde então. Você deixou isso perfeitamente claro na noite passada. Assim. Faça o anúncio hoje, amanhã, quando você escolher. Não vou tentar te impedir.

Foi um inferno de tempo para perceber que seu coração estaria quebrado, que provavelmente já estava. Quando ele de repente adquiriu um coração? Talvez ela não quisesse realmente dispensá-lo; talvez ela não se ressentisse de seu compromisso tanto quanto ela disse; possivelmente...

Talvez nada. Ela se fez perfeitamente clara.

Ele só podia se impor dizendo a ela agora que ele não a superara, que ele não acreditava que fosse. Ele só poderia incomodar-se implorando-lhe que se casasse com ele de qualquer maneira. Embora soubesse que, por causa de seus filhos e dela, continuaria pressionando-a a fazer exatamente isso.

Bom Deus! Ele tinha acabado de dizer a ela que ele matou Adeline. O que ele fez.

— Você ficará feliz — disse ela. — Você não quer se casar comigo, Marcel. Nunca foi parte do nosso plano. Muito longe disso.

— Mil milhas a partir dele — ele concordou. — Mas estamos no diabo de uma bobina, Viola. Minha irmã está chegando esta tarde, junto com toda a sua família. Uma grande festa é iminente. Nossos filhos parecem gostar um do outro.

Os dois viraram a cabeça para ver os três jovens voltando pelo lago em direção à casa principal. Bertrand estava no meio, Estelle em um braço, Abigail no outro.

— Então, — ela disse, — nós escolhemos o caminho mais fácil e celebramos nosso compromisso aqui. E no Natal nós pegamos o caminho mais fácil e celebramos nosso casamento. E então nós enfrentamos o resto de nossas vidas.

— Você faz parecer uma perspectiva sombria — disse ele.

Eles se entreolharam e seus olhos se encontraram.

— Eu não posso enfrentar outro casamento que pode ser qualquer coisa como o meu primeiro casamento, não Marcel — disse ela.

Ele estremeceu interiormente, mas não disse nada.

— E você… — disse ela, e circulou o ar com uma mão, em busca de palavras que não viriam.

— E eu sou um libertino incurável — disse ele.

— Bem — Ela franziu a testa mais uma vez. — Você não é?

— Exceto quando eu estou casado — disse ele, — como indiquei anteriormente. Mas eu não sou casado há muito, e durante esse tempo eu realmente fui um libertino. Eu diria que você está certa, Viola. Eu diria que sou incurável.

Mas ele se sentiu magoado. Ele queria implorar, protestar e justificar. Ele queria…

Ela não o queria. Ela gostara do idílio e se cansara disso e queria ir para casa. Assim como ele deveria ter feito.

Maldito seja um tolo por ter enviado seu irmão para casa em sua carruagem em vez de ir com ele e esquecer a antiga Condessa de Riverdale.

— Estou voltando para casa — ela disse a ele.

— E, como o cavalheiro que sou, escoltá-la-ei — disse ele.

Mas eles não se tocaram enquanto andavam ou trocaram outra palavra. Ele se lembrou de sua caminhada de volta da praia para a casa de campo em Devonshire. Deveria tê-la agarrado antes que a casa aparecesse e saísse bem com ela — a verdade, toda a verdade e nada além da verdade, exatamente como ele queria fazer agora.

Mas seria injusto para ela e humilhante para si mesmo derramar seu amor agora e seu compromisso com a fidelidade e para sempre, e com o amor eterno e todo aquele papo furado. Ela havia se cansado dele. Ela nunca deu o menor indício de que o amava ou queria um futuro com ele.

A humildade o atacou como um golpe de martelo no estômago.

Ela não o amava. Ela lhe dissera isso em tantas palavras. Ele ia ter que permitir que ela fosse livre, para se livrar dessa bagunça de alguma forma. Ele não podia fazer isso sozinho. Um cavalheiro não repudia um noivado depois de se comprometer com ele. Ou uma vez ele a convidou para sua própria casa, e toda a sua família e a dele estavam se reunindo para celebrar com seus vizinhos.

Bom Deus! Foi o suficiente para fazer o cabelo ficar de pé na parte de trás do seu pescoço.

A caminhada de volta para a casa parecia interminável.

Depois que ela voltou da casa do dote com Marcel, Viola se retirou para seu quarto e lutou com a tentação de ir embora, para mandar dizer que sua carruagem estaria pronta em meia hora, para mandar dizer a Abigail que ela deveria arrumar as coisas, sem demora. Ela queria ir embora. Ela queria esquecer.

Há dois meses, ela fugira de Bath — para escapar do amor sufocante de sua família. Dois dias depois disso, ela correra novamente — para fugir de si mesma para o prazer irracional de um caso de amor com um libertino. Muito bem que

tudo tinha feito ela. Isso a levou a isso, a um emaranhado muito mais complicado do que qualquer coisa que ela tivesse conhecido antes.

Por conta disso, é claro, ela não podia correr. Estelle tinha tido muito trabalho para planejar a festa em casa e a festa de noivado amanhã à noite. E ela estava borbulhando de excitação, uma garota de dezessete anos que vivera uma vida protegida com seu tio e tia, mas que ansiara pela presença do pai em sua vida e agora achava que estava prestes a tê-la.

Ela não podia correr. Sua mãe estava a caminho daqui. Camille e Joel e as crianças estavam a caminho. Assim como Michael e Mary. Assim como todos os Westcotts, até mesmo sua ex-sogra. Até Anna, filha legítima de Humphrey. E Wren, com quem ela havia feito uma amizade tão adorável e inesperada na primavera. Wren estava grávida, mas ela estava vindo de qualquer maneira. Viola não poderia estar sozinha quando eles chegassem.

E havia Marcel. Ele aceitou a realidade esta manhã, dizendo-lhe que não iria impedi-la de anunciar que não haveria nenhum compromisso. E só ela poderia fazer isso, é claro. Honra ditava que o homem não podia. E esta manhã ele disse a ela como sua esposa morreu e alegou que ele a matou. Ela não acreditou nem por um momento, embora acreditasse que ele acreditava. O que tinha acontecido? Ela ansiava por saber, mas não tinha o direito de insistir. Eles não iam se casar. Ela sentiu nele esta manhã, no entanto, uma dor insuportável nas memórias que ele tinha mantido perto todos esses anos e se recusou a compartilhar agora. *O que tinha acontecido?*

Ela ansiava por dizer que o amava, que quando dissera na praia que precisava ir para casa, não queria dizer que estava cansada do caso deles, que não tinha sentimentos para ele. Mas ela não disse isso. Ele não anunciou seu noivado porque a amava e queria se casar com ela. Ela poderia ter certeza disso, tendo conhecido ele e sua reputação por muitos anos. Ele não era um homem de assentamento. Ele lhe dissera que estava feliz por não ter sido obrigado a falar primeiro. Ele lhe dissera que não gostava de machucar suas mulheres.

Suas mulheres.

Plural.

Como ela sempre soube. Como ela sabia quando concordou em fugir com ele.

Ela não podia correr, mas também não podia ficar. Ela não podia se casar com ele, mas também não podia romper o noivado. Ela não podia amá-lo, mas também não podia deixar de amá-lo.

Ela ficou. Claro que ela ficou. E ela se preparou para a chegada de seu irmão e sua própria família. Ela desenhou sobre si o longo e familiar manto da Condessa de Riverdale e esperou.

Mas o que ela faria? Ela não poderia se casar com Marcel.

O que ela deveria fazer?



Annemarie e William Cornish foram os primeiros a chegar, no início da tarde, trazendo seus dois filhos pequenos com eles. Marcel e os gêmeos os encontraram no terraço. Estelle abraçou as crianças, com idades entre sete e cinco anos, enquanto Bertrand apertou a mão de William e Marcel se viu sendo abraçado com força por sua irmã.

— Estou muito feliz que você está se casando de novo, Marc — disse ela. — E não antes do tempo também. Eu quase não parei de falar sobre isso, não é mesmo, Will?

Cornish trocou um olhar sóbrio com o cunhado, mas não disse nada. Como de costume, Annemarie encheu a sala de estar com sua presença assim que entraram. Ela abraçou todos reunidos lá, incluindo Abigail e Viola, falando o tempo todo.

— Eu estava apenas dizendo Marc como estou feliz — disse ela a Viola. — O casamento será bom para ele. Já é hora de ele se estabelecer. Gracioso, ele tem quarenta anos. Apenas imagine! E você será capaz de trazer Estelle para fora durante a temporada em Londres na próxima primavera, e sua filha será uma boa companhia para ela. Elas serão irmãs de meia-idade. Será um sonho tornado realidade, tenho certeza, para que Estelle tenha sua própria madrasta patrocinando-a.

William pigarreou e ela o olhou interrogativamente antes de se virar para sorrir para Jane.

— Tenho a certeza de que você estava disposta e desinteressadamente preparada para levar Estelle a Londres, Jane. Mas tenho certeza de que agora você deve estar ansiosa para retomar sua própria vida interrompida.

— Bem, foi interrompida, Annemarie, — Jane admitiu, — de repente e inesperadamente, quando nossos filhos não eram mais velhos que os seus, agora. Mas Charles e eu faríamos isso de novo e por duas vezes mais, se precisássemos. Eu gostava muito de Adeline e gosto muito de seus filhos.

Marcel nunca pensara nos últimos dezessete anos em termos de qualquer sacrifício que Jane e Charles Morrow tivessem de fazer. Ele sempre reconheceu sua necessidade deles, mas ele sempre viu isso do ponto de vista dele. Nunca da deles. Ele se ressentiu de sua influência sobre seus filhos, embora tivesse escolhido não os criar ele mesmo. Eles tinham abandonado uma casa própria para se mudarem para Elm Court — a deles havia sido arrendada até muito recentemente por um almirante aposentado e sua esposa.

A coisa era, porém, ele não queria começar a olhar para as coisas do ponto de vista de outras pessoas. O seu próprio era incômodo o suficiente. E isso era apenas o começo. A família de Viola, Kingsleys e Westcotts, estaria aqui antes do dia acabar. Sem contar as crianças, informou Estelle, devia haver dezessete delas. Dezessete. E isso foi além da própria Abigail e Viola.

Ele sentiu um impulso quase irresistível de ir embora. Apenas ir, pegar sua carruagem, ou apenas selar um cavalo, e sair. Sua bagagem e seu valete podiam segui-lo. Sem explicações para ninguém. Sem avisos. Sem adeus. Ele havia feito isso antes — mais de uma vez. Apenas alguns meses atrás, ele não teria hesitado, nem olhado para trás, nem sofrido um escrúpulo de consciência.

Desta vez, isso não poderia ser feito. Pois a filha dele — e o filho dele também — estavam em seu caminho. Ele olhou de um para o outro enquanto a tagarelice continuava ao redor dele — e sentia uma medida igual de ressentimento e amor dolorido. Estelle estava corada e borbulhando de excitação agora com a chegada de seu tio e tia e a aparição iminente dos dezessete. Ele não tinha certeza de quantos vizinhos seriam esperados para a festa amanhã à noite. Ele não perguntou. Ele não queria saber.

Por que ela fez isso? Por que a festa de aniversário? Porque ela o amava? Como foi possível? Ele era o pai mais infeliz da face da terra. E por que a festa de noivado?

E Bertrand. Não tem dezoito anos. Era uma idade desajeitada e muitas vezes rebelde, não um jovem, nem um homem. Calmamente apoiando sua irmã a cada passo do caminho. Cortês e entretendo a mulher que flagrou com seu pai naquela casa de campo miserável. Conversando agora com seu tio e Ortt. Tratando até mesmo seu pai desprezível com infalível cortesia.

Não, ele não fugiria. Ele estava cada vez mais certo de que nunca seria capaz de correr novamente. Foi um dos pensamentos mais terríveis que ele teve nos últimos dezessete anos. Seus olhos pousaram em Viola enquanto ela falava com Annemarie e Ellen Morrow. Ele desejou que esta manhã não tivesse acontecido. Ontem à noite já era ruim o suficiente, mas agora parecia haver poucas dúvidas de que aquele noivado que todos estavam reunindo para celebrar estava prestes a terminar. Ele deve continuar a se comportar como se fosse real, até que não fosse. E depois? Ele pensaria sobre isso quando isso acontecesse.

Annemarie estava explicando a Viola que a mãe deles era francesa e insistira para que todos os filhos dela tivessem nomes franceses. E Adeline admirava tanto a sogra que insistira em dar nomes franceses a seus filhos também.

— Minha irmã é Camille — disse Abigail. — Eu não sei por que ela tem um nome francês.

— Eu gostei, — disse Viola, — assim como eu gostava de Abigail quando você nasceu.

— Lá vem outra carruagem. — Bertrand disse, virando-se da janela e olhando através do quarto para o pai.

E assim continuou. E novamente havia o desejo de sair da sala de estar e virar à esquerda em direção à escada dos fundos, usada principalmente pelos criados, em vez de ir direto para a escadaria principal e o corredor abaixo. Fugir. Como ele fizera há dezessete anos e continuara a fazer desde então. Até agora.

— Vai ser alguém da sua família — disse ele a Viola. — Você vai descer com Estelle, Bertrand e eu? E Abigail também?

Essas chegadas foram Lord e Lady Molenor — ela era uma Westcott, ex-cunhada de Viola. Mas todos os outros vieram em seus calcanhares — o Conde e a

Condessa de Riverdale; o Duque e a Duquesa de Netherby e seu bebê com a meia-irmã de Netherby, Lady Jessica Archer, e a Duquesa viúva, mãe da menina, também ex-cunhada de Viola. Por que as relações familiares têm que ser tão complicadas? Então veio a Sra. Kingsley, mãe de Viola, com Cunningham e sua esposa, Camille, filha mais velha de Viola, e seus três filhos; O Irmão clérigo de Viola com sua esposa; Elizabeth, Lady Overfield e sua mãe, a Sra. Westcott, mãe de Riverdale; e, como grand finale, a Condessa viúva de Riverdale, ex-sogra de Viola, e sua filha, Lady Matilda Westcott.

Dezessete deles, sem contar as crianças. Não que Marcel contasse os dezessete. O número parecia mais de setenta para ele. Dezessete complicações adicionais para o que teria que acontecer antes de todos se despedirem novamente. Para o que Viola certamente faria acontecer — com sua bênção. Por que diabos ele se comportara com um cavalheirismo tão pouco característico do lado de fora daquele maldito chalé em Devonshire e anunciara seu noivado? As duas últimas carruagens chegaram quase simultaneamente. Marcel ofereceu o braço para a Condessa idosa e conduziu-a lentamente pelos degraus até a casa, enquanto Bertrand e Abigail voltavam com a sra. Westcott, a mãe de Riverdale. Estelle conversou alegremente com Lady Overfield como se fossem velhas amigas, e Viola fez ruídos calmantes enquanto Lady Matilda Westcott compartilhava o medo de que sua mãe se cansasse.

Como Viola ia dizer a esses membros da família que eles tinham vindo até aqui por nada? E por que eles fizeram uma coisa tão estúpida quando o casamento deveria ser celebrado dentro de dois meses? Por que eles a amavam?

— Jovem — disse a condessa viúva numa voz baixa, apenas para os seus ouvidos. — Eu quererei uma palavra particular com você antes da festa que sua filha planejou para amanhã e o que eu suponho ser o anúncio oficial do seu noivado. Eu não vi isso nos jornais ainda. Viola tentará insistir que ela não é minha nora e nunca foi, mas isso é absurdo. Ela é tão preciosa para mim como qualquer uma das minhas três filhas, e elas são preciosas, como as filhas sempre são. Você saberá a verdade disso por si mesmo, eu diria. Eu quero ouvir de seus próprios lábios o quanto minha nora é preciosa para você.

Bom Deus! Então ele deveria ser interrogado por um velho dragão frágil, ele iria? Ela foi a primeira a falar — se alguém descontasse Riverdale e

Cunningham, que falara em Devonshire. Mas a mãe de Viola lhe dera uma olhada longa e calculada em sua chegada, e seu filho clérigo o considerara gravemente, como se estivesse apenas aguardando seu tempo até encontrar um momento adequado para desencadear um sermão. Lady Matilda parecia azeda no terraço quando Viola os apresentou, e lady Overfield brilhava para ele como se simpatizasse com o que lhe estava reservado. Pelo que estamos prestes a receber…

— Eu vou olhar adiante para uma conversa privada com você, senhora, — ele assegurou a Condessa viúva, mentindo por entre os dentes.

Sim, por Deus, eles a amavam. E não, por Deus, ele não podia correr.

Estelle estava prestes a explodir de orgulho e felicidade. Ele teria que ficar para lidar com o oposto quando acontecesse, como certamente aconteceria nas próximas vinte e quatro horas. Não corra disso, mas fique para lidar com isso.

Bom Deus.

Dezoito

— Ouvi dizer que há um bonito conservatório aqui, Lorde Dorchester — disse a Condessa viúva de Riverdale na manhã seguinte, depois do café da manhã. Esperava fugir para o escritório do administrador por um tempo, mas sempre havia sido uma esperança desesperada quando o dia de hoje ia ser frenético com a atividade, antes de culminar com um jantar familiar e a grande festa no salão de baile.

— Há, senhora, — ele disse. — Você se importaria de ver? — Ele vira o conservatório uma ou duas vezes, mas não sabia nada sobre as plantas que cresciam ali. Ele não supunha que ela desejasse vê-lo para ter cada planta identificada, no entanto.

— Vou buscar seu xale quente, mamãe, e levo para você lá — disse Lady Matilda Westcott.

— Você não vai fazer isso — disse sua mãe. — Quando eu precisar de um xale mais quente, Matilda, eu enviarei uma empregada para buscá-lo. E eu não preciso de nenhuma companhia além de Lord Dorchester.

Lady Matilda, observou Marcel, era a filha solteirona que permanecera em casa como adereço e ficava com a mãe, que não precisava de nenhuma das duas.

O conservatório estava cheio de verdura em vez de flores. Foi feito de forma bastante inteligente, grandes plantas misturadas com pequenas plantas de folhas largas misturadas com plantas estreitas, com folhas verdes claras ao lado daquelas com folhas escuras. E muito vidro — três paredes e um telhado.

Era uma manhã ensolarada, e o jardim de inverno estava claro e muito quente. Faria um cenário maravilhosamente romântico para um encontro. Havia assentos de janela com almofadas macias, mas ele sentou a viúva em um sofá apoiado firme antes de se sentar no assento da janela em frente a ela.

— Você deseja me interrogar, senhora. — Não havia sentido em iniciar uma conversa sobre plantas que ele nem sabia nomear. Ele olhou diretamente para a viúva sem um vislumbre de sorriso, uma expressão que ele sabia que muitas pessoas achavam intimidante em seu rosto, embora ele não estivesse esperando que isso tivesse efeito sobre ela. Foi talvez uma expressão defensiva, como era sua postura despreocupada.

— Meu filho — ela disse, — foi a maior decepção da minha vida, Lorde Dorchester. E isso foi enquanto ele viveu. Depois disso, ele foi a maior vergonha da minha vida. Por causa de suas más ações, uma de minhas netas cresceu em um orfanato, sem o conforto de nenhuma família. Duas outras netas e um neto cresceram com uma falsa ideia de quem eram e sofreram a reviravolta do mundo que tinham conhecido quando a verdade surgiu.

Por causa de seus erros, minha nora sofreu uma humilhação indescritível e foi cortada de uma família inteira que ela considerava suas por quase um quarto de século. Em sua própria mente, ela foi cortada em pedaços. Não no nosso. Ela é uma Westcott com tanta certeza quanto qualquer um de nós, embora ela tenha retomado seu nome de solteira e tenha se apegado a ele desde então. — Ela parou e olhou para ele como se quisesse dizer — desnecessariamente — que ela não o encontrava de forma alguma intimidante.

— Srta. Kingsley tem a sorte de ter uma família tão amorosa e leal, senhora — disse ele. Suas palavras soaram fracas e caíram completamente.

— Quero que você me dê uma boa razão, Lorde Dorchester — disse ela, — por que devemos confiar um dos nossos à sua guarda. Uma boa razão para recebê-lo na família, quando recebemos Joel Cunningham no ano passado e Wren Heyden no início deste ano.

Ele olhou fixamente de volta para ela.

— Eu não posso, senhora — disse ele. Isso certamente teve seu efeito. Ela se debruçou de novo nas almofadas, como se ele tivesse estendido a mão e a empurrado. — Eu não duvido que você esteja ciente da minha reputação — disse ele. — Eu não duvido que todos vocês estejam. Foi ganho com dificuldade e não peço desculpas por nada disso. Se eu me arrependo de alguma coisa na minha vida, os arrependimentos são meus. Eles não são propriedades de uma pessoa desaprovadora, nem da família desaprovadora da mulher a quem estou

prometido. Que eu tenha o nascimento e a posição e a fortuna para sustentar sua nora pelo resto de sua vida está fora de questão. Mas essa não é a questão, eu sei. Você quer que ela seja feliz porque você a ama.

— E você a ama, Lorde Dorchester? — Ela perguntou.

Foi a pergunta inevitável. Ele esperava mesmo assim evitar isso. Ele não podia nem responder por si mesmo. Ele sabia que estava apaixonado por ela há catorze anos, mas quatorze anos foi há muito tempo. Ele não era a mesma pessoa que havia sido naquela época. Enfim, o que ser apaixonado significa? Nada mesmo? Ele sabia que a desejava quando assumiu o risco de mandar André embora com sua carruagem, que ele gostara mais dela do que se lembrava de ter desfrutado de qualquer mulher antes dela, que ele não tinha terminado com ela quando ela terminara com ele, que ele ainda não estava saciado dela. Mas amor?

O amor era uma coisa para sempre, não era? Uma coisa de na doença e na morte ou seria de na doença e na saúde? Era uma coisa inabalável de tudo ou nada, ou melhor, de tudo. Era uma amputação de tudo o que ele havia sido há quase vinte anos… Mas isso não o levaria mais longe. Não importava de qualquer maneira. Ele não ia se casar com ela.

— Sim — ele disse suavemente.

Houve um longo silêncio.

—Eu não tenho controle sobre o que qualquer membro da minha família faz — disse ela finalmente. — Menos de tudo com Viola. E você sabe disso, Lorde Dorchester. Você poderia ter me convidado para ir ao diabo em vez de concordar em me trazer aqui.

Em vez disso, você me ouviu e respondeu minhas perguntas com o que me parece ser honestidade contundente. Eu agradeço por isso. Se você pode trazer felicidade para a Viola, ainda não se sabe, mas nenhum casal pode saber, com certeza, quando eles se casam. Eu vou confiar em você para não quebrar o coração de uma velha senhora, assim como o dela.

— Obrigado, senhora, — ele disse, ficando de pé.

Mas ele não estava livre, mesmo depois de devolvê-la ao salão da manhã, onde várias outras pessoas estavam reunidas para ficar fora do caminho dos criados que estavam correndo para preparar a casa para as celebrações mais tarde. Antes que ele pudesse se desculpar, a sra. Kingsley descobriu um desejo urgente

de ver sua biblioteca, e seu filho, o reverendo Michael Kingsley, achou que ele preferiria vê-la também, já que não trouxera mais de um livro de casa.

Foi o mesmo tipo de entrevista que o último. A sra. Kingsley contou-lhe o quanto seu falecido marido ficara encantado quando o Conde de Riverdale, um conhecido discreto dele, abordara a possibilidade de um casamento entre seu filho e Viola. O Conde não fizera nenhum segredo do fato de que seu filho estava semeando alguma aveia selvagem e estava a salvo de uma falta, mas ambos os pais haviam concordado que o casamento — com uma grande infusão de dinheiro dos cofres profundos dos Kingsley, é claro — seria uma influência constante sobre o jovem.

E o jovem, acrescentou com amargura, sem dúvida foi pressionado a concordar com a ameaça de que não havia outra maneira de resolver suas dívidas astronômicas. Ele havia concordado, apesar do fato de que, desconhecido de seu pai ou de qualquer outra pessoa, ele já era casado com uma mulher que estava morrendo e eles tinham uma filha.

— Eu concordei, Lorde Dorchester — disse a sra. Kingsley, — embora Viola tenha se apaixonado pelo filho de um amigo meu e ele por ela. É fácil para os pais afastarem o amor muito jovem quando podem se convencer de que têm no coração o bem maior do filho. Eu nunca me perdoei. Minha fraqueza me assombrou ainda mais nos últimos dois anos.

— Infelizmente, mamãe — disse o reverendo Michael Kingsley, — nunca podemos olhar para frente para ver as consequências das decisões que tomamos. — E nunca foram palavras mais verdadeiras, pensou Marcel. — Nós só podemos fazê-los com as melhores intenções em mente e com amor em nossos corações.

Ele era um pouco pomposo, o irmão de Viola. Mas ele veio de Dorsetshire, abandonando seu rebanho lá, porque sua irmã era de grande preocupação imediata para ele. Havia uma história em algum lugar na Bíblia, Marcel parecia lembrar, sobre um pastor que deixou todo o seu rebanho para cuidar de si mesmo enquanto ele estava em busca da única ovelha perdida. Uma coisa imprudente a fazer, embora a história ilustrasse um ponto. Bom Deus, ele estava prestes a começar a citar as Escrituras? A mente estava perturbada.

— Eu entendo — disse Marcel, — que você está com medo de que Viola esteja prestes a entrar em outro casamento que lhe trará pouca felicidade como o primeiro. — Isso talvez expusesse sua miséria real.

Uma coisa a ser dita em favor de Kingsley era que ele não bateu em nenhum arbusto.

— Estamos com muito medo, Dorchester — disse ele. — Eu fui um covarde moral durante o primeiro casamento da minha irmã. Eu não gostava nem aprovava Riverdale, e assim evitei-o. Ao fazê-lo, claro, evitei-a também. Tenho vergonha dessa negligência. Não vai acontecer novamente. Se você fizer algum mal à minha irmã, eu vou te encontrar e duelarei com você.

Ele deveria ter soado ridículo. Marcel tinha uma imagem mental de dar os passos de um duelo e virar-se, pistola armada, para encarar aquele homem, que possivelmente nunca segurara uma arma em sua vida. Mas, por mais que tentasse, ele não podia transformar o clérigo naquela imagem mental em uma figura de diversão.

— Eu não vou machucá-la — disse ele.

— Diga-me, Lorde Dorchester — disse a Sra. Kingsley antes de fazer a pergunta inevitável: — Você a ama?

Ele nem precisou pensar nisso desta vez, embora soubesse que a resposta não era melhor do que uma hora atrás.

— Sim — ele disse secamente.



Viola ficou fora dos preparativos para a festa o máximo que pôde durante todo o dia. Não foi difícil. Ela passou uma hora depois do café da manhã no berçário com as crianças. Winifred estava em seu elemento interpretando a mãe dos dois filhos de Annemarie, que eram ambos mais jovens do que ela e estavam muito felizes em ser organizados por alguém que olhavam com evidente admiração. Sarah ficou feliz em fazer um jogo de palmas com a avó, enquanto Camille e Anna balançavam os bebês e conversavam entre si.

Foi bom ver essas duas crescerem cada vez mais aceitando o fato de serem meio-irmãs. Foi difícil no começo, especialmente para Camille. E a própria Viola

estava começando a amar Anna, em parte porque estava determinada a fazê-lo e em parte porque não podia se conter. Ela tomava café na sala da manhã com sua ex-sogra, que lhe informava que, se tivesse que se casar com um ladino, poderia fazer algo pior do que o Marquês de Dorchester, que estava claramente preparado para entregar uma nova página em sua vida, e quem estava tão claramente apaixonado. Depois disso, Viola foi passear com Elizabeth, Wren e Annemarie. Viola e Elizabeth seguiram em frente, enquanto a irmã de Marcel interrogava Wren sobre as fábricas de vidro que herdara de seu tio e que gerenciou sozinha.

— Eu estava preocupada com você depois do batismo de Jacob — disse Elizabeth. — Pareceu-me que tudo, desde os últimos dois anos, chegou até você de repente e lhe subjugou. Todos nos sentimos impotentes para consolá-la, pois é claro que fazíamos parte do problema. Às vezes as pessoas só precisam ficar sozinhas, e o melhor que aqueles que as amam podem fazer para ajudar é simplesmente deixá-las em paz. Mas é muito difícil de fazer.

— É — concordou Viola. — Assistir a quem amamos sofrer pode ser pior em alguns aspectos do nós mesmos sofrermos.

— Mas você encontrou a solução perfeita. — Elizabeth riu. — Oh, eu estava muito preparada para ficar horrorizada quando vi com quem você fugiu para aquele chalé em Devon. Tive uma ligeira familiaridade com o Marquês de Dorchester e tinha plena consciência de sua reputação. Ele é, é claro, extraordinariamente bonito, e isso pode ser um atributo perigoso em um homem que também é devastadoramente atraente. Mas ficou claro lá e ficou mais claro aqui que ele sente uma ligação sincera com você. Você deve ver como ele olha para você quando ele acredita que você não está olhando para ele. Isso me deixa bastante invejosa. É igualmente claro que você retorna seus sentimentos. Eu amo um final feliz. — Ela suspirou teatralmente e riu novamente. — Sua mãe e seu irmão estão conversando com ele.

— Minha sogra já conversou — disse Viola.

— Pobre homem — disse Elizabeth, e ambos riram.

Annemarie e Wren as alcançaram naquele ponto e a conversa se tornou geral.

Viola passou a primeira parte da tarde na galeria de retratos em um andar superior com Camille e Joel e Ellen Morrow e seu irmão. Enquanto Joel estudava

os retratos da família e Ellen os identificava, Camille sorriu para Viola e caminhou com ela até o final da galeria, onde havia uma janela com vista para o parque atrás da casa.

— É lindo aqui, mamãe — disse Camille — e você vai ser feliz. Cheguei decidida a não gostar do Marquês de Dorchester, você sabe, porque ele sempre foi tão bonito e temível… bem… — ela sorriu. — Eu mudei de ideia. Não que isso importe de qualquer maneira. Você escolheu sua felicidade como eu fiz no ano passado com Joel. E eu estou feliz, mamãe. Mais feliz do que jamais sonhei em ser. Eu só posso desejar o mesmo para você. E para Abby. E Harry.

Elas pegaram as mãos uma da outra com a menção do nome dele e apertaram com força. As duas piscaram com as lágrimas.

Viola saiu para outra caminhada mais tarde com Michael e Mary, e o irmão dela disse-lhe gravemente que ela tinha a bênção dele, mas só se ela prometesse a ele que seria feliz dessa vez. Ele disse isso com um brilho incaracterístico em seus olhos.

— Michael ainda se sente culpado por não expressar sua preocupação sobre o seu primeiro casamento, Viola — explicou Mary. — Ele queria vir aqui para que ele pudesse falar desta vez se ele se sentia.

Viola olhou inquisitivamente para o irmão.

— Eu sinto que devo objetar — disse ele, franzindo a testa, — tanto como um homem da batina e como seu irmão. Não me iludirei sobre a reputação do Marquês de Dorchester. Mas tenho a curiosa sensação de que estaria cometendo um erro imperdoável se o fizesse. Mamãe concorda comigo.

E a mãe dela de fato acariciou a mão da filha quando Viola se juntou a ela e à Marquesa e a Isabelle para tomar uma xícara de chá no salão matinal e ouviu mais uma vez tudo sobre os planos para o casamento de Margaret.

— Eu admiro sua energia, Lady Ortt — disse sua mãe. — Eu sinto que deveria estar igualmente ocupada com o casamento de Viola com Lord Dorchester. No entanto, estou contente em deixar tudo em mãos mais jovens, e a Condessa de Riverdale está ansiosa para organizar o casamento em Brambledean durante o Natal. — Ela sorriu para a filha.

As três antigas cunhadas de Viola a levaram para olhar o conservatório durante a tarde.

— Vou invejá-la, Viola — disse Mildred, Lady Molenor. — Eu me pergunto se posso persuadir Thomas a construir um na nossa casa. — Ela riu. — Talvez seja mais fácil vir visitá-la com frequência.

— Eu não posso lhe dizer com toda a honestidade, Viola — disse Matilda — que eu aprove o que você fez depois de deixar Bath tão abruptamente. No entanto, todos nós entendemos que a celebração familiar do batismo do jovem Jacob de alguma forma abriu velhas feridas para você. Por isso, estou disposta a admitir que o seu encontro com o Marquês de Dorchester, quando o fez, foi fortuito e desejo-lhe felicidades. Você ainda é e sempre será nossa irmã, você sabe, então deve esperar ouvir falar de nós. Seu novo casamento não irá mudar isso. — Ela olhou severamente para Viola.

— E como foi Humphrey, nosso irmão, que causou toda a sua aflição — Louise, Duquesa viúva de Netherby, acrescentou: — então só podemos ficar felizes por você estar se vingando, Viola. Ainda desejamos fervorosamente que ele estivesse vivo para que pudéssemos estrangulá-lo nós mesmos.

— De fato — concordou Mildred. — Oh, olhe só para esses assentos de janela almofadados. Eu poderia passar horas aqui apenas olhando para fora.

Ninguém pediu a Viola que acabasse com o noivado antes que fosse tarde demais. Ninguém. Foi incrível.

Mas e ela mesma? Ela não poderia se casar com Marcel, é claro. Ninguém, a não ser os dois, conhecia toda a história do porque eles fugiram juntos e quais eram as intenções deles. Ninguém sabia que tinha sido um tipo normal de aventura sexual para ele e uma autoindulgência impulsiva para ela. Ninguém sabia que não havia e nunca houve nenhuma declaração de amor entre eles ou qualquer intenção de prolongar sua ligação além de seu fim natural. Chegara a esse fim. Ela ansiara por voltar à sua vida, e ele certamente se cansaria dela muito em breve se ela não tivesse se manifestado quando o fizera. De fato, suas palavras na praia foram uma indicação clara de que ele estava próximo a esse ponto. Ele já havia começado a falar dela como apenas uma de suas mulheres.

Isso ainda doía.

Todos estavam enganados. Seus parentes, que a amavam e queriam que ela fosse feliz, estavam vendo em Marcel o que eles queriam ver, e ele, como um cavalheiro galante, estava cumprindo suas expectativas. Afinal, se ela não pusesse

fim ao noivado, ele seria obrigado a se casar com ela. Mas ele não poderia estar feliz por estar tão preso — preso por seu próprio anúncio ultrajante, poder-se-ia acrescentar. Ele não a amava. Ele não poderia se estabelecer com ela em um casamento que traria a si mesmo qualquer contentamento duradouro. Ela não era nem jovem. Ela era mais velha que ele. E mesmo que ele se acalmasse até certo ponto, como ela poderia se contentar com menos que o amor? E ela não precisava se casar. Ela esteve essencialmente sozinha toda a sua vida adulta. Ela poderia continuar sozinha. A única coisa — a única — que poderia induzi-la a casar era amor. Ela não conseguia nem definir. Mas não precisava. Ela conhecia o amor, mesmo que não pudesse descrevê-lo.

Ela amava Marcel. Mas ele não a amava.

Ele nunca dissera nada para levá-la a acreditar que sim. Todos estavam enganados. Oh, eles estavam todos errados. Pelo menos ela não viu muito dele durante o dia. Ele estava sendo entrevistado por seus familiares bem-intencionados durante a manhã, e ela acreditava que ele esteve com seus filhos durante a tarde. Ela se sentiu mal conforme o dia passava. O tempo estava se esgotando. O anúncio oficial do noivado seria feito esta noite, mas ela ainda não dissera nada da verdade a ninguém além do próprio Marcel.

O que ela diria? E quando? O tempo estava se esgotando. Ela não podia permitir que esse anúncio fosse feito. Ela ia ter que falar no jantar. Pouco antes da festa. Ela se sentiu mal. E quando pensou em Estelle, que estava corada e de olhos brilhantes no café da manhã, sentiu-se ainda mais doente.

Por que, ah, por que ela não tinha simplesmente falado quando Marcel fez aquele anúncio ultrajante à sua família do lado de fora do chalé? Parecia impossível na época. Mas comparado com agora… Bem…

Depois do almoço, Marcel decidiu que era hora de iniciar uma entrevista própria. Ele encontrou Bertrand na sala de bilhar com Oliver Morrow, o Duque de Netherby, André e William Cornish. Encontraram Estelle no quarto da governanta, repassando uma de suas intermináveis listas para a festa de hoje à noite e, sem dúvida, atrasando a mulher de continuar com os serviços. Ela lançou

aos dois homens um olhar quase abertamente grato quando levaram Estelle para longe. Eles foram ao salão de baile, os três, para ver como os preparativos estavam ocorrendo ali. Foi limpo de cima a baixo. O piso de madeira brilhava em um novo revestimento de polimento, embora partes dele fossem cobertas com lençóis sobre os quais descansavam os dois grandes lustres de cristal. O cristal brilhava, e a prata era a cor certa novamente, em vez do preto que tinha sido a última vez que Marcel tinha olhado. Cada castiçal tinha sido equipado com uma nova vela.

— Eles serão acesos mais tarde — explicou Estelle, — e as flores serão trazidas e arrumadas. Devemos aguardar o maior tempo possível antes de trazê-las para que fiquem frescas esta noite. — Mesas na antessala adjacente tinham sido espalhadas com panos brancos engomados, sobre os quais refrescos, tigelas de ponche e outras bebidas seriam colocadas mais tarde. — Eu esperava que pudéssemos nos contentar com o piano — disse Estelle, olhando para a orquestra do outro lado da sala, — mas Bert me contou sobre um trio que toca para as festas na aldeia e nós os contratamos.

— Haverá um violino e um violoncelo e flauta para adicionar ao piano — disse Bertrand. — No início, sugeri este cômodo em vez da sala de estar, simplesmente porque haverá muitos de nós. Mas então nos ocorreu que poderia haver dança.

— E tia Jane achou que seria aceitável, embora Bert e eu ainda não tenhamos dezoito anos — disse Estelle. — Eu nunca dancei em um baile.

— Então você vai dançar comigo esta noite — disse Marcel. — Você fez bem, os dois. — Ele apertou as mãos em suas costas e mudou abruptamente o assunto. — Conte-me. As suas aparentes aprovações dos planos do meu casamento provém principalmente de seu desejo de que eu viva permanentemente aqui em Redcliffe com vocês? — Ele se aproximou para olhá-los. Eles estavam lado a lado, muito parecidos em altura e aparência, e muito, muito jovens. — Ou talvez eu deva perguntar primeiro se vocês aprovam. Vocês querem que eu viva aqui?

Eles reagiram de forma diferente, embora nenhum dos dois falou imediatamente. A postura de Bertrand ficou rígida e algo por trás de seu rosto se fechou. Estelle corou e seus lábios se separaram e seus olhos ficaram luminosos. Bertrand falou primeiro.

— Srta. Kingsley é uma senhora graciosa, senhor — disse ele. — Eu gosto dela, e se você acredita que ficará feliz com ela, então eu estou feliz por você. Quanto a sua vida aqui, eu irei para Oxford dentro de um ano, e a questão de onde você vai morar é irrelevante para mim.

— Bert — disse Estelle em tom de reprovação, mas Marcel levantou a mão.

— Está tudo bem — disse ele. — Eu perguntei. E você, Estelle?

Ele a viu engolir e depois franzir a testa.

— Por que você foi embora? — Ela perguntou. — Por que nunca voltou, exceto em breves visitas?

Ah! Ele esperava evitar isso, pelo menos por enquanto. Não era para ser, parecia.

— Deixei vocês aos cuidados de seu tio e tia — disse ele. — Eles estavam preparados para ficar com vocês e criá-los, e eu pensei que eles fariam um bom trabalho. Eu ainda penso nisso. Eles fizeram um trabalho muito bom. Vocês são jovens bons. Você não ficou feliz com eles?

— Por que partiu? — Ela perguntou novamente. — Tia Jane sempre disse que era porque você estava de luto. Ela disse isso quando tínhamos cinco anos e quando tínhamos dez anos e quando tínhamos quinze anos e todas as vezes em que perguntamos. Todo mundo sofre por tanto tempo quando perde alguém? Você não acha que nós também sofreríamos? Por nossa mãe? Por você? Não podemos nos lembrar de sentir sua falta, é claro, porque não tínhamos nem um ano de idade quando tudo aconteceu. Nós nem nos lembramos da nossa mãe. Mas acho que devemos ter sentido a sua falta. Nós costumávamos jogar um jogo quando éramos crianças. Montamos o quarto vazio do sótão em Elm Court como um mirante com cobertores e biscoitos e um velho telescópio que não funcionava de verdade. Nós nos revezamos para vigiar. Nós esperamos pelo seu retorno e contamos histórias de todas as aventuras que você estava tendo e todos os perigos que você teve que superar antes que pudesse voltar para nós. Lembra-se, Bert? Você tinha aprendido sobre a história da Odisseia e como Ulisses demorou muitos anos para retornar a Ítaca e para sua esposa e filho. Nós costumávamos esperar e esperar e esperar que não levasse tanto tempo.

— Não demoramos muito para entender que você não voltaria — disse Bertrand, — exceto por breves visitas, que sempre se revelaram ainda mais curtas

do que o prometido. Você sempre teve uma desculpa para partir — exceto quando não a dava. Às vezes você simplesmente partia.

— Por que, pai? — Estelle perguntou.

Marcel estava se fazendo uma pergunta diferente. Como ele conseguiu se esquivar de sua própria vida por dezessete anos? Ele sempre achara que estava vivendo o sonho de todos os homens — livre para ir onde quisesse e fazer o que quisesse, livre de apegos fortes ou de uma consciência problemática, indiferente ao que qualquer um pensava ou dizia sobre ele. Rico e poderoso, o pequeno e inconveniente pacote de amor e consciência cuidadosamente arrumados e cuidado pelos Morrows. Então ele conheceu Viola. E novamente quatorze anos depois. Se ele pudesse voltar… voltaria. Mas essa era a única impossibilidade em qualquer vida. Não se pode voltar para revivê-la.

— Eu pensei que não era digno de vocês — disse ele. — Eu estava com medo… de machucá-los. — Ambos estavam parecendo pálidos. Bertrand ficou muito ereto, um olhar duro sobre sua postura e rosto, o tipo de olhar que Marcel tinha visto às vezes em seu próprio espelho. Estelle levantou o queixo, o rosto conturbado.

— Não era digno? — Ela perguntou.

Ele se virou e atravessou o salão de baile para se sentar na beira do palco da orquestra. Ele colocou os cotovelos sobre os joelhos e passou os dedos pelos cabelos.

— O que vocês sabem da morte da sua mãe? — Ele perguntou.

— Ela caiu — disse Estelle, sentando-se ao lado dele. — Fora de uma janela. Foi um acidente. — Bertrand permaneceu onde estava.

— Eu estive no berçário com vocês durante a maior parte da noite — disse Marcel. — Seus dentes estavam crescendo e vocês estavam aborrecidos e febris e incapazes de dormir. Eu te segurava e às vezes vocês dois juntos, um em cada braço, uma cabeça em cada ombro. Eu os adorei. Vocês foram a luz da minha vida durante aquele ano. — Bom Deus, ele tinha acabado de pronunciar essas palavras em voz alta? Ele não pôde olhar para eles para ver o efeito que seu discurso estava tendo, não se ele esperava continuar. — Sua mãe também adorava vocês — ele disse. — Ela brincava com vocês sem parar sempre que estávamos em casa durante o dia. Nós dois fazíamos. Nós amamos seus sorrisos e suas risadas

quando fazíamos cócegas em vocês ou fazíamos caretas, e nós amamos sua excitação quando vocês nos viam, suas pequenas mãos e pés balançando no ar. Mas ela estava zangada comigo naquela noite por ficar com vocês. Foi por isso que pagamos uma babá, ela me falou. Mas eu mandara a babá para a cama porque ela estava à beira da exaustão e reclamara de uma dor de cabeça ofuscante. Eu tinha acabado de fazer vocês dois dormirem quando sua mãe entrou no quarto ao amanhecer. Ela arrancou você de mim, Estelle, para te deitar no seu berço, mas você acordou e começou a chorar novamente. Ela veio até você, Bertrand, mas você também acordou. Ela estava irritada. Ela queria que eu convocasse a babá e viesse para a cama e me lembrou que teríamos um piquenique para comparecer no final do dia e eu estaria cansado demais para comparecer. — Ele respirou fundo e soltou um suspiro. — Eu estava frustrado — disse ele. — Demorei várias horas para que vocês dois dormissem. Eu a empurrei com a mão livre. O pé dela… Eu acho que o pé dela deve ter pisado na bainha de seu roupão. Eu acho que é isso que deve ter acontecido. Ela cambaleou para trás e estendeu a mão para se firmar na parede atrás dela. Exceto que era a janela, e eu a abri antes porque vocês estavam febris. Eu tentei… Eu… Mas ela se foi. Ela caiu. Ela morreu instantaneamente. Eu não consegui agarrá-la. Eu fui incapaz de salvá-la. Ela era minha própria esposa, mas eu fui incapaz de mantê-la segura. Eu causei dano a ela.

— E então você foi embora — Bertrand disse após um breve silêncio. Ele chegou um pouco mais perto, Marcel podia ver. Sua voz era fria e dura. — E você ficou longe. Você nos deixou.

— Bert — disse Estelle, angústia e reprovação em sua voz.

— Não — disse Marcel. — É um comentário justo, Estelle. Sim. Eu fui embora imediatamente após o funeral. Sua tia Jane e tio Charles e os primos estavam lá. Então, creio eu, foram sua avó e tio André e tia Annemarie. Eu parti. — Não havia desculpas. — Eu os deixei. Eu era incapaz de manter minha própria esposa segura, mesmo que eu a amasse muito, porque eu perdi a paciência com ela e a empurrei. Como eu poderia ter certeza de que iria mantê-los seguro?

— Espero que você tenha sido feliz — disse Bertrand com sarcasmo. Marcel levantou a cabeça para olhar para o filho — alto, duro, inflexível e ferido até o âmago de seu ser. Por um pai ausente.

— Sinto muito — disse ele. — Eu sei que essas palavras são facilmente ditas e totalmente inadequadas. Mas sinto muito. Não, eu não fui feliz, Bertrand. Eu não mereci ser. Ao me punir, fugindo de mim mesmo, convencendo-me de que estava fazendo o que era melhor para vocês, cometi talvez o maior erro da minha vida. — Ele abaixou a cabeça entre as mãos. — Eu amei sua mãe — disse ele. — Ela era vibrante e bonita, cheia de diversão e risos. Nós brigamos com frequência, mas sempre resolvemos nossas diferenças sem realmente nos machucarmos. Quase sempre. Nós estávamos na lua com a felicidade quando ela descobriu que estava esperando vocês dois. Dois! Oh, a alegria da sua chegada, Bertrand, depois que passamos pelo parto seguro de Estelle. Eu pensei que poderia explodir de orgulho, e então... você veio, nasceu e berrou. — Ele engoliu uma vez e depois novamente. — E então ela morreu em um acidente que causei, e eu fugi e deixei vocês ao cuidado de pessoas que te criariam para ser melhor do que eu.

Houve um longo silêncio. Estelle deslizou a mão pelo braço dele e escondeu o rosto no ombro dele. Ele podia ouvi-la respirando com dificuldade. Bertrand não se moveu.

— Papai — disse Estelle, sua voz tremendo de emoção. — Foi um acidente. Eu empurro Bert o tempo todo e ele me empurra. Nós não queremos dizer nada com isso, mesmo quando isso é feito com verdadeiro aborrecimento. Nós nunca queremos machucar um ao outro, e nunca fazemos. Foi um acidente, papai. Você não era um homem violento baseado naquele incidente. Você não é violento. Tenho certeza de que você não é.

Ele fechou os olhos. Ela estava lhe oferecendo perdão? Por privá-la de sua mãe? Alguém poderia fazer isso? Ela o chamara de papai.

— E agora você se apaixonou de novo — disse Estelle após outro silêncio. — Sua vida vai mudar novamente e você voltará para casa para ficar. E no ano que vem ou no ano seguinte — não estou com pressa — minha madrasta patrocinará minha estreia em Londres. Enquanto isso, Bert vai voltar de Oxford para casa, e seremos uma família.

E viveremos feliz para sempre.

— Eu realmente voltarei para casa para morar — disse ele. Ele havia decidido isso durante uma noite em grande parte sem dormir. Ele não sabia se seria possível mudar sua vida aos quarenta anos, mas sabia de algo com profunda

certeza. Ele não podia continuar como estava — ou como estivera há dois meses. Era estranho que ele pudesse saber com tanta certeza, mas ele sabia. Aquela vida chegou a um fim abrupto. — E quando eu for a outro lugar — a Londres ou a Brighton ou a qualquer lugar — levarei você comigo, Estelle. Até você se casar e montar sua própria casa. Você também, Bertrand.

Seu filho ainda não se moveu. Por nenhuma palavra, gesto ou expressão facial ele indicou como se sentia sobre tudo isso. Não desde seu sarcasmo de alguns minutos atrás, de qualquer maneira. Ele não estava tão pronto para perdoar, parecia. Justificadamente assim.

Estelle apertou o braço dele.

— Ou para Bath — disse ela. — Sra. Kingsley mora lá assim como Camille e Joel e as crianças. Eles serão meus sobrinhos e sobrinhas. O bebê, Jacob, é tal—

— Estelle — disse Marcel, interrompendo-a. — Eu não vou me casar com a senhorita Kingsley. — O golpe final do martelo.

Estelle se inclinou para longe dele para olhar em seu rosto, embora ela não abrisse mão do braço dele. Bertrand não moveu um músculo.

— Eu forcei o noivado com ela — explicou Marcel. — Ela acabara de me informar que estava indo para casa, que queria voltar para sua família quando Riverdale chegou à casa de campo com sua irmã e a filha e genro de Viola. E vocês dois não ficaram muito atrás. Eu agi por impulso e anunciei nosso compromisso — sem qualquer consulta com ela. Ela protestou assim que estávamos sozinhos juntos e novamente antes de todos sairmos de Devonshire, mas permaneci inflexível. Ela não mudou de ideia desde então.

— Mas… — Estelle começou. Ele levantou a mão que estava livre.

— E para ser franco — ele disse, — eu também não quero casar com ela. — Ele não tinha certeza se estava sendo franco, mas não tinha certeza se também não estava. Sua mente e suas emoções eram uma mistura de confusão.

— Eu pensei que você a amava. — Estelle lamentou. — Eu pensei que ela amava você.

Ele tirou o braço do dela para colocá-lo sobre os ombros dela.

— O amor não é uma coisa simples, Estelle — disse ele.

— Assim como não foi no nosso caso. — disse Bertrand, sua voz calma e plana. — Você nos adorou, mas você nos deixou. Você ama a senhorita Kingsley, mas vai repudiá-la. Ou ela repudiará você. Qual a opção?

Essa foi a pergunta espinhosa e a principal causa de sua insônia na noite passada. Se um noivado fosse quebrado, deveria ser feito pela mulher. Honra ditava que, na suposição de que nenhum verdadeiro cavalheiro quebraria sua palavra e no processo humilhar uma dama e muito possivelmente fazê-la aparecer como bens danificados aos olhos da sociedade e de outros possíveis pretendentes. Mas sempre foi justo? Sua família e a dela estavam reunidas aqui em sua casa para celebrar um evento que não aconteceria, e ele deveria forçá-la a explicar? Apenas porque seria deselegante ele fazer isso sozinho?

Estelle acabara de perceber as implicações do que ele lhes dissera.

— Oh — ela chorou, pondo-se de pé. — Trouxe toda a família dela para cá, assim como tia Annemarie e tio William, e convidei todos de quilômetros ao redor, mas não haverá nenhum noivado depois de tudo. Oh. O que é que eu vou fazer?

Bertrand deu um passo à frente finalmente para envolver um braço sobre os ombros dela e atraí-la para o lado dele.

— Você não sabia, Stell — disse ele. — Ninguém te disse. Você não sabia.

— Mas o que eu vou fazer? — Ela gemeu.

— Você anunciou a celebração aos nossos vizinhos como uma festa de noivado? — Perguntou Marcel.

— N-não — disse ela. — Bert vai fazer o anúncio no jantar mais tarde hoje à noite. Todo mundo acredita que é uma festa de aniversário. Mas—

— Então, uma festa de aniversário será — disse ele. — Meu quadragésimo. Como você planejou originalmente. Com uma grande lista de convidados de vizinhos e valiosos hóspedes da casa de mais longe. Um presente generoso e precioso e bastante imerecido de meus filhos.

Ou então eles devem fazer parecer aos seus convidados.

Foi Bertrand quem respondeu, sua voz firme e digna, mas com mais que um toque de amargura.

— Talvez o amor não precise ser merecido, senhor — disse ele. — Minha irmã sempre te amou independentemente. — Ele engoliu desajeitadamente, e suas próximas palavras pareciam relutantes. — Eu também.

Marcel fechou os olhos brevemente e segurou as têmporas com o polegar e o dedo médio.

— Eu sinto muito, Bertrand — disse ele mais uma vez. — Eu sinto muito, Estelle. Sinto muito. Eu não sei mais o que dizer. Mas vamos dar uma boa cara ao resto de hoje. E deixe-me tentar fazer melhor com o futuro. Não para fazer as pazes. Isso é impossível. Mas para… Bem, para fazer melhor.

— Ainda haverá uma festa? — Perguntou Estelle. — Mas uma festa de aniversário em vez de uma festa de noivado?

— É melhor que seja a melhor festa de todos os tempos. — Marcel disse a ela. — Um homem faz quarenta anos apenas uma vez, afinal. Mas tenho certeza que será. Você trabalhou duro com isso, Estelle. E você também, Bertrand.

Ele olhou para os filhos e eles olharam para trás, um deles melancolicamente, o outro perturbado e ainda ligeiramente hostil. Nenhum dos três estava feliz, mas…

— Mas e a nossa família? — Bertrand perguntou. — E dela? E a própria senhorita Kingsley?

— Você vai ter que deixar tudo isso comigo — disse Marcel.

Ele sabia alguma coisa naquele momento mais inadequado.

Ele amava Viola, por Deus.

E ele a libertaria, mesmo à custa de sua pretensão de ser um cavalheiro.

DEZENOVE

Aqui estiveram exatamente tantas pessoas na mesa na noite passada, pensou Marcel, olhando ao longo de toda a extensão até onde a marquesa, sua tia, sentava-se ao pé com Viola à sua direita e o reverendo Michael Kingsley à sua esquerda. Ele não tinha notado particularmente o número imenso que era. Ele notou agora. E de uma forma ou de outra, todos eram parentes — dele e dela — reunidos para celebrar a fusão de suas famílias. Ele desejou que não houvesse uma refeição para enfrentar e uma conversa educada a ser feita com a Sra. Kingsley à sua direita e a Condessa viúva de Riverdale à sua esquerda. Estelle, quase na metade da longa mesa, estava corada e parecendo um pouco ansiosa. Bertrand, do outro lado da mesa, estava sério. Mas ele sempre foi. Ele também inclinava a cabeça atentamente para Lady Molenor, que falava. Ele virou o rosto para ela, mesmo quando Marcel assistia, e ele riu.

— Deve ser uma das mais belas vistas de toda a Europa — a sra. Kingsley estava dizendo, falando do que podia ver pelas janelas da frente de sua casa no Royal Crescent, em Bath. — Eu sou muito afortunada.

— Eu conheço a vista de que se refere — disse Marcel. — Passei alguns dias em Bath há alguns anos. — Ele não ficou muito tempo. Ele havia encontrado muito pouco com o que se divertir. O banho tornou-se em grande parte um retiro para os idosos e enfermos.

A refeição parecia interminável e terminou rapidamente. Ele quase perdeu o momento em que decidiu. Sua tia estava se levantando lentamente aos pés da mesa como um sinal para as senhoras de que era hora de deixar os homens com seu porto. Os primeiros convidados externos começariam a chegar em uma hora. Viola também se levantou e virou-se para olhar ao longo da mesa. Ela estava tomando fôlego para dizer alguma coisa. Marcel ficou de pé e levantou a mão.

— Sentem-se novamente por mais um momento — disse ele. Sua tia olhou para ele com alguma surpresa e voltou para a cadeira. Algumas outras senhoras que começaram a se levantar também fizeram o mesmo. Viola trancou os olhos com ele, hesitou e depois se sentou. Deu o sinal para os criados saírem da sala. — Eu tenho algo a dizer — ele continuou quando a porta se fechou, — que irá surpreender a maioria de vocês e talvez afligir alguns.

Se ele não tivesse tido toda a atenção de todos antes, ele tinha agora. Ele tentou cingir-se com seu famoso desdém pela opinião de qualquer pessoa sobre o que ele dizia e fazia. Mas isso não funcionaria desta vez. — Eu considero a Srta. Kingsley no mais profundo respeito — ele disse, — e me lisonjeio com a crença de que ela o devolve. No entanto, há pouco menos de um mês, obriguei-lhe a um noivado quando tomei a decisão unilateral de anunciá-lo a quatro membros de sua família e depois a quatro da minha. Foi errado da minha parte, porque cerca de uma hora antes de eu fazer esse anúncio, a Srta. Kingsley expressou seu desejo de voltar para casa, para sua própria família e para sua própria vida. Com meu anúncio impulsivo, coloquei-a em uma situação impossivelmente estranha, e ela ficou mais emaranhada em suas consequências desde então. Ela me contou várias vezes que não quer se casar comigo. Então estou fazendo outro anúncio agora para corrigir o primeiro. Não há noivado. Nunca houve. Não haverá casamento. E devo enfatizar que a Srta. Kingsley é totalmente inocente.

Todos ouviram em absoluto silêncio. Houve alguns murmúrios quando ele parou, e tornou-se uma espécie de balbucio quando ficou claro que ele havia terminado. Marcel não tomou conhecimento.

Seus olhos estavam trancados em Viola. Ela estava parecendo a deusa de mármore, a rainha do gelo da memória, o queixo erguido, o rosto pálido e totalmente desprovido de qualquer expressão, exceto a que lhe conferia dignidade inabalável.

Ninguém fez perguntas. Ninguém expressou qualquer protesto. Ninguém o desafiou para um duelo. Ele levantou a mão depois de alguns instantes e olhou ao longo dos dois lados da mesa quando o silêncio voltou a cair.

— Minha filha planejou a festa de hoje com cuidado meticuloso — disse ele. — É o primeiro evento desse tipo que ela organizou e fez em grande escala. Ela decidiu porque cheguei ao marco do meu quadragésimo aniversário e ela queria

fazer algo especial para mim. É especial e confio em que todos nos ajudem a celebrar.

— Eu certamente vou — disse Viola, a primeira a falar. — Desejo-lhe um feliz aniversário, Marcel e Estelle uma festa de sucesso.

— Vou repetir o que tia Viola disse — disse Anna, a duquesa de Netherby. — Feliz aniversário, Lorde Dorchester. E, Estelle, obrigada por convidar todos nós para sermos participantes da sua festa. É uma delícia estar aqui, e devo confessar ter espiado o salão antes. Pensei que talvez tivesse descoberto um glorioso jardim de flores.

O duque, do outro lado da mesa e um pouco abaixo de sua esposa, estava levantando uma sobrancelha para ela e parecendo ligeiramente divertido.

Bertrand estava de pé, com um copo de… água na mão.

— Espero que todos tenham um pouco de vinho — disse ele. — Vocês se juntaram a mim desejando a meu pai um feliz aniversário de quarenta anos? Eu sei que particularmente não gosta de ser lembrado do número, senhor, mas aproveite agora. O próximo ano será pior.

Bertrand fazendo uma piada?

Houve uma gargalhada geral, talvez embaraçada, talvez um pouco exagerada e a raspagem de cadeiras enquanto todos se levantavam e levantavam um copo em um brinde. E arriscaria tudo, eles trariam essa coisa de uma maneira civilizada, parecia, quando todos certamente deviam querer um pedaço de sua pele.

— Obrigado — disse Marcel. — Acredito que os cavalheiros estarão dispostos a abrir mão do porto esta noite a favor de se preparar para a festa. Eu vou ver todos vocês no salão de baile em uma hora.

E, assim mesmo, pensou, ao virar-se para oferecer o braço à condessa viúva de Riverdale, o pior já havia terminado. Ele tinha tido tempo de salvar Viola de ter que fazer o anúncio ela mesma.

André chamou sua atenção do outro lado da sala e piscou e sorriu.

— Bem, meu jovem — disse a duquesa em meio ao murmúrio de vozes ao redor deles. — Eu nunca ouvi nada mais ridículo na minha vida. Você vai se arrepender disso. Assim como Viola. Mas esse é o seu negócio, suponho.

Ela pegou o braço oferecido.

Viola sempre soubera que algo imensamente bom — ou melhor, três coisas — tornava cada ano difícil de seu casamento valer a pena. Ela não era uma mulher demonstrativa — outro resultado de seu casamento — e talvez seus filhos não soubessem como eram adorados, mas ela sabia. Ela sempre pensara que eles eram a única coisa boa que surgira em seu casamento. Mas ela estava errada.

Durante aqueles vinte e três anos, aprendera a perseverar à vista da família, dos amigos e da sociedade em geral. Ela aprendera a arrastar uma espécie de dignidade graciosa sobre si mesma como um manto todo-envolvente, sempre que não estivesse sozinha, e isso significava a maior parte de suas horas de vigília. Essa capacidade foi sua graça salvadora esta noite. Com o coração palpitante e os joelhos trêmulos ela estava prestes a fazer o anúncio sozinha. Ela respirou fundo e abriu a boca para falar. Algumas cabeças começaram a se virar.

No entanto, mesmo naquele momento, ela não sabia o que ia dizer. Ela não havia preparado nenhum discurso ou, se tivesse, não conseguia se lembrar de uma única palavra. Ela só sabia que isso deveria ser feito — agora. De repente, o tempo realmente acabou. Era agora ou nunca, e nunca foi uma tentação que deve ser resistida. Marcel salvou-a falando de si mesmo e arriscando todo tipo de repercussão por violar a honra de ser cavalheiro. Isso não havia acontecido, no entanto. Para seu conhecimento, Joel não o desafiara para nenhum tipo de duelo. Nem Alexandre nem Avery. E Michael não o denunciou. Todos, de fato, haviam absorvido o choque do anúncio com notável civilidade, apesar do fato de que muitos parentes dela tinha sido arrastado pela metade do país sob falsos pretextos. Suas filhas se apressaram ao seu lado antes de saírem da sala de jantar, e ela sorriu para as duas.

— Tudo o que ele disse era verdade — disse ela. — Foi nobre da parte dele fazer o anúncio e levar toda a culpa. Eu não o odeio ou até não gosto dele. Nem ele odeia nem me desgosta. Nós apenas não queremos nos casar.

— Mamãe — disse Abigail, e parecia não conseguir encontrar mais nada para dizer. Ela olhou sua preocupação e aflição em vez disso.

— Nós queríamos que você fosse feliz — disse Camille, parecendo igualmente desamparada.

— Nós temos uma festa para assistir e apreciar, — Viola os lembrou. — Pelo amor de Estelle. E Bertrand.

— Eles devem ter sabido — disse Abigail. — Ele deve ter dito a eles antes desta noite.

— Sim — concordou Viola. — Eu acho que ele deve. Agora, prometi beijar Winifred com boa noite antes da festa. Eu vou para lá sem mais demora antes que você e Joel subam, Camille.

E a festa prosseguiu uma hora mais tarde, como uma recepção grandiosa e barulhenta no salão de baile, seguida por algum tempo por alguns pares dançantes de jovens e, eventualmente, um jantar generoso durante o qual houve brindes, discursos e saudações de aniversário de Bertrand e vários vizinhos — Marcel, que elogiou sua filha e filho, agradeceu aos convidados e fez algumas observações secas sobre ter quarenta anos. Ele fez o primeiro corte em um grande bolo de frutas gelado, que felizmente parecia adequado para qualquer ocasião.

Se algum dos vizinhos ouvira rumores de um anúncio de noivado a ser feito hoje à noite, nenhum deles fazia alusão a ele ou dava mais atenção a Viola do que mostravam a qualquer outro hóspede da casa. Tudo estava bem, e a festa de Estelle havia sido resgatada do desastre que poderia ter sido.

— Como é muito afortunado — comentou Louise, Duquesa viúva de Netherby, para Viola logo após a festa começar, — que havia um aniversário também para comemorar esta noite.

— Eu suponho que Dorchester se lembrará disso pelo resto de sua vida — concordou Mildred, sua irmã. — Assim como você vai, Viola. Devo confessar com alguma decepção, apesar de ter vindo aqui bastante preparada para me alinhar com minhas irmãs e submeter o Marquês a um interrogatório que o reduziria a uma geleia trêmula. No entanto, eu diria que você conhece sua própria mente como ele conhece a sua.

— Eu sinto muito — disse Viola, — que todos vocês foram arrastados para cá por nada.

— Chutando e gritando — Louise disse depois de chupar a língua. — É uma pena que Bertrand seja muito jovem. Jessica parece um pouco apaixonada por

ele, não é? E quem pode culpá-la? Aquele jovem está destinado a quebrar alguns corações femininos antes que ele encontre um para ele.

Lady Jessica Archer fez sua estreia durante a primavera. Ela provavelmente poderia ter feito um noivado brilhante antes do final da temporada, se quisesse. Ela era bonita e vivaz — e a rica filha e irmã de um duque de Netherby. Em vez disso, ela insistiu em voltar ao país antes mesmo do fim da temporada, chateada por Abigail, sua melhor amiga, não poder estrear com ela. Ela tinha sido incapaz de aceitar o fato de que a ilegitimidade de Abigail a desqualificou de entrar na sociedade em um nível com a sua própria.

— Ele se parece exatamente com o pai — disse Mildred. Viola parecia passar metade da noite se desculpando pelo que não tinha sido culpa dela.

— Eu preferiria que vocês dois admitissem sua incompatibilidade agora, Viola — disse seu irmão — do que em meados de janeiro.

— Mas estou tão feliz por todos nós termos vindo — assegurou Elizabeth um pouco mais tarde, e a prima Althea, sua mãe, concordou com a cabeça. — Eu acho que esta noite teria sido terrível para você se você tivesse apenas Abigail como apoio moral.

— Tia Viola — Avery, duque de Netherby, disse com um suspiro lânguido depois que ela expressou seu pesar por ele ter vindo até aqui com Anna e o bebê para um evento não recorrente. Ele vagara por seu caminho para resgatá-la de um fazendeiro cavalheiro que se instalara em uma longa descrição de todo o seu gado e da generosidade de sua recente colheita, que de algum modo superava a de todos os seus vizinhos. — As pessoas que estão implorando perdão para sempre estão quase invariavelmente falando coisas chatas. Eu estremeço com a possibilidade improvável de que você possa se tornar um deles. Venha e dance comigo. Acredito que me lembro bem dos passos deste, não para desgraçar você.

— Você não deve se desculpar, Viola. — Alexander disse a ela não muito antes do jantar. — Não é sua culpa que fomos convidados como uma surpresa para você e acabou sendo um pouco embaraçoso. E estamos felizes por estar aqui para lhe dar algum apoio.

— Se você realmente sente muito, Viola — Wren disse, um brilho de malícia em seus olhos, — então você irá para Brambledean para o Natal, independentemente do que aconteceu esta noite. Todos os outros ainda virão,

embora não haja mais casamento. Eu te conheço bem o suficiente para prever que você não vai querer estar lá. Mas você deve. A família é muito importante. Eu sei. Eu cresci sem nenhuma exceto minha tia e tio. Pelo menos agora tenho meu irmão na minha vida — e tenho toda a família de Alexander. À medida que tu fazes. Sua mãe ainda virá, e seu irmão e sua cunhada também. Eu já perguntei a eles. Você também deve vir.

— Wren é um especialista em torcer braços — disse Alexander. — Eu tenho os músculos doloridos para provar isso.

Viola ficou horrorizada com a ideia de mais uma reunião familiar em pouco mais de dois meses. Mas ela não pensaria sobre isso ainda. Ela não podia.

— Eu vou deixar você saber — disse ela.

— Isso terá que servir por agora — disse Wren. — Mas lembre-se como nos atrevemos na primavera para sair para o mundo, e como fizemos isso e nos sentimos enormemente orgulhosos de nós mesmos.

Mas ela não estava se atrevendo a sair para o mundo, pensou Viola. Ela estava sendo solicitada a entrar em sua família e aceitar seu abraço coletivo.

— Venha e dance comigo, Viola — disse Alexander. E então, depois do jantar, quando Viola estava se perguntando se poderia ir para o quarto sem parecer indecentemente mal-educada, Marcel apareceu diante dela, de Isabelle, do vigário e de sua esposa. Eles haviam evitado um ao outro com sucesso a noite toda.

No entanto, ela estava ciente dele a cada minuto interminável. Ele parecia elegante e quase satânico, todo em preto e branco com um colete de prata bordada e seu diamante solitário piscando nas intrincadas dobras de sua gravata. Ele parecia austero e um pouco intimidante, embora tivesse feito um esforço para se misturar com todos os convidados e garantir que os refrescos fossem trazidos para os mais idosos entre eles. Ele começara a dançar com Estelle, e Viola observara, sentindo-se mal do coração ao lembrar-se de ter dançado a mesma dança campestre com ele no verde da vila há um tempo. Ela estava horrivelmente, dolorosamente apaixonada por ele, e se ressentia do fato. Ela não era uma garota que se aborrecesse com um belo rosto e figura. Exceto que era mais que isso, claro. Muito mais. Ela queria ir embora — do salão de baile e do Redcliffe. Ela queria estar em casa. Ela queria… esquecimento.

Foi o pior desejo de todos e algo que deve ser combatido. Mas ela iria embora daqui amanhã. Ela havia decidido isso. Todos os hóspedes esperavam ficar alguns dias depois da festa, é claro — alguns dias para desfrutar do ambiente e celebrar um novo compromisso familiar de maneira mais descontraída. Ela não tinha ideia de como sua saída afetaria todos os outros. Ficar depois que o noivado acabasse e ela se fosse, seria mais do que um pouco desajeitado, e — bom Deus — sua família chegara aqui apenas ontem, depois de alguns dias de viagem na maioria dos casos. Mas ela não pensaria nisso ou neles. Às vezes — mais uma vez! — ela só conseguia pensar em si mesma. Ela deve sair, logo pela manhã, como poderia ser combinado.

No entanto, agora ele estava em pé diante dela. Bem, ante todos os quatro, na verdade, mas era para ela que ele estava olhando, como se não soubesse de sua prima ou do vigário e sua esposa.

— Viola — ele disse, — você vai me fazer a honra de dançar comigo? — Ah, foi cruel. Foi cruel. Ele estava fazendo, sem dúvida, para demonstrar às suas famílias que não havia ressentimentos entre eles, que — como ela dissera às filhas depois do jantar — não se odiavam, mas simplesmente não queriam se casar. Mas ele não deveria ter escolhido esse caminho específico para fazê-lo.

— Obrigada — Ela colocou a mão na dele, e seus dedos longos fecharam calorosamente sobre os dela enquanto ele a levava para o salão.

— Estamos perfeitamente coordenados, você vê — disse ele. — Se tivéssemos anunciado nosso noivado hoje à noite, Viola, os convidados teriam assumido que estava planejado. — Ela estava usando seu laço de prata sobre um vestido de noite de seda prateada. Ela sempre a considerou elegante de uma maneira discreta e modesta, sem ser esmerada e lisonjeira para sua figura. Ela sempre achou que se adequava à sua idade sem fazê-la parecer frouxa. Era, na verdade, o favorito dela, e ela o escolhera para aumentar sua confiança.

— Obrigada — disse ela.

— Por? — Ele levantou as sobrancelhas.

— Por falar no jantar — disse ela.

— E salvar você de ter que fazer isso sozinha? — Ele disse. — Era o que você estava prestes a fazer, não é? Eu suponho que você não estaria me agradecendo se não fosse esse o caso. Você não estava prestes a anunciar seu amor

eterno por mim e seu compromisso com um feliz para sempre, que se estenderia até nossa velhice e além na eternidade? — Ela não pôde deixar de sorrir, e seus olhos escuros se fixaram com alguma intensidade em seu rosto.

— Você não entendeu mal — ela disse a ele.

— Ah — ele disse. — Eu não achei que tivesse. — Os músicos tocaram um acorde e Viola olhou em volta, assustada. Eles não estavam na fila. Ela não ouvira o anúncio de que dança tocariam. Havia alguns outros casais no salão, nenhum deles muito jovens e nenhum deles na fila. Havia Alexander e Wren, Mildred e Thomas, Camille e Joel, Anna e Avery, Annemarie e William, e dois outros casais. Quase antes que o acorde terminasse, ela entendeu.

— É uma valsa — disse ela.

Seu braço direito surgiu em sua cintura e sua mão esquerda, levantada, aguardava a dela. Seus olhos nunca deixaram os dela. Ela colocou a mão na dele e levantou a outra para o ombro dele e… Ah, e eles valsaram de novo. Como eles tinham no gramado da aldeia naquela outra vida em que tudo tinha sido uma aventura despreocupada. Eles dançaram em terreno irregular e na semiobscuridade. Ali dançavam em um piso polido entre bancos de flores, com a luz de dezenas de velas brilhando sobre eles dos lustres, e com outros casais girando no chão com eles.

Mas ela viu apenas Marcel, sentiu apenas o calor de seu corpo e o toque de suas mãos, cheirava apenas a sua colônia. Seus olhos não deixavam o rosto dela — ele sempre tivera aquele jeito de fazer o parceiro dançarino o foco total de sua atenção. Fazia parte de seu apelo masculino. Ela sorriu, embora houvesse uma espécie de amargura totalmente irracional dentro dela. Não tinha nada de que reclamar, exceto, talvez, o anúncio de seu noivado fora do chalé — certamente uma de suas incursões raras na bravura.

A música os envolveu.

— Eu amava você — disse ele quando a dança estava quase no fim.

— Há catorze anos? — disse ela.

Ele não respondeu.

— Você nem me conhecia — disse ela. — O amor não pode existir sem o conhecimento. — Ela não sabia se isso era verdade ou não.

— Não pode? — disse ele. — Então eu não te amo, Viola. Eu estou errado. É melhor assim, não é? — Havia um toque curioso em sua boca.

E um pensamento a atingiu — ele estava falando sobre catorze anos atrás? Mas isso não importava.

A música terminou e ele a levou na direção de sua mãe, que estava sentada em um assento com a marquesa, sua tia. Mas Viola não parou ao lado deles. Ela se afastou apressadamente, tentando diminuir os passos, tentando sorrir e fazer algum contato visual com as pessoas que passou a caminho da porta. Uma vez que chegou à porta, no entanto, ela partiu em uma corrida ligeira e não parou até que ela estava dentro de seu quarto, de costas para a porta fechada, com os olhos bem fechados.

Seu coração se partindo.

VINTE

A festa envolvendo danças e refrescos ilimitados e um jantar generoso continuariam até o amanhecer em Londres. Felizmente, isso não era Londres. Os convidados começaram a sair logo após a meia-noite e, em seguida, o fluxo se tornou um fluxo constante. Os convidados começaram a se afastar silenciosamente na direção de seus aposentos depois de agradecer a Marcel por sua hospitalidade e a Estelle pela esplêndida festa. Realmente tinha sido esplêndido, apesar de Marcel ter odiado cada momento. Embora isso não fosse inteiramente verdade. Apesar do fato de estar chateada com o noivado, Estelle estava corada, com olhos brilhantes e exuberante esta noite, no sucesso de sua festa. Bertrand se comportara com dignidade e charme.

Marcel estava cheio de orgulho por ambos, embora não tivesse feito nada para ganhar o sentimento. E então houve aquela valsa… Ele desceu ao terraço para ver o último dos convidados a caminho. Inevitavelmente, os vizinhos descobriram coisas que deveriam absolutamente contar um ao outro, embora tivessem tido a noite toda para conversar. E todos queriam agradecer-lhe de novo e de novo e de novo. Demorou um pouco mais para ver os extraviados dentro da casa para a cama e então abraçar Estelle e apertar a mão de Bertrand e agradecer-lhes pelo mais precioso dos presentes de aniversário — a festa.

Mas, finalmente, ele foi capaz de recuar para a biblioteca sozinho depois de favorecer André com seu olhar mais ameaçador, quando parecia que seu irmão poderia segui-lo. Ele ficou no meio da sala por alguns minutos, tentando escolher entre sentar-se para ler por um tempo e ir direto para a cama. Então ele foi para o quarto de Viola e ficou do lado de fora da porta para hesitar. Não podia ter certeza, mas parecia-lhe que havia um fio de luz de velas embaixo dele. Ou talvez ela tivesse deixado as cortinas abertas e fosse apenas a luz da lua. Deve ser meia-

noite pelo menos agora. Ele não olhou para o relógio antes de sair da biblioteca. Mas uma hora, meia e meia, duas horas — a hora real não era importante. O fato era que era tarde demais para pagar uma ligação social e, mesmo que fosse uma da tarde, ainda seria impróprio chamar uma senhora em seu quarto de dormir. Que era um pensamento levemente ridículo sob as circunstâncias.

Ele bateu levemente na porta com um nó dos dedos. Ele mal pôde ouvir isso. Se ela não viesse antes que ele contasse em velocidade média até dez, ele iria embora. Um… dois… A maçaneta da porta virou silenciosamente e a porta abriu uma fresta — e depois uma fenda mais larga. Era luz de vela. Uma única vela queimava na penteadeira.

Ela estava vestindo uma camisola. O cabelo dela ondulava pelas costas. Ela também estava usando sua expressão de mármore. A cama atrás dela tinha sido preparada para noite, mas não parecia ter dormido ainda. A luz da vela piscou algo ao pé da cama. Algumas coisas, melhor. Um saco de cordão rosa hediondo também estava lá.

Alguém deveria dizer algo logo, e ele supunha que deveria ser ele.

— É melhor você me convidar para entrar — ele disse suavemente.

— Por quê? — Sua voz era tão suave.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, mas não disse mais nada. Ela tinha escolhas — abrir mais a porta e dar um passo para o lado, fechá-la na cara dele ou ficar ali parada pelo que restava da noite. Ele deixou para ela decidir.

Ela se virou e se afastou, deixando a porta entreaberta. Então ela escolheu a quarta opção. Ele entrou e fechou a porta silenciosamente atrás dele.

— Eu te interrompi enquanto você estava estimando o valor de seus tesouros? — Ele perguntou, apontando para a cama.

Ela olhou para as joias baratas espalhadas ali e pareceu mortificada.

Ele se aproximou e olhou para elas.

— Eu notei — disse ele, — que hoje à noite você usava um colar de pérolas que eram bem pequenas e insignificantes em comparação com estas.

— Eu não tenho nenhum gosto, não é? — Ela disse.

— E você não tinha diamantes ou esmeraldas ou rubis para adicionar um pouco de cor e brilho — disse ele. — Você olhou quase…

— Gentil? — Ela sugeriu.

— É isso — disse ele, voltando-se para olhá-la em sua camisola e chinelos. — A própria palavra para a qual minha mente estava procurando. Sempre e sempre gentil.

— Nem sempre — ela disse suavemente, e se aproximou ao lado dele, juntou as joias como se de fato fosse preciosa, colocou-as dentro do saco e apertou os cordões.

Ele tinha o Lenço Medonho — sempre pensava nisso como se as duas palavras começassem com letras maiúsculas — num bolso interno de seu casaco de noite. Ele havia colocado lá para se dar a coragem de falar no jantar.

— Você vai ficar por alguns dias? — Ele perguntou a ela.

— Não — disse ela. — Minhas coisas estão embaladas. Então são da Abigail. Partiremos amanhã ou hoje, suponho, quero dizer. Nossa saída tornará a vida muito estranha para minha família, mas não posso lidar com tudo.

— Eles serão bem recebidos aqui — disse ele.

— Obrigada. — Ela colocou a bolsa rosa. — Você poderá partir daqui em breve e retomar sua vida onde você a deixou alguns meses atrás. Isso vai te fazer feliz.

Ele sentiu um surto de raiva e… dor?

— Isso vai ser agradável para mim — disse ele. — E você vai voltar para casa e ser respeitável e gentil.

— Sim. — Era exatamente do que ela estava fugindo quando deixou Bath naquela deplorável carruagem alugada. Ela fez um círculo completo depois de uma aventura abortada, cortesia de si mesmo e muito embaraço, cortesia de si mesmo e de sua filha. Agora ela estava contente em rastejar de volta para a segurança. Mas por que estar com raiva? Ele acabara de ter uma fuga muito feliz de um emaranhamento que teria afetado negativamente todo o resto de sua vida. E isso foi cortesia dela. Ela deixara seus sentimentos bastante claros naquela praia varrida pelo vento. Ela queria ir para casa. O caso serviu à sua função, mas ela se cansara disso — e dele. Ela nunca lhe contara nada de diferente em todas as vezes que conversaram desde então. Ele deu um passo mais perto dela. Ele ainda podia sentir o cheiro do perfume sutil que ela usava antes — o perfume que ela sempre usava. Ele podia sentir o calor de seu corpo, a atração de sua feminilidade.

— A resposta para a pergunta que você fez anteriormente é sim — disse ele. — Eu te amei quatorze anos atrás, Viola. Se eu não tivesse, eu não teria partido quando você me dissesse para ir. — Um estranho paradoxo, aquilo. Mas verdade. Ele não havia pensado nisso antes. Ela não levantou os olhos para ele quando levantou a mão e colocou contra o peito dele. Ela olhou para a mão em seu lugar. Ele podia sentir seu calor através do colete e da camisa.

— Eu também te amei — disse ela. — Se eu não tivesse, talvez eu não tivesse dito para você ir embora. — Ah, um paradoxo de correspondência.

— E eu te amei novamente este ano — disse ele, enquanto seus olhos se voltaram para ele por um momento. — Foi muito bom enquanto durou, não foi? Naquele absurdo de vilarejo e a noite que se seguiu no mais triste pedido de desculpas por uma pousada que já tive a infelicidade de encontrar. Embora neste caso tenha sido uma boa sorte. E a jornada sem pressa e sinuosa, que teria me enlouquecido sob quaisquer outras circunstâncias. E a cabana e o vale e todo aquele ar fresco medonho e exercício e apreciação da natureza. E o que aconteceu dentro do chalé à noite e ocasionalmente durante o dia. Foi muito bom, Viola, não foi?

— Sim — ela concordou. — Foi muito prazeroso. Enquanto durou.

Ele olhou para ela em silêncio por vários momentos enquanto a vela lançava sombras na parede atrás dela.

— Não poderia durar, é claro — disse ele. — Isso nunca acontece. Você se cansou de mim e eu estava ficando cansado de você. Era hora de ir para casa. Teríamos feito isso e nos separado nos termos mais amigáveis se nossas famílias não tivessem vindo em nossa busca. Eu ainda não tenho certeza de como eles nos encontraram ou por que eles tiveram todo esse problema. No entanto, foi uma pena, e lamento ter piorado as coisas.

Não poderia… durar. Isso nunca acontece. Eu estava ficando cansado de você. O que ele disse foi certamente verdade. Por que, então, parecia a mais descarada das mentiras?

— Você fez as pazes corrigindo-as — disse ela.

— Obrigado — disse ele, — por participar da festa. Você deve ter desejado estar a mil milhas de distância.

— Eu fiz isso pelo bem de Estelle — disse ela, olhando nos olhos dele. — E de Bertrand, já que ele é extremamente apaixonado por sua irmã gêmea. E porque era a coisa gentil a fazer.

— Obrigado de qualquer maneira — disse ele. — E suportarei ser lembrado por todos os meus vizinhos de que tenho quarenta anos de idade.

Não havia mais nada a dizer. Não havia nada antes mesmo de ele vir aqui. Eles olharam um para o outro, a palma da mão ainda contra o peito dele. Ele levantou a mão para prender uma mecha de cabelo caída atrás da orelha e deixou a mão lá, segurando um lado do rosto dela. Ela não se afastou.

— Às vezes — ele disse, — é uma maldição saber que alguém está sob o mesmo teto que seus filhos e netos e pais, tias, primos e irmãos.

— E às vezes — ela disse, — é uma grande bênção.

Ela estava certa. Sem esse conhecimento, ele provavelmente tentaria atraí-la para a cama, e isso seria extremamente errado. Estaria bem de acordo, é claro, com a maneira como ele viveu e se conduziu por muitos longos anos. Mas agora? A terra tinha mudado em seu eixo quando Adeline morreu. Recentemente e por motivos que ele ainda não havia compreendido, havia mudado de novo.

— Você não é uma romântica, Viola — disse ele.

— Não é romance que você tem em mente — ela disse a ele.

— Não. — Ele esfregou a ponta do polegar ao longo dos lábios dela. — Mas, independentemente disso, você está segura. Meus filhos estão abaixo deste teto. Então tem os seus. E seus netos, um dos quais eu conheci em um corredor no andar de cima esta manhã. Uma criança extraordinária. Ela se apresentou como Winifred Cunningham, referiu-se a você como Marquesa de Dorchester, apertou minha mão com a dignidade de uma viúva e me informou que estava rezando pela felicidade de sua avó e pela minha própria.

— Winifred é dada à fuga ocasional de piedade — disse ela. — Ela é uma criança muito querida.

— Ela perguntou se poderia usar minha biblioteca — disse ele. — Quando a informei que, ao meu conhecimento e arrependimento, não havia livros para crianças, ela me disse que tudo estava bem. Ela havia lido recentemente "O progresso de um peregrino" e agora se sentia pronta para enfrentar qualquer coisa

no reino literário. Ela também poderia ter sido minha neta se eu tivesse casado com você.

Ele desejou que não tivesse dito isso. Bom Deus, por que ele tinha? E por que ele sentiu um desejo súbito por isso? Por quê? Foi um erro vir aqui. Mas é claro que sim. Ele nunca pensara o contrário. Esse era todo o problema, na verdade. Ele não havia pensado.

— É melhor eu ir — disse ele.

— Sim.

Então é claro que ele não se mexeu. Ele suspirou em seu lugar.

— Viola — disse ele. — Eu desejo a Deus que isso não tivesse acontecido. — Ele não especificou o que quis dizer com isso. Ele não se conhecia. Seus dedos deslizaram através de seu cabelo para a parte de trás de sua cabeça e sua outra mão foi sobre sua cintura, enquanto seus próprios braços vieram sobre ele. E ele a beijou. Ou ela o beijou.

Eles se beijaram.

Por longos e intemporais momentos. Profundamente, suas bocas abertas, seus braços como partes apertadas uma sobre a outra. Como se estivessem tentando se fundir um no outro ou em alguma terceira entidade que não era nem um nem ambos e sim algo exclusivamente uno. Quando ele recuou, ela olhou como ele se sentia, como se ela estivesse subindo para a superfície de algum elemento de profundidade profunda.

— É uma triste contrariedade da raça humana — disse ele, — esse desejo muitas vezes permanece mesmo depois que o amor se foi. E sim, é uma enorme bênção que inúmeros parentes estejam sob esse teto conosco.

… *depois que o amor se foi*. Ele já havia falado mais palavras asininas? E ele acreditaria se dissesse isso com frequência suficiente?

Ele pegou a mão dela e levou-a aos lábios, fazendo uma profunda reverência ao fazer isso.

— Boa noite, Viola — disse ele. — Você tem apenas algumas horas para suportar até que seja adeus.

Ele se virou e saiu do quarto, mantendo a porta fechada atrás de si como se alguma força estivesse tentando abri-la e tentando-o além de sua resistência.

Você tem apenas algumas horas para suportar até que seja adeus. Bom Deus, essas horas não podiam passar rápido o suficiente para ele.

Era, ele supunha, justiça poética que ele havia se apaixonado por uma mulher que não queria nada dele. Ele tinha certeza de que merecia cada momento de miséria que estava prestes a suportar. No entanto, ele passaria por isso. Ele tinha muito a fazer, muito com o que se distrair.

Para começar, ele tinha dois filhos…

Ele iria, então, e começaria a seguir em frente. Então, é claro, ele se virou, abriu a porta de novo, entrou e fechou-a atrás de si.



Viola estava segurando a bolsa rosa de joias baratas contra a boca, os olhos bem fechados, lutando contra uma desolação tão poderosa que parecia realmente uma dor física. E então ela abriu os olhos abruptamente e virou a cabeça. Ela sentiu uma onda de fúria. Ah não, ele não poderia fazer isso com ela. Com certeza…

— Nós éramos terríveis, horrivelmente jovens — disse ele. — Nós estávamos apaixonados e balançando com as estrelas na metade do tempo e brigando na outra metade como um par de… — Ele serrou o ar com uma mão. — Como um par de… quê? Me ajude aqui.

— Marcel — ela disse, — do que você está falando? — Ela sabia, no entanto. Mas por que agora? Ele atravessou o quarto, empurrou as cortinas e ficou olhando pela janela — na escuridão total.

— Você queria saber — disse ele. — Eu vim para lhe contar. Ela tinha dezoito anos quando nos casamos. Eu tinha vinte anos. Deveria haver uma lei. Nós não estávamos mais prontos para o casamento do que… do que… Eu estou tendo problemas com analogias hoje à noite. Nós éramos crianças, crianças selvagens e indisciplinadas. Teríamos nos estabelecido em um relacionamento maduro com o tempo? Eu nunca saberei. Ela morreu quando tinha vinte anos. Eu a matei. Adeline.

Ela largou a bolsa na beira da cama e se sentou ao lado dela. Ela cruzou as mãos no colo. Ele estava certo. Ela queria saber. Agora parecia que ela saberia.

— Eu adorava meus filhos desde o momento de sua concepção — ele disse, — ou a partir do momento em que ela me disse que os estava esperando, suponho que seria mais preciso. Não que soubéssemos na época que haveria dois. Não suspeitamos disso até quase meia hora depois do nascimento de Estelle. Eu tive uma filha e um filho todos dentro de uma hora e eles eram vermelhos, enrugados, feios e estridentes e ainda assim eu me senti no céu. Nós dois os adorávamos. Nós os abraçávamos e brincávamos com eles e os ensinávamos a gargalhar. Nós até trocávamos algumas roupas encharcadas. Mas éramos crianças inquietas e irresponsáveis. Logo estávamos de volta à nossa agitada vida social, dançando, bebendo, participando de festas até tarde da noite. Não importava, claro. Contratamos uma babá competente e poderíamos deixar as crianças sob seus cuidados sempre que tivéssemos coisas melhores para fazer do que ser seus pais.

Ele apoiou as mãos no peitoril da janela e encostou a testa no vidro. As mãos de Viola se apertaram no colo.

— Eles estavam com dentição há algum tempo — ele disse —, normalmente um ou outro deles estaria chorando, mas não os dois juntos. Naquele momento em particular, os dois estavam e a babá tinha passado muitas noites seguidas acordada com eles. Quando voltamos tarde de um baile, Adeline foi para a cama enquanto eu fui espiar no berçário. Eu deveria tê-la seguido imediatamente. Nós estávamos nos sentindo… amorosos. Mas as pobres coisinhas estavam sofrendo, e a babá estava pálida e com olhos pesados e admitiu quando eu a pressionei que ela tinha uma dor de cabeça estridente. Eu diria que foi causado por exaustão. Eu a mandei para a cama. Quando Adeline veio me encontrar, eu a mandei embora também. Ela estava furiosa comigo — e com a babá por ter ido se deitar. Ela voltou ao amanhecer quando eu ainda estava no berçário. Eu tinha acabado de fazer os dois dormirem, um em cada ombro, e fiquei me perguntando como eu ousaria tentar colocá-los no berço. — Viola abriu os dedos no colo e olhou para eles quando ele parou. Ele não recomeçou sua história por algum tempo.

— Ela ainda estava furiosa — disse ele. — Ela me disse que não dormira nada e ia dispensar a babá assim que a manhã chegasse. Eu disse a ela em um sussurro para não ser ridícula e para se calar, e ela veio correndo até mim, toda

indignada, pegou Estelle dos meus braços e a colocou no berço. Para ser justo, eu não havia falado muito bem com ela, embora tivesse sussurrado. Estelle acordou, claro, e começou a chorar de novo, e então Bertrand acordou e começou a chorar também. E quando Adeline tentou arrebatá-lo para longe de mim, eu… — Ele parou por um momento e deu um suspiro audível. — Eu a empurrei com a mão livre e ela tropeçou para trás e… e acho que ela tropeçou na bainha de seu roupão e tentou apoiar-se contra a parede. Só que a janela estava lá e estava aberta. Eu a abri antes porque as crianças estavam febris — embora tanto a babá quanto Adeline desaprovassem fortemente o ar fresco em tais circunstâncias. Ela… — Ele parou de novo para respirar irregularmente. — Eu tentei alcançá-la. Eu tentei agarrá-la, mas ela se foi. Eu não sei o que fiz com Bertrand. Não sei como desci as escadas e saí no terraço. Eu não sabia quem estava gritando. Acho que pensei que fosse ela até perceber que ela não podia gritar porque estava morta.

— Marcel. — Viola estava de pé, embora não se aproximasse dele. Sua cabeça se afastou da janela como se tivesse acabado de perceber que ele tinha uma audiência.

— Não me lembro muito das próximas horas ou dias — disse ele. — Não me lembro de quem me afastou dela. Eu me lembro de sua irmã vindo e meu cunhado — Jane e Charles. Não consigo lembrar o que eles disseram para mim, embora eles tenham dito muito. Eu me lembro do funeral. Minha mãe estava lá — ela ainda estava viva naquela época — e meu irmão e minha irmã, embora ainda fossem muito jovens. Não me lembro de sua partida, ou se, de fato, eles partiram antes de mim. Lembro-me de não ousar chegar perto dos bebês, para não perder a paciência com eles e prejudicá-los também. Não me lembro de partir. Eu me lembro de ter ido embora. E permanecer desaparecendo.

Viola havia fechado a distância entre eles e pôs a mão nas costas dele. Ele não se virou.

— Marcel — ela disse, — foi um acidente.

— Eu causei a morte dela — disse ele. — Eu abri a janela. Eu a empurrei para longe de mim. Se eu não tivesse tomado nenhuma dessas ações, ela não teria morrido. Ela ainda estaria viva. Meus filhos teriam crescido com os pais. Tudo isso não teria acontecido. Eu não teria causado a você um embaraço inexprimível.

Ele se virou e olhou para ela, seu rosto duro e sombrio à luz das velas. Ele estava se culpando todos esses anos pelo que tinha sido essencialmente um acidente. Sim, ele havia empurrado a esposa, e nunca houve uma desculpa real para isso. Mas a punição dele era vasta e consumia tudo. Ele havia se julgado o único responsável pela morte de sua esposa e por privar seus filhos de sua mãe. E assim ele também os privou de seu pai, o homem tolo. Ele havia cortado seu coração e se tornado o homem que a sociedade conhecia e ela conhecera.

— Eu quero que você me prometa uma coisa — disse ela.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não. — Ela franziu a testa. — Eu não quero uma promessa. Apenas uma… garantia de que você vai pensar seriamente em algo. Se nada tivesse acontecido naquela manhã, a briga entre vocês teria sido esquecida há muito tempo, substituída por camada após camada de outras memórias. Você não era culpado, Marcel, exceto por empurrar sua esposa para fora do caminho. As consequências catastróficas foram imprevisíveis e bastante acidentais. Você não pretendia que ela morresse ou se machucasse. Eu quero que você se perdoe.

— E viver feliz para sempre, suponho. — Um canto da boca ergueu em uma paródia de um sorriso.

— Perdoe-se — disse ela. — Por causa de seus filhos.

Eles se olharam por alguns instantes e ela se perguntou por que diabos isso estava acontecendo. Por que ele a libertou esta noite se isso acontecer? O que isso significa? Ela supunha que não significava nada além de uma certa necessidade nele para se aliviar. Mas por que ela?

— E quero que você me prometa uma coisa — ele disse, — ou não prometer. Apenas para pensar seriamente. Você aprendeu quando era muito jovem e se casou com um canalha para suprimir o amor. Não para matá-lo, mas para empurrá-lo profundamente. Você ama seus filhos muito mais do que eles provavelmente imaginam. Por duas breves semanas em Devonshire você se permitiu uma escapada temporária, mas agora você tem o comando de si mesma novamente. Eu quero que você pense… em amar, Viola. Sobre permitir-se amar um homem que vai amá-la em troca. Existe um homem assim para você. Você o encontrará se permitir.

Ela olhou para ele com espanto.

— Isso — disse ela, — de você?

— É tão suspeito quanto toda a sabedoria que Polonius derramou a seus filhos, devo admitir — disse ele. — Sabedoria de um homem tolo. Mas foi sabedoria, no entanto. Shakespeare talvez fosse um homem perceptivo — e eu dificilmente sou a primeira pessoa a notar isso.

Ele estava se referindo a Hamlet. E ele estava zombando de si mesmo. E certamente ela também — *existe tal homem para você. Você o encontrará se permitir. Eu quero que você pense em amar… Um homem que vai te amar de volta.*

Ele pegou a mão direita dela, levantou-a brevemente para os lábios, soltou-a e passou por ela e saiu do quarto sem outra palavra. Ele fechou a porta silenciosamente atrás de si.

Viola voltou-se cegamente para a cama e pegou a sacola rosa para segurar sua boca novamente. Se fosse possível sentir-se mais infeliz, ela não queria saber disso.

VINTE E UM

Foi na primeira meia hora, Viola não podia fazer nada a não ser aspirar ar para dentro de seus pulmões e expulsá-lo repetidas vezes. Se ela não se concentrasse em respirar, sentia que simplesmente se esqueceria de fazê-lo — ou talvez se sentisse tentada demais a esquecer. Se ela observasse sua respiração, contasse sua respiração, mantivesse os olhos no cenário que passava pela janela da carruagem, talvez ela fosse capaz de colocar distância suficiente entre ela e… e o quê? Mas ela não deixaria sua mente procurar a palavra apropriada. Havia apenas a sensação de que, se ela permitisse que a distância suficiente passasse, tudo ficaria bem de novo.

Abigail, olhando pela janela ao seu lado, estava misericordiosamente silenciosa. Foi estranho. Ninguém em sua família parecia saber se eles ficariam um dia ou dois mais como originalmente planejado ou se seguiriam imediatamente depois dela. Sua saída antes de qualquer um deles deve ter parecido incrivelmente mal-educada, já que ela era a razão para estar lá. Mas ela não podia se preocupar com isso. Ela parecia ter estabelecido o hábito ultimamente de ir embora, quando deveria ficar, e de infligir uma enorme dor a si mesma e àqueles cujo maior pecado era amá-la. Ela apertou a mão de toda a família de Marcel e agradeceu-lhes pelo acolhimento que haviam feito. Bertrand a surpreendeu beijando-a no rosto. Estelle abraçou-a com força e ficou sem palavras por vários momentos antes de fazer o mesmo com Abigail.

Viola tinha abraçado sua própria família em meio a alvoroços e despedidas excessivamente alegres. Sarah a beijou nos lábios, os seus próprios pequeninos franzidos. Winifred abraçara com força e levantou um rosto claro e brilhante.

— Eu queria falar sobre o início de Robinson Crusoé, vovó — disse ela. — Mas talvez no Natal eu possa falar sobre o livro todo. Todos nós vamos no Natal para a casa da prima Wren.

— Ou você poderia escrever para mim depois de cada capítulo. — Sugeriu Viola.

— Mamãe diz que eu tenho melhor caligrafia do que ela. — Winifred respondeu. — Mas eu não acho que isso seja correto, pois o dela é perfeito. — Jacob franziu a testa e bufou.

Marcel não aparecera na mesa do café da manhã ou durante toda a agitação da partida que se seguiu. Viola quis que ele ficasse fora de vista até depois que ela fosse embora. E ela havia lutado contra o pânico com a possibilidade de que ele fizesse exatamente isso. Ela e Abigail tinham estado dentro da carruagem, a porta fechada, o cocheiro subindo até a boleia, quando ele finalmente apareceu no topo dos degraus sob o pórtico — remoto, austero, imaculadamente elegante. Ele não havia descido apressadamente os degraus para despedir-se dela. Em vez disso, encontrando seus olhos pela janela, ele inclinou a cabeça, levantou a mão direita não exatamente ao nível de seu ombro e desviou o olhar para dar ao cocheiro o sinal para sair. E isso tinha sido isso. Aquilo foi aquilo. Inspire, expire, observe as milhas passarem. Casa e segurança esperavam e corações partidos emendados. De fato, era um conceito bobo — um coração partido. Era tudo sentimentos e sentimentos estavam todos na cabeça. Não havia realidade para eles. A realidade era sua vida cotidiana, seus amigos, sua família, suas muitas e muitas bênçãos.

Harry. Ela engoliu em seco e se perguntou se havia uma carta dele. E, finalmente, depois de meia hora, ela soltou sua concentração e respirou, confiando nela para cuidar de si mesma. Ela virou a cabeça para olhar para Abigail.

— São os jovens cujas vidas devem ficar tumultuadas uma ou duas vezes antes de se estabelecerem — disse ela. — São eles que supostamente precisam do conforto tranquilo da sabedoria de uma mãe. Nossos papéis parecem ter sido revertidos ultimamente. Eu sinto muito, Abigail. Eu farei melhor. É bom estar indo para casa, não é? — Ela pegou a mão da filha.

— Eu pensei que você o amasse. — disse Abigail. — Eu pensei que ele amava você. Talvez eu seja muito romântica.

— O que eu sou é egoísta — disse Viola. — Sua vida teria passado por uma grande reviravolta mais uma vez se eu realmente estivesse falando sério sobre o casamento.

— Sim. — Abigail franziu a testa. — Mas, mamãe, uma mulher não tem filhos para desistir de sua vida e felicidade por causa deles, não é? Por que é egoísta ela querer viver também? — Viola apertou a mão dela.

— Você vê o que quero dizer sobre nossos papéis se revertendo? — Ela disse.

— O ponto é, — disse Abigail, — que Camille encontrou seu próprio caminho para frente. Vovó e eu ficamos horrorizadas quando ela decidiu trabalhar como professora no orfanato, e ficamos ainda mais perturbadas quando ela decidiu ir morar lá. Mas ela encontrou seu caminho sozinha. Ela encontrou Joel, Winifred e Sarah, e ela teve Jacob e, mamãe, acredito que ela é tão feliz quanto possível em uma vida que está sempre mudando.

— Você está dizendo que eu não sou tão importante quanto às vezes penso que eu sou? — Viola perguntou com tristeza. — Mas você está certa. Harry escolheu uma carreira militar e Avery tornou isso possível para ele, comprando sua comissão.

— Oh, você é mais importante do que qualquer coisa. — Abigail murmurou. — Mas como mãe. Tudo o que queremos é o seu amor, mamãe e a chance de amar você. Nós devemos fazer a nossa vida nós mesmos, assim como você sempre fez, e como eu espero que você sempre faça.

Viola suspirou.

— Mas e você, Abby? — Ela perguntou. — Você foi privada da chance de fazer sua estreia durante uma temporada de Londres e da chance de fazer um casamento adequado. Você era…

— Mamãe — disse Abigail, — não sei qual será minha vida. Mas eu sou aquela que deve e vai viver isso. Eu não espero que você organize isso para mim ou tome decisões e planos para mim ou por mim… ou nada. É a minha vida e você não deve se preocupar.

— Você pode mais facilmente me fazer parar de respirar — disse Viola, e sorriu. Abigail sorriu de volta, e por alguma estranha razão elas acharam suas palavras incrivelmente engraçadas e riram até que as lágrimas rolaram por suas bochechas.

— Mamãe — perguntou Abigail, secando os olhos com o lenço, — você o ama?

Viola conteve a resposta fácil que ela estava prestes a dar. Ela suspirou enquanto colocava seu próprio lenço em sua bolsa.

— Sim, eu amo — disse ela. — Mas isso não é suficiente, Abby. Ele não me ama, ou, pelo menos, não de maneira alguma que permita um relacionamento duradouro. Ele não é o tipo de homem que pode se contentar com qualquer coisa ou com qualquer uma. Ele já foi, talvez, uma vez, mas ele mudou depois da morte prematura de sua esposa, e muito tempo passou para permitir que ele mudasse de volta ou mudasse de maneira essencial. Nós nunca esperamos a permanência, você sabe, quando decidimos ir juntos por uma semana ou duas. Eu precisava… escapar por um tempo, e ele está sempre pronto para uma aventura que lhe trará algum prazer. Como ele disse ontem à noite, eu já tinha decidido voltar para casa e teria feito isso sem confusão ou incômodo se você não tivesse aparecido na casa de campo com Joel, Elizabeth e Alexander.

— Estou triste — disse Abigail.

— A vida às vezes é triste, não é? — E por alguma razão absurda elas acharam essa observação engraçada também e começaram a rir de novo, mas com certa tristeza desta vez.



O mais estranho, Marcel descobriu ao longo dos meses seguintes, foi que ele não se sentiu tentado a fugir para Londres e a sua antiga vida ou a aceitar qualquer um dos convites que recebia para se juntar a festas na cidade ou festas campestres ou, em por exemplo, uma orgia descarada na cabana de caça de um conhecido dele — *na companhia de apenas as moças mais adoráveis, mais sedutoras e mais talentosas, Dorchester. Você deve vir, velho amigo.*

Todos os convidados partiram dentro de dois dias da festa, incluindo Annemarie e William.

— Eu devo confessar a você, Marc — Annemarie disse a ele em particular, — que eu não sou muito fã de Isabelle, e acho que Margaret é insípida demais para ser uma noiva em dezembro. E se eu tiver que dar mais desculpas para evitar as orações matinais com Jane, esquecerei minhas boas maneiras e darei a ela uma

resposta verdadeira. Embora o que ela tenha feito esplendidamente com os gêmeos, devo confessar. Bertrand é um material de sonho para todas as jovens que chegarão ao mercado dentro de cinco ou seis anos. E Estelle vai ser uma beleza depois de tudo. Eu não penso assim por muito tempo — ela era todos os olhos, cabelos e dentes grandes demais para o rosto. Ela fez um trabalho magnífico com a festa, graças ao treinamento de Jane. Ela vai ter pretendentes na porta da sua casa assim que for liberada pela sociedade. Na próxima primavera, será isso?

— Ela diz que não está com pressa. — Marcel disse a ela. — Eu vou permitir que ela decida. Não tenho pressa em me livrar dela.

— Você vai permitir? — Ela disse levantando as sobrancelhas. — Não Jane?

— Eu vou ficar aqui — ele disse a ela.

— Oh, por quantas semanas? — Ela riu. — Ou dias? Eu vou começar a contar.

André saiu alguns dias depois de todo mundo.

— Eu não vejo por que você não vem comigo, Marc — disse ele. — Se eu tivesse que ficar aqui mais um dia, estaria subindo em árvores para aliviar meu tédio.

— Mas ninguém está forçando você a ficar mais um dia — respondeu Marcel. — Ou até o meio-dia.

— Oh, eu vejo — disse seu irmão. — Você está falando sério sobre ficar. Vou lhe dar mais uma semana, Marc, e depois espero ver você em Londres. Você já ouviu falar sobre o novo bordel em…

—Não — disse Marcel. — Eu não ouvi.

— Bem — André sorriu. — Você nunca teve necessidade de bordéis.

Não, ele nunca teve. E nunca teria. Ele duvidava que fosse precisar de outra mulher, mas esse era um pensamento um tanto imprudente, provocado, sem dúvida, pelo sentimento incrivelmente chato e pesado com o qual seu último caso o deixara. Maldita Viola Kingsley — o que era grosseiramente injusto da parte dele, mas na privacidade de sua própria mente ele a amaldiçoou de qualquer maneira.

Ele passou os dois meses resolvendo os tópicos indiferenciados de sua vida. Ele deu liberdade à tia, à prima e à filha para planejar o casamento — com uma condição. Sob nenhuma circunstância ele deveria ser incomodado por qualquer

um dos detalhes. Além disso, ele disse a eles, depois do casamento, no início de janeiro, o mais tardar, que iriam se retirar para a casa do dote. Mais uma vez, eles teriam liberdade para prepará-la, a carruagem e os estábulos para o seu conforto, mas o movimento deve ser feito.

Nenhum deles argumentou.

Ele teve uma conversa com Jane e Charles e sugeriu que eles pudessem finalmente retomar suas próprias vidas, agora que os gêmeos eram mais ou menos adultos e ele morava em casa com eles. Jane parecia cética.

— Mas por quanto tempo vai ser, Marcel — ela perguntou, — antes de você ir embora novamente?

— Eu não tenho tais planos — disse ele. — Mas se e quando eu fizer, então Estelle e Bertrand irão comigo.

Os inquilinos que haviam arrendado sua própria casa nos últimos quinze anos haviam se mudado recentemente. A verdade era que, Jane confessou, eles estavam ansiosos para voltar para casa e só tinham permanecido porque sentiram que seu primeiro dever era para os filhos de Adeline.

Toda a situação se resolveu facilmente e amigavelmente dentro de algumas semanas. Ellen foi com eles. Marcel suspeitava que ela escolheria permanecer em casa como o sustento e a permanência de seus pais na velhice, embora isso fosse de alguma forma no futuro ainda. Oliver não foi. Marcel avisou seu administrador, que deveria permanecer em sua cabana à beira da propriedade com uma pensão generosa. E, antes de enviar um pedido a seu advogado em Londres para que este encontrasse um substituto, Marcel ofereceu o emprego ao sobrinho. Oliver, que era eminentemente adequado ao trabalho e que, durante a festa de aniversário, Marcel havia observado ser doce com a filha de um cavalheiro vizinho, aceitou. Bertrand ficou feliz com isso. Ele obviamente olhou para seu primo mais velho como uma espécie de modelo.

Marcel tentou assumir o papel de pai. Não foi fácil. Ele tinha muito pouco a ver com a educação de seus filhos e não queria ser intrometido demais agora. Por outro lado, ele não queria parecer distante ou indiferente. Ele não sabia se o amavam ou até gostavam dele, e estava bem ciente de que ele também não ganhara. Mas graças a Jane e Charles, eles não eram abertamente hostis nem rebeldes. Eles haviam sido criados para ser uma dama e um cavalheiro, e isso era

exatamente o que eles eram. Eles eram invariavelmente corteses e respeitosos com o homem que era seu pai, mesmo que ele não tivesse direito real ao nome de pai.

Isso levaria tempo. E ele daria tempo. Às vezes, ficava intrigado por estar disposto a permanecer e tentar. Como poderia toda a sua visão sobre a vida ter mudado tão radicalmente e tão completamente em tão pouco tempo? Aconteceu dezessete anos atrás, é claro, mas havia uma razão definida e catastrófica. Mas desta vez? Só porque ele se apaixonou e não teve a chance de partir de novo antes de se cansar dela? Tal noção era ridícula.

Mas seu coração doeu um pouco. Bem, muito se ele fosse ser honesto consigo mesmo.

No geral, era mais fácil não ser honesto.



Apesar de todo o tumulto dos últimos meses, Viola rapidamente se estabeleceu em sua antiga vida e tornou-se seu antigo eu novamente. A necessidade de fugir, de fugir a todo custo, a deixara — e ela estava um pouco deprimida. Pois o que mudou? Toda a transformação teria realizado alguma coisa? Ela talvez tenha provado a si mesma que poderia ser ousada e desafiadora, aventureira e apaixonada. E feliz. Mas agora ela havia sido pega no retorno do pêndulo, como era inevitável. Lembrou-se de Marcel dizendo que o que subia tinha que descer.

Ela tentou não pensar em Marcel.

Ela se misturava com vizinhos e amigos. Ela trabalhou com o vigário e algumas outras senhoras para organizar uma festa de Natal para as crianças. Ela costurou e bordou e pintou e escreveu cartas e leu e andou, dentro do parque, ao redor da casa e ao longo das pistas do campo. Ela começou a tocar o piano novamente depois de negligenciar isso por alguns anos. Ela organizou festas de chá para Abigail e seus jovens amigos e várias vezes tocou para eles na sala de música enquanto dançavam.

Ela dormiu mal. Ela conseguia disciplinar sua mente durante o dia e mal pensava nele mais do que uma ou duas vezes por hora — e então apenas fugazmente até perceber onde seus pensamentos estavam vagando. À noite,

quando sua mente relaxava, era mais difícil impedir que as lembranças fossem inundadas. E não era apenas a mente dela que as lembranças atacavam, mas também o corpo dela e suas emoções. Ela sofria e ansiava pelo que havia encontrado durante aquelas semanas. Mas não apenas pelo que ela havia encontrado. Ela ansiava por quem ela havia encontrado.

Tinha sido difícil se recuperar quatorze anos atrás, quando ela era uma mulher jovem e infeliz. Mas, pelo menos, ela só estava apaixonada por ele. Ela não o amara. Ela não o conhecia em nenhum dos significados da palavra. Levou muito tempo para esquecer de qualquer maneira. Levaria mais tempo agora. Ela entendeu isso e partiu para ser paciente consigo mesma.

Suas roupas começaram a ficar um pouco mais soltas sobre ela, mas, pelo menos, isso foi um efeito positivo de mágoa. Ela pretendia, por algum tempo, perder um pouco de peso, recuperar o valor que sempre tivera até que seus ciclos pararam dois anos atrás. E ela estava indo para Brambledean para o Natal. Ela se sentiu obrigada a ir — pelo amor de Abigail e pela de sua mãe, de Michael e de Mary. Eles se sentiriam constrangidos se estivessem lá. E é claro que todos haviam escrito — como ela escrevera para todo mundo — e todos, sem exceção, esperavam, imploravam ou a persuadiam a ir também. Ela se perguntou por que eles se incomodavam. Ela realmente não tinha tratado bem sua família desde a morte de Humphrey. E, embora fosse compreensível que eles fizessem concessões por um tempo, certamente deveria haver limites. Foi mais perto de três anos do que dois.

No entanto, devia parecer-lhes que ela ainda estava emburrada e se comportando de forma irregular e até descortês. E, bom Deus, os desonrou. Ela fora descoberta no meio de um caso com um homem que não era seu marido. O amor realmente não conhecia limites quando era amor verdadeiro? Foi realmente incondicional? Ela sentiu vergonha de algo que se lembrava de ter contado a Marcel um dia quando ele lhe perguntou o que ela mais queria na vida. Ela lhe dissera que queria alguém para cuidar dela — para ela, não apenas para a mãe, a filha ou a irmã ou qualquer outra coisa que pudesse ser colocada sobre ela. Ela estava envergonhada, pois eles haviam provado repetidamente, sua família, que se importavam de fato — por ela e um pelo outro.

O que Humphrey havia feito para destruir a estrutura da família não destruíra o que havia por baixo — amor puro e simples. Ela iria para Brambledean por gratidão e um amor de retorno. E porque sentia falta das crianças — Winifred, Sarah e Jacob. E até a Josephine de Anna e Avery. E Mildred e Thomas deviam trazer seus meninos, que ela não via há vários anos. Eles tinham sido garotinhos travessos então. Agora eles eram, aparentemente, grandes garotos, sempre se envolvendo em arranhões na escola e fazendo com que seus pais misturassem angústia e ira. Ela estava sentindo falta de Elizabeth com seu senso comum calmo e infalível e olhos brilhantes, e Wren, que tinha crescido como uma reclusa, seu rosto sempre velado para esconder a marca de nascença que cobria um lado dela, mas que encontrou a coragem de enfrentar o mundo e se apaixonar por Alexander. Ela estava sentindo falta da mãe e de Camille. E suas ex-cunhadas. Todos eles. Ela havia fugido do afeto sufocante de sua família há alguns meses. Agora ela estava pronta para abraçá-lo. Talvez alguma coisa boa tivesse vindo de todo o tumulto e mágoa.

Ela iria porque ela estava sozinha. Porque seu coração estava partido e ela não conseguia encontrar as peças para encaixá-las. Ela mostraria a todos que não era nem solitária, nem doente. Eles se preocupavam com ela. Ela mostraria a eles que eles não precisavam, que ela estava bem.



Marcel estava na casa de barcos perto do lago, olhando para os dois barcos a remo no interior. Não foi uma visão feliz.

— Eles parecem que não foram usados neste lado da virada do século — disse ele.

— Eu não sei. — Bertrand disse a ele. Marcel se virou para olhá-lo.

— Nunca quis usá-los você mesmo? — Ele perguntou.

— Tia Jane achou que não seria sensato, senhor — respondeu o filho. Jane não permitia muito que fosse alegre para a vida de seus filhos, parecia. Todos os dias ele descobriu mais exemplos. Não que os gêmeos tenham reclamado. Eles eram jovens surpreendentemente dóceis — com exceção da grande fúria e rebelião de Estelle e da jornada épica para Devonshire. Ele se perguntou agora, com a sensação de que havia explodido os limites de uma vida inteira de treinamento.

Ela deve ter ficado muito zangada mesmo com ele. Um sinal promissor? Não havia muitos desses sinais de nenhum deles, embora fossem as crianças mais obedientes que qualquer pai poderia pedir.

— Deixe-me adivinhar — disse ele. — Era porque Estelle era uma garota delicada e você era o herdeiro.

— Bem, eu sou o herdeiro. — Bertrand disse se desculpando. — O único, senhor.

— Minha culpa, suponho — resmungou Marcel. — Sim, minha culpa. Talvez você fosse tão perfeito, Bertrand, que eu não acreditasse que você pudesse ser replicado.

— Eu não sou perfeito — disse seu filho com uma carranca.

— Para mim você é — disse Marcel. — Eu terei essas vistas a tempo para o verão do próximo ano. Vou testá-los eu mesmo antes de permitir que você reme para as margens do lago. Se eu afundar e não deixar nada além de uma bolha atrás, pelo menos eu deixarei um herdeiro também.

Bertrand pareceu ligeiramente chocado. Estelle, que veio parar na porta, deu uma risadinha. Sim com certeza. Ela não apenas sorriu. Ela riu. Era música para os ouvidos do pai dela. E Bertrand, depois de olhá-la, também riu.

— Eu diria que você pode nadar, senhor — disse ele.

— Sim, eu acho que posso. — Marcel concordou.

Eles continuaram em sua caminhada à margem do lago. Ele tentava passar o tempo com eles todos os dias e sentia algum alívio em seu relacionamento muito formal. Bertrand ficara quase entusiasmado quando soube que seu pai não passara todo o tempo em Oxford, mas que na verdade ganhara um diploma de primeira classe. Estelle inicialmente parecia duvidosa quando ele sugeriu que eles convidassem alguns jovens para a casa ocasionalmente. Aparentemente, Jane acreditava que o filho e a filha do Marquês de Dorchester deviam manter-se afastados de uma companhia inferior. Talvez agora eles tivessem quase dezoito anos, sugeriu Marcel, e suas personalidades estivessem completamente formadas, eles poderiam relaxar um pouco essa regra. Estelle estava em êxtase. Até mesmo Bertrand parecia satisfeito.

— Minha irmã ficará feliz, senhor — dissera ele. — Ela gosta de companhia. Eu também, — ele adicionou após uma breve pausa. Marcel parou no banco

abaixo da casa do dote e ficou olhando para ele — especificamente na grande janela da sala de visitas, atrás da qual ele esteve com Viola. Ele determinadamente evitou pensar nela — exceto quando as memórias se aproximavam dele inconscientemente, o que era muito frequentemente para a sua paz de espírito. Seu filho e filha tinham parado em ambos os lados dele.

— Ela vai a Brambledean Court no Natal — disse Estelle, tirando a atenção das lembranças. Ele olhou bruscamente para ela. — Em Wiltshire — acrescentou ela. — A casa do Conde de Riverdale. Ela está indo para o Natal.

— De fato? — Ele disse. Seria tolice perguntar quem ela era. Seu tom era deliberadamente gelado. Ele não queria ouvir mais.

— Sim — ela disse. — Abigail me disse isso. — Ele se virou para caminhar, mas ela não se mexeu. Bertrand também não. — Eu escrevo para ela e ela sempre responde — disse Estelle. — O mesmo acontece com Jessica. — *Jessica*. Ele teve que pensar por um momento. Ah, sim, ela era a jovem prima e amiga de Abigail — Lady Jessica Archer, meia irmã de Netherby.

— Ela está infeliz — disse Estelle.

— Jessica? — Ele disse. — Abigail? — Ele não queria essa conversa.

— Srta. Kingsley — disse Estelle. — Ela não vai admitir isso, diz Abigail. Ela é sempre determinada, alegre. Mas ela perdeu peso e tem círculos escuros sob os olhos.

Ele se virou para ela.

— E de que interesse possível isso pode ser para mim, mocinha? — Ele perguntou. — Qual é a infelicidade dela para mim? Ela não queria se casar comigo. Ela teria ficado feliz o suficiente para me deixar lá em Devonshire antes de você nos descobrir. Ela estava feliz o suficiente para sair daqui. Ela saiu antes de qualquer um dos outros membros da família, se você se lembra. Ela não podia sair daqui rápido o suficiente. Seu humor e seus planos para o Natal não são motivos de preocupação para mim. Isso é claramente entendido?

O rosto dela empalideceu e o lábio inferior tremeu, e ele quase esperou que ela desmoronasse em um amontoado a seus pés. Ela não fez isso.

— E você também está infeliz — disse sua filha.

— Que diabos? — Ele olhou para ela.

— É verdade, senhor — disse Bertrand atrás dele. — Você sabe que é. E nós sabemos disso. E um bom cavalheiro não blasfema na audição de uma dama.

Que diabo? Marcel girou em seu filho.

— Você está certo — ele disse secamente. — Minhas desculpas, Estelle. Não vai acontecer novamente.

— Você está parecendo quase magro — disse Bertrand. — E você anda sozinho e fica acordado metade da noite e se levanta antes de qualquer outra pessoa.

— Que diabos? — Marcel franziu a testa ferozmente para o filho. — Não é permitido a um homem fazer o que ele quer em sua própria casa sem ser espionado por seus filhos? Eu imploro seu perdão, Estelle. Não vai acontecer novamente. Talvez eu sempre tenha andado, andado e acordado até tarde e acordado cedo. Você já pensou nisso? Talvez seja o jeito que eu gosto de viver.

— Talvez você queira voltar para sua própria vida — Bertrand disse, — e é por isso que você é tão infeliz. Mas Stell e eu não achamos isso, senhor. Achamos que é por causa da Srta. Kingsley. E achamos que ela está infeliz por sua causa.

— E… — Ele olhou incrédulo de um para o outro deles. — E você acha que deveria nomear-se casamenteiro para o seu próprio pai.

Os dois olharam para trás, com olhares severos e idênticos em seus rostos. Bertrand falou primeiro.

— Alguém tem que, senhor — disse ele.

— Alguém tem que fazer isso? — Ele sentiu como se estivesse no meio de um sonho bizarro.

— Você vai arruinar a sua vida, papai — disse Estelle — e ela vai estragar a dela. Tudo porque vocês são muito teimosos para o seu próprio bem. Você já disse a ela que a ama, que quer se casar com ela?

— Eu apostaria que você não fez — disse Bertrand. — E você não pode esperar que ela diga primeiro, senhor. Nenhuma dama bem-educada faria.

Ou explodia com ira ou…

Marcel jogou a cabeça para trás e riu. Os lábios de Estelle se contraíram. Bertrand franziu a testa.

— E por que minha vida amorosa seria tão preocupante para meus filhos? — perguntou Marcel quando ficou sério.

Bertrand ainda estava franzindo a testa.

— Ainda somos crianças para você, não somos? — Ele disse. — Eu não estou preocupado com você ou mesmo muito interessado. Você pode voltar a Londres para tudo que eu me importo, ou onde quer que seja que você vá quando não está aqui. Você pode desperdiçar o resto da sua vida, tanto quanto eu estou preocupado. Você parece ser muito bom nisso. Eu queria que você fosse embora. Nós crescemos muito bem sem você, Estelle e eu. Podemos fazer o resto da nossa vida muito bem sem você também. Por que achamos que você se importava com a senhorita Kingsley ou com qualquer outra pessoa? Você não se importa com ninguém além de você mesmo, senhor.

— Bert. — Estelle chorou, e tentou pegar o braço dele. Mas ele se livrou do aperto dela e se virou para voltar para o caminho que eles tinham vindo. Por um momento, Marcel pensou que ela iria correr atrás dele, mas ele colocou a mão no braço dela.

— Deixe-o ir — disse ele. — Eu vou ter uma conversa com ele mais tarde.

Ela olhou para ele, seus olhos perturbados.

— Não temos memória de todo o nosso primeiro ano — disse ela, — embora tenhamos nos esforçados para colocar um rosto na mamãe das descrições de tia Jane. Nós tentamos lembrar de você também como você era então. É impossível, claro. Nós éramos apenas bebês. Mas sempre, até onde podemos lembrar, esperamos que você voltasse. Fique. Nós esperamos te amar. E para você nos amar. Ficamos intrigados e zangados, e nos dizemos a cada ano que não precisamos mais de você ou queremos que você volte para perturbar nossas vidas. Mas é o que sempre quisemos, papai. Talvez Bertrand mais que eu. Ele queria — não, ele precisava de um pai para admirar, para imitar, um pai para elogiá-lo e encorajá-lo e fazer coisas com ele e olhá-lo com orgulho. Ele sempre soube que se parece com você. Ele costumava ficar na frente de um espelho quando você estava aqui, tentando imitar sua postura, suas expressões faciais e seus maneirismos. Eu só queria um pai, uma espécie de rocha de força e confiabilidade. Tio Charles é um bom homem, mas ele nunca foi você.

Marcel estava desejando que ela tivesse ido atrás de seu irmão. A verdade estava começando a ser falada entre eles, mas era hesitante, difícil, necessária, dolorosa, cativante… Ele poderia continuar e continuar. Às vezes chegava a soltar

tudo em uma inundação, como agora com Estelle. Às vezes foi negado com alguma amargura, como há pouco com Bertrand. Mas ele aguentaria tudo se houvesse uma chance de recuperar seus filhos, totalmente indigno que ele fosse.

— Nós amamos você de qualquer maneira — disse Estelle. — Era algo que nunca poderíamos escolher fazer ou não fazer. É só… é. E nos chame de tolos se quiser, mas queremos ver você feliz.

—Eu nunca posso compensar os anos perdidos — ele disse, — mas vou tentar dar a você… agora. É tudo o que posso oferecer — agora enquanto do futuro nos é concedido. Estou feliz, Estelle, ou fui até quinze ou vinte minutos atrás.

— Não, você não estava — disse ela. — Na verdade não. Nós nunca seremos o suficiente para você, papai, assim como no tempo você não será o bastante para nenhum de nós. Eu não sinto nenhum desejo ardente por uma temporada ainda, mas, com certeza, irei com o tempo. Vou querer um marido e uma família e uma casa própria. E Bertrand vai querer uma esposa. Ele e eu nem seremos suficientes um para o outro, apesar de sempre termos sido e ainda somos. Queríamos que você fosse totalmente feliz, e nos parece que você desistiu da chance, porque pela primeira vez na sua vida você queria fazer algo nobre.

— Pela primeira vez na minha vida? — Ele levantou as sobrancelhas e ela corou.

— Sinto muito — disse ela. — Tenho certeza de que você deve ter feito outras coisas nobres. Mesmo quando você anunciou seu noivado em Devonshire, você estava sendo nobre.

Ele olhou para ela, essa sua filha que havia encontrado recentemente sua voz e revelou-se como uma jovem de firme caráter, princípios e considerável coragem. Ela floresceu diante de seus olhos.

— Vou lhe dizer isso, Estelle — disse ele. — Estou tão orgulhoso de você e Bertrand quanto qualquer pai poderia ser de seus filhos. Eu também direi a Bertrand. Mas… o que exatamente é que vocês dois querem que eu faça?

Ela sorriu para ele, uniu o braço ao dele e os virou na direção de casa.

— Eu suponho — disse ela, — que seja uma pergunta retórica, papai.

VINTE E DOIS

Viola e Abigail chegaram a Brambledean Court quatro dias antes do Natal. Tinham chegado mais cedo do que o planejado porque nuvens pesadas surgiram por alguns dias e o ferreiro, que tinha uma reputação na aldeia para prever o tempo com alguma precisão, havia previsto neve para o Natal e muito para depois disso. Brambledean era a principal sede dos Condes de Riverdale, mas Viola nunca havia morado ali como Condessa e, por isso, não sentia nenhum constrangimento em ir até lá agora.

Alexander e Wren estavam ocupados desde o começo do verão, reparando os danos que a negligência de anos causara ao parque e à casa, embora concentrassem a maior parte de seus esforços em restaurar as fazendas para a prosperidade e fazer reparos nos chalés dos operários. Ainda havia muito a ser feito. O parque parecia muito estéril, mesmo em dezembro, embora os gramados fossem limpos e muito parecidos com madeira morta, pareciam ter sido cortados de árvores e cercas vivas. O caminho de entrada havia sido ressurgido e os sulcos das rodas de anos se suavizaram. A casa ainda estava em mau estado, mas cortinas e almofadas tinham sido renovadas nos quartos principais e as paredes tinham sido pintadas ou forradas. Tudo brilhava com limpeza e doses liberais de polimento.

— Ainda não é uma peça de exibição — disse Wren enquanto ela os levava para seus quartos, apesar do aumento da gravidez. — Mas é aconchegante, ou assim nos dizemos. Está em casa. E agora terá uma espécie de inauguração de casa. Oh, estou tão feliz por vocês terem vindo. Meu primeiro Natal com Alexander não teria sido completo sem toda a família aqui.

Mas Harry estaria ausente, pensou Viola sem dizer as palavras em voz alta. Havia uma carta dele desde que ela voltou de Northamptonshire. Nela, ele desejara que ela fosse feliz em seu casamento, embora ele tivesse expressado o

desejo de ter sido capaz de interrogar o Marquês de Dorchester antes que o noivado se tornasse oficial. Lembrou-se dele como o Sr. Lamarr, mas enquanto ele e seus jovens amigos olhavam para ele com alguma admiração como um demônio — sua palavra exata — de um sujeito legal, ele não tinha sido o tipo de homem que um filho gostaria de ver sua mãe se casando. Não houve nenhuma carta dele desde então. Viola assumiu que seu filho expressaria algum alívio em sua próxima.

— Exceto Harry — acrescentou Wren. — Esperemos que as guerras terminem no próximo ano e que todos possamos estar juntos. Incluindo este bebê, — ela adicionou, acariciando seu abdômen.

Eles não foram os primeiros a chegar, embora fossem cedo. Althea e Elizabeth, mãe e irmã de Alexander, haviam chegado na semana anterior, e Thomas e Mildred, Lorde e Lady Molenor, haviam chegado no dia anterior com seus três filhos, que tinham sido libertados da escola para as férias — era assim que um deles descreveram sua presença para Viola de qualquer maneira. Ela os amava instantaneamente — Boris, de dezesseis anos, Peter, quinze anos, e Ivan, catorze. Eram rapazes educados e encantadores, que olhavam para ela como três barris de pólvora à espera de uma faísca para que pudessem explodir em atividade e malícia.

Camille e Joel chegaram no dia seguinte com a mãe de Viola e as três crianças. Sarah se apaixonou instantaneamente por Boris, que a ergueu para um ombro quase no mesmo instante em que seus pés estavam dentro da área das crianças e galopou pelo quarto com ela enquanto ela segurava o cabelo dele e gritava de medo e alegria. Winifred olhou para Ivan e informou-o de que ele era seu primo em primeiro grau, uma vez removido desde que ele era primo de sua mãe e que ele era quatro anos mais velho do que ela. Se ele dissesse a ela quando era seu aniversário, ela seria capaz de dizer a ele exatamente quantos meses a mais do que quatro anos. Ivan olhou para ela como se ela tivesse duas cabeças.

— Março, o vigésimo quarto — Peter disse a ela.

— O meu é o quinto de maio.

— E o meu é o 12 de fevereiro — disse Winifred. — Eu acho.

— Você acha? — Perguntou Ivan.

— Eu não tenho muita certeza. Eu era órfã antes que mamãe e papai me adotassem — explicou ela. — Eu estava em um orfanato. Papai cresceu lá antes de mim. E prima Anna.

— Realmente? — O interesse de Ivan havia sido capturado, e Viola voltou para a sala de estar para falar com sua mãe. A maioria dos outros convidados chegou antes de escurecer — e um inesperado no meio da noite, muito depois do anoitecer.

— Quem pode ser esse? — Matilda perguntou quando ouviram o inconfundível barulho de rodas no terraço abaixo da sala de estar.

— Espero que não seja Anna, Avery e Louise — disse a mãe. — O bebê já deveria estar na cama dela.

— E nunca é seguro viajar a qualquer distância depois de escurecer. — Acrescentou Matilda. — Certamente não são eles. Louise é sensata demais. Ou talvez estivessem com medo que nevasse e assim continuaram.

Alexander riu.

— Há uma maneira de descobrir — disse ele, ficando de pé. — Eu vou descer.

Ele voltou menos de cinco minutos depois com um único viajante, um jovem que entrou na sala um passo atrás, olhou em volta com entusiasmo e saudou a mãe, com os braços estendidos.

— Carruagens alugadas são uma abominação — disse ele. — Estou convencido de que todos os ossos do meu corpo estão em um lugar diferente de onde estava quando comecei.

Viola estava de pé sem qualquer consciência de como chegara lá.

— Harry! — Ela gritou antes de ser envolvida em seus braços e abraçou com força suficiente para espremer toda a respiração dela.

— Então — disse ele, olhando para ela enquanto o barulho e as exclamações de prazer irrompiam sobre eles, — onde está o noivo feliz?

Viola sentiu como se finalmente tivesse chegado ao fim de uma jornada tumultuada de quase três anos. Ela estava na sala de visitas de Brambledean no começo da noite, dois dias antes do Natal, cercada por sua família — toda a sua família, exceto pelas crianças muito novas, que estavam no andar de cima no berçário, e estava totalmente satisfeita. Ela testou a palavra feliz em sua mente, mas decidiu que contente era a melhor escolha.

O contentamento era uma coisa boa. Muito boa.

Finalmente, ela pôde aceitar com todo o seu ser que a família de Humphrey também era dela, embora o casamento deles nunca tivesse sido válido. Eles eram a família dela porque a haviam escolhido, não só durante os 23 anos em que realmente não tinham tido escolha, mas nos quase três anos desde quando poderiam tê-la deserdado. E finalmente ela os escolheu para ser sua família. Ela olhou em volta da sala de sua posição em um pequeno sofá ao lado de Althea, a mãe de Alexander.

Estavam todos aqui — os Kingsleys, os Westcotts e seus cônjuges e filhos mais velhos. Ivan e Peter estavam tocando um dueto de duvidosa distinção musical no piano, e Winifred estava inclinada sobre o instrumento em seus antebraços, observando suas mãos e fazendo sugestões que provavelmente eram inúteis quando batiam em uma de suas frequentes notas erradas ou contestavam as teclas do meio com algum trabalho de cotovelo afiado. A mãe de Viola e Mary conversaram com a mãe de Humphrey. Jessica e Abigail foram espremidas em outro sofá em ambos os lados de Harry, enquanto Boris estava empoleirado em um pufe na frente deles. Eles estavam todos absorvidos em algum conto que Harry estava contando. Camille e Anna tiveram suas cabeças juntas, falando sobre algo. Wren e Joel e Avery estavam conversando juntos. Foi, de fato, um caloroso encontro familiar. E havia até mesmo um membro da família estendida presente — Colin, Lorde Hodges, irmão mais novo de Wren, que morava a oito ou nove quilômetros de distância em Withington House, a antiga casa de Wren, onde Alexandre a conhecera há menos de um ano. Ele era um jovem de boa aparência,

bem-humorado que chamou a atenção de Abigail e Jessica no início do dia. Ele estava atualmente de pé junto à janela, conversando com Elizabeth, que estava sentada no assento da janela.

A sala estava ricamente decorada para o Natal e cheirava maravilhosamente a pinho. Alexandre e Thomas, lorde Molenor, tinham ido ao estábulo e à casa da carruagem depois do almoço para ver os trenós que haviam sido guardados durante anos para ver se poderiam ser usados se, de fato, acontecesse de nevar. A maioria dos outros saiu para colher vegetação do parque — galhos de pinheiro e azevinho, hera e visco. Então, todos se prepararam para decorar a sala de estar e os corrimões da escada principal. Matilda tinha reunido um grupo para fazer um ramo de beijos, que agora pendia do centro do teto e fora visitado acidentalmente de propósito — como Avery o formulou — por vários casais e alguns não-casais.

Harry havia beijado Winifred e sua tia Matilda, que lhe dissera para se importar com seus modos, jovem, e depois riu e corou. Boris beijou Jessica e ficou vermelho, mesmo que ela tenha apontado que eles eram primos, seu garoto bobo. Colin havia beijado galantemente Jessica e Abigail, e elas ficaram vermelhas. A Tora de Yule[6] será trazida amanhã, prometeu Alexandre, e então seria Natal de fato.

Os cantores certamente viriam da aldeia — eles haviam prometido de qualquer maneira para reviver aquela velha tradição — e haveria uma tigela de água esperando por eles e tortas e uma lareira no corredor. O Natal era uma época feliz, pensou Viola, satisfeita em ficar quieta enquanto Althea se agarrava a seu lado e sorria diante da cena diante de seus olhos. Era um tempo para a família, um tempo para contar as bênçãos e fortalecer-se para o próximo ano. Pois o ano novo traria mudanças, como todos os anos fizeram, algumas delas são bem-vindas, algumas são um desafio. Era preciso entender os momentos felizes quando se podia e abraçá-los com os dois braços. Suas bênçãos eram muitas, de fato.

Alguém do batalhão de Harry precisava voltar para a Inglaterra por um mês ou mais para selecionar recrutas do segundo batalhão e treiná-los rigorosamente para a batalha antes de levá-los para a Península, para trazer o

[6] A Tora de Yule é um símbolo de Natal; consiste em uma tora de madeira decorada com azevinho sempre verde e três velas: uma verde, uma branca e uma vermelha.

Scones: **O scone é um pão rápido quick bread – expressão usada para diferenciar os pães que não utilizam fermento biológico- de origem escocesa. Ton: sociedade britânica , aristocracia.**

primeiro batalhão à força total novamente. Ele se ofereceu para a tarefa impopular para poder assistir ao casamento de sua mãe. A carta em que ela o informara de que não haveria casamento, afinal, não o havia alcançado antes de partir para a Inglaterra. Os exércitos movimentaram-se bastante em Portugal e na Espanha. Muitas vezes os malotes eram redirecionados várias vezes antes de serem entregues nas mãos corretas.

Viola ficou muito feliz pela carta não ter chegado. Harry parecia mais saudável e robusto do que parecia há vários meses, quando insistiu em voltar mais cedo do que deveria depois de se recuperar de seus ferimentos. Ele também esteve mais magro do que ela e… mais rígido. Havia algo em seus olhos, no conjunto de sua mandíbula, em seu porte militar muito ereto… Era impossível colocar isso em palavras. Ele amadureceu, seu filho, do jovem despreocupado e bastante selvagem que ele tinha sido aos vinte anos antes de seu mundo desabar junto com o dela e o de Camille e Abigail. Ele era um homem agora, ainda enérgico e alegre e cheio de risadas — com aquela sugestão de dureza oculta por baixo de tudo. Mas ele estava aqui, e ela achava que seria impossível ser mais feliz do que ela estava agora. Depois do Natal, quando ela voltasse para casa, ela carregaria esse sentimento consigo. Ela faria a felicidade dela fora da família dela, eles, por outro lado, estariam dispersos, e muito, pela Inglaterra. Não muito longe para cartas, no entanto, e ela gostava de escrever cartas.

— Agora quem pode ser? — Matilda perguntou, e todos pararam o que estavam fazendo para ouvir. Havia os sons inconfundíveis de cavalos e uma carruagem chegando às portas da frente. — Você está esperando mais alguém, Wren?

— Não — disse Wren.

— Talvez um dos vizinhos? — Mas seria um momento estranho para um vizinho vir chamando sem ser convidado.

— Eu vou descer e ver — disse Alexander. Ele se foi por vários minutos. Quando ele voltou, todos olhavam para ele com curiosidade. Não havia ninguém com ele. — Harry — ele disse. — Posso te incomodar por um momento?

— Eu? — Harry ficou de pé e caminhou em direção à porta. Alexander conduziu-o através dele e fechou-o do outro lado. O resto deles não ficou nem um pouco mais sábio quanto à identidade ou missão do interlocutor.

— Se há algo que não posso tolerar — disse Louise, a duquesa viúva de Netherby, quando nenhum dos dois reapareceu depois de alguns minutos, — é um mistério. Pode ser um negócio do exército? O que Harry pode fazer para ajudar?

Pelo menos mais dez minutos se passaram antes que a porta se abrisse novamente. Era Harry dessa vez, parecendo cada centímetro do endurecido oficial militar.

— Mamãe? — Ele disse, e chamou-a.

— Bem — Mildred estava dizendo quando Viola saiu da sala. — Isso é um novo tipo de jogo de festa? Somos todos convocados, um de cada vez?

Viola saiu e Harry fechou a porta.

— O Marquês de Dorchester deseja falar com você na biblioteca — disse ele. — Se você quiser falar com ele, isto é. Se você não fizer isso, eu irei contá-lo. Eu deixei bem claro para ele que não vou permitir que você seja assediada. — Ela olhou para ele na luz bruxuleante de velas de um dos candelabros de parede.

— Marcel? — Ela disse. — Ele está aqui?

— Mas não por muito mais tempo se você não quiser vê-lo — disse ele. — Vou mostrar-lhe a porta, e se ele estiver relutante em passar por ela, eu o ajudarei no caminho.

— Ele está aqui? — Ela disse novamente.

Ele franziu a testa.

— Você não vai desmaiar, vai mamãe? — Perguntou ele. — Você quer vê-lo? — A realidade disso estava apenas a atingindo.

Ele estava aqui, em Brambledean. Na Biblioteca.

— Sim — ela disse. — Talvez eu deva.

Ele ainda estava franzindo a testa.

— Você tem certeza? — Ele perguntou. — Eu não vou deixar você chateada, mamãe. Não no Natal. Não a qualquer momento, na verdade.

— Ele está aqui — disse ela. Ela não disse isso como uma pergunta desta vez.

— Bom Deus — ele disse, — você se importa com ele, mamãe? Ele parece o próprio diabo.

— Eu quero vê-lo, Harry — disse ela.

Ele está aqui. Ele veio. Mas por quê?

Ela desceu as escadas no braço do filho e esperou enquanto um lacaio abria a porta da biblioteca. Ela tirou o braço de Harry e entrou. E, oh, ela podia ver o que Harry quis dizer quando ele disse a ela que ele parecia o próprio diabo. Seu rosto estava certamente mais magro do que antes e mais duro. Ele estava usando seu sobretudo de muitas capas — ela nunca havia contado as capas — e parecia grande e ameaçador com a luz do fogo atrás dele, as mãos nas costas. Seus olhos, escuros e sombrios, encontraram os dela.

— Marcel — disse ela.

— Viola — Ele fez uma reverência um tanto rígida.

Marcel estava se sentindo selvagem — uma sensação não familiar sempre que Viola estava preocupada. Isso não era algo que ele deveria estar fazendo. Não era algo que ele queria estar fazendo. Ele nunca gostou de se fazer de bobo, e fazê-lo deliberadamente, como estava fazendo agora, era insanidade.

Bom Deus, aquele cachorrinho o tratou como se fosse um verme que ele esmagaria sob o pé ao menor encorajamento. E Riverdale ficara do lado de dentro da porta, como ainda estava fazendo agora, com o rosto duro e silencioso, como um maldito carcereiro.

O que ele deveria fazer, ele pensou depois que o filho tinha voltado para o andar de cima, foi embora agora sem outra palavra. E sem esperar para ser demitido. Ele deveria sair da sala e da casa enquanto algum resto de dignidade permanecesse para ele.

Mas não, era tarde demais para isso. Não havia restos.

Ele tinha feito um tolo de si mesmo.

Tudo porque ele queria provar algo para seus gêmeos. Que ele os amava. E mesmo isso foi um arranhão na cabeça. Como ele poderia provar que os amava, propondo casamento a uma mulher que estava prestes a deixá-lo enquanto eles estavam tendo um caso, que tinha dito a ele com perfeita clareza depois que ele

anunciou seu noivado que ela não queria nada disso, que tinha repetido essa rejeição quando chegou a Redcliffe, que não proferira uma palavra de protesto quando anunciara que não estavam prometidos e que saíra de casa na manhã seguinte como se estivesse sendo perseguida pelos cães do inferno?

Às vezes, ele se perguntava sobre a educação que Jane dera àqueles dois. Como eles poderiam ter crescido tão confusos que poderiam acreditar que ela o amava? Como eles poderiam pensar que ele poderia amá-la? E queria casar com ela? E por que eles se importavam com a maneira como ele os negligenciara?

Mas ali estava ele, e lá estavam eles, instalados em dois quartos separados na luxuosa estalagem da vila vizinha. Eles o viram em seu caminho como se o enviassem para a sua execução, Estelle ficou com lágrimas nos olhos enquanto lhe dava um abraço, Bertrand com lábios apertados e uma expressão ilegível e um aperto de mão que poderia ter moído em pó todos os ossos de uma só vez. Mão do homem jovem.

— Boa sorte, papai — dissera ele.

Foi quase a ruína de Marcel. Foi a primeira e única vez em que seu filho o chamou de pai. Ele nunca havia conseguido nem um pai antes, mas apenas um senhor diferente.

Riverdale mandou que um criado entrasse para acender o fogo e acendera dois candelabros com velas antes de subir as escadas para buscar o capitão Harry Westcott e depois seguiu com sua vigília silenciosa para dentro e para o lado da porta. O fogo estava quente nas costas de Marcel agora, mas ele não tirou o sobretudo. Ele se sentiu bobo. Ali estavam dois homens adultos em pé, em silêncio, na mesma sala, como se nunca tivessem ouvido falar em conversas educadas. O clima, pelo menos, deveria ter sido um tópico decente. Com certeza iria nevar, embora ainda não tivesse acontecido.

A porta se abriu. Estelle estava certa. Viola havia perdido peso, embora não o suficiente para diminuir sua beleza. E ela tinha sombras escuras abaixo dos olhos, embora não fossem tão pronunciadas quanto ele imaginara. Não havia vestígios de cor no rosto dela. Até os lábios dela estavam pálidos. Sua postura rivalizava com a de seu filho militar.

— Marcel — ela disse, seus lábios mal se movendo.

— Viola — Ele fez uma meia reverência e olhou de Westcott para Riverdale, as sobrancelhas levantadas. — Precisamos de babás? — Provavelmente não foi o melhor começo que ele poderia ter feito, mas ele estava condenado se fosse fazer uma proposta de casamento na audiência de dois homens que logo o executariam com uma espada por lhe dar a hora do dia.

— Você pode voltar para a sala de visitas, Harry — ela disse. — E você também, Alexander. Eles estão todos muito curiosos para saber quem é o visitante.

— Há um lacaio no corredor do lado de fora se você precisar dele — disse Westcott, e eles foram embora, fechando a porta atrás deles. Marcel olhou para Viola e ela olhou para trás antes de ele puxar impacientemente os botões de seu sobretudo e jogá-lo em uma cadeira próxima.

— Eu não vou fazer perguntas — disse ele. — Ainda não, pelo menos. Isso colocaria o fardo sobre você, e me disseram que fazer isso seria injusto. Eu vou fazer declarações. Para começar, direi novamente que achei que seria um caso breve e completamente agradável. Eu estava certo sobre tudo, exceto a parte breve. Eu não terminei com você. Fiquei aborrecido quando você terminou comigo. Isso não tinha acontecido comigo antes. Se você tivesse me dado mais uma semana, eu teria terminado com você e pronto para seguir em frente.

— Marcel — disse ela.

— Não — disse ele, levantando uma das mãos, — Não vou me distrair. Foi o que pensei. Então eu fiz aquele anúncio imprudente e insensato do noivado e senti raiva, ferido e culpei você. Eu não tinha tido tempo para trabalhar com você fora do meu sistema. Você ainda estava lá quando veio para Redcliffe. Você ainda estava lá quando eu disse a todos que eu não ia me casar com você depois de tudo — e depois que você partiu. Não consegui me livrar de você.

— Marcel — ela disse novamente.

— Eu não estou indo muito bem, estou? — Ele disse. — Eu fiz um discurso. Pelo menos acho que sim. Eu não acho que planejei te dizer que eu não poderia me livrar de você. O que eu quis dizer foi que eu não poderia te esquecer porque você estava lá para ficar. Porque você está aqui para ficar. Em mim. Eu hesito em dizer em meu coração. Eu me sentiria muito bobo. E suponho que devo me desculpar por usar essa palavra. Eu nunca vou superar você, Viola. Eu suponho que estou apaixonado por você. Não, eu não suponho nada disso. Estou apaixonado por

você. Eu te amo. E se houver alguma chance, qualquer possibilidade remota de você mudar de ideia desde aquele dia na praia, então por favor me diga e eu lhe pedirei para casar comigo. Se não houver mudança, eu irei embora e você nunca mais vai me ver ou ouvir mais essa bobagem.

Ele parou, chocado.

— Marcel — Ela havia chegado alguns passos mais perto, e seus olhos estavam brilhantes. Ela piscou. — Eu não tinha me cansado de você.

Ele franziu a testa para ela em incompreensão.

— Então por que você disse que tinha? — Ele perguntou.

— Eu não disse. — Ela veio um passo mais perto. — Eu lhe disse que precisava ir para casa. Eu me senti desconectada da minha família e da minha vida. Eu estava com medo porque minha vida tinha se tornado tão viva e tão feliz e eu estava tão apaixonada por você e sabia que não estava nas regras do jogo se envolver emocionalmente demais. Senti o fim chegando e, por uma sensação de pura autopreservação, queria ter algum controle sobre como terminava. Eu pensei que talvez eu pudesse impedir meu coração de quebrar se eu terminasse.

— Você não disse que tinha se cansado de mim? — Ele perguntou, franzindo a testa mais profundamente e tentando lembrar suas palavras exatas.

— Não — disse ela. Ele fechou os olhos e tentou se lembrar, mas tudo o que conseguia lembrar era a terrível mágoa e a inevitável raiva.

— Eu ataquei você de volta, não foi? — Ele disse.

— Você me disse que estava feliz por eu ter dito primeiro — ela disse, — porque você nunca gostou de machucar suas mulheres.

— Aí sim. Eu fiz. — Ele fechou os olhos como se para apagar a horrível e embaraçosa lembrança de sua mesquinhez. — Por que você não atirou em mim entre os olhos naquele momento?

— Eu não tinha uma pistola comigo. — Ela disse a ele.

— Você deve me odiar agora. — disse ele.

— Por que eu devo? — Ela perguntou. — O que você tem feito nos últimos dois meses, Marcel? Punir-se com uma vida turbulenta em Londres?

— Nem um pouco — disse ele. — Eu estou atacando Redcliffe, colocando todos e tudo em ordem, mandando Jane, Charles e Ellen para casa, comparecendo ao casamento de Margaret e vendo-a a caminho. Mandando minha tia e Isabelle e

Ortt para morar na casa do dote. Mandando meu administrador para a aposentadoria e colocando Oliver em seu lugar. Conhecendo meus filhos, ser tiranizado por eles.

— Você ficou em casa? — Ela franziu a testa. — Mas agora você deixou seus filhos sozinhos no Natal?

— Eles estão aqui, na pousada da vila — disse ele. — Nós fomos a Londres primeiro. Ocorreu-me que eu precisaria trazer uma licença especial comigo se quiséssemos nos casar no Natal como originalmente planejado. E então nós viemos aqui, esperando que nós vencêssemos a neve, o que fizemos. Falei com o vigário aqui e amanhã tudo vai bem com ele. Eu conversei com seu filho, que deu sua bênção na medida em que ele ameaçou me expulsar se eu tentasse intimidar você, e fazer coisas terríveis e dolorosas com minha pessoa se eu lhe causasse dor.

— Marcel — ela disse, — eu sou uma mulher contaminada.

— Bom Deus — disse ele. — Suponho que você esteja se referindo ao que aquele canalha fez com você e seus filhos. A mácula não é sua, e eu estarei interessado em conversar com qualquer um que diga que é. Não seja ridícula, Viola. A única coisa que importa para mim é você. Você se lembra de ter me dito que o que mais queria na vida era ter alguém que se importasse com você? Você. Não uma mulher contaminada ou uma ex-condessa ou uma mãe ou avó ou uma mulher dois anos mais velha que eu. Bem, você tem o que queria se escolhesse. Você me tem. Eu não apenas te amo. Eu me importo com você. — Ele a observou engolir e suspirou. — Quase me esqueci de explicar isso — disse ele. — Eu acredito que foi ter um papel proeminente no meu discurso. Na minha imaginação, esta seria uma cena assustadora, mas maravilhosa, Viola. Era para ser romântico. Era para ser tocante. Era para proceder de uma forma ordenada. Era para culminar em uma proposta sobre o joelho dobrado e, em seguida, a revelação afetando que eu tinha trazido meus filhos e uma licença especial comigo. E era para acabar com a gente trancado em um abraço.

— E? — Ela disse.

— E? — Ele ergueu as sobrancelhas e olhou inexpressivamente para ela.

— Eu não vi o joelho dobrado ainda — disse ela.

— Viola. — Ele franziu a testa. — Você me ama?

Seus olhos, olhando para ele, ficaram luminosos.

— Sim — ela disse. Ele respirou fundo, segurou e soltou um suspiro silencioso.

— E você vai se casar comigo?

— Vou ter que pensar sobre isso — disse ela.

— Tenha piedade — pediu ele. — Os joelhos se tornam reumáticos, você sabe, quando se passa a idade de quarenta anos.

— Eles? — Ela sorriu. E, Deus o ajude, ele era um escravo daquele sorriso. Isso o pegava toda vez. E então ele fez isso. E nem sequer se sentiu muito idiota. Ele caiu sobre um joelho e pegou a mão dela na sua.

— Viola — disse ele, olhando para o rosto dela, — você vai se casar comigo e me fazer o mais feliz dos homens? E isso não é nem um clichê neste caso. Ou, se for, então é um verdadeiro.

De alguma forma, desta vez, seus olhos e seu rosto sorriram antes que seus lábios se aproximassem deles. Ela nunca parecera mais deslumbrante.

— Oh, eu vou, Marcel — disse ela.

E lembrou-se de remexer no bolso a caixa com o anel de diamantes que comprara em Londres, usando o dedo de Estelle e as opiniões dela e de Bertrand para estimar o tamanho. Ele deslizou no dedo dela, e não ficou preso na junta nem caiu de novo.

— O diamante não é tão grande quanto o outro que eu comprei para você — ele disse, — mas isso era tudo o que eu podia pagar depois daquela extravagância. Agora, gostaria de me dizer como devo me levantar de novo?

— Oh, bobo — disse ela. — Você acabou de completar quarenta anos, não oitenta. — E ela desceu de joelhos diante dele e envolveu os dois braços ao redor dele e sorriu em seus olhos. E ele passou os braços em volta dela e a beijou. E tudo foi perfeito depois de tudo. Assim como foi. Ele estava em casa. Finalmente. E seguro finalmente. E finalmente em paz. Exceto aquilo…

— Eu suponho — disse ele, puxando a cabeça para trás com a maior relutância, — é melhor subirmos para fazer o anúncio e encarar a música.

— Você não deve achar difícil — disse ela quando ele se levantou e ajudou-a. — Afinal, Marcel, você tinha alguma prática em Devonshire.

VINTE E TRÊS

— Você tem certeza, mamãe? — perguntou Harry. Ele estava de pé na porta do quarto dela, dolorosamente bonito e elegante em sua farda verde, que alguém havia escovado e limpado para que parecessem quase novos. — Sei que quase todos ficaram encantados ao ver Dorchester na noite anterior e cumprimentá-lo e ao seu anúncio como se o Nat… Bem, como se o Natal tivesse chegado. Foi extraordinário. Até Cam e Abby ficaram encantadas. Até mesmo o tio Michael apertou sua mão com grande entusiasmo. Mas…

— Harry — ela disse, — tenho certeza.

Ele relaxou visivelmente.

— Bem, então também estou feliz — disse ele. — É melhor estarmos a caminho. Você não quer se atrasar para seu próprio casamento, tenho certeza.

— Eu creio que — ela disse, sorrindo para ele — talvez seja moda que a noiva se atrase. Mas você está certo. Eu não quero me atrasar.

Eles eram os dois últimos membros da família que ainda estavam na casa. Sua mãe saíra com Michael e Mary alguns minutos atrás, e Alexander e Wren foram com eles. Harry deveria acompanhá-la até o altar.

— Eu devo dizer — disse ele, olhando-a da cabeça aos pés — você está elegante, mamãe.

Ela usava um vestido creme de lã fina, lisa, cintura alta, gola alta e de mangas compridas. Ela pensara que talvez não fosse suficientemente festiva para a ocasião. Mas ela não era uma jovem noiva envergonhada para ser enfeitada com babados, e o vestido era novo, comprado em Bath quando ela estivera lá havia alguns meses. Ela havia se apaixonado pelo vestido à vista e tivera a intenção de usá-lo pela primeira vez no dia de Natal. Ela o estava usando um dia antes, para seu casamento.

— Obrigada. — disse ela, e ele caminhou para frente para ajudá-la com o pesado manto de lã que combinava com o vestido na cor.

— Essas não são as pérolas que você costuma usar, são? — Ele perguntou.

— Não. — Ela sorriu silenciosamente para si mesma. — Eles foram um presente recente. E os brincos.

— Bem. — Ele os olhou um pouco duvidosamente. — Eles estão muito bem.

E eles estavam a caminho da igreja na aldeia sob os céus cheios de nuvens de neve que obstinadamente mantinham sua carga por vários dias agora. Mas, enquanto pensava, um floco e depois outro flutuaram para além da janela da carruagem.

— Oh, olhe — disse Harry. — Neve. Muitos mais flocos e nós podemos usar esses trenós velhos afinal.

Mas Viola pensaria na possibilidade de um Natal branco depois. Harry a entregou nos portões da igreja e ela caminhou ao longo do caminho da igreja e na varanda da igreja em seu braço. Lá, tirou o manto e pendurou num gancho enquanto passava as mãos pelo vestido para suavizar as rugas. Alguém deve ter estado de vigia. O velho órgão começou a tocar nos momentos de sua chegada, e eles seguiram para a própria igreja e ao longo da nave em direção ao altar, onde o vigário esperava.

— Gamamama. — disse Sarah, e foi imediatamente silenciada.

Eles caminharam entre a família e a família em breve. Estelle estava sentada no banco da frente, do lado esquerdo, ao lado de Abigail, Camille e Joel. Bertrand estava do lado direito, bonito e digno em seu papel de padrinho do pai. E… Marcel, a meio caminho do corredor, para poder vê-la gozar de intensos olhos escuros e expressão austera.

Ele estava vestindo um casaco marrom com um colete de ouro opaco e pantalonas fulvo e linho branco. *Tudo estava certo com o mundo*, pensou Viola. Às vezes, alguém se sentiu assim, como se o coração se expandisse para preencher todo o amor e bem-estar do universo. Como se nada pudesse acontecer para agitar essa tranquilidade interior, não importando quais problemas estivessem à frente. E como era apropriado que ela tivesse esse sentimento agora no dia do casamento. Seu único dia de casamento real.

Com Marcel.

Que a procurara e lhe dissera que a amava e lhe pedira de joelhos para se casar com ele. Ele até se lembrou de trazer uma licença especial com ele. Ela sorriu interiormente e seus olhos ficaram mais intensos e seu rosto mais austero. Ela não foi enganada por um momento. E então ela estava ao lado dele, e seus olhos ainda estavam focados nela e os dela permaneciam nele mesmo enquanto ela permitia que sua consciência se expandisse para sentir a presença de todos que eram mais próximos e queridos por ela e por seus filhos, por quem ele acabara de voltar para casa. Ah, sim, tudo estava certo com o mundo.

O órgão parou de tocar.

— Gamamama. — Sarah disse novamente no silêncio.

Alguém a silenciou novamente.

— Queridos. — disse o vigário.



Marcel não ficara muito tempo na sala de estar em Brambledean na noite anterior, apenas o tempo suficiente para fazer seu anúncio e suportar numerosos apertos de mão de parabéns e mais do que suficientes abraços e várias costas e desejar que houvesse um grande buraco negro no qual ele pudesse pisar. O que mais o assustara, porém, era o pronunciamento extático da jovem Winifred, que aparentemente fora autorizada a passar a noite na sala de visitas com os adultos, de que seria seu novo avô. Assim que ele decentemente conseguiu, ele havia voltado para a hospedaria da vila depois de um rápido beijo com Viola no corredor, à vista de um lacaio impassível. Na estalagem, ele havia sido recebido por uma visivelmente ansiosa Estelle e por Bertrand decididamente pouco honesto e abraços e beijos da primeira depois de anunciar o sucesso de sua missão. E outro aperto de mão estridente do filho.

— Você vê, papai? — Bertrand disse. — Estávamos certos. — E de fato eles tinham estado. E então era de manhã, dia de seu casamento, e ele teria fugido para o horizonte mais distante se pudesse ter tomado Viola com ele novamente, como fizera em outra ocasião memorável alguns meses atrás. Ah, e os gêmeos também.

E, para ser justo, suas filhas e genro e os três filhos, incluindo aquela que claramente tinha toda a intenção de chamá-lo de vovô.

Bom Deus, ele tinha apenas quarenta anos. Ele nem sequer tinha joelhos reumáticos ainda. Ah, e o filho dela também poderia vir se quisesse abandonar seu regimento.

No geral, parecia mais sensato ficar e suportar toda a tediosa pompa de um casamento e um café da manhã de casamento e mais abraços e beijos e tudo mais, apesar do fato de ele ter trazido uma licença especial e assim evitado o horror de um casamento meticulosamente planejado de Margaret em Redcliffe recentemente.

Isabelle até queria que ele repintasse a sala de jantar para combinar com a cor das flores que ela e sua filha haviam planejado. Ele havia sugerido que mudassem a cor das flores, uma ideia que havia sido recebida com leves gritos e mãos erguidas e uma exclamação de:

— Homens!

E agora ali estava ele na igreja, consciente de Bertrand à sua direita e Estelle do outro lado do corredor à sua esquerda. E da estranha transformação que sua vida sofrera nos poucos meses desde que ele olhou para além da porta da taverna para a hóspede recém-chegada que estava curvada sobre o registro, o estalajadeiro tinha se voltado para sua assinatura.

E então ele estava intensamente ciente do vigário vindo da sacristia e do órgão começando a chiar e produzir música, e da chegada quando ele se levantou e se virou para olhar para trás do jovem filhote feroz, que parecia realmente muito formidável. Hoje em seus regimentos completos. E… Ah…

Viola.

Disfarçada em um vestido creme sem adornos, permitindo que toda a sua elegância e beleza falassem por si. E eles falaram em voz alta e claramente para as câmaras mais profundas do seu coração. Ou melhor, eles brilhavam e aqueciam todo o seu ser. Ele olhou para ela quando ela se aproximou do braço do filho, não mais ciente de ninguém ou qualquer outra coisa. Ele olhou como se apenas fazendo isso pudesse mantê-la aqui e impedi-la de desaparecer enquanto acordava de um sonho.

Ela não estava sorrindo. Pelo menos seus lábios não estavam. Mas ela tinha aquela habilidade que ele havia notado antes de sorrir com os olhos e todo o rosto e deixar a curvatura dos lábios redundantes.

Viola, o amor de seu coração — a linguagem açucarada ele não parou para analisar.

Foi só quando ela se colocou ao lado dele que ele notou os únicos adornos que usava — as grandes e baratas pérolas no pescoço e nas orelhas.

E ela sorriu, um sorriso completo que todo mundo iria ver. E ele tornou-se consciente de todo mundo novamente — de seu filho do outro lado, do filho de Viola do outro lado, de Estelle além dele, de todos os membros da família de Viola, que em breve seria dele, enchendo a igreja atrás deles. Ele estava ciente do silêncio quando o órgão parou de tocar. Ele ouviu a neta recém-adquirida — que em breve será sua — identificar sua avó em voz alta antes de ser silenciada.

— Queridos — disse o vigário. E então começou — o resto de sua vida.



Estava nevando quando eles saíram da igreja. Flocos brancos e grossos estavam descendo e derretendo quando aterrissaram, mas o calor do solo estava lutando uma batalha perdida contra o ataque que as nuvens estavam desencadeando sobre ele. A grama já estava ficando branca, assim como os telhados das carruagens. Mas, apesar do tempo, vários aldeões curiosos se reuniram além dos portões da igreja e aplaudiram, alguns deles conscientemente, quando ficou óbvio para eles que um casamento havia ocorrido — o da antiga Condessa, na verdade. Quem era agora, a mulher do hospedeiro não tinha vergonha de explicar, a Marquesa de Dorchester, já que aquele era o Marquês com ela. Ele era o grande cavalheiro que ficara na estalagem na noite anterior.

Os meninos de Mildred e Winifred estavam no caminho da igreja, armados com pétalas de flores coloridas que haviam arrancado de um jardineiro relutante, orgulhoso de suas estufas. Eles os jogaram sobre o casal de noivos enquanto corriam pelo caminho em direção à carruagem de Marcel, gargalhando e berrando ao mesmo tempo.

— Jovens jackanapes[7]. — Marcel disse, roçando seu sobretudo e tirando o chapéu antes de se juntar a Viola dentro da carruagem. Ele estava muito atrasado, como aconteceu. O jovem Ivan havia recuado um punhado de pétalas para esse momento.

E então eles estavam na carruagem sozinhos, e estava se afastando dos portões para que a próxima carruagem pudesse entrar atrás dela, e um som áspero, batendo, batendo, arrastando, assaltou seus ouvidos.

— Começamos com problemas de carruagem — disse Marcel, levantando a voz acima do ruído. — Podemos também continuar com isso. Suponho que haja botas presas ali atrás e outra parafernália. Há pelo menos um pote. Alguém pensaria que acabamos de nos casar.

Ele se virou para ela e sorriu, e ela sorriu de volta.

— Eu acho que é exatamente isso que aconteceu — disse ele.

— Sim.

Ele olhou para ela.

— E há uma festa de casamento por vir — disse ele.

— Sim. — Ela concordou. — E cantores hoje à noite e a Tora de Yule e a tigela de wassail[8]. E o Natal amanhã. E provavelmente trenós e guerras de bola de neve e anjos de neve e pudim de ganso e ameixa.

— E há o tempo entre esta noite e amanhã — disse ele. — Só para você e para mim.

— Sim. — Ela disse.

— Podemos praticar um pouco agora? — Ele sugeriu. Ela riu e ele também.

— Só um pouquinho — ela disse. Mas ele olhou para ela por mais alguns instantes.

— Vou passar o resto da minha vida provando que você não cometeu um erro, Viola — disse ele.

— Eu sei — disse ela. — E vou passar o resto da minha vida provando que você não precisa provar nada.

Ele piscou.

— Vou ter que pensar sobre isso — disse ele. — Mas enquanto isso…

— Sim — ela concordou.

[7] Indivíduo arrogante.
[8] Bebida com especiarias.

— Enquanto isso… — Ele deslizou um braço sobre os ombros dela e ela se transformou em seus braços. — Lindas pérolas, a propósito — ele murmurou contra seus lábios.

— Sim — ela disse. — Minhas favoritas.

FIM

[i]